



Dafny Saldanha Hespanhol Vital

**Diferenças entre processos de tradução e de interpretação
considerando línguas orais e línguas de sinais: o papel do
material guia**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da
Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em
Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Teresa Dias Carneiro

Rio de Janeiro
Abril 2023



Dafny Saldanha Hespanhol Vital

**Diferenças entre processos de tradução e interpretação
considerando línguas orais e línguas de sinais:
O papel do material guia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Aprovada pela banca examinadora:

Profa. Teresa Dias Carneiro

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Markus Johannes Weininger

UFSC

Prof. Diego Mauricio Barbosa

UFG

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2023

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Dafny Saldanha Hespanhol Vital

Graduou-se em Letras-Libras (Bacharelado), pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2012; e em Turismo, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2013. Formou-se na especialização em "Libras: ensino, tradução e interpretação", na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2015, onde também trabalha como tradutora e intérprete de Libras ↔ Português. Tem seu foco atualmente voltado para atividades de tradução para Libras em vídeo, que, em sua maioria, são disponibilizados na Videoteca Acadêmica em Libras — ViaLibras. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais (GPETILS/PUC-Rio).

Ficha Catalográfica

Vital, Dafny Saldanha Hespanhol

Diferenças entre processos de tradução e de interpretação considerando línguas orais e línguas de sinais : o papel do material guia / Dafny Saldanha Hespanhol Vital ; orientadora: Teresa Dias Carneiro. – 2023.

203 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2023.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Tradução. 3. Interpretação. 4. Libras. 5. ViaLibras. 6. Traduções em vídeo. I. Carneiro, Teresa Dias. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para o *Logos*,
Aquele que é a Palavra (João 1:1,3),
que criou todas as coisas por meio da Palavra,
soberano e poderoso em seus atos de fala,
a ponto de apenas dizer “Haja luz!” e, do nada, a luz passar a existir.
Àquele que fez os seres humanos à sua imagem e semelhança,
e por isso a capacidade de razão e de língua (conhecida pelos gregos antigos como
logos) é tão singular à humanidade, dentre todos os outros seres vivos.
Ao Senhor misericordioso que, em sua justa ira, poderia ter destruído todos os
humanos; porque, presunçosamente e, cada um à sua maneira,
os humanos usam sua razão e língua, apenas para os seus próprios interesses
egoístas e mesquinhos,
esquecendo-se que lhe foram dadas de presente por Ele.
À Palavra encarnada que amou esses humanos pecadores, incluindo a mim,
a ponto de se humilhar por nós
e morrer a morte horrorosa que merecíamos (João 1:13).
A Ele que deixou a boa notícia escrita e traduzida para nós em sua Palavra:
Ele mesmo,
que ressuscitou ao terceiro dia
e convida a todos ao arrependimento e fé (Marcos 1:14).
Àquele que prometeu vida eterna em Sua presença
a todo que crê e se rende a Cristo,
e que nunca falhou em nenhuma de Suas promessas.
Ao Consolador que ajuda a todo que pedir a entender a boa notícia,
ainda que pareça a maior loucura para nossa razão limitada,
mas que é vida e salvação para o perdido!
A Ele dedico minhas débeis mas esforçadas palavras neste trabalho
(meu *logos* imperfeito, sombra d’Aquele que é perfeito).
“Porque dele, por ele, e para ele são todas as coisas.” (Romanos 11:36)

Agradecimentos

Ao meu marido Claudio, que eu chamo de Firmino. Não só por ser um marido tão bom (sem dúvida, muito mais do que mereço!), mas especialmente porque, quando eu pensei em priorizar tantas outras coisas e deixar o mestrado para depois mais uma vez, foi você quem tirou todos os obstáculos da frente, adiou planos e insistiu para eu fazer a prova. Esta dissertação só está aqui porque você “segurou o mundo” enquanto eu escrevia a portas fechadas; e porque, quando eu duvidei que seria capaz de terminar, você acreditou em mim, sem fazer pouco caso da tarefa. Eu te amo, hoje e para sempre!

A minha orientadora Teresa Dias Carneiro, pela orientação tão humana, paciente e dedicada, e pelas aulas maravilhosas! Desde que te conheci, admiro, não só o seu currículo impecável, mas a atenção com que você escuta as pessoas, sem interrompê-las, e como demonstra se importar com elas. Eu sonhava em ser sua orientanda há alguns anos, e nem sabia como isso seria possível porque eu também sonhava em fazer mestrado na PUC, e você trabalhava na UFRJ... Deus se encarregou dos detalhes!

Aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais (GPETILS) da PUC-Rio: Ruan, Glauber, Rodrigo, Rafael e Teresa. Obrigada por todas as reflexões, debates, contribuições e textos compartilhados. Esse trabalho tem um pouquinho de cada um de vocês!

Ao Rodrigo Pereira Leal de Souza, talvez a pessoa mais citada nessa dissertação, meu amigo de longa data, que é um profissional de excelência em tudo que faz, seja dando aula, interpretando, traduzindo, revisando ou fazendo pesquisa, com quem tenho o privilégio de trabalhar em parceria há alguns anos. Obrigada por gastar tanto tempo da sua vida generosamente trazendo contribuições para a minha pesquisa (e, muitas vezes, me explicando os memes que eu não entendi). Você está com frequência nas minhas orações.

Ao Rafael da Mata Severino por me ensinar o “caminho das pedras” no mestrado todas as (milhares de) vezes que eu vinha com perguntas. Eu sinto como se você tivesse aberto o caminho com um facão e eu estivesse indo atrás seguindo a trilha. A verdade é que eu te perturbei muitas vezes e você foi prestativo em todas elas. O caminho teria sido muito mais “às cegas” sem toda a sua ajuda generosa.

A Larissa Rumiantzeff, por dividir as dores e delícias do mestrado, pelos PDFs em formato *reader friendly*, pelo apoio e companheirismo nesses dois anos.

Ao Deleon, por prontamente orar por mim e pela conclusão deste trabalho.

Aos funcionários da Secretaria do PPGEL, por nunca deixarem nenhum e-mail sem resposta. Vocês fazem muito mais do que isso e com excelência, mas minha experiência em universidades não me deixa não notar com especial atenção essa parte. Muito obrigada por tudo!

Aos professores membros da banca Markus Johannes Weininger e Diego Mauricio Barbosa, por suas contribuições enriquecedoras, e ao Paulo Henriques Britto, pela gentileza de aceitar participar como suplente. Obrigada por disporem de

seu precioso tempo para apreciarem meu trabalho. Foi para mim uma honra!

A Adriana Baptista de Souza, coordenadora do projeto TradInter Lab - UFRJ, por organizar a interpretação da minha defesa. A Carla Regina Ribeiro da Silva e Maria de Fátima Lúcia Silva Vieira, pela interpretação em Libras da defesa. E ao Rafael Monteiro da Silva, que também é meu irmão em Cristo, não apenas por interpretar a defesa (o que já é bastante coisa!), mas também por me ajudar a não desistir de ter uma defesa com interpretação para Libras.

A CAPES, pelo auxílio financeiro, sem o qual eu nunca teria conseguido realizar o sonho de ser aluna da PUC-Rio.

Aos professores do PPGEL e aos colegas de todas as disciplinas que fiz no mestrado. Foi pra mim uma honra ter estudado com vocês!

Aos meus colegas do Departamento de Letras-Libras na UFRJ por suas contribuições, intencionais ou não, para a minha carreira profissional, e pelo reconhecimento do meu trabalho e incentivo aos estudos.

Aos meus familiares todos, que amo, e, em especial, meus pais Hélio e Rosemary, por se alegrarem com minhas conquistas e celebrarem pelas minhas vitórias, sempre. E à minha irmã Déborah por, além de festejar minhas conquistas, ainda se dispor a me ajudar a estudar para a prova de inglês no meio de uma semana lotada, e por me levar a Deus em oração.

As minhas amigas amadas que me têm como filha: Zizi, Nádia, Joice e Cris, com quem eu posso contar nos dias bons e ruins. Que Deus retribua em dobro tudo que vocês fazem por mim, porque eu não tenho como!

Aos meus pastores e irmãos em Cristo da Igreja Cristã Nova Vida do Recreio (Catedral), por prontamente orarem pelas universidades brasileiras todas as vezes em que pedi. E eu pedi inúmeras vezes!

A você que se propôs a ler este trabalho. Eu sei que a leitura de uma dissertação inteira pode ser uma tarefa exigente, e você ainda parou para ler estes agradecimentos! Nos últimos dois anos, orei para que esta leitura te desperte o desejo de conhecer as boas novas de Jesus, e que você se renda a Ele, o único que pode salvar a alma. De tudo que escrevi, isso é o mais importante.

Por fim, e ainda mais importante, ao meu amado Senhor, o Deus que é, por colocar todas essas pessoas na minha vida, e eu na delas, e por fazer este texto chegar a quem quer que o esteja lendo. Obrigada por me guiar em todo o percurso (da vida, mas também do mestrado), em cada mínimo detalhe, mesmo no meio de coisas que pareciam estar dando super errado. Se eu tivesse planejado, nunca teria dado tão certo! E porque, não fosse a graça divina, eu não poderia sequer estar viva, quanto mais fazer alguma coisa! Glórias a Cristo para sempre!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Hespanhol Vital, Dafny Saldanha; Carneiro, Teresa Dias (Orientadora). **Diferenças entre processos de tradução e interpretação considerando línguas orais e línguas de sinais:** o papel do material guia. Rio de Janeiro, 2023, 203 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Tradicionalmente, tradução e interpretação são diferenciadas em termos de fala e escrita (PAGURA, 2015; MUNDAY, 2016), o que exclui traduções para Libras em vídeo. Esta pesquisa busca elucidar as diferenças entre tradução e interpretação, sem ancorar-se apenas no registro do produto final ou do texto-fonte. Considerando discussões sobre suporte (RODRIGUES, 2018; SOUZA, 2021), o conceito de escrita e fala (SOUZA, 2021), as definições de Kade (apud PÖCHHACKER, 2016, 2018) para tradução e interpretação, e trabalhos que focam em traduções para Libras em vídeo (SILVÉRIO *et. al.*, 2012; CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020; PYFERS, 1999; GALASSO *et. al.*, 2018) foram selecionados os seguintes critérios definidores de processos translatórios (tradução ou interpretação), que contemplam tanto línguas de sinais quanto línguas orais: tempo para planejamento textual, apresentação do texto-fonte, ritmo de trabalho, auxílios externos, método de trabalho, refinamento do texto-alvo, competências e habilidades necessárias, material guia utilizado, disfluências não intencionais, recursos multimodais como soluções tradutórias e esforços cognitivos acionados no momento da filmagem. Foi realizada análise bibliométrica em diferentes bases de dados, e análise de 7 vídeos, disponíveis no site da ViaLibras. O material guia utilizado e as disfluências não intencionais apontam para diferentes esforços cognitivos que são ativados simultaneamente em processos típicos de tradução, critério fundamental na diferenciação dos processos. Um material guia que recupere todas as decisões tradutórias tomadas antes da filmagem teve especial importância na definição de processos típicos de tradução para línguas de sinais. Espera-se que o trabalho possa contribuir com a formação de tradutores e intérpretes de Libras.

Palavras-chave

Tradução; Interpretação; Libras; ViaLibras; Traduções em vídeo.

Abstract

Hespanhol Vital, Dafny Saldanha; Carneiro, Teresa Dias (Advisor). **Differences between translation and interpreting processes considering oral languages and sign languages:** the role of the guide material. Rio de Janeiro, 2023, 203 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Traditionally, translation and interpreting are differentiated in terms of speaking and writing (PAGURA, 2015; MUNDAY, 2016), which excludes video translations into Brazilian Sign Language (Libras). This research aims to elucidate the differences between translation and interpreting, without relying solely on the record of the final product or the source text. Considering discussions about support (RODRIGUES, 2018; SOUZA, 2021), the concept of writing and speaking (SOUZA, 2021), Kade's definitions (*apud* PÖCHHACKER, 2016, 2018) for translation and interpretation, and researches that focus on translations into Libras on video (SILVÉRIO *et. al.*, 2012; CARNEIRO, VITAL & SOUZA, 2020; PYFERS, 1999; GALASSO *et. al.*, 2018), the following defining criteria for translation processes (translation or interpreting) were selected, which include both sign languages and oral languages: time for textual planning, presentation of the source text, work rhythm, external support, work method, refinement of the target text, necessary skills and abilities, guide material used, unintentional disfluencies, multimodal resources as translation solutions and cognitive efforts triggered at the time of filming. Bibliometric analysis was carried out on different databases, as well as the analysis of 7 videos, available on the ViaLibras website. The guide material used and the unintentional disfluencies point to different cognitive efforts that are activated simultaneously in typical translation processes. So that is a fundamental criterion in the differentiation of processes. A guide material that recovers all the translation decisions made before filming was of particular importance in defining typical sign language translation processes. It is hoped that the work can contribute to the training of Libras translators and interpreters.

Keywords

Translation; Interpreting; Libras; ViaLibras; Translations in video.

Sumário

1 Introdução	13
2 Esclarecendo conceitos de tradução e de interpretação	16
2.1 Características de traduções em línguas de sinais registradas em vídeo	21
2.2 O contínuo entre fala e escrita e o planejamento textual	27
2.3 Análise do processo a partir do produto e o uso de recursos multimodais para solucionar problemas de tradução	33
2.4 Classificações não baseadas no registro e o processo translatório	40
2.5 Fronteiras borradas entre os conceitos	42
3 Processos híbridos ou tipos intermediários	50
3.1 Tradução à prima vista	52
3.2 Tradução-interpretação: o caso de Silvério <i>et al.</i> (2012)	58
4 Parâmetros de qualidade	62
4.1 Qualidade na tradução	63
4.1.1 Norma NBR ISO 17100 para serviços de tradução	66
4.2 Qualidade na interpretação	69
4.2.1 Norma NBR ISO 18841 para serviços de interpretação em geral	73
4.3 Disfluências da fala e a interpretação	78
5 A preparação prévia de um material guia	84
5.1 Vídeos-rascunho	86
5.2 Texto preparado	88
5.3 Áudio preparado	91
5.4 “Apresentador-sombra” ou glosinais	92
6 Selecionando categorias de análise: diferenciadores entre tradução e interpretação	96
7 Metodologia	107
7.1 Análise bibliométrica	108
7.1.1 Análise das informações bibliométricas coletadas na BITRA	109
7.1.2 Análise das informações bibliométricas coletadas na BDTD	113
7.1.3 Análise das informações bibliométricas coletadas no Portal CAPES	115

7.1.4 Análise das informações bibliométricas coletadas no Scopus	116
8 Análise de dados	119
8.1 Análise do vídeo 1: Videoaula de neuromitos	128
8.2 Análise do vídeo 2: Neuromitos	137
8.3 Análise do vídeo 3: Reflexões sobre o português como L2 — versão 1	138
8.4 Análise do vídeo 4: Reflexões sobre o português como L2 — versão 2	144
8.5 Análise do vídeo 5: A escrita e o pêndulo: definindo um campo atrator	151
8.6 Análise do vídeo 6: A importância da formação técnica para o intérprete de Libras	157
8.7 Análise do vídeo 7: A surdez como diferença linguística e cultural	166
9 Discussão dos resultados	175
10 Considerações finais	189
Referências bibliográficas	193

Quem pensa conhecer alguma coisa, ainda não conhece como deveria.
I Coríntios 8:2 (NVI)

Non multa, sed multum.
Plínio, o Moço, Epístolas, VII, 9, 15.

Introdução

“Puxa, quanto trabalho! Não precisava ter gastado tanto tempo assim nessa tradução!”. Essa é a frase que costumo ouvir do contratante depois que termino de gravar uma tradução. O espanto com todo o tempo que gasto preparando áudios e anotações para a filmagem vem do fato de que os outros profissionais que passaram por ali pediam que alguém simplesmente lesse em voz alta o texto-fonte, para que eles fizessem uma interpretação simultânea na hora de gravar. Sempre me perguntei por que, no contexto da Libras, não são raras as vezes em que uma interpretação filmada é vendida como tradução. Será que ninguém sabe a diferença?

Severino (2022, p. 23) salienta que, como as práticas de tradução são emergentes, no contexto brasileiro, há pouco treinamento específico para tradução entre línguas orais e línguas de sinais. Muitos cursos de formação têm se concentrado na atividade de interpretação. Isso se reflete em práticas de interpretação sendo preferidas para atender demandas que poderiam ser melhor atendidas recorrendo a processos de tradução. Ao que parece, nas práticas profissionais não vem sendo aplicada uma real diferenciação entre esses processos por parte de muitos tradutores e intérpretes de Libras. Mas qual é a diferença, afinal?

Tradicionalmente, entende-se que a tradução trabalha com textos escritos, e que a interpretação trabalha com discursos orais (PAGURA, 2015; MUNDAY, 2016). No entanto, essa definição não abarca traduções em Libras, que são mais comumente registradas em vídeos (SEVERINO, 2022, p. 19), e que são o foco principal desta pesquisa. Somado a isso, novas tecnologias têm avançado rapidamente e proporcionado novas configurações e novas práticas que borram as fronteiras entre esses processos (PÖCHHACKER, 2018), desafiando conceitos já estabelecidos. Por esta razão, considerar apenas o registro (escrito ou oral) do texto-fonte ou do texto-alvo pode tirar o foco do **processo** cognitivo, onde pode estar a causa das diferenças entre o **produto** de uma tradução e de uma interpretação.

Com base nisso, as perguntas que norteiam esta pesquisa são:

- a. Quais seriam os critérios que diferenciam processos de tradução de processos de interpretação, se não forem consideradas as formas de registro de texto-alvo e texto-fonte como critérios diferenciadores?

- b. No caso de traduções em línguas de sinais registradas em vídeo, o material guia utilizado na filmagem teria papel definidor quanto ao processo translatório empregado (se tradução, ou interpretação, ou um processo híbrido)?

Como a direção do olhar tem função gramatical na Libras (e nas línguas de sinais em geral), é necessário que o sinalizante esteja olhando diretamente para a câmera quando registra a sua tradução em vídeo. Deste modo, para que o profissional possa recuperar escolhas tradutórias feitas previamente, mantendo o olhar voltado para a câmera, diferentes materiais guia podem ser utilizados. Minha hipótese é que o material guia utilizado na filmagem pode ser um fator determinante na diferenciação dos processos.

Pretendo, neste trabalho, refletir sobre as definições de tradução e de interpretação, buscando critérios que, descolados da questão do registro (oral *versus* escrita), possam marcar as diferenças entre processos de tradução e de interpretação, englobando tanto línguas orais quanto línguas de sinais. Pretendo ainda investigar o papel do material guia de filmagem na diferenciação dos processos empregados, especificamente em traduções para línguas de sinais. Com isso, espero que as reflexões deste trabalho possam contribuir para a formação de profissionais de Libras, porque as discussões aqui levantadas passam pela questão da qualidade. O produto de uma interpretação, ainda que seja uma interpretação de qualidade, não pode ser comparado ao produto de uma tradução (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021). Então por que interpretações simultâneas são registradas em vídeo e divulgadas como se fossem fruto de um processo de tradução?

O objetivo geral deste trabalho é estabelecer diferenças entre processos de tradução e de interpretação que não sejam baseadas no registro (escrito ou oral) e que, por isso, englobem tanto línguas orais quanto línguas de sinais.

Desse modo, os objetivos específicos são: (1) selecionar critérios definidores de processos de tradução e de interpretação; (2) verificar, a partir da análise de vídeos traduzidos em Libras, se o material guia tem papel crucial na definição do processo (tradução ou interpretação) que gera um vídeo em língua de sinais; (3) trazer reflexões que possam contribuir para a formação de tradutores e intérpretes de Libras que, por estarem conscientes das diferenças entre um processo

de tradução e de interpretação, poderão, intencionalmente, escolher qual será a melhor forma de atender a cada demanda que receberem como profissionais.

No capítulo 2, apresento o suporte teórico da pesquisa, com considerações sobre traduções em línguas de sinais registradas em vídeo (RODRIGUES, 2018; SEVERINO, 2022) e um contínuo entre fala e escrita (MARCUSCHI, 2010). As contribuições de Saulo Xavier de Souza (2010), de Rodrigo Pereira Leal de Souza (2021) e de Kade (1968 *apud* WEININGER, 2022) ajudam a estabelecer conceitos não baseados no registro. Ao final do capítulo, trago reflexões de Pöchhacker (2018) sobre como as novas tecnologias têm trazido novos cenários para a interpretação e a tradução que movem as fronteiras entre os conceitos e abalam critérios que pareciam já estabelecidos.

No capítulo 3, discorro sobre alguns processos híbridos ou, como Gile (2004) nomeou, tipos intermediários: a tradução à prima vista, à luz dos trabalhos de Sampaio (2022), Chen (2015) e Pöchhacker (2018). Também dediquei uma seção específica para o caso híbrido envolvendo a Libras descrito por Silvério *et al.* (2012), que levou a reflexões sobre a importância do material guia de filmagem, sobre o qual discorro no capítulo 5.

No capítulo 4, trago algumas considerações sobre qualidade em tradução e qualidade em interpretação, baseada em Gouadec (2010), Kalina (2012), Barbosa (2020) e Weininger (2022), e também nas normas NBR 18841 e 17100, sobre qualidade em serviços de interpretação e em serviços de tradução (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022, 2021). Também abordo as disfluências de fala e como elas apontam para um menor planejamento textual.

No capítulo 6, após as considerações sobre material guia de filmagem, selecionei algumas categorias úteis para a análise do corpus, com base nas contribuições dos autores apresentados no referencial teórico deste trabalho. Baseada na escala de planejamento textual de Souza (2021, p. 20), proponho um contínuo entre interpretação e tradução, situando os processos híbridos ou tipos intermediários nesse contínuo.

No capítulo 7, apresento a metodologia utilizada na pesquisa e descrevo a análise bibliométrica que realizei em diferentes bases de dados. No capítulo 8 apresento a análise de corpus, seguida de uma breve discussão dos resultados e das considerações finais.

Esclarecendo conceitos de tradução e de interpretação

Tradução em um sentido mais amplo denomina a transformação de uma mensagem em um idioma e cultura para outro idioma e cultura. Neste sentido amplo, o termo tradução englobaria interpretação. No entanto, em um sentido mais restrito à atividade, tradução e interpretação são processos diferentes, cada um com suas peculiaridades (PAGURA, 2015, p. 210). Tradicionalmente, as diferenças entre esses processos são descritas a partir da diferença de registro, considerando que tradução envolve textos escritos e interpretação envolve discursos orais. Pagura (2015) também corrobora com essa diferenciação entre os processos em termos de registro:

Em linhas gerais e para efeitos deste capítulo, chamamos de tradução a conversão de um texto escrito em uma língua, denominada língua de partida, para uma outra, designada língua de chegada; consideramos interpretação a conversão de um discurso oral, de uma língua de partida para uma língua de chegada. Em resumo, a tradução é escrita e a interpretação, oral. (PAGURA, 2015, p. 183).

Até mesmo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que fornecem os requisitos necessários para uma tradução e uma interpretação de qualidade (respectivamente a NBR ISO 17100 e a NBR ISO 18841, ambas traduções para o português de normas ISO) entendem que tradução está atrelada a um produto na forma **escrita**, e que interpretação diz respeito à comunicação oral ou sinalizada (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022, 2021). Apesar de diferenciar tradução e interpretação em termos de registro (escrito *versus* oral ou sinalizado), a NBR 17100 admite que uma tradução pode estar registrada em outros formatos, mas cita como exemplos arquivos de áudio ou de imagem, que podem ser baseados em texto. Não parece que a possibilidade de haver textos em uma língua de sinais, registrados em vídeo, foi considerada. Abordarei adiante as normas da ABNT para tradução e interpretação.

Munday (2016, p. 8) menciona que se pode considerar a questão de maneira simplificada, denominando interpretação tudo que seja uma “tradução oral”. Mas o autor faz a ressalva, apoiado em Gile (2004), de que as sobreposições impossibilitam uma distinção clara entre os processos. Essas sobreposições,

mencionadas por Munday (2016) são o que Gile (2004) classificou como tipos intermediários, ou seja, casos que unem algumas características próprias de interpretação, mas também de tradução, tornando a classificação mais complexa.

Além da “tradução puramente” e da “interpretação puramente”, existem também os tipos “intermediários”, como a tradução à prima vista, em que o texto de partida é escrito e o texto de chegada é falado, mas essa distinção não é relevante para a presente discussão.¹ (GILE, 2004, p. 11)

Abordarei casos como este, inclusive a tradução à prima vista, mais a frente neste trabalho.

O fato é que alguns contextos novos trouxeram a necessidade de ampliação desses conceitos, segundo Munday (2016, p. 8-9), como os casos em que não há um texto-fonte claramente definido. Práticas de interpretação e de tradução em vídeo para a comunidade surda também põem em xeque as definições tradicionais, afinal, um discurso sinalizado não é oral, e uma tradução em vídeo não tem escrita como produto. Segundo Rodrigues (2018, p. 307), as práticas de tradução em línguas de sinais vêm trazendo destaque para a necessidade de se repensar o conceito de tradução e de interpretação:

Existem certas traduções envolvendo línguas de sinais que não se concentram em um sistema escrito. Em vez disso, eles usam a “produção natural” da língua (a língua sendo proferida, em fluxo). De acordo com Wurm, “devido à capacidade de trabalhar com textos-fonte fixos e de gravar e regravar textos-alvo com tempo potencialmente irrestrito e na ausência dos participantes primários, a noção de tradução em língua de sinais está ganhando destaque (...).² (RODRIGUES, 2018, p. 307).

Adiante, ainda nesta seção, aprofundarei esta questão.

É importante dizer que os conceitos de tradução e de interpretação são marcados social e historicamente. O trabalho de Tymoczko (2014 [2007]) se propôs

¹ Em inglês, no original: “Besides ‘pure translation’ and ‘pure interpreting’, there are also ‘intermediate’ types, such as sight translation, where the source text is written and the target text is spoken, but this distinction is not relevant to the present discussion.” [Esta e todas as outras traduções não publicadas em português são de minha autoria.]

² Em inglês, no original: “There are certain translations involving sign language that do not focus on a written system. Rather, they use the ‘natural production’ of language (the language being uttered, in flux). According to Wurm, ‘due to the ability to work with fixed STs [source texts] and record and re-record TTs [target texts] with potentially unrestricted time and in the absence of the primary participants, the notion of sign language translation is gaining prominence’ (2010, 20)”.

a ampliar esses conceitos, no intuito de que os Estudos da Tradução não contemplem apenas uma visão ocidental. Ela explica que as noções do que é tradução e quais seriam critérios para fidelidade podem variar, mesmo se considerarmos um mesmo período histórico.

A reflexão da autora esbarra em questões de fidelidade que, em povos de tradição oral, são menos importantes do que em culturas letradas:

Em situações orais, a prática da tradução tem uma estética e uma pragmática baseadas na performance. Como consequência, o critério principal de uma boa tradução é uma história bem e verdadeiramente contada, em vez de uma fidelidade verbal ou cultural próxima, em grande parte porque geralmente há pouco ou nenhum valor atribuído a um texto fixo *per se*, como há nas culturas letradas. Mudanças radicais de tradução semelhantes podem ser mapeadas não apenas quando a fonte é um texto fixado bem conhecido, como Hamlet, mas em situações em que o material é traduzido de uma fonte oral para outro texto oral em um segundo idioma, ou em situações em que os textos escritos são baseados em materiais orais.³ (TYMOCZKO, 1990b *apud* TYMOCZKO, 2014[2007], p. 62)

Seja qual for o conceito de tradução que se adote, ele estará permeado por uma visão de língua e de cultura. Muitos linguistas consideram que língua é a expressão oral, sendo a escrita um possível registro dessa língua, mas não sua verdadeira realização. Por este motivo, considerar culturas ágrafas traz uma nova perspectiva para o debate, como também me é útil para ampliar o modo como o registro de uma língua é pensado. Se a escrita é um registro possível de uma língua, certamente não é o único. Por que, então, o conceito de “tradução” precisaria estar ancorado em um único tipo de registro?

Historicamente, a atividade de interpretação existe no mundo desde antes de existir tradução, considerando que a fala veio antes da escrita (CARNEIRO, 2021, p. 127). Embora não seja possível precisar a primeira vez em que aconteceu uma interpretação, ela foi utilizada desde as civilizações antigas, em trocas comerciais e também para fins políticos. A atividade de tradução, que tradicionalmente expressou-se em documentos escritos, só pôde existir depois da invenção da escrita

³ Em inglês, no original: “In oral situations the practice of translation has a performed-based esthetic and pragmatic. As a consequence the primary criterion of a good translation is a story well and truly told, rather than close verbal or cultural fidelity, largely because there is generally little or no value accorded to a fixed text *per se* as there is in literate cultures. Similar radical translation shifts can be charted not just when the source is a well-known fixed text such as Hamlet but in situations where material is translated from an oral source to another oral text in a second language, or in situations where written texts are based on oral materials”.

alfabética (CARNEIRO, 2022). Como campo disciplinar, diferentemente, as reflexões sobre tradução existem há mais tempo, e muitas de suas reflexões remontam a Horácio e Cícero. As reflexões sobre textos traduzidos estão relacionadas ao valor atribuído aos textos nas culturas receptoras (GILE, 2004, p. 14), e o registro permanente (a escrita) permitiu que traduções pudessem ser analisadas minuciosamente desde os tempos antigos. Já as pesquisas em interpretação começam na década de 1960, segundo Gile (2004, p. 10), mais recentemente, portanto, e com foco mais prático, incluindo a formação de novos intérpretes.

No Congresso de Estudos da Tradução em Viena, em 1992 foi proposta a denominação “Estudos da interpretação” para um campo disciplinar dedicado à interpretação, que caminhasse separado dos Estudos da Tradução. A denominação “Estudos da Tradução” vem de uma proposta anterior, de 1972, na palestra de James Holmes, intitulada “O nome e a natureza dos Estudos da Tradução”, no Congresso Internacional de Linguística Aplicada (CARNEIRO, 2021, p. 131). Há ainda um debate se os Estudos da Interpretação deveriam ser um subcampo dos Estudos da Tradução, ou ainda, se as pesquisas de cada um desses fenômenos deveriam estar concentradas num único campo de estudo.⁴ Para este trabalho, interessa pontuar que mesmo a pesquisa reconhece as diferenças entre esses fenômenos e que suas peculiaridades exigem abordagem diferentes, embora eles tenham muito em comum. Definições com fronteiras menos borradas entre tradução e interpretação parecem, portanto, constituir um debate produtivo à pesquisa.

Buscando abarcar tradução e interpretação envolvendo línguas de sinais, uma definição ancorada na escrita mostra-se pouco produtiva. Pöchhacker (2004, p. 10) salienta que a definição escrita *versus* fala não contempla as línguas de sinais.

Em contraste com o uso comum refletido na maioria dos dicionários, a “interpretação” não precisa ser necessariamente equivalente a uma “tradução oral” ou, mais precisamente, a uma “interpretação oral de mensagens faladas”. Isso excluiria a interpretação em línguas de sinais (em vez de línguas orais) do nosso escopo e tornaria difícil explicar as manifestações menos típicas de interpretação mencionadas à frente.⁵ (PÖCHHACKER, 2004, p. 10)

⁴ Para uma reflexão sobre as vantagens e desvantagens de tradução e interpretação estarem dentro de um mesmo campo disciplinar, recomendo a leitura de Gile (2004).

⁵ Em inglês, no original: “In contrast to common usage as reflected in most dictionaries, ‘interpreting’ need not necessarily be equated with ‘oral translation’ or, more precisely, with the ‘oral rendering of spoken messages’. Doing so would exclude interpreting in signed (rather than spoken) languages from our purview, and would made it difficult to account for the less typical manifestations of interpreting mentioned further down”.

Especificamente no caso do Brasil, embora possa haver traduções para Libras registradas em algum sistema de escrita de sinais, o registro em vídeo continua sendo amplamente utilizado, dada sua facilidade de divulgação e acesso em diversas plataformas, como o YouTube, Vimeo e outras. Segundo Severino (2022, p. 95), a maioria das traduções para Libras ocorre no suporte vídeo. Além disso, o avanço tecnológico recente democratizou o acesso a equipamentos que permitem gravações de vídeos, possibilitando seu uso como forma de registro de traduções em Libras (CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020).

Diniz e Carneiro (2021) apontam esse recente avanço tecnológico como um dos fatores que propiciou uma virada multimodal nos Estudos da Tradução, ou seja, uma mudança de paradigma no campo. Além desse fator, mudanças sociais e, principalmente, pesquisas sobre línguas de sinais teriam corroborado para trazer essa nova perspectiva para a área. Diniz e Carneiro (2021) propõem um esquema, ilustrado na figura 1, sobre a virada multimodal, em que estão contemplados, além da tradução audiovisual, a comunicação alternativa, tradução intermodal e intramodal, guaiinterpretação, *design* e localização.

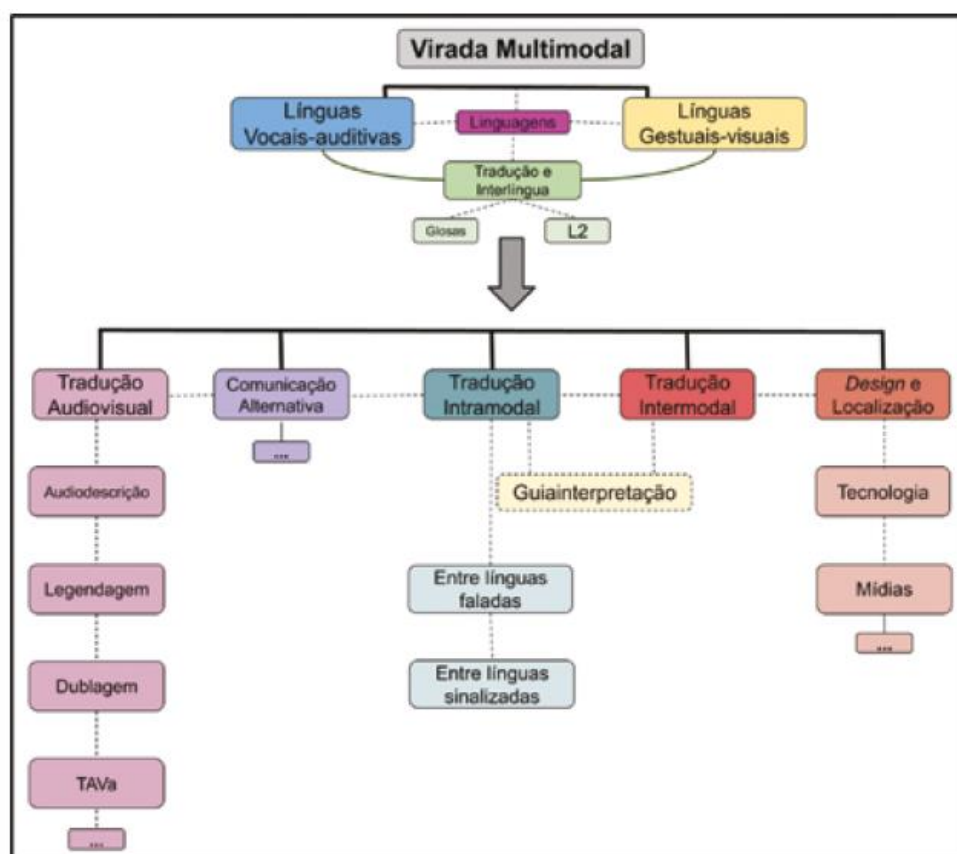


Figura 1: Sugestão inicial de mapa esquemático da Virada Multimodal: extraído de Diniz e Carneiro (2021, p. 112)

O esquema da figura 1 não se propõe a ser exaustivo, mas, sim, apontar as novas possibilidades trazidas por essa mudança de paradigma. Fica claro, portanto, que, a partir da virada multimodal, há um novo cenário que torna improdutivo pensar tradução e interpretação apenas em termos de escrita e fala.

Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 140) substituem a ideia de escrita *versus* fala por registros permanentes *versus* registros efêmeros. Estes são termos mais abrangentes e que podem ser úteis para contemplar processos tradutórios e interpretativos em línguas de sinais, mas ainda explicam as diferenças entre uns e outros em termos de registro do produto final.

Nas próximas seções, apresentarei as contribuições de alguns autores que, em seus trabalhos, trazem novas perspectivas para a diferenciação entre tradução e interpretação.

2.1

Características de traduções em línguas de sinais registradas em vídeo

Considerando então as definições tradicionais, as traduções em Libras que são registradas em vídeo, e não na forma escrita, ainda poderiam ser consideradas traduções? Rodrigues (2018) propõe uma discussão em torno dessa pergunta, considerando a modalidade gestual-visual das línguas de sinais, em comparação com a modalidade vocal-auditiva. Ele considera que a fala, seja em línguas orais ou em línguas de sinais, depende apenas do corpo para ser produzida; enquanto a escrita necessita de alguma tecnologia específica, seja papel e tinta ou câmeras de filmagem.

No entanto, as reflexões de Rodrigues (2018), embora busquem ampliar os conceitos tradicionais, ainda levam a pensar as diferenças de cada processo em termos de suporte e formas de registro. Souza (2021) traz a seguinte definição de suporte:

Suporte é definido por Marcuschi (2018, p.174) como “um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero

materializado como texto” e que tem a função de não apenas fixar como também de permitir o acesso ao texto. (SOUZA, 2021, p. 22)

Para Rodrigues (2018) a escrita precisa de tecnologias que permitam seu registro, enquanto a fala (em língua oral ou de sinais) não depende de tecnologias de registro. Ele considera que uma tradução (em oposição a uma interpretação) só pode ser realizada se o texto estiver materializado em um suporte, seja ele físico ou virtual. Na interpretação, o profissional recebe o texto enquanto ele está sendo produzido, como o autor explica:

Se o profissional não tiver acesso ao texto materializado em um suporte (físico ou virtual), não poderá traduzi-lo. Se o profissional receber o texto enquanto está sendo produzido, ele terá que se adequar ao ritmo do autor e interpretá-lo para o público.⁶ (RODRIGUES, 2018, p. 302-303)

No entanto, segundo a definição de Marcuschi (2018, p. 174 *apud* SOUZA, 2021, p. 22), que apresentei acima, é possível pensar que o suporte de um discurso falado seriam os articuladores por meio dos quais a língua é produzida. No caso de uma fala em língua de sinais, o suporte poderia ser o corpo do sinalizante.⁷ O próprio Rodrigues (2018, p. 297-298) menciona que a fala precisa de um corpo para materializar-se. Portanto, não se pode dizer que um discurso oral não estaria em um suporte. Além disso, Souza e Freitas Junior (2022) consideram, apoiados na Linguística Textual, que “texto é um evento comunicativo de ordem sociocognitiva, interacional, e pode ser tecido tanto na modalidade falada, quanto na modalidade escrita” (SOUZA; FREITAS JUNIOR, 2022, p. 3). Então, é possível considerar **textos** orais, pois não somente o que está escrito é texto.

Rodrigues (2018, p. 301) propõe uma diferenciação entre tradução e interpretação que considera quatro aspectos: a. o tipo do texto-fonte; b. o modo de produção; c. as fases do processo; d. as características do produto final (texto-alvo). Esses aspectos são esquematizados na figura 2.

⁶ Em inglês, no original: “If the professional does not have the access to the materialized text in a support (physical or virtual), he cannot translate it. If professional receives the text while it is being produced, he / her will have to adjust to the rhythm of the author and interpret it to the audience”.

⁷ Souza (2021) afirma que Marcuschi (2018) classificou suporte nas categorias de convencionais e incidentais. Os primeiros são aqueles criados com o objetivo de fixarem textos e os segundos não foram feitos para esta finalidade específica, mas ocasionalmente operam desta maneira. Na categoria dos suportes incidentais, o corpo humano é dado como exemplo (SOUZA, 2021, p. 22).

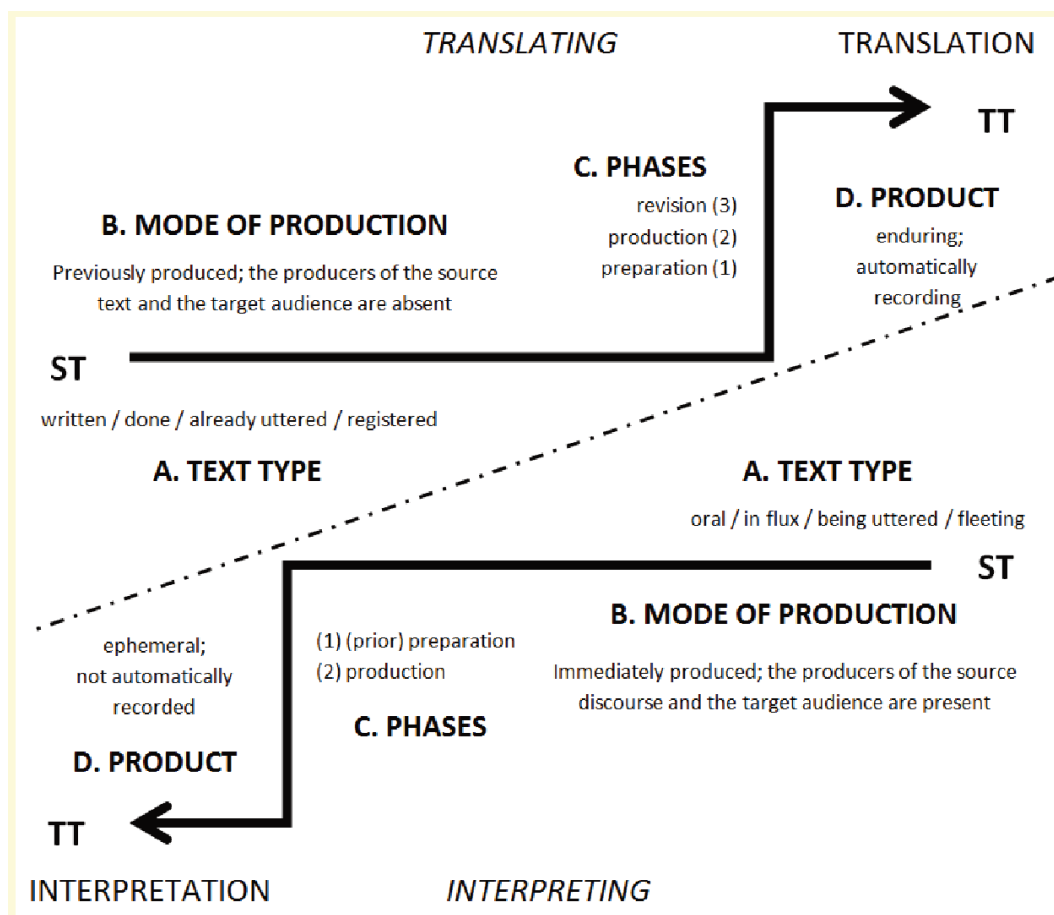


Figura 2: Diferenças entre processos de tradução e interpretação: extraído de Rodrigues (2018, p. 302)

Estes aspectos, porém, continuam levando em conta, em alguma medida, a dicotomia texto escrito *versus* discurso oral, ainda que essas categorias tenham sido ampliadas e discutidas ao longo do texto de Rodrigues (2018).

Rodrigues (2018, p. 303) considera ainda casos de exceção, que podem ser o que Munday (2016, p. 8) chamou de sobreposições, ou o que Gile (2004, p. 11) denominou tipos intermediários:

Ressalta-se que podem ocorrer situações em que um texto, apesar de registrado em suporte físico ou virtual, não estará à disposição do tradutor, impossibilitando-o de trabalhar em seu próprio ritmo. Nesses casos, as características do processo vão distanciar-se da tradução e aproximar-se da interpretação. Por exemplo, no caso de um prazo urgente, um profissional pode receber uma gravação de áudio de uma notícia e ter que produzir uma “tradução” imediata dela, sem poder ouvi-la antes de executá-la. Nesse caso, apesar de ser um discurso gravado, o produto final tende mais para a interpretação (no caso, simultânea) do que para a tradução.⁸ (RODRIGUES, 2018, p. 303)

⁸ Em inglês, no original: “It is noteworthy that there may be situations in which a text, despite being registered on a physical or virtual support, will not be available to the translator, leading to the impossibility of working at his / her own pace. In such cases, the characteristics of the process will

O autor observa, portanto, que o que aproxima ou distancia um processo de uma tradução ou de uma interpretação, especialmente em casos menos típicos como este, não é o suporte do texto-fonte. Ele menciona aqui a pressão do tempo para a entrega, que impede o profissional de trabalhar no próprio ritmo. Essa é uma característica inerente a discursos orais interpretados, mas não exclusiva deles, como no exemplo mencionado acima.

Rodrigues (2018, p. 303-304) condensa em uma tabela, que traduzi abaixo na tabela 1, as diferenças entre tradução e interpretação. Marquei em negrito as informações sobre as quais tecerei alguns comentários a seguir.

	Tradução	Interpretação
Competências e habilidades linguísticas	Priorização das habilidades necessárias para lidar com a modalidade escrita: ler e escrever .	Priorização das habilidades necessárias para lidar com a modalidade oral: ouvir e falar .
Ritmo de trabalho	O profissional define seu próprio ritmo de acordo com a pressão do tempo.	O autor do discurso impõe seu próprio ritmo; o profissional deve se adequar a ela.
Apresentação do texto-fonte	O texto está disponível em um suporte (físico ou virtual) , pode ser relido e o profissional pode revisá-lo quando necessário.	O texto está em constante fluxo e, na maioria das vezes, não pode ser visto novamente ou repetido, mesmo que o profissional precise.
Método de trabalho	O trabalho pode ser pausado ou organizado em estágios.	É quase impossível interromper, atrasar ou fragmentar o trabalho.
Auxílios externos (materiais e outros recursos)	Auxílios externos podem ser buscados em glossários, dicionários, colegas e outras traduções.	Há pouco ou nenhum auxílio externo, recorrendo-se basicamente à memória ou, de imediato, ao parceiro de trabalho, ainda que de forma limitada.
Possibilidade de correção antes da entrega	O texto pode ser totalmente revisado fazendo os ajustes e alterações necessárias.	Nenhuma mudança pode ser feita sem ser percebida pelo público.
Aspectos situacionais da atividade	Contexto limitado focado no espaço de trabalho do tradutor.	Contextos múltiplos, do intrassocial ao internacional.

distance from translation and approach interpreting. For example, in the case of an urgent deadline, a professional may receive an audio recording of a news article and have to produce an immediate ‘translation’ of it, without being able to hear it before performing. In this case, despite being a recorded discourse, the final product tends more toward interpreting (in this case, simultaneous) than to translation.”

Uso de tecnologia	Indispensáveis, ferramentas e materiais de escrita são essenciais.	Dispensável, pode ocorrer com nada mais do que o próprio corpo.
Contato com o cliente/público	Contato indireto, mínimo ou inexistente, muitas vezes com grande defasagem temporal entre o processo de tradução e a entrega do produto final.	Contato direto, significativo e efetivo, na maioria das vezes com o público presente no momento da interpretação.

Tabela 1: Diferenças cognitivas e operacionais entre tradução e interpretação. — Traduzido de Rodrigues (2018, p. 303-304)

O autor, portanto, está caracterizando os processos em termos operacionais e cognitivos a partir dos seguintes critérios: competências e habilidades linguísticas, ritmo de trabalho, apresentação do texto-fonte, método de trabalho, auxílios externos, possibilidade de correção antes da entrega, aspectos situacionais da atividade, uso de tecnologia, contato com o cliente/público.

Quanto às competências e habilidades linguísticas necessárias ao profissional, a tabela 1 as descreve em termos de escrita e oralidade. Como o meu intuito é englobar línguas de sinais, as habilidades de interpretação precisariam contemplar também a modalidade viso-espacial. Neste sentido, Rodrigues (2018), escreveu que

Além de todos os conhecimentos, habilidades e estratégias exigidas de um bom intérprete para vocalizar com precisão, o intérprete de língua de sinais deve ter boa visão para entender o que está sendo sinalizado e boa capacidade de produção na língua oral. No entanto, ao sinalizar, o intérprete deve ter boa capacidade auditiva para entender o que está sendo falado e boa capacidade de desempenho visual para produzir em língua de sinais.⁹ (RODRIGUES, 2018, p. 311)

Cabe salientar que Rodrigues (2018) não está considerando neste ponto do texto que existem intérpretes surdos trabalhando com duas línguas de sinais diferentes (interpretação intramodal) ou entre uma língua oral e uma língua de sinais, a partir do relé (ou *relay*) de um intérprete ouvinte. Nesse caso, um intérprete surdo precisa de boa visão, para entender o que está sendo sinalizado, e boa capacidade de produção na língua de sinais com a qual trabalhe, e ainda boa capacidade de reformulação.

⁹ Em inglês, no original: “In addition to all the knowledge, skills and strategies required from a good interpreter to vocalize accurately, sign language interpreters must have good visual skills in order to understand what is being signed and a good ability for producing in the oral language. However, when signing, the interpreter must have good listening skills to understand what is being spoken and good visual performance ability for producing in sign language”.

Assim, uma definição mais abrangente dos processos poderia considerar outras habilidades necessárias ao profissional que irá trabalhar com línguas de sinais.

Já comentei anteriormente sobre o suporte de um texto: seja escrito ou falado, um texto terá sempre um suporte. Por isso, quanto à apresentação do texto-fonte, parece mais importante considerar se ele pode ser repetido quantas vezes o profissional (tradutor ou intérprete) desejar ou precisar, do que a produção ser em fluxo ou estar em um registro mais permanente. Isso corrobora com o caso de exceção que o autor apresenta, já mencionado, em que um texto-fonte pode estar gravado em áudio, mas, devido à pressão de tempo para a entrega, não pode ser repetido antes de ser interpretado.

Sobre os aspectos situacionais da atividade, o autor considera que a tradução tem contexto limitado e focado no espaço de trabalho do tradutor. No entanto, embora um tradutor esteja frequentemente trabalhando isolado, ele tem em mente um público-alvo pretendido, que possivelmente estará em um contexto e lugar diferente do qual ele traduz. Da mesma forma, interpretações remotas, que ainda são interpretações, pressupõem que o intérprete encontra-se em um contexto (físico) diferente do público. Essa não parece ser, portanto, uma característica definidora.

A interpretação remota também põe em xeque dois critérios. Primeiro, o de contato com o cliente/público, uma vez que o público e o intérprete estarão em espaços distintos. No entanto, em muitos casos o intérprete ainda consegue perceber as reações do público à sua interpretação, mesmo não estando no mesmo espaço físico que este. Considero, portanto, que este critério, isoladamente, não será suficiente para tornar todo o processo uma tradução. O segundo critério é o de uso da tecnologia, que, para Rodrigues (2018, p. 303-304), pode ser dispensável quando se trata de interpretação, mas torna-se indispensável em traduções remotas. Ademais, é possível, por exemplo, preparar uma tradução para Libras de um texto curto, como uma poesia, e declamar a tradução de memória para um público que esteja presente no mesmo lugar que o tradutor.¹⁰ Este caso seria também uma **tradução**, e não interpretação, que dispensa o uso de tecnologia.

¹⁰ Menciono este exemplo porque, em minha experiência profissional, já tive de apresentar uma **tradução** de uma poesia em uma aula em que eu trabalhava como **intérprete**. A tradução da poesia foi elaborada previamente e ensaiada, mas apresentada aos alunos em aula apenas de memória. Isso só foi possível por tratar-se de um texto curto e ensaiado. O registro desta apresentação está disponível em: https://youtu.be/2zJZE_Fajxc Acesso em: 15 dez. 2022.

Assim, dentre os critérios elencados por Rodrigues (2018, cf. tabela 1), parecem importar mais na diferenciação entre os processos: o **método de trabalho** (que considera se o trabalho pode ser fragmentado em etapas, interrompido e retomado), uso maior ou menor de **auxílios externos**, **possibilidade de correção antes da entrega** e o **ritmo de trabalho**. Este último parece ser determinado pela pressão de tempo para a entrega do produto final. Desse modo, parece ser o **tempo para a entrega** o critério de maior valor na definição dos processos.

O autor aponta ainda, em suas considerações finais, que são necessárias mais pesquisas sobre essa temática que possam também auxiliar na formação de profissionais, e este é um dos objetivos do presente trabalho.

2.2

O contínuo entre fala e escrita e o planejamento textual

O primeiro capítulo da dissertação de Saulo Xavier de Souza (2010) traz reflexões sobre as definições de tradução e interpretação, buscando afirmar que tradução é sinônimo de retextualização.

O conceito de tradução adotado é o que consiste numa nova produção textual, vinculada a uma produção textual anterior, sendo que, em novo contexto, em uma nova língua. Isto é, compreende-se a tradução como uma re-textualização, pois, um texto traduzido se relaciona, no mínimo, ao conteúdo ideacional do texto de partida textualizado anteriormente em outra língua. (SOUZA, 2010, p. 21)

Essa definição é útil para pensar em traduções envolvendo línguas de sinais se, e somente se, a ideia de texto estiver descolada de sua materialidade: um texto não precisa, necessariamente, ser escrito. Isso é importante porque, apesar de haver traduções para sistemas de escrita de sinais¹¹, traduções para Libras em vídeo (e não na forma escrita) têm sido muito comuns, especialmente na área acadêmica (SOUZA; FREITAS JUNIOR, 2022, p. 3), e são o foco deste trabalho.

No entanto, estando a tradução vinculada a textos que podem não estar na forma escrita, fica difícil distingui-la de interpretação, pois esta também pode se

¹¹ Rodrigues (2018, p. 309-310) considera que, embora existam propostas para sistemas de escrita de línguas de sinais, como o *Sign Writing*, o ELiS (Escrita das línguas de sinais) (BARROS, 2008) e o SEL (Sistema de escrita para Libras), nenhuma delas está ainda consolidada ou amplamente difundida.

encaixar na definição proposta por Souza (2010) para tradução: é a criação de um novo texto — não escrito — vinculado à uma produção textual anterior, que idealmente não estará também na forma escrita. Esse raciocínio torna muito difícil pensar em traduções para línguas de sinais em vídeo, cujo registro, obviamente, não é escrito.

Souza (2010) tenta solucionar o problema conceituando interpretação em termos de **instantaneidade**: os intérpretes precisam entregar um produto final com muito mais celeridade do que os tradutores, sem possibilidades de correções e revisões. Este seria um único critério que resume o que Rodrigues (2018) detalhou em diversas categorias (cf. tabela 1). O **tempo para a entrega do produto final** é o que permeia os critérios de **apresentação do texto-fonte** (poder ou não repeti-lo antes da entrega), **ritmo de trabalho**, uso de **auxílios externos** (a redução de auxílios muitas vezes está atrelada ao tempo que se tem para consultá-los), **possibilidade de correção antes da entrega** e o **método de trabalho** (se o trabalho pode ou não ser dividido em etapas, interrompido e retomado em outro momento).

A dissertação de Rodrigo Pereira Leal de Souza (2021) traz reflexões que aproximam o vídeo em Libras de um texto escrito, considerando principalmente a perspectiva dos leitores. Ele propunha-se a

entender se a leitura de um texto em Libras, registrado em vídeo, é feita da mesma forma que a leitura de um texto escrito, tendo em conta a associação de conhecimentos específicos necessários para a negociação de sentidos na realização de tal tarefa. (SOUZA, 2021, p. 15)

Após 24 encontros individuais com participantes surdos de diferentes níveis de escolaridade, que responderam perguntas sobre quatro diferentes gêneros textuais apresentados em Libras em vídeo, o estudo de Souza (2021) concluiu que os vídeos eram lidos da mesma forma que textos, escritos ou falados, são lidos. Leitores precisam articular diversas competências previamente construídas, e o mesmo se dá quando o texto está em Libras registrado em vídeo. O nível de escolaridade dos participantes influenciou a proficiência de leitura dos vídeos (SOUZA, 2021).

O autor levanta questões que ajudam a repensar a ideia de escrita e fala, considerando autores da Linguística Textual e que há vídeos em Libras sendo lidos como textos. O autor apresenta a seguinte definição de texto: “(...) é um evento

comunicativo de ordem sociocognitiva, interacional e pode ser tecido tanto na modalidade falada, quanto na modalidade escrita” (SOUZA, 2021, p. 17)¹². O conceito é apresentado vinculado à área de Linguística Textual, e traz um debate sobre um contínuo entre fala e escrita.

Souza (2021) apresenta também a ideia de um contínuo entre fala e escrita, com base em Marcuschi (2010). Na figura 3, reproduzi o gráfico proposto por Marcuschi (2010)¹³, que dispõe alguns gêneros textuais mais próximos da escrita e outros mais próximos da fala. Os gêneros textuais posicionados na parte mais central da figura, como o noticiário de rádio ou de TV e as explicações técnicas, seriam aqueles híbridos ou mistos.

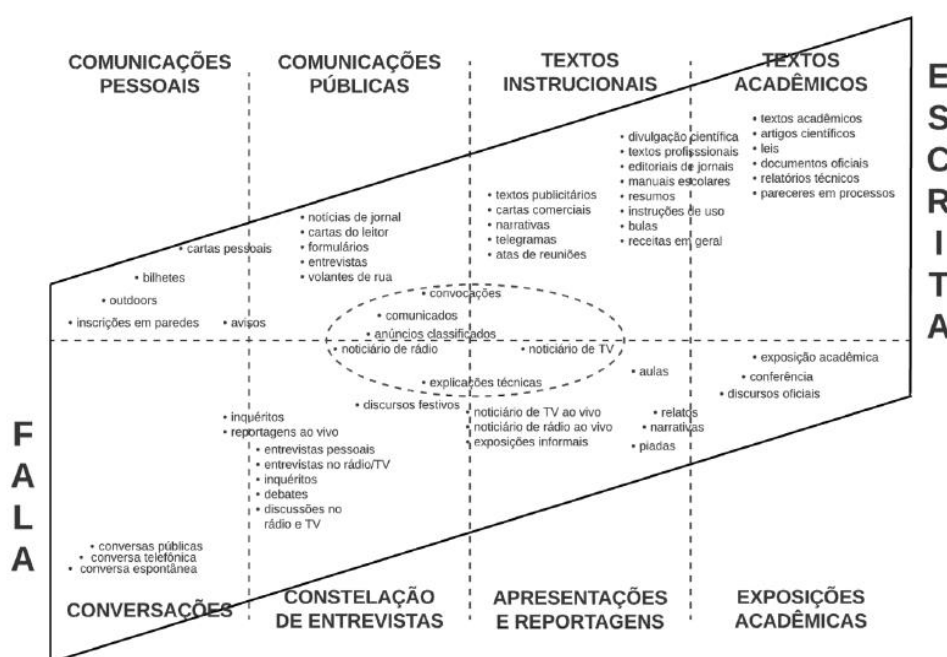


Figura 3 - Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita (MARCUSCHI, 2010, p. 41)

¹² Adotarei em todo este trabalho esta definição de texto, por considerar que ela abrange tanto a escrita quanto a fala. E também por ela estar de acordo com a definição trazida por Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 165, nota de rodapé nº 12): “Entende-se texto aqui como uma atividade verbal, sendo ‘qualquer expressão de um conjunto linguístico numa atividade de comunicação’ (SCHMIDT, 1978 *apud* KOCH, 1995, p. 22). Sendo assim, é possível pensar em leitura, mesmo que não seja de um texto impresso”.

¹³ Segundo Weininger e Shield (2004), a proposta de Marcuschi (2010, p. 41) baseou-se no modelo proposto originalmente por Koch e Oesterreicher (1985), os quais trouxeram a ideia de um contínuo comunicativo como linguagem de distância e proximidade, em diferentes canais (escrito/falado). Recomendo a leitura destes trabalhos para uma análise mais aprofundada do modelo.

Souza (2021) conclui, então, que as características do que é comumente chamado de escrita ou de fala estão menos relacionadas com o registro do texto, e mais atreladas a condições sociocognitivas que envolvem a produção textual, pois um texto pode ser escrito ou falado.

Desta forma é possível perceber que a conferência, por exemplo, é um gênero textual falado, entretanto possui características muito próximas de textos escritos e que a categorização dos gêneros textuais não pode ser resolvida apenas por intermédio da dicotomia fala e escrita. (...) Koch (2018, p.81) ainda aponta algumas diferenças entre textos falados e textos escritos e defende que cada um deles possui uma estrutura própria que é determinada a partir das condições sociocognitivas que envolvem sua produção, o que também coaduna com a ideia de Marcuschi (2010, p.35) de que fala e escrita “[s]ão modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas”. (SOUZA, 2021, p. 19)

Como mencionei antes, Saulo Xavier de Souza (2010) afirmou que tradução é sinônimo de retextualização. Para esta pesquisa, esta é uma contribuição importante porque tanto tradução quanto interpretação envolvem produção textual, considerando que o texto produzido pode ser falado ou escrito (SOUZA, 2021). Do mesmo modo que qualquer produção textual, uma tradução ou interpretação estará atrelada a condições sociocognitivas que poderão ser determinantes na diferenciação dos processos.

Saliento também que, na classificação dos gêneros textuais entre falados ou escritos dentro do contínuo, como representado na figura 3, o pesquisador observa o **produto** (o texto pronto) para recuperar o **processo**: as condições sociocognitivas envolvidas na produção textual. Do mesmo modo, minha pesquisa não analisa o processo, mas, sim, o produto de uma tradução ou de uma interpretação, buscando a partir dele recuperar as condições de produção.

A diferenciação entre fala e escrita, tão usual nas definições tradicionais de tradução e interpretação, revela-se em Souza (2021) mais diluída e menos dicotômica. As características principais de cada uma estão condensadas na tabela 2, abaixo.

TEXTOS FALADOS	TEXTOS ESCRITOS
Localmente planejada	Planejados de antemão
Planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente	Planejamento e verbalização ocorrem em momentos diferentes.

Apresenta descontinuidades sintáticas (sem deixar de ter como base a sintaxe geral da língua) que são determinadas por fatores de ordem cognitivo-interacional e que têm relevância pragmática.	Tempo maior de planejamento, com possibilidade de revisões e correções antes da apresentação do texto.
É um processo, logo, dinâmica	É resultado de um processo, logo, estática.

Tabela 2: Comparação entre características de textos falados e escritos baseado em Koch (2018): extraído de Souza (2021, p. 19)

Ao observar a tabela 2, fica evidente que tempo e planejamento são os critérios principais de diferenciação. Para Souza e Freitas Junior (2022), a principal diferença entre escrita e fala não está no registro, mas, sim, na relação entre o tempo disponível para a produção e o planejamento textual. Sobre textos mais relacionados à escrita prototípica, eles afirmam:

(...) a leitura está em geral associada à textos de natureza um tanto diferenciada daquela do texto falado conversacional, no que diz respeito à **relação estabelecida entre tempo e planejamento textual**, e por serem, em geral, de maior grau de formalidade, apresentarem temas complexos e se materializarem em gêneros discursivos menos recorrentes no uso comum, em geral informal, da língua. (SOUZA E FREITAS JUNIOR, 2022, p. 3-4, grifo nosso)

Considerando isso, Souza (2021) propõe uma escala de planejamento textual (cf. figura 4). O ponto A representa o texto falado prototípico, em que o discurso é planejado muito próximo de sua produção. O ponto B, por sua vez, representa o texto escrito prototípico, em que há um completo planejamento antes de sua apresentação. Apresentação seria o momento em que o receptor acessa o texto.

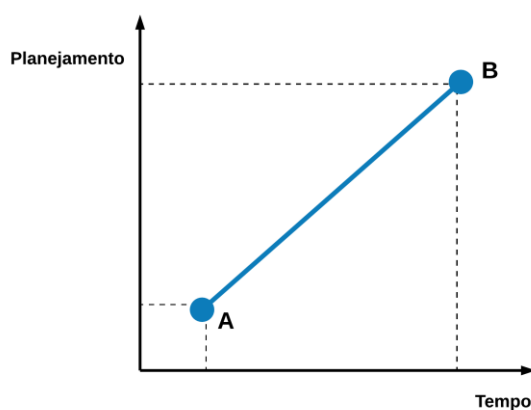


Figura 4 - Escala de planejamento textual: extraído de Souza (2021, p. 20)

A linha azul entre os pontos A e B representa os textos híbridos ou mistos, isto é, aqueles posicionados mais ao centro de um contínuo entre fala e escrita. É

notável que o ponto A não seja representado na exata junção dos eixos, pois considera-se que, sem um mínimo de planejamento, não há discurso. O gráfico da figura 4 considera, portanto, que, quanto mais **tempo** uma pessoa tiver disponível, mais aprofundado será o **planejamento** de seu texto.

Considerando a definição de texto trazida por Souza (2021), penso que um tradutor ou um intérprete tem como parte de seu trabalho a produção textual: seja de um texto escrito ou falado. O esquema de planejamento textual proposto por este autor tira o foco da discussão do suporte do texto (se é escrito ou falado) e coloca em evidência o **tempo** disponível para seu **planejamento**.

Como salientei, o **tempo** disponível para a entrega do produto final é um critério que permeia as diversas categorias elencadas por Rodrigues (2018), além de se fazer presente na categoria **instantaneidade**, considerada por Saulo de Souza (2010) como inerente à interpretação. No trabalho de Rodrigo de Souza (2021), o tempo aparece novamente, mas atrelado ao planejamento textual. Gile (2004, p. 12) também mencionou o tempo como principal diferença entre processos de tradução e interpretação. Em decorrência de se ter mais ou menos tempo disponível para o planejamento textual, uma série de outras questões técnicas acontece, como, por exemplo, poder ou não consultar outras fontes de informação.

Os tradutores têm horas, dias, semanas ou mais para lidar com os problemas que surgem, enquanto os intérpretes têm apenas segundos ou minutos (dependendo se trabalham em modo simultâneo ou consecutivo). Geralmente, durante a tradução, os tradutores também podem consultar várias fontes de informação, incluindo textos de referência impressos e eletrônicos, colegas e especialistas no campo relevante. Os intérpretes não podem fazer isso, exceto possivelmente para dar uma olhada em um glossário ou documento que eles tenham na cabine de interpretação à sua frente, enquanto estão interpretando, sob o risco de perder parte do discurso recebido (ver Gile 1995b).¹⁴ (GILE, 2004, p. 12, grifo meu)

¹⁴ Em inglês, no original: “Translators have hours, days, weeks or longer to deal with problems that arise, whereas interpreters only have seconds or minutes (depending on whether they work in the simultaneous or in the consecutive mode). Generally, while translating, translators can also consult various sources of information, including printed and electronic reference texts, colleagues and experts in the relevant field. Interpreters cannot, except possibly for a glance at a glossary or a document they have in the interpreting booth in front of them, while they are interpreting, at the risk of missing part of the incoming speech (see Gile 1995b).”

Assim, a equação tempo e planejamento textual parece ser um caminho para elucidar as diferenças entre tradução e interpretação de maneira a contemplar as línguas de sinais.

2.3

Análise do processo a partir do produto e o uso de recursos multimodais para solucionar problemas de tradução

Assim como acontece na presente investigação, o trabalho de Severino (2022) entende que o **processo** realizado pelo tradutor revela-se na investigação de seu **produto**. Seu objetivo é buscar nas traduções que analisa (produto) evidências do processo que as gerou. Ele salienta que, contrariando o senso comum, nem todos os sujeitos surdos conseguem acessar todos os gêneros escritos, porque as línguas orais frequentemente configuram-se como uma segunda língua para estes sujeitos, e porque há variados graus de bilinguismo mesmo entre surdos sinalizantes (SEVERINO, 2022, p. 23). Deste modo, traduções de textos escritos para Libras contribuem para o letramento das pessoas (surdas ou não) nos mais diferentes gêneros textuais nessa língua, proporcionando autonomia especialmente a surdos sinalizantes.

Severino (2022) traz também algumas reflexões sobre as diferenças entre tradução e interpretação, embora este não seja o foco principal de seu trabalho. Segundo ele, tem sido comum a confusão de nomenclaturas no trabalho com Libras e língua portuguesa, especialmente na designação do profissional:

Embora não seja meu objetivo discutir terminologia, observo que comumente, no contexto da tradução e da interpretação português-Libras, à atividade profissional são feitas referências do tipo “tradutor-intérprete”, “tradutor/intérprete” ou mesmo “tradutor intérprete” sem a devida distinção, o que parece indicar, por exemplo, alguma confusão ou falta de clareza a respeito das características particulares de cada uma das atividades. (SEVERINO, 2022, p. 27)

É claro que há algumas semelhanças entre ambas as atividades, como, por exemplo, a necessidade de uso da memória durante o processo (SEVERINO, 2022). Quanto às diferenças, ele menciona alguns critérios que já considerei anteriormente a partir de outros trabalhos, como a possibilidade de, na tradução, interromper a tarefa e retomá-la posteriormente; a possibilidade de consultar outros materiais de

referência a qualquer tempo; e o acesso ao texto-fonte na íntegra desde o início do processo, permitindo sua repetição quantas vezes o profissional desejar. Na interpretação, as decisões precisam ser tomadas em frações de segundos, sem possibilidades de revisão, em um ritmo de trabalho completamente diferente. O autor também menciona que os profissionais precisam fazer uso de competências e habilidades diferentes quando se trata de tradução ou de interpretação. Além disso, tipicamente, o produto gerado por uma tradução seria um registro permanente, resistente a longo prazo, diferentemente da interpretação, cujo produto é efêmero (SEVERINO, 2022, p. 28-29).

Outro ponto central para a distinção entre as atividades tem relação com o aspecto da permanência do registro. Na tradução, o produto do trabalho dos tradutores e das tradutoras será materiais que serão publicados, impressos ou de algum modo apresentarão um registro permanente e, por esse motivo, resistirão a longo prazo, ao passo que o produto da interpretação é efêmero, encerrando-se ao final da conferência, atendimento ou de qualquer outra situação de interpretação específica, salvo naquelas ocasiões em que, fazendo uso da tecnologia, as interpretações sejam gravadas — o que não vai impactar no processo de trabalho, como ocorre na tradução. (SEVERINO, 2022, p. 27)

Portanto, quanto ao registro, o autor traz a ressalva de que novas tecnologias hoje permitem que interpretações sejam gravadas, gerando, assim, registros permanentes. No entanto, seja qual for o registro do produto gerado (efêmero ou permanente), ele isoladamente não define que se trata de tradução ou de interpretação, porque não impacta no processo de trabalho. Logo, o processo e suas condições sociocognitivas precisam ser o foco das definições.

Severino (2022, p. 29) aponta que, em geral, o tradutor trabalha de maneira mais isolada que o intérprete. Um tradutor trabalha horas sozinho em frente a um computador, consultando outros colegas esporadicamente e a distância. A interpretação, diferentemente, acontece em duplas ou equipes com previsões de trocas de turno entre o intérprete atuante e o intérprete de apoio ou concabino, nos casos de interpretação simultânea em cabines.

O autor também considera, baseado em trabalhos de outros autores, que no serviço público, essa realidade pode ser diferente porque os tradutores não necessariamente trabalhariam isolados. No entanto, embora uma tradução nesses espaços envolva diversos profissionais, como relatado em Galasso *et al.* (2018) e Carneiro, Vital e Souza (2020), Severino e Carneiro (2021), isso não exclui a

possibilidade de que alguma das etapas do processo tenha de acontecer de maneira mais isolada. Por exemplo, dentre as etapas descritas por Carneiro, Vital e Souza (2020), o estudo do material, a decupagem, a tradução, a revisão, a edição e a conferência podem acontecer de maneira isolada, com consultas esporádicas a um ou outro colega, conforme a necessidade.

Em meu trabalho como tradutora de Libras no serviço público, na maior parte do tempo estou trabalhando sozinha em frente a um computador. Embora a etapa de filmagem em si envolva diversos profissionais trabalhando juntos, não é isso que acontece na maior parte do tempo. Por isso, tem sido um desafio para mim explicar para outras pessoas no meu departamento como um estágio de observação de tradução pode ser mais tedioso para os alunos do Letras-Libras do que um estágio de observação de interpretação costuma ser. Geralmente se tem em mente a observação da etapa de filmagem das traduções, momento em que vários profissionais estão trabalhando juntos e, de fato, muitos aspectos podem ser observados. Porém os dias de gravação em si são muito menos frequentes do que os dias de preparação para ela, que fluem de maneira isolada e silenciosa.

Mas, no contexto das línguas orais, o cenário parece estar mudando, pois existem hoje grandes projetos de tradução, que necessitam de comunicação constante entre os diferentes tradutores envolvidos, os revisores e gerentes de projeto (SEVERINO, 2022, p. 29-30). Assim, por todas estas razões, o trabalho isolado ou em equipe parece não ser um critério que, por si só, possa definir tradução ou interpretação. Ou, caso este seja um critério levado em conta nas definições, certamente deve ter menos relevância em relação a outros critérios definidores.

Uma outra questão levantada por Severino (2022, p. 30), até então não considerada pelos autores que já mencionamos, diz respeito à recepção. Um tradutor não tem como acompanhar diretamente a recepção de sua tradução pelo público. Muitas vezes, eles nem chegam a ter informações sobre isso. Os intérpretes, diferentemente, podem observar a reação do público enquanto realizam seu trabalho (SEVERINO, 2022, p. 30). Há casos de exceção quanto a isso, como, por exemplo, transmissões ao vivo no YouTube que contam com interpretação simultânea em Libras: nestes casos, o intérprete muitas vezes está posicionado em frente a uma câmera realizando sua interpretação, e sem acesso às reações do público que está assistindo a seu trabalho naquele momento.

Além disso, baseado em Cavallo e Reuillard (2016), o autor menciona que tradução e interpretação exigem cargas cognitivas diferentes, que vão implicar em prazos e níveis de estresse distintos (SEVERINO, 2022, p. 30-31). Pondero que os prazos seriam, na verdade, a **causa** de diferentes cargas cognitivas e níveis de estresse, e não a consequência ou implicação. Como explicado por Souza (2021), quanto maior o tempo disponível (prazo), maior o nível de planejamento textual. Na interpretação, o tempo de planejamento textual é muito mais curto do que na tradução e, por isso, há uma carga cognitiva e estresse maior.

O trabalho de Gile (2009) ficou famoso por abordar a sobrecarga cognitiva do intérprete. É dele o Modelo dos Esforços, que considera que, na interpretação simultânea, estão envolvidos os esforços de escuta e análise do texto-fonte, memorização da informação (com uso da memória de curto-prazo) e produção do texto-alvo, além do esforço de coordenar todos os esforços mencionados, buscando equilibrá-los. Severino (2022, p. 31) informa que, na introdução de seu artigo em português de 2015, Gile acrescenta que em uma interpretação envolvendo línguas de sinais, mais esforços poderiam estar envolvidos, como o de autogestão do espaço e de interação com receptores surdos, além de um componente espacial mais forte no esforço de memorização do que se teria no trabalho entre línguas orais. Um dos pressupostos do trabalho de Gile (2009) é o de que o intérprete trabalha, na maior parte do tempo, próximo à saturação — o que ficou conhecido como a hipótese da “corda bamba”.

Considerando as contribuições de Gile (2009), pode-se atribuir à interpretação níveis maiores de estresse e carga cognitiva. No entanto, não podemos deixar de mencionar que o trabalho de Gile (2009) sofreu diversas críticas. Weininger (2022), por exemplo, apontou que Gile se baseava numa concepção tradicional de interpretação simultânea e de equivalência¹⁵. É preciso considerar que omissões nem sempre são erros, mas são, muitas vezes, estratégias intencionais.

O autor explica falhas na qualidade de interpretação (que ele entende principalmente como erros e omissões) pela sobrecarga em um dos quatro esforços. O modelo de esforços de Gile não diferencia os processos mentais complexos que ocorrem na decodificação e codificação simultânea em outro idioma e as interferências entre eles, parcialmente pelo fato de que neurociências ou processamento da linguagem não é a área dele e porque a metodologia experimental

¹⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre o conceito de equivalência e suas implicações, recomendamos a leitura de Severino (2022, p. 40-46).

de sua pesquisa foca na análise do produto da interpretação a partir do qual ele tira suas conclusões sobre as limitações do processo, sem entrar em detalhes do processo em si. (WEININGER, 2022, p. 44)

Além disso, penso que o esforço de “interação com receptores surdos”, considerado por Gile (2009) como específico dos intérpretes de línguas de sinais, poderia ter um equivalente “interação com o público receptor” para intérpretes de línguas orais. Essa não seria, portanto, uma especificidade da interpretação em línguas de sinais, mas, sim, da interpretação comunitária. Via de regra, na interpretação de conferências, seja qual for a modalidade das línguas envolvidas, os profissionais não interagem com o público. Na interpretação comunitária, diferentemente, tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais, a interação com os participantes faz parte do processo.

Severino (2022, p. 32) salienta que marcar as diferenças entre tradução e interpretação não implica em considerar uma ou outra atividade melhor. A confusão entre as especificidades de cada processo é comum, especialmente no trabalho envolvendo a Libras, e, por isso, é necessário trazer conceitos mais esclarecedores.

Ocorre que, constantemente, um mesmo profissional precisa se dividir tanto em atividades de interpretação quanto de tradução o que, em alguns casos, acarreta confusão por parte das chefias como também por parte de alguns profissionais a respeito de quais sejam as especificidades de uma e outra atividade. (SEVERINO, 2022, p. 33)

Assim, a formação de profissionais deveria abarcar as diferenças entre tradução e interpretação, de forma que os próprios profissionais tenham clareza neste sentido, podendo garantir ou “minimamente fomentar melhores condições de trabalho que irão impactar positivamente na qualidade do serviço oferecido e, consequentemente, contribuir para a categoria” (SEVERINO, 2022, p. 33). O aprofundamento destas questões, visa, portanto, a melhores condições de trabalho para os profissionais, e produtos de melhor qualidade sendo oferecidos aos clientes.

Segundo Severino (2022, p. 23), as considerações de Wurm (2010) sobre o contexto britânico aplicam-se ao contexto brasileiro atual: há pouco treinamento específico para **tradutores** entre línguas orais e línguas de sinais. A formação tem se concentrado na interpretação (SEVERINO; CARNEIRO, 2021), mesmo com práticas emergentes de tradução para língua de sinais. Talvez seja esta a razão pela

qual diversos profissionais, quando solicitados a realizar uma tradução para Libras, mesmo tendo tempo disponível para um planejamento textual mais minucioso, optem por realizar uma interpretação simultânea filmada.

Desse modo, é importante argumentar que, quando não é marcada a diferença, ocorre que clientes e, em alguns casos, até os próprios colegas de profissão ainda pensem que é tudo a mesma coisa, que basta alguém ler um texto que, automaticamente, alguém começa a sinalizar diante de uma câmera e tem-se, desse modo, um texto traduzido. Porém, como visto ao longo das discussões desenvolvidas neste capítulo, à medida que foram apresentadas pesquisas que mostram as etapas de um trabalho de tradução, fica observado que elas podem se assemelhar, por exemplo, às etapas da tradução editorial por sua complexidade. Diante do exposto, depreende-se, portanto, que tradução não se trata simplesmente do registro em vídeo de uma interpretação. (SEVERINO, 2022, p. 38)

Severino (2022, p. 37) também menciona que, diante disso, no par linguístico Libras-Português, parecem ser necessárias formações diferenciadas, uma direcionada à tradução, distinta de outra focada em interpretação. Mas isso ainda não ocorre de maneira expressiva no contexto brasileiro. As reflexões do presente trabalho podem lançar bases para futuros desdobramentos úteis à formação de tradutores e intérpretes de Libras, seja em formações separadas ou conjuntas, mas que possibilitem atenção especial às diferenças entre processos translatórios e melhores formas de atender a cada demanda solicitada.

Para a minha pesquisa, interessa também a contribuição de Severino (2022, p. 89) quanto aos recursos de multimodalidade usados como soluções de tradução. Multimodalidade não tem relação com modalidades de língua (orais-auditivas ou gesto-visuais), ou com modalidades de interpretação (consecutiva, simultânea ou sussurrada), mas sim com modos semióticos: diferentes meios de fazer sentido trabalhando juntos, como a fala e o gesto, a escrita e a imagem, entre outros. O termo surgiu na década de 1990, com estudiosos de diferentes áreas do conhecimento de maneira independente. Depois de apresentar alguns autores que falaram sobre este assunto, Severino (2022) resume as premissas do termo da seguinte maneira:

Portanto, acrescento que os pesquisadores chamam atenção para três aspectos que destacam como sendo premissas-chave da ideia de multimodalidade. São eles:

I. O sentido é constituído por meio de diferentes recursos semióticos em que cada um deles poderia oferecer não só potencialidades como também limitações diferentes;

II. O significado é construído envolvendo a produção do que chamam de totalidades multimodais e

III. Caso queiramos estudar o significado, é fundamental reconhecer todos os recursos semióticos que contribuem para formulação de um todo completo. (SEVERINO, 2022, p. 91-92)

Severino (2022) faz algumas ressalvas, dizendo que nem todos os autores que tratam do conceito de multimodalidade trabalham com a ideia de construção de significados, e que a terminologia usada pode variar a depender da formação disciplinar; por exemplo: há autores que preferem “recurso semiótico” em vez de “modo”.

Segundo Severino (2022, p. 94), objetos multimodais estão presentes em diferentes culturas e períodos históricos, não sendo, portanto, uma novidade. O interesse acadêmico pela intersecção entre diferentes modos de fazer sentido também não é inaugurado pelo conceito de multimodalidade, mas é anterior a este. No entanto, Baptista (2015) explica que o crescente uso de tecnologias digitais na atualidade coloca em evidência a maneira como a multimodalidade se apresenta. Isso vai ao encontro da proposta de Diniz e Carneiro (2021) de uma virada multimodal nos Estudos da Tradução, justificada pela “mudança na percepção do status do que é língua, escrita, registro, unidade de tradução e função da tradução para públicos específicos” (DINIZ; CARNEIRO, 2021, p. 101). A ideia de viradas no campo dos Estudos da Tradução é explicada por Snell-Hornby (2006), que afirma ter havido mudanças significativas de paradigmas no campo a partir do contato com outras disciplinas.¹⁶

Baptista (2015) também explica que o uso de outros recursos semióticos, além da linguagem verbal, nas interações sociais tem retirado a centralidade da linguagem verbal dessas interações. Cabe salientar, neste ponto, que as línguas de sinais são linguagens verbais. Mas seu registro em vídeo possibilita o uso de diversos recursos multimodais que podem ser explorados com mais facilidade.

Severino (2022) observou que, em traduções para Libras, recursos multimodais podem ser utilizados intencionalmente pelos tradutores como forma de solucionar problemas de tradução. Em sua análise, ele identificou recursos multimodais como ditos populares que apareciam escritos em tela, em português,

¹⁶ Assim como Severino (2022) recomendou, também recomendo a leitura de Snell-Hornby (2006) para um aprofundamento nas viradas nos Estudos da Tradução.

apresentando itens culturalmente marcados, e linhas de tempo que marcavam períodos cronológicos. Também foram encontrados mapas e tabelas que apareciam em tela nos vídeos em Libras. Para ele, sem a presença de tais recursos, “seria dispendioso e contraproducente traduzir cada um dos números, nomes e demais informações de tabelas ou descrever países um a um” (SEVERINO, 2022, p. 157-158).

Esta intencionalidade no uso de recursos multimodais como soluções de tradução parece ser o que a teoria da demanda e controle aponta como controle. Dean e Pollard (2001 *apud* BARBOSA, 2020, p.15) definiram **demand** como os requisitos de um trabalho, que incluem aspectos ambientais e tudo que atua sobre o profissional que irá lidar com tais demandas. O termo **controle** foi definido por eles como o poder do sujeito de agir sobre as demandas, seja tomando decisões, alterando o ambiente ou fazendo uso de recursos e habilidades que o auxiliem. O impacto das demandas combinado aos recursos de controle disponíveis ao sujeito pode prever o nível de satisfação ou estresse no trabalho desse sujeito. Deste modo, o profissional que tem liberdade para procurar soluções de tradução no uso de recursos multimodais tem maior controle sobre a demanda, no caso, tem em mãos uma forma, favorecida pelo registro em vídeo, de solucionar problemas de tradução.

Como é esperado que traduções sejam fruto de um planejamento textual maior (em relação à interpretação), é possível que traduções registradas em vídeo tenham um uso consciente de recursos multimodais para a solução de problemas de tradução. Em comparação, pode ser que, em interpretações, mesmo nas registradas em vídeo, recursos multimodais só sejam pensados *a posteriori* (ou ainda, que não sejam considerados como uma possibilidade), sendo menos explorados como soluções de problemas tradutórios.

2.4

Classificações não baseadas no registro e o processo translatório

Assim como o trabalho de Souza (2021) contribui para pensar fala e escrita de maneira menos dicotômica, Munday (2016) mencionou que tradução poderia ser considerada uma classificação baseada na ideia do que é mais ou menos

prototípico. É possível, então, elencar características principais e deixar manifestações menos prototípicas na periferia (HALVERSON, 1999 *apud* MUNDAY, 2016, p. 10).

Otto Kade havia feito, em 1968, uma distinção bastante cuidadosa entre esses processos que, segundo Snell-Hornby (2006, p. 28), é ainda insuperável:

Tradução: a apresentação de um texto na língua de partida que foi preservado (por escrito) e, portanto, está permanentemente disponível ou pode ser repetido à vontade em um texto na língua de chegada que pode ser verificado a qualquer momento e pode ser corrigido repetidamente.

Interpretação: a apresentação de um texto na língua de partida que é apresentado apenas uma vez (em geral oralmente) em um texto na língua de chegada que só pode ser verificado de forma limitada e que, devido à falta de tempo, dificilmente pode ser corrigido.)¹⁷ (KADE, 1968, p. 35 *apud* SNELL-HORNBY, 2006, p. 28).

Apesar de apresentar um comparativo abrangente entre os processos, o trabalho da década de 1960 não ganhou a devida importância. Snell-Hornby (2006, p. 28), em uma nota de rodapé, menciona, por exemplo, que a *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* traz como única referência para uma comparação entre tradução e interpretação um trabalho de Gile sobre interpretação simultânea. Nele, embora alguns outros elementos sejam mencionados, como o tempo disponível para o profissional refinar sua produção, a diferenciação continua ancorada na dicotomia fala *versus* escrita. Kade é mencionado na *Encyclopedia* apenas por seus tipos de equivalência textual.

Otto Adolf Wenzel Kade, nascido em 28 de março de 1927 em Frýdlant, na atual República Tcheca, foi um estudioso da área de tradução, professor, linguista e também tradutor. Junto aos pesquisadores Gert Jäger e Albrecht Neubert, foi um importante representante da escola de Leipzig, e começou a aplicar a teoria funcionalista que se iniciava à tradução (BARBOSA, 2020, p. 18-19). Faleceu em

¹⁷ Em alemão e inglês, no original: “Übersetzen: die Translation eines fixierten und demzufolge permanent dargebotenen bzw. beliebig oft wiederholbaren Textes der Ausgangssprache in einen jederzeit kontrollierbaren und wiederholt korrigierbaren Text der Zielsprache.

Dolmetschen: die Translation eines einmalig (in der Regel mündlich) dargebotenen Textes der Ausgangssprache in einen nur bedingt kontrollierbaren und infolge Zeitmangels kaum korrigierbaren Text der Zielsprache. (1968: 35)

(Übersetzen (translation): the rendering of a source-language text that has been preserved (in writing) and is hence permanently available or can be repeated at will in a target-language text which can be checked any time and can be repeatedly corrected.

Dolmetschen (interpretation): the rendering of a source-language text which is presented only once (usually orally) in a target-language text which can only be checked to a limited extent and which due to lack of time can hardly be corrected.)”.

2 de novembro de 1980, na Alemanha, aos 53 anos. Pöchhacker (2004, p. 10) resgatou essas definições de Otto Kade, apontando como elas escapam da dicotomia oral *versus* escrita e conseguem abarcar manifestações menos típicas de interpretação.

Os dois componentes presentes na distinção dada por Kade são: 1. texto-fonte integralmente disponível (tradução) ou apresentado uma única vez (interpretação); 2. possibilidade de verificação e revisão do texto-alvo a qualquer momento durante o processo (tradução), ou essa possibilidade sendo limitada pela pressão de tempo de uma produção mais imediata (interpretação) (CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020, p. 139).

Segundo Weininger (2022, p. 49), Kade também cunhou o termo **translação** para englobar tanto processos de tradução quanto de interpretação, de uma maneira mais geral. Neste trabalho, adotarei também esta denominação.

2.5

Fronteiras borradas entre os conceitos

Um trabalho mais recente de Pöchhacker (2018) demonstra como as novas tecnologias e práticas envolvendo línguas de sinais desafiam os conceitos já estabelecidos de tradução e interpretação. O foco do autor é mais voltado para interpretação, mas suas contribuições alcançam ambas as atividades.

Pöchhacker (2018) inicia seu texto dizendo que pretende abordar o conceito de interpretação de maneira mais **intensional** (com “s”). “Intensional” no português está relacionado à intensidade; para Pöchhacker, é a busca por especificar quais seriam os requisitos intrínsecos da interpretação. (Em oposição, um conceito extensional indicaria todos os objetos possíveis de serem alcançados pelo significado de um conceito.) O trabalho inicia com a seguinte definição de interpretação:

(...) a interpretação pode ser caracterizada de forma mais completa como uma atividade em que um indivíduo bilíngue possibilita a comunicação entre usuários de duas línguas diferentes ao fornecer de imediato uma tradução fiel do que foi dito. Essa definição (intensional) especifica as condições necessárias e suficientes para categorizar uma atividade particular de uso da linguagem como interpretação, a

saber: agente **humano**, competência **bilíngue**, tarefa **interlingual**, desempenho **imediat** e renderização **fiel**.¹⁸ (PÖCHHACKER, 2018, p. 46, grifo do original).

Pöchhacker (2018, p. 46) lista cinco critérios que julga serem definidores de uma interpretação, que seriam: 1. o agente **humano**; 2. a competência **bilíngue**; 3. a tarefa **interlingual**; 4. o desempenho **imediat**; e 5. a renderização **fiel**.

É notável a menção à fidelidade como um critério importante. Tymoczko (2014[2007]) explicou que a questão da fidelidade nas definições de tradução já foi discutida em diferentes abordagens, como nos trabalhos de Hermans (1996, 1999 *apud* TYMOCZKO, 2014[2007]), e de Chesterman e Arrojo (2000 *apud* TYMOCZKO, 2014[2007]), tendo o último resultando em um debate de dois anos. Pöchhacker (2018) reconhece o extenso debate em torno do termo, mas considera que, para os propósitos da discussão que ele pretende fazer, esse não é um tema controverso — talvez em razão de o debate já ter sido feito anteriormente nos Estudos da Tradução.

Ao longo do trabalho, Pöchhacker (2018) traz diversos exemplos de novos contextos, trazidos pelas novas tecnologias e pelas práticas envolvendo línguas de sinais, que desafiam esses critérios por ele elencados. O autor afirma que o papel da escrita na interpretação permanece incerto porque existem fenômenos tradutórios que envolvem escrita e estão relacionados à interpretação. Ele apresenta, então, uma matriz com formas mais ou menos típicas de interpretação, como ele denomina, que apresentamos abaixo na tabela 3, traduzida para o português.

Texto-fonte ↓ Texto-alvo →	Escrito	Falado (oral)	Sinalizado
Escrito	tradução	tradução à prima vista	tradução em língua de sinais
	<i>transterpreting</i>	interpretação à prima vista	“interpretação ao vivo preparada”

¹⁸ Em inglês, no original: “interpreting can be characterised more fully as an activity in which a bilingual individual enables communication between users of two different languages by immediately providing a faithful rendering of what has been said. This (intensional) definition specifies the necessary and sufficient conditions for categorising a particular language-use activity as interpreting, namely: **human** agent, **bilingual** competence, **interlingual** task, **immediate** performance, and **faithful** rendering.” (PÖCHHACKER, 2018, p. 46, grifo do original)

Falado (oral)	<i>projected interpretation</i>	interpretação	interpretação (voz para sinais)
Sinalizado	tradução em língua de sinais	interpretação (sinais para voz/versão voz)	interpretação

Tabela 3: Matriz de modalidades de interpretação (e de tradução) — Traduzido e adaptado de Pöchhacker (2018, p. 47)

Transterpreting (transterpretação) seria uma tradução ao vivo de mensagens de bate-papo escritas, partindo da escrita para a escrita. *Projected interpretation* (interpretação projetada) seria um termo cunhado em 1990 para quando um intérprete transforma uma mensagem falada oralmente em um texto escrito que é projetado para que o público possa lê-lo em sua própria língua.

Sobre a matriz, Pöchhacker diz que as três células que marcamos em cinza claro seriam as mais inusitadas, por envolverem formas de interpretação que resultam em textos-alvo escritos. No entanto, quanto à última das células em cinza, penso que uma “tradução em língua de sinais”, que parte de sinais para a língua escrita, é tipicamente um processo de tradução, e não de interpretação. O próprio nome que designa a prática: tradução (e não interpretação!) em língua de sinais evidencia isso.

A interpretação à prima vista ou tradução à prima vista são consideradas por Pöchhacker (2018) como formas híbridas, e a nomenclatura (se seria tradução ou interpretação) foi discutida anteriormente por Čeňková (2015 *apud* PÖCHHACKER, 2018, p. 48). Seu correlato em língua de sinais seria a “interpretação ao vivo preparada” (“*prepared live interpretation*”): quando um texto escrito é processado em língua de sinais de forma mais imediata, com preparação prévia.

Para Pöchhacker (2018), este último caso trata-se claramente de um caso híbrido. Sendo um correlato em língua de sinais à tradução ou interpretação à prima vista, julgo que aplicam-se a ele as mesmas reflexões que outros autores fizeram para essa prática envolvendo línguas orais. Irei abordar essas reflexões na seção 3.1. Por ora, cabe registrar que Chen (2015) entende a tradução à prima vista como um caso de exceção, que atende a necessidades muito específicas, e que não deva ser adotado como padrão quando essas especificidades não existem.

Pöchhacker (2018) considera algumas práticas intralinguais que ainda poderiam ser consideradas interpretação. Ele menciona como exemplos de práticas

intralinguais os serviços *speech-to-text* (da fala para o texto) ou serviço de legendas ao vivo. Este é um serviço geralmente oferecido para surdos e ensurdecidos, mas que também beneficia os ouvintes, ajudando-lhes em ambientes de muito ruído sonoro. Um dos motivos para considerar essas práticas é o fato de que a nomenclatura adotada para elas em inglês ora inclui o termo “interpretação”, ora não inclui — talvez pela indefinição quanto à natureza dessa prática.

Discordo de Pöchhacker (2018) neste sentido, porque não considero que práticas intralinguais possam ser consideradas interpretação, não em uma definição intensional, como é a proposta do autor. Ainda que Jakobson (2003[1959]) tenha expandido o conceito de tradução para práticas intralinguais e intersemióticas (ou seja, dado uma definição **extensional**), seu trabalho considerava como “tradução propriamente dita” (p. 65) aquela que trabalhava entre línguas diferentes. Além disso, a proposta de Pöchhacker (2018), e a minha, é trazer uma definição **intensional**, e não extensional como fez Jakobson (2003[1959]). Munday (2016, p. 10) afirma que o foco dos Estudos da Tradução tem sido as práticas interlinguais.

Assim, penso que alguns dos critérios elencados por Pöchhacker (2018, p. 46) como necessários para delimitar o que seria uma interpretação parecem ter mais peso ou mais importância do que outros. A **competência bilíngue** e a **tarefa interlingual** parecem ter importância crucial para uma definição intensional dos processos. Por isso, para os propósitos deste trabalho, a manutenção do requisito da **interlingualidade** é imprescindível, dado que o foco principal na análise do *corpus* é a tradução do português para a Libras: duas línguas, portanto. Consequentemente, será exigido do profissional a **competência bilíngue**.

No entanto, mais uma vez, práticas da comunidade surda desafiam os limites que pareciam sólidos: quando há um discurso em português oral sendo interpretado para Libras por uma equipe mista de intérpretes surdos e ouvintes, pode-se dizer que os intérpretes surdos realizam um trabalho interlingual?

Pöchhacker (2018) considerou essa questão como um argumento de natureza sensível para a comunidade surda, e, por isso, inquestionável.

Embora nenhum termo especial tenha sido proposto para essa tarefa de processamento sinais-para-sinais, que é intralingual e intramodal, parece inquestionável, **talvez também devido à natureza sensível do argumento na comunidade Surda**, que a paráfrase ou reexpressão feita por intérpretes Surdos na

modalidade viso-gestual pode ser considerada como uma forma de interpretação.¹⁹ (PÖCHHACKER, 2018, p. 53-54, grifo nosso).

Em termos de pesquisa científica, porém, acredito que nada é inquestionável. Mas também considero a dificuldade de trazer delimitações conceituais diante de práticas que desafiam tais limites. Seria necessário embasamento para afirmar que surdos interpretando um discurso oral para uma língua de sinais, em uma equipe composta de surdos e ouvintes, estariam realizando uma interpretação **interlingual**. Porque, se eles não ouvem, não estão, portanto, acessando o discurso original em português oral como insumo para sua interpretação. Por outro lado, se assumo que o trabalho deles, feito a partir do relé de colegas ouvintes, ou mesmo a partir de legendas ao vivo elaboradas por outras pessoas, é **intralingual**, como Pöchhacker (2018, p. 53-54) o fez, terei de supor que existem práticas de interpretação intralinguais que não podem ser excluídas do que seria “interpretação propriamente dita” no contexto das línguas de sinais. Têm sido cada vez mais comuns equipes de intérpretes intermodais compostas por surdos e ouvintes.

Neste sentido, proponho que se possa considerar que existem interpretações feitas em **duas etapas**. Pöchhacker (2018, p. 52) menciona casos em que há mais de um profissional envolvido em fazer com que a mensagem chegue àqueles que precisam de interpretação. Seria o caso das legendas ao vivo para a TV, por exemplo. Ele menciona que duas pessoas que falavam em inglês tiveram suas falas interpretadas de forma simultânea em uma transmissão ao vivo de uma TV austríaca. A interpretação simultânea era comprimida e digitada por outra pessoa para aparecer na forma de legendas. O caso é interessante por ser um procedimento realizado por duas pessoas: uma responsável por cada etapa. Interpretação relé também é realizada em duas etapas por dois profissionais diferentes, geralmente para cobrir uma combinação de idiomas que não é oferecida por um único intérprete, mas este caso de legendas ao vivo é peculiar porque uma das etapas envolve transcrição, e não tradução. Essa é uma forma muito usual na atualidade

¹⁹ Em inglês, no original: “Though no special term has been proposed for this intralingual as well as intramodal sign-to-sign processing task, it seems to be unquestioned, perhaps also due to the sensitive nature of the argument in the Deaf community, that the paraphrasing or re-expression done by Deaf interpreters in the visuogestural modality can be regarded as a form of interpreting.” (PÖCHHACKER, 2018, p. 53-54)

em que o produto final de uma interpretação é escrito, mesmo sendo essa escrita feita por outra pessoa.

Do mesmo modo, pode ser considerado que a interpretação de relé realizada por surdos a partir de interpretação de colegas ouvintes continua sendo uma prática **interlingual**, mas que está sendo realizada em duas etapas: a primeira é feita por um intérprete ouvinte, e a segunda, por um surdo. A segunda etapa pode ser entendida como uma revisão da primeira, feita em curtíssimo espaço de tempo, conferindo ao processo um **refinamento** maior do que a interpretação realizada sem esta segunda etapa.

Para Pöchhacker (2018, p. 53) é discutível se legendas intralinguais não seriam uma forma de tradução. Elas dão acesso ao conteúdo audiovisual na modalidade escrita, geralmente para surdos e ensurdecidos, mas também podem ser úteis para ouvintes em situações ruidosas ou como auxílio para variantes linguísticas desconhecidas do público. Ele também menciona que as nomenclaturas para essa atividade ora incluem interpretação, ora não incluem esse termo, talvez por incerteza quanto se, de fato, trata-se de interpretação ou não, uma vez que são intralinguais. Penso que, justamente por tratar-se de uma tarefa intralingual, não estaria mais no campo da interpretação ou da tradução, ao menos não em definições intensionais.

Mas, novamente, o autor conecta tal prática intralingual ao processo de interpretação realizado por intérpretes surdos. Assim como o transcritor precisa decidir sobre sinais de pontuação, por exemplo, intérpretes surdos, utilizando o relé de um intérprete ouvinte, “(...) produzem uma 'interpretação' simultânea que é otimizada para as necessidades particulares dos usuários surdos (ver, por exemplo, Boudreault, 2005)”²⁰ (PÖCHHACKER, 2018, p. 53).

A pesquisa de Pöchhacker (2018) pode trazer em suas reflexões a sensação de haver mais perguntas do que respostas, mas isso certamente abre novos caminhos de investigação e pesquisa.

Quanto ao **imediatismo**, Pöchhacker (2018, p. 48-49) refere-se à natureza espaço-temporal da tarefa: a interpretação é realizada sem perda ou intervalo de tempo. Ainda assim, sempre há algum intervalo de tempo: menor na interpretação

²⁰ Em inglês, no original: “(...) produce a simultaneous ‘interpretation’ that is optimised for particular deaf users’ needs (see, e.g., Boudreault 2005)”.

simultânea, e maior na consecutiva, quando o público tem de esperar que o orador conclua um trecho de fala para que o intérprete inicie seu trabalho. Isso já torna a definição um tanto imprecisa. Mas a dimensão *espacial*, a comunicação face a face, torna esse critério de imediatismo ainda mais confuso em nossos tempos. Em decorrência da pandemia de COVID-19, tornaram-se ainda mais frequentes encontros e reuniões por videochamadas, em que os participantes não estão no mesmo espaço físico. Diversas *lives* foram realizadas com interpretação simultânea para línguas de sinais, e permaneceram disponíveis na internet depois que a transmissão ao vivo foi encerrada. Deste modo, mesmo uma situação que seria de interpretação, especialmente pela característica de imediatismo (quase sem intervalo de tempo), geraria um registro permanente (do mesmo modo que uma tradução escrita gera). Neste novo cenário, Pöchhacker (2018, p. 49) considera que a comunicação permanece **imediata**, mas não **mediada** (sem mediação).

Considerando todas essas questões, ele dá uma definição bastante aberta de interpretação:

A interpretação é então concebida como compreensão imediata da mensagem-fonte e reformulação do conteúdo semântico orientada ao usuário com o objetivo de produzir um texto-fonte que possa atender às necessidades de usuários particulares em um determinado contexto sociocultural, institucional e situacional.²¹ (PÖCHHACKER, 2018, p. 58)

A definição é aberta ao ponto de incluir práticas até mesmo intralinguais. Portanto, dada a dificuldade de uma definição menos aberta, ele apresenta um modelo em círculos concêntricos, considerando a existência de formas prototípicas e outras menos prototípicas de interpretação. No círculo interno, estariam as formas mais prototípicas e, nos círculos mais distantes, formas cada vez menos prototípicas, consideradas periféricas. Isso é ilustrado na figura 5, abaixo.

²¹ Em inglês, no original: “Interpreting is then conceived of as immediate source-message comprehension and user-oriented reformulation of semantic content for the purpose of producing a TT that can serve the needs of particular users in a given sociocultural, institutional, and situational context” (PÖCHHACKER, 2018, p. 58)

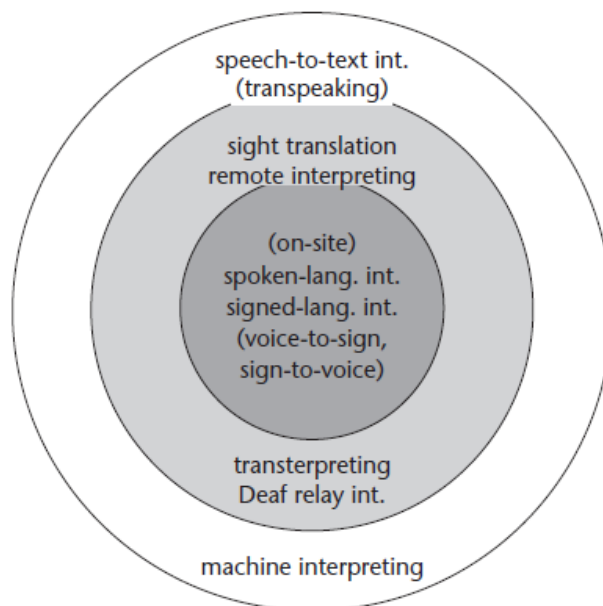


Figura 5 - Modelo de círculos concêntricos do território conceitual da interpretação: extraído de Pöchhacker (2018, p. 60).

O autor chama a atenção ainda para as zonas fronteiriças no modelo, mostrando que esses limites entre uma zona e outra estão sempre borrados. Saliento que esse modelo proposto contempla apenas a interpretação, que é o interesse maior desse autor. O meu interesse em definir mais precisamente os conceitos de tradução e interpretação resulta em um interesse maior pela tradução.

Pensando nas interpretações realizadas ao longo da história humana, Pöchhacker (2018, p. 57) pondera que exigências profissionais nem sempre existiram, e não são elas que definem, portanto, o que é interpretação ou não. Suas reflexões buscaram mapear para onde os limites conceituais, até então estáveis, do que seria interpretação podem agora estar movendo-se.

Pesquisadores acadêmicos, no entanto, precisam conhecer seu objeto de estudo e seus limites, principalmente se a abordagem pretende ser interdisciplinar. Para isso, Pöchhacker (2018, p. 60) afirma a importância de que os pesquisadores estejam com a consciência aguçada para os desenvolvimentos sociais relacionados à tradução, e que também não reivindiquem autoridade para emitir julgamentos finais, acima dos interesses de outros grupos sociais. Este é o desafio.

3

Processos híbridos ou tipos intermediários

Segundo Pöchhacker (2004, p. 10), as definições tradicionais de tradução e interpretação, que já mencionei anteriormente neste trabalho, seriam problemáticas também por tornarem difícil explicar manifestações menos típicas de interpretação. Essa foi a denominação que ele deu para o que estamos chamando de processos híbridos, por guardarem algumas características de interpretação e também de tradução. Gile (2004) nomeou tais casos de tipos intermediários, dando como exemplo a tradução à prima vista (em inglês, *sight translation*), sobre a qual nos deteremos a seguir. Neste trabalho, usarei processos híbridos ou tipos intermediários de forma intercambiável.

Não pretendo esgotar todas as possibilidades de processos híbridos, pois novas nuances podem surgir em diferentes contextos. Como já mencionei, o trabalho de Pöchhacker (2018) fez menção a diversos processos híbridos com características singulares, que borram as fronteiras entre definições já estabelecidas e trazem novas reflexões. Mas busquei trazer exemplos envolvendo línguas orais e línguas de sinais, pensando em suas características e usos. Carneiro (2021) afirma que, na área de interpretação, as pesquisas sobre práticas em línguas orais trazem importantes contribuições para os estudos sobre interpretação em línguas de sinais, e vice-versa. Acredito que o mesmo seja verdade para os estudos relacionados à atividade de tradução. Por isso, trarei exemplos que, apesar de se mostrarem híbridos, podem ajudar a entender melhor as definições de cada uma dessas atividades (de tradução e de interpretação).

Antes de mencionar os processos híbridos, quero tecer algumas considerações sobre uma prática que parece estar se tornando usual entre profissionais de Libras e que chamo de **interpretação filmada**. Muitas vezes o profissional, ao receber uma demanda de tradução, estuda o texto-fonte da mesma forma que se prepararia para uma interpretação; e, para o momento da filmagem, o texto-fonte, sem alterações, é lido para que, a partir da leitura, o profissional realize sua interpretação diante da câmera. O resultado deste processo geralmente é divulgado como tradução, mas, penso eu que não se trataria mais de uma tradução, e sim, de interpretação, só que filmada. Esta prática motivou muitas reflexões desta pesquisa.

Não pretendo abordar a interpretação em língua de sinais filmada como se fosse um processo híbrido. Uma interpretação em Libras que é registrada em vídeo poderia ser considerada um processo híbrido se, e somente se, estivesse baseada nas definições tradicionais, pois, apesar de ser produzido com imediatismo, o produto final estaria em registro permanente. No entanto, este trabalho busca trazer definições cujo critério diferenciador entre os processos translatórios não seja o registro do produto final. Embora minha análise seja feita a partir do **produto** de uma translação, busco nele características que apontem para o **processo**. Deste modo, uma interpretação que foi filmada não deixou de ser uma interpretação **apenas** por ter seu produto em um registro permanente. Não há razões, portanto, para considerar que uma interpretação filmada seja um processo híbrido em vez de apenas um processo de interpretação.

Quando um conteúdo precisa ser apresentado em uma língua de sinais, e há **tempo** hábil para um planejamento textual menos imediato, não há razões que justifiquem prescindir de um processo típico de tradução e optar por filmar uma interpretação²². O produto final de uma interpretação filmada e de uma tradução registrada em vídeo podem ser parecidos (ambos geram vídeos em Libras), mas as premissas, os objetivos e os processos são diversos.

Apesar disso, a prática de interpretação filmada tem sido muito comum entre profissionais de Libras, mesmo quando os prazos permitem a escolha de outros processos translatórios. A interpretação filmada costuma ser divulgada como tradução, e isso demonstra como a confusão entre os processos translatórios pode se refletir em práticas profissionais, além de apontar para a necessidade de atenção a este tema em cursos de formação de profissionais.

Embora esta seja uma prática muito usual em Libras, penso que para os objetivos de registro permanente em vídeo, especialmente quando a necessidade de transformar um texto escrito para vídeo em Libras traz consigo mais tempo até a

²² Faço aqui uma ponderação importante. Há algumas situações em que não existe a possibilidade de um processo típico de tradução ser realizado. É o caso de transmissões ao vivo, por exemplo. Não me refiro a esses casos. Também não me refiro aos casos em que o texto de origem só é disponibilizado ao intérprete minutos antes de seu trabalho ser filmado — não restando tempo hábil para qualquer planejamento mais elaborado ou refinamento do texto-alvo. Nessas situações, a interpretação simultânea não só é um recurso adequado à demanda, como torna-se o único processo possível. Refiro-me, porém, aos casos em que é possível realizar um processo de tradução, de fato, mas, em geral, o processo escolhido tem sido o de interpretação.

entrega do produto final, uma interpretação filmada não seria o processo mais adequado. Segundo Pöchhacker (2018), uma tradução seria preferível neste cenário:

Quanto mais tempo estiver disponível, mais cedo o modo preferido de transferência de idioma mudará para formas de tradução, como locução preparada, que permite a reprodução da fonte, bem como a correção do texto na língua-meta.²³ (PÖCHHACKER, 2018, p. 50)

Portanto, quando há tempo disponível para um maior planejamento textual, o componente imediatismo, que é um dos critérios que Pöchhacker se propõe a analisar como componente essencial de processos de interpretação, desaparece. Se há tempo disponível para um planejamento textual não imediato, torna-se possível realizar um processo mais próximo de uma tradução típica.

Dito isto, na próxima seção trago algumas reflexões sobre tradução à prima vista, buscando abarcar também línguas de sinais, e, na seção seguinte, o caso de tradução-interpretação, apontado por Silvério *et al.* (2012) como híbrido.

3.1

Tradução à prima vista

O primeiro exemplo que trago é a tradução à prima vista, que seria caracterizada por uma tradução oral de um texto escrito. Em termos de registro, neste processo o *input* (isto é, o texto-fonte) é escrito, mas o *output* (texto-alvo) é oral.

Sampaio (2022) faz uma interessante revisão bibliográfica e um panorama geral da tradução à prima vista, denominado por ela de TrPV. A autora foi a primeira a escrever sobre esta atividade no Brasil (SAMPAIO, 2007 *apud* SAMPAIO, 2022, p. 94). O trabalho também traz um levantamento bibliográfico de publicações sobre o tema a partir da segunda metade do século XX, apontando para um crescimento considerável das pesquisas sobre TrPV nos últimos anos, embora pouco expressivo ainda.

²³ Em inglês, no original: “The more time is available, the sooner the preferred mode of language transfer shifts to forms of translation, such as prepared voice-over, which allow for replaying of the source as well as correction of the target-language text.”

A tradução à prima vista é definida como um processo híbrido por diversos autores, por ser um produto oral que parte da escrita.

As definições que prefaciam a literatura da área, por vezes, enfatizam a **natureza híbrida** da TrPV: “A tradução à vista é uma tradução oral de um texto escrito. Desse modo, é um híbrido de tradução e interpretação” (MIKKELSON, 1994, p. 381)⁷, ou: “Na fronteira entre tradução e interpretação, a tradução à vista (TV) surge como um fenômeno híbrido e um tanto inexplorado, usado em vários contextos e com diferentes definições” (AGRIFOGLIO, 2004, p.43). E ainda: “Uma vez que o processamento tanto de informações orais quanto visuais está envolvido, a tradução à vista pode ser definida como um tipo específico de tradução escrita, assim como uma variante de interpretação oral” (LAMBERT, 2004, p. 298). (SAMPAIO, 2022, p. 95-96, grifo do original)

Vemos novamente processos sendo definidos em termos de registro do produto, neste caso, um processo sendo considerado híbrido por abarcar registros orais (texto-alvo) e escritos (texto-fonte).

No entanto, o esforço cognitivo também precisa ser levado em conta, pois a atividade demanda concentração constante. Neste sentido, Gile (2009) escreveu sobre o Modelo dos Esforços aplicado à TrPV. Segundo o levantamento de Sampaio (2022 p. 97-98), diversos autores apontam para a complexidade da tarefa, cuja carga cognitiva não é menor do que a exigida para interpretação simultânea ou consecutiva.

A NBR 18841, norma que discorre sobre serviços de interpretação em geral, afirma explicitamente que esta é uma tarefa de intérpretes, e não de tradutores (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021). Por esta razão, alguns autores preferem a denominação **interpretação à prima vista**, como vimos ser o caso de Pöchhacker (2018).

Com relação a qualidade, Sampaio (2022) afirma, baseada em Angelelli (1999 *apud* SAMPAIO, 2022, p. 96) que uma boa TrPV deve dar a impressão de que o intérprete está simplesmente lendo um documento escrito na língua de chegada. Esta é uma evidência de que, quanto menos disfluências e hesitações forem apresentadas, maior é a qualidade percebida.

No levantamento bibliográfico feito por Sampaio (2022), o trabalho mais recente que traz um panorama geral sobre a tradução à prima vista é o de Chen (2015), sobre o qual faremos algumas considerações. O trabalho de Chen (2015), no entanto, não menciona línguas de sinais.

Pelas características que uma tradução à prima vista apresenta, que são também próprias de interpretação, há autores que a consideram como um tipo de interpretação simultânea, e não uma modalidade específica (CHEN, 2015, p. 144-145). No mercado de trabalho, situações de tradução à prima vista costumam acontecer durante uma interpretação simultânea, como quando um orador lê um trecho escrito em seus slides no meio de sua apresentação, e a interpretação do trecho é feita com base na leitura. Mas há também outros contextos em que a tradução à prima vista é praticada, como em reuniões comerciais com assinatura de contratos; interpretações em acompanhamento (passeios e visitas a museus e outros locais); em tribunais, com leitura de sentenças ou condições de fiança, entre outros documentos; ou em hospitais, quando há leitura de formulários de consentimento, registros médicos etc.

Segundo Chen (2015, p. 146-147), estudos apontam que a tradução à prima vista é uma tarefa mais difícil do que a interpretação consecutiva ou simultânea, em termos cognitivos. Em cursos de formação e treinamentos, a tradução à prima vista pode ser utilizada como uma ferramenta para estimular nos aprendizes o desenvolvimento de habilidades necessárias e úteis ao ofício de tradução e de interpretação, como, por exemplo, habilidades de leitura, de fragmentação de um texto, e de priorização do significado em relação à forma das palavras. Sampaio (2022, p. 97) caracterizou este uso como **função instrumental** (em oposição à **função comunicativa**).

Muitos tradutores profissionais usam a tradução à prima vista como uma ferramenta de auxílio à tradução. O profissional grava em áudio sua tradução à prima vista de um texto e, com o auxílio de *softwares* de reconhecimento de voz, faz uma transcrição. A partir dela, pode fazer revisões e correções até ter sua tradução concluída. Essa pode ser uma estratégia útil e eficiente para projetos de tradução com prazos muito curtos (CHEN, 2015, p. 145).

Como se trata de um processo híbrido, ou seja, que guarda características de uma interpretação apesar de partir de textos escritos, é esperado que o resultado de uma tradução à prima vista tenha omissões e disfluências, segundo Chen (2015, p. 148). Por isso, como auxílio a uma tradução escrita, deve ser apenas um primeiro passo, passando por um refinamento posterior.

Além disso, Chen (2015, p. 146-147) afirma que órgãos relacionados à interpretação em ambientes hospitalares nos Estados Unidos²⁴ não recomendam o uso de tradução à prima vista para conteúdos muito longos ou muito complicados, e também que o texto-alvo gerado nestes casos não seja publicado. Tais recomendações podem certamente aplicar-se à tradução à prima vista utilizada em contextos fora da área da saúde, pois apresentariam os mesmos desafios ao tradutor.

Essas recomendações parecem considerar que a tradução à prima vista supre necessidades muito específicas e casos de **exceção**, pois não se trata de uma tradução ou interpretação prototípica. Se trouxermos essas recomendações para situações que envolvem línguas de sinais, podemos concluir que processos análogos à tradução à prima vista em Libras (ou mesmo qualquer outra língua de sinais) também não devam destinar-se à publicação, salvo se forem utilizados como ferramenta para posterior revisão e refinamento antes da entrega final.

Pöchhacker (2018, p. 51) diz que a tradução à prima vista, assim comumente chamada, apesar de ter “tradução” no termo, é vista como parte do conjunto de habilidades que um intérprete deve ter. É, segundo ele, uma prática invisível porque geralmente o intérprete não é contratado especificamente para isso, mas acaba tendo de realizar tradução à prima vista em algum momento do trabalho.

A tradução à prima vista pode ser considerada um processo híbrido por razões que envolvem o **registro**: ela parte de um registro escrito para discursos orais, ou, no caso das línguas de sinais, pode-se considerar que parte da escrita para o discurso sinalizado; ou por ser uma atividade que é própria de intérpretes, incluída usualmente no treinamento formal de intérpretes, e exigindo habilidades própria de intérpretes (como, por exemplo, boa comunicação e expressão oral e rápida tomada de decisões, sob pressão de tempo), mas que parte da escrita. No entanto, penso que o registro do produto final, isoladamente, não é um critério definidor de um processo translatório, porque a forma de registro do produto final pode não trazer diferenças significativas para o processo. Por esta razão, considero que a tradução à prima vista é um processo híbrido, não por causa dos registros envolvidos (oral *versus* escrita), mas porque, quanto ao **tempo para o planejamento textual**, a TrPV enquadra-se em um tipo intermediário. Explico: em muitas situações, há mais tempo disponível

²⁴ Os órgãos mencionados pelo autor (CHEN, 2015, p. 146-147) são a *National Association of Judiciary Interpreters and Translators* (NAJIT) e o *National Council on Interpreting in Health Care* (NCIHC).

do que em uma interpretação simultânea típica, ou seja, é possível fazer uma primeira leitura silenciosa ou consultar rapidamente algum **auxílio externo** que o profissional tenha consigo antes da produção textual. No entanto, esse tempo também não é tão longo assim que permita refinar muito as escolhas tradutórias ou incluir etapas de revisão antes da entrega.

Há ainda outros critérios que podem ser observados na tradução à prima vista que a enquadram como um processo híbrido. Se observarmos o texto-fonte, temos características de um processo de tradução: ele está **disponível integralmente durante todo o processo**, podendo ser relido repetidas vezes. Não há nenhum imprevisto no texto-fonte: ele é o mesmo, estável, o tempo todo. Apesar disso, as **possibilidades de consulta** a dicionários ou outras fontes são possíveis, mas reduzidas, dada a pressão de tempo para a entrega do texto-alvo. A tabela 4 condensa essas características mencionadas, que tornariam este um processo híbrido.

Características próximas à tradução	Características próximas à interpretação
<u>Texto-fonte</u> integralmente disponível (sem imprevistos)	<u>Texto-alvo</u> produzido sob pressão de tempo (instantaneidade)
	Improvisações no <u>texto-alvo</u>
<u>Texto-fonte</u> pode ser revisado e repetido (relido) a qualquer momento durante o processo	Poucas oportunidades de revisão e correção do <u>texto-alvo</u>
	Busca por preparação (dependendo do caso, feita em curto espaço de tempo) antes da interpretação

Tabela 4: Características da tradução à prima vista que se assemelha a processos de tradução e de interpretação, quanto a texto-fonte e texto-alvo — Elaboração própria

Pöchhacker (2018, p. 48) menciona a “interpretação ao vivo preparada” (“*prepared live interpretation*”) como um correlato para a tradução à prima vista no caso das línguas de sinais. Considero que tradução à prima vista ou interpretação à prima vista são termos que podem se aplicar às línguas de sinais. Não vejo vantagem na criação de novos termos para uma mesma realidade, quando esta envolve línguas de sinais. Isso afasta pesquisadores dessas línguas de discussões importantes sobre fenômenos que acontecem entre línguas orais e entre quaisquer

línguas, porque termos específicos levam, equivocadamente, a pensar que certos fenômenos são específicos da comunidade surda, quando não são.

No departamento em que trabalho, há experiências de tradução à prima vista entre Libras e a língua portuguesa. Por vezes, os alunos entregam suas avaliações discursivas em Libras, registradas em vídeo. Para a correção dessas atividades, alguns professores ouvintes marcam horários com os intérpretes de Libras. Nesses encontros, é pedido que o intérprete assista ao vídeo uma primeira vez e, na segunda vez, produza uma interpretação em português oral do que está vendo no vídeo em Libras²⁵. Penso que este pode ser um processo análogo à tradução à prima vista, não apenas por ser uma interpretação oral que parte de um registro permanente (o vídeo), mas também porque o tempo que o profissional dispõe para o planejamento textual de sua translação é um pouco maior do que uma interpretação típica, mas também não tão longo quanto uma interpretação típica. Embora seja possível repetir o texto-fonte (que está em um registro permanente) durante o processo, sem alterações, não é possível refinar muito as escolhas tradutórias, pois não há etapas de revisão.

Uma outra situação que poderia ser considerada análoga à tradução à prima vista envolvendo a Libras e a língua portuguesa seria quando uma pessoa lê um texto curto (por exemplo, uma passagem bíblica, ou slides projetados à sua frente) enquanto sinaliza a sua tradução para um público específico, em determinada situação. Nesse caso, o sinalizante não pode manter o contato visual com o público, por usar a visão para ler o texto de partida.

Pöchhacker (2018), ao mencionar a interpretação ao vivo preparada, também aponta que trabalhar da escrita para a sinalização tende a exigir mais preparação e que a tarefa é mais semelhante a um processo de tradução que de interpretação. Novamente, considerar apenas o registro (neste caso, escrita *versus* sinalização) não parece ser suficiente para demarcar diferenças entre tradução ou interpretação, ou mesmo para marcar se é mesmo necessária mais preparação. A tarefa de tradução inclui o estudo do material, planejamento textual e consulta a

²⁵ Esta prática tem caído em desuso do Departamento de Letras-Libras, na UFRJ, especialmente após a pandemia de COVID-19, que havia trazido a experiência do ensino remoto emergencial. A criação de um setor específico para traduções no departamento possibilitou que avaliações como esta recebam uma tradução em português escrito em um tempo relativamente curto (o que, segundo Pöchhacker (2018), seria chamada “tradução em língua de sinais”, que parte de sinais para a escrita, um processo típico de tradução, portanto)

outros materiais. Preparação é um termo que se adequa ao contexto da interpretação. Ademais, considerando as tecnologias de registro de vídeos de que dispomos hoje, uma interpretação pode ser gravada, filmada ou transcrita com facilidade. Assim, ancorar definições de tradução *versus* interpretação no registro de seu produto final traz complicações. Somada a isso, a realidade da tradução e interpretação em línguas de sinais coloca em xeque distinções entre conceitos que sejam muito simplistas.

3.2

Tradução-interpretação: o caso de Silvério *et al.* (2012)

Um processo híbrido envolvendo a Libras é descrito por Silvério *et al.* (2012). O trabalho tinha por objetivo descrever um processo de tradução (típico, não híbrido) de um texto em português oral (gravado) para a Libras em vídeo. No entanto, analisando todo o processo, os autores concluíram que acabou ocorrendo um processo híbrido, denominado pelos autores de “tradução-interpretação”.

As etapas do processo descrito por Silvério *et al.* (2012, p. 4-6) consistiram em:

1. Estudo do material: o texto-fonte foi analisado e foi realizada uma busca terminológica, com especial atenção a termos técnicos, expressões idiomáticas e aspectos contextuais;

2. Transcrição do texto-fonte e registro, a partir de um sistema de transcrição em glosa, do texto-alvo pretendido: para isso, o texto-fonte foi dividido em pedaços ou blocos menores, como na figura 6. Os trechos em cinza correspondem a pedaços do texto-fonte. As linhas imediatamente abaixo (PT+numeração) correspondem à tradução pretendida e, abaixo destas (RT+numeração), alterações no texto-alvo pretendido feitas após a revisão estão marcadas em rosa.

F7	Trabalhamos pelo ensino superior público, gratuito de qualidade e principalmente por um espaço de diálogo da educação a distância com a educação presencial.
PT7	NOS* LUTAR4 COMBINAR2 QUE GRUPO FACULDADE* POSSÍVEL APONTAR1>1 #P-U-B-L-I-C-O APONTARV>2 GRATIS APONTARW>3 PERFEITO* ESTIMULAR* IMPORTANTE2 LOCALIZAR* EDUCAÇÃO-A-DISTÂNCIA2 LOCALIZAR* ENSINAR PRESENCIAR* TROCAR3
RT7	FOCO* LUTAR4 POR-QUE GRUPO FACULDADE* APONTAR1-1 #P-U-B-L-I-C-O APONTARV>2 GRATIS APONTARW>3 PERFEITO* TAMBEM PRINCIPAL1 QUE GRUPO EDUCAÇÃO-A-DISTÂNCIA2 XGRUPOX MAIS1 GRUPO ENSINAR PRESENCIAR* TROCAR3
F8	Essa integração entre as modalidades é visível principalmente no que diz respeito à possibilidades técnicas e pedagógicas que sejam inovadoras.
PT8	APONTAR1 TER GRUPO PROFESSOR* AJUDAR3 COISAS2 TER GRUPO TECNOLOGIA2 MATERIAL1 UNIR* AJUDAR4 TROCAR3
RT8	ENTAO* TROCAR3 IMPORTANTE2 POR-QUE POR-QUE TER TECNOLOGIA2 INTERNET3 COMPUTADOR1 COISAS2 UNIR* GRUPO PROFESSOR* PEDAGOGIA3 AJUDAR3 UNIR* POSSÍVEL AJUDAR4 TROCAR3
F9	Esse desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação implica em pesquisas muito proveitosas para a educação no nosso país.
PT9	APONTAR1 TECNOLOGIA2 GRUPO COMPUTADOR1 INTERNET3 INFORMAÇÃO* COMUNICAR1 POSSÍVEL PESQUISAR ENCONTRAR AJUDAR4 BRASIL ENSINAR DESENVOLVER
RT9	JÁ* XAPONTAR1>1X COMPUTADOR1 INTERNET3 MUNDO TROCAR3 INFORMAÇÃO* COISAS2 POSSÍVEL PESQUISAR AJUDAR4 BRASIL QUE ENSINAR DESENVOLVER
F10	Indo além de promover formação e inclusão, nosso compromisso se estende para provocação de mudanças nas práticas de ensino e aprendizagem.
PT10	CURSO VARIEDADE TAMBEM #I-N-C-L-U-S-A-O APROVEITAR EDUCAÇÃO-A-DISTÂNCIA2 PESSOA* POSSÍVEL ESTUDAR1 SOI NAO #C-E-A-D COMPROMISSO ESTIMULAR* MUDAR2 MENTE* ASPAS1 #E-D-U-C-A-C-A-O
RT10	SOI #I-N-C-L-U-S-A-O APONTARV>2 CURSO VARIEDADE #C-E-D SOI ESTIMULAR* SOI DIFERENTE2 #C-E-A-D PRINCIPAL1 QUE E* MENTE* MUDAR3 ASPAS1 #E-D-U-C-A-O

Diferenças no texto alvo final em relação ao projeto de tradução/ F – frases do texto fonte / PT – projeto de tradução/ RT – registro da tradução

Figura 6 - Transcrição do texto-fonte e anotações do texto-alvo pretendido: extraído de Silvério *et al.* (2012, p. 5).

3. Revisão e registros dos ajustes: após o registro em glosas ter sido discutido e revisado em conjunto pelos envolvidos na tradução, eram gravados vídeos da tradução pretendida. Esses vídeos ainda não eram o registro final, mas uma espécie de rascunho que visava registrar as decisões tradutórias tomadas, esperando que elas pudessem ser recuperadas mais facilmente no momento do registro final;

4. Filmagem da tradução pronta: apesar de todo o planejamento minucioso das etapas anteriores, na etapa final de filmagem o tradutor não tinha diante de si (enquanto estava sendo filmado) nenhum dos materiais gerados nas etapas prévias. Dessa forma, ao sinalizar em frente à câmera, o tradutor tinha de recorrer somente à própria memória para recuperar todo o planejamento feito nas etapas anteriores. Silvério *et al.* (2012, p. 6) trazem o relato da tradutora, que aponta os problemas dessa etapa final:

eu não consigo lembrar do que a gente combinou, e eu não consigo simplesmente escutar a frase e interpretar porque a minha preocupação é, tem que fazer o que combinou [...] Só que quando o **áudio** entra e como a gente fez constru- a gente inverteu algumas construções e tal, eu ficava desesperada, eu ficava assim, **eu tinha que pensar no que a gente combinou e escutar o áudio**. Eu não desprezava o áudio, mas também não consegui focar no áudio. Então minha cabeça tá assim: o que nós combinamos e o que o áudio tá dizendo. O que o áudio tá dizendo? Ah! **Eu tenho que voltar lá no que a gente combinou**. Por isso que às vezes dá arrependimento, eu começar a fazer o sinal e fazer outro, dá essa expressão que não condiz com o áudio original. Entendeu? (SILVÉRIO *et al.*, 2012, p. 6, grifo meu)

O trecho menciona que “entra um áudio”. Como não havia nenhum áudio sendo gravado nas etapas anteriores à filmagem, e o texto-fonte estava em português oral, pode-se concluir que o único material guia usado no momento da filmagem

final era o próprio texto-fonte bruto, ou seja, sem nenhuma alteração prévia que facilitasse o registro final da tradução. Por esta razão, a única forma de a tradutora recuperar o planejamento anterior diante da câmera era recorrendo à própria memória, o que traz um esforço a mais para a tarefa.

Dessa maneira, a tradutora buscava lembrar-se das decisões tradutórias tomadas previamente, nas etapas anteriores do processo, enquanto precisava estar atenta ao ritmo de fala do orador e também fazer uma correspondência de sentido. A pressão do tempo, tão própria de processos de interpretação, fez-se presente nesse contexto.

Contudo, percebeu-se que **somente o acesso à memória como forma de resgatar a tradução não foi um mecanismo eficiente** de recuperação para o registro final da tradução. O que ficou evidente foi que as marcas da oralidade presentes no TF [texto-fonte], no texto em fluxo, fez com que o tradutor re-elaborasse o TA [texto-alvo] a partir do acesso à tradução anteriormente proposta, a qual estava na memória, adaptando-a ao fluxo do TF e a pressão de tempo imposta pelo mesmo.” (SILVÉRIO *et al.*, 2012, p. 5, grifo meu)

Portanto, os pesquisadores apontaram que essa não é uma forma eficiente de resgatar a tradução planejada no momento do registro final da tradução, pois traz para o processo características típicas de interpretação, como a sobrecarga da memória e a pressão do tempo. O modelo dos esforços, proposto por Gile (2009), considera que a interpretação, especialmente a simultânea, exige que diferentes esforços cognitivos trabalhem simultaneamente.

Por isso, o processo descrito por Silvério *et al.* (2012) acabou mostrando-se um processo híbrido. Como este não era o resultado esperado, os autores avaliam que, para alcançar um processo que não seja híbrido, mas que configure uma tradução de fato, é necessário que o planejamento anterior esteja plenamente disponível ao tradutor no momento do registro final.

Uma língua de modalidade espaço-visual exige que o TA ao ser registrado, mesmo com a possibilidade de se realizarem edições, **esteja em sua versão final**. Isso pelo fato de que pequenas alterações, em um sinal, por exemplo, ou em uma expressão, demandam que os enunciados sejam inteiramente refeitos. Ainda que se queira apenas alterar uma expressão afirmativa para interrogativa, faz-se necessária a regravação de todo o enunciado onde essa expressão está. (SILVÉRIO *et al.*, 2012, p. 5-6, grifo meu)

Portanto, não basta fazer um planejamento prévio do texto-alvo pretendido se este planejamento não puder ser plenamente recuperado pelo tradutor-apresentador²⁶ quando este estiver diante da câmera, gravando o registro final. Para deixar o texto-alvo pretendido, em sua versão final, disponível ao tradutor no momento da filmagem final, é necessário que se dê a devida importância à preparação de um material guia, como abordarei no próximo capítulo.

Os pesquisadores apontam mais duas alterações que poderiam ter sido realizadas no processo proposto, visando a evitar um processo híbrido.

Para tentar restringir o processo às características de uma tradução, poderíamos: (1) **realizar a gravação trecho a trecho, considerando-se blocos de enunciados**, buscando-se eliminar a pressão do tempo, do texto em curso, sobre o processo e viabilizando a revisão; (2) buscar minimizar a influência do áudio sobre a tradução, **gravando a tradução em sinais sem o insumo do áudio**, editando e sincronizando, posteriormente, os TF e o TA. (SILVÉRIO *et al.*, p. 7, grifo meu)

Assim Silvério *et al.* (2012) concluem que, além de o texto-fonte ter sido dividido em blocos menores de enunciados, o texto-alvo deveria ter sido registrado também em blocos de enunciados, que seriam unidos em etapa de edição posterior. Ademais, a utilização do áudio original do texto-fonte como insumo para a filmagem final trouxe a pressão do tempo: o tradutor-apresentador se vê obrigado a seguir o ritmo de fala do orador. Por isso, os autores recomendam que esse áudio seja eliminado ou, ao menos, que sua influência sobre a tradução seja minimizada. Tais recomendações inevitavelmente nos levam a reflexões sobre a etapa de planejamento de uma tradução e, principalmente, um cuidado especial na preparação de um material guia, que abordarei no capítulo 5.

Antes disso, abordarei a questão da qualidade em processos de interpretação e de tradução.

²⁶ Carneiro, Vital e Souza (2020, p 149) usam a nomenclatura tradutor-apresentador para se referir ao tradutor que é registrado pela câmera no momento da filmagem final de uma tradução em vídeo.

4

Parâmetros de qualidade

Abordarei neste capítulo sobre parâmetros de qualidade em tradução e interpretação, segundo alguns autores. Retomarei estes parâmetros no capítulo em que farei a análise do corpus.

Segundo Gile (2004), a percepção de qualidade é uma área importante de pesquisa em tradução e interpretação.

Outra área também central de pesquisa em tradução e interpretação é a percepção de qualidade, ou seja, investigação sobre como os receptores do produto (o texto de destino ou a fala de destino) o percebem. Questões comuns são as normas de fidelidade (que desvios do texto/fala de origem são considerados "legítimos?") e sua variabilidade (ver, por exemplo, Gile 1999b), sensibilidade a erros e omissões, bem como a importância relativa de vários parâmetros de qualidade (qualidade da linguagem, fidelidade, comportamento profissional, etc.).²⁷ (GILE, 2004, p. 25).

Gile (2004, p. 25) também mencionou metodologias para a investigação da qualidade. Em geral, são aplicados questionários ou entrevistas, ou avaliadores podem realizar marcação de textos. Em tradução, a análise pode ser menos problemática porque ela gera registros permanentes: um texto escrito pode ser submetido a avaliadores. Na interpretação, o discurso transcrito pode perder elementos prosódicos. Ainda assim, Gile (2004) acredita que investigações sobre qualidade em tradução podem beneficiar a interpretação, e vice-versa.

(...) muito da reflexão e do desenvolvimento de métodos numa disciplina poderia se beneficiar de trabalhos e descobertas na outra, e a popularidade relativa dos estudos de percepção de qualidade no campo da interpretação de conferência poderia beneficiar o campo menos popular dos estudos de recepção na tradução, enquanto uma investigação séria da crítica de tradução poderia fornecer um bom subsídio para estudos sobre percepção de qualidade na interpretação²⁸. (GILE, 2004, p. 25)

²⁷ Em inglês, no original: "Yet another central research area for both translation and interpretation is that of quality perception, i.e. investigation into how receivers of the product (the target text or target speech) perceive it. Common issues are fidelity norms (what deviations from the source text/speech are considered „legitimate“?) and their variability (see for example Gile 1999b), sensitivity to errors and omissions, as well as the relative importance of various quality parameters (quality of language, fidelity, professional behavior, etc.)"

²⁸ Em inglês, no original: "(...) much of the reflection and the development of methods in one discipline could benefit from work and findings in the other, and the relative popularity of quality perception studies in the field of conference interpreting could benefit the less popular field of reception studies in translation, while serious investigation of translation criticism could provide good input for studies on quality perception in interpreting."

Para a minha pesquisa, uma questão importante é o fato de existirem produtos em Libras sendo divulgados como “traduções” quando, na verdade, são fruto de interpretação. É o que chamo de interpretações filmadas. Como demonstro neste capítulo, mesmo a interpretação que segue padrões de qualidade gera um produto final com menor refinamento e não pode ser equiparada ao produto de uma tradução. A interpretação tem menos tempo para ser produzida, se comparada a um processo de tradução. Sendo assim, vídeos em Libras que foram gerados por um processo de interpretação terão menor refinamento do que se tivessem sido gerados por processos de tradução. A qualidade, portanto, acaba tendo um caráter definidor na diferença entre tradução e interpretação, aliada, é claro, a outros parâmetros.

É claro que, muitas vezes, os prazos são extremamente curtos, de modo que não exista tempo hábil para qualquer revisão ou refinamento de escolhas. Isso não faz um processo translatório (tradução ou interpretação) melhor nem pior do que o outro. Mas é necessário que se pondere qual deles será mais adequado a cada demanda, e que o público ao qual o vídeo se destina tenha clareza quanto ao processo que foi empregado, ainda que não tenha os detalhes de toda a produção.

Por isso, me interessa neste trabalho diferenciar tradução de interpretação, a fim de oferecer ferramentas para que os profissionais possam identificar qual processo é mais adequado a cada demanda, de modo que possam oferecer serviços de qualidade. Por isso, julgo que seria oportuno apresentar algumas discussões sobre qualidade em tradução e interpretação antes de adentrar em minha análise.

4.1

Qualidade na tradução

Gouadec (2010) aborda o tema da qualidade em tradução no capítulo “Quality in Translation” no compêndio *Handbook of Translation Studies*. Nele, o autor aponta que a questão da qualidade diz respeito tanto ao produto final quanto ao serviço prestado. Mas qualidade pode ter diferentes significados para cada um dos diferentes agentes envolvidos no processo de tradução (cliente, tradutor, gerente de projeto, profissionais de editoração etc.).

Gouadec (2010) apresenta uma lista de pré-requisitos para uma tradução de qualidade, que atendam às expectativas de todos os envolvidos, considerando, é claro, que o tradutor seja competente e tenha um desempenho “normal”. A lista pressupõe que, se todas essas condições forem atendidas, o produto final terá boa qualidade. No entanto, Gouadec (2010, p. 271) pondera que acidentes e inesperados acontecem, mesmo em contextos em que todos os pré-requisitos são atendidos. Além disso, a garantia de qualidade frequentemente vem em segundo plano, porque todos os seus requisitos tornam o custo da tradução muito caro. Apesar disso, considerações sobre qualidade trazem boas contribuições, como pontua o autor:

Ainda assim, a insistência em requisitos de garantia de qualidade *a priori* é uma evolução bem-vinda das profissões de tradução e, sem dúvida, contribuiu muito para a melhoria das competências gerais dos tradutores e da qualidade geral das traduções.²⁹ (GOUADEC, 2010, p. 272)

Uma tradução de qualidade, segundo Gouadec (2010, p. 272), considera a forma e o conteúdo. O autor diz que, além de escolher qual a variante linguística e registro (formal ou informal) melhor se adequa a cada demanda, o tradutor também precisa ter clareza quanto aos objetivos de sua tradução, que pode ser:

I) **Tradução para fins de indexação:** informa o que é o documento;

II) **Tradução seletiva:** dá acesso a qualquer informação sobre um determinado item;

III) **Tradução sintético-sinóptica:** apresenta as principais ideias do documento, como a sinopse de um filme;

IV) **Tradução propriamente:** dá acesso ao conteúdo completo.

A avaliação de qualidade de uma tradução precisa considerar esses aspectos, que devem primeiro ter sido considerados pelo tradutor. Para Gouadec (2010) uma tradução de alta qualidade é aquela que é:

(...) fluente, eficiente, mais legível e ergonômica, pois tanto o conteúdo quanto a forma são mais do que adequados em dois aspectos, o primeiro sendo que o tradutor “melhorou o original” e o segundo sendo que ele adaptou forma e conteúdo para o público e destino particulares dentro do contexto conceitual-linguístico-cultural

²⁹ No original, em inglês: “Still, the insistence on *a priori* quality assurance requirements is a welcome evolution of the translation professions and has undoubtedly contributed greatly to the improvement of the overall competencies of translators and of the overall quality of translations”.

particular de recepção e uso da tradução por aquele público e destino.³⁰ (GOUADEC, 2010, p. 273).

Com essa definição em mente, fica claro o que deve ser buscado em uma tradução de qualidade, mas ainda se fazem necessários parâmetros mais objetivos que auxiliem avaliações. Gouadec (2010, p. 273) fornece alguns, organizados em quatro domínios principais, condensados na tabela 5.

Domínios	Descrição
Linguístico, estilístico, retórico e comunicativo	Diz respeito à legibilidade e usabilidade básicas
Factual, técnico, semântico, cultural	A tradução deve ser verdadeira, exata, e estar em conformidade com a gramática, com as questões técnicas e com o contexto cultural
Ergonômico e funcional	É um critério mais simples, em que se decide se uma tradução funciona ou não
Congruência do material traduzido com o original	Paralelismo entre original e tradução

Tabela 5: Domínios aos quais a qualidade na tradução está relacionada. — Elaboração a partir de Gouadec (2010, p. 273)

O quarto domínio, marcado na tabela 5 em cinza, é o único que pode não ser útil a todo e qualquer material, pois pode haver mudança de meio (por exemplo, quando o original é texto escrito e a tradução é apresentada em vídeo, como é o caso de traduções para Libras), lacunas entre a cultura de partida e de chegada e diferentes características do público-alvo da tradução e do público-alvo do original. Situações deste tipo podem resultar em pouco paralelismo entre original e tradução, segundo Gouadec (2010).

Para cada um desses domínios (cf. tabela 5), podem-se atribuir níveis de qualidade, como por exemplo: (a) aceitável, (b) bom e (c) excelente. Ademais, os domínios também podem subdividir-se em parâmetros. O domínio linguístico, estilístico, retórico e comunicativo, por exemplo, pode ser dividido em: gramática, pontuação, sintaxe, registro, estilo, formato, coerência, coesão, fluência. O autor

³⁰ No original, em inglês: “(...) fluent, efficient, most readable, and ergonomic in that both contents and form are more than adequate on two counts, the first one being that the translator “improved on the original” and the second one being that s/he adapted form and content to the particular public and destination within the particular conceptual-linguistic-cultural context of the reception and use of the translation by that public and destination.”

menção ainda subdivisões até mesmo desses parâmetros (pontuação pode incluir, por exemplo, hifenização), com fins de oferecer mais granularidade.

Esses são alguns critérios apresentados pelo autor que auxiliam na avaliação da qualidade nas traduções. O autor ainda afirma que o ideal seria que um sistema de avaliação de qualidade incluísse formas de rastrear as causas de possíveis falhas e deficiências, permitindo corrigir os procedimentos que deram errado. Embora Gouadec (2010) não indique nenhuma forma de fazer esse rastreamento, isso nos indica que, ao avaliar a qualidade de uma tradução como **produto**, não devemos perder de vista a tradução como **processo**, pois é no processo que se podem fazer ajustes para que novas traduções sejam produtos de qualidade. Isso traz também, e principalmente, contribuições para a formação de tradutores. As traduções realizadas por aprendizes poderiam ser submetidas às mesmas avaliações de qualidade destinadas a traduções profissionais, talvez com algum grau maior de tolerância para aprendizes, se necessário. Assim, os objetivos do ensino estariam mais explícitos para os estudantes. Acrescento que, com isso, seria possível aos estudantes relacionar os procedimentos adotados no processo com o resultado final de uma tradução.

4.1.1

Norma NBR ISO 17100 para serviços de tradução

A Organização Internacional de Padronização (*International Organization for Standardization* — ISO) é uma organização internacional independente, não governamental, que desenvolve padrões de qualidade relevantes para o mercado. É composta por representantes de organizações nacionais de padronização, de países membros.³¹ Seu objetivo é desenvolver padrões internacionais de qualidade.

Durante muito tempo, não havia um padrão ISO específico para serviços de tradução, por isso, o Comitê Europeu de Padronização (*European Committee for Standardization* — CEN) criou a EN 15038 em 2006, que, segundo Gouadec (2010, p. 271), era um compêndio do que deveria ser feito tanto pelo contratante quanto pelo tradutor e prestador de serviços para a garantia de qualidade na tradução.

³¹ Mais informações sobre os requisitos para países se associarem como membros, estrutura da ISO e detalhamento de seus objetivos estão disponíveis no estatuto das ISO. Disponível em: <https://www.iso.org/files/live/sites/isoorg/files/archive/pdf/en/statutes.pdf> Acesso em: 04 dez. 2022.

Segundo essa norma, por exemplo, toda tradução deve ser revisada por outra pessoa que não seja o próprio tradutor. E os revisores também devem ter experiência em tradução no assunto em que estiverem revisando (LINGUAVOX, 2022). A ISO 17100, específica para serviços de tradução, foi criada em maio de 2015 e, com isso, a EN 15038 foi retirada pelo Comitê Europeu.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), foro nacional de normalização, é o representante da ISO em território brasileiro, e se empenhou em publicar uma versão em português da norma ISO para serviços de tradução, que é a NBR ISO 17100 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022).

A NBR ISO 17100 não inclui serviços de interpretação, e também não engloba o uso de tradução automática seguida de uma pós-edição. A norma inclui alguns padrões mínimos, e considera que interpretação refere-se à comunicação oral ou sinalizada, sendo somente a forma escrita atrelada à tradução.

Diferentemente do que propõe a Linguística Textual, como vimos no trabalho de Souza (2021), a ISO não considera que textos possam não ser escritos, pois no item 2.3.4 afirma que texto é o conteúdo na forma escrita. Apesar disso, admite, no item 2.1.2, que a tradução pode estar baseada em outros formatos diferentes da escrita, como, por exemplo, um arquivo de áudio.

É importante salientar que normas ISO não têm valor de lei ou regulamentação legal, mas refletem práticas que já vinham sendo usuais e viáveis no mercado com fins de assegurar a qualidade do serviço prestado. Prestadores de serviços que seguem a norma são reconhecidos pela sua preocupação com a qualidade.

Para os fins deste trabalho, importa que, apesar de os conceitos adotados na norma não contemplarem algumas discussões que estou trazendo (por exemplo, ao atrelar texto à escrita exclusivamente, ou, ao considerar outros suportes para um texto, não mencionar o vídeo como uma possibilidade), a ideia de que a tradução é um processo com várias etapas de revisão, que acontecem antes da entrega do produto final, ajuda a diferenciar a tradução da interpretação.

A NBR ISO 17100 explicita que, para uma tradução de qualidade, são necessárias várias etapas de revisão, sendo a primeira chamada de checagem ou conferência, realizada pelo próprio tradutor antes da entrega de seu trabalho. Após

a conferência, é necessária uma revisão copidesque, realizada por outro profissional que não seja o mesmo que realizou a tradução. O revisor copidesque é aquele que examina texto-fonte e texto-alvo, buscando adequação ao propósito acordado para aquela tradução e a eliminação de possíveis erros. Segundo a norma, o revisor deve ter, além das mesmas competências e qualificações do tradutor, experiência de tradução ou de revisão no assunto do texto em questão. Antes da entrega para o cliente, também deve ser feita uma verificação final, que é uma análise atenta do texto-alvo para garantir que o produto atende às especificações acordadas com o solicitante.

Dependendo do projeto de tradução, podem ser adicionadas duas etapas opcionais de revisão, entre a revisão copidesque e a verificação final. Essas etapas opcionais seriam a análise crítica e a leitura de prova, sempre feitas nessa ordem quando as duas etapas existirem, uma vez que ambas são opcionais.

A análise crítica deve ser feita por um especialista no assunto de que trata o texto, com qualificação ou experiência na esfera de conhecimento, atividade ou campo disciplinar ao qual o texto traduzido se inscreve. Essa etapa avalia a adequação do conteúdo na língua-alvo, sem observar o texto-fonte.³²

A leitura de prova é uma leitura atenta do texto-alvo para remediar defeitos e fazer correções, quando necessárias.

Saliento que somente a NBR ISO 17100 apresenta essas diferentes etapas do processo de tradução. A norma específica de interpretação, que apresentaremos na próxima seção, não divide a interpretação em etapas, como era de se esperar devido à diferença no processo da interpretação em relação à tradução. Isso se alinha a algumas categorias que diferenciam tradução e interpretação, trazidas pelos autores que mencionamos no capítulo 2. Rodrigues (2018) considerou que somente traduções podem ser fragmentadas em etapas, podendo ser interrompidas e retomadas em momento posterior. Ele também considerava a possibilidade de correção antes da entrega como algo exclusivo da tradução. Pöchhacker (2018) considerou o desempenho imediato como algo exclusivo da interpretação e, de fato,

³² Embora a norma se dedique a explicar esta etapa, entendendo-a como parte da tradução, embora seja opcional, o anexo F da NBR ISO 17110 descreve a análise crítica como um exemplo de serviço de valor agregado e, portanto, não inerente à tradução em si (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022).

não é possível realizar um desempenho imediato com várias etapas de revisão assim, sendo feitas por pessoas diferentes.

Todas essas etapas de revisão visam entregar um produto final bem acabado, refinado, considerando que o prazo de entrega do produto final de uma tradução, ainda que seja curto, sempre será maior do que nos casos enquadrados como interpretação. E é esperado que, quanto maior o tempo disponível até a entrega, maior seja o planejamento e refinamento do produto, como vimos em Souza (2021).

A NBR ISO 17100 explicita ainda algumas competências e qualificações necessárias aos tradutores (que são também requeridas dos revisores copidesque). São elas: competência em tradução, competência linguística e textual em ambas as línguas (língua-fonte e língua-alvo), competência em pesquisa, aquisição de informações e processamento, competência cultural em ambas as línguas, competência técnica e competência no domínio, que é a capacidade de entender e produzir o texto dentro do assunto que ele trata.

A norma recomenda ainda que todo o projeto de tradução seja devidamente registrado e documentado, e que essas informações sejam devidamente armazenadas ou descartadas, conforme acordado com o cliente. Alguns serviços, como localização, transcrição, transcrição, consultoria em línguas e cultura, pré-edição e pós-edição, legendagem, narração e análise crítica são descritos como serviços de valor agregado, ou seja, podem ser oferecidos junto à tradução, com acréscimo de seu devido valor, mas não são intrínsecos à tradução em si.

4.2

Qualidade na interpretação

O trabalho de Kalina (2012) discorre sobre qualidade na interpretação, apresentando as dificuldades de objetividade na área. As expectativas quanto à qualidade podem variar em diferentes contextos, segundo a autora, mas em sentido mais amplo, “a qualidade refere-se também à confiabilidade do intérprete, ao respeito aos princípios da ética profissional, à empatia e à fidedignidade”³³ (KALINA, 2012, p. 134).

³³ Em inglês, no original: “(...) quality also refers to interpreter reliability, compliance with principles of professional ethics, empathy and trustworthiness”.

Ela menciona que, na interpretação, em situações monológicas ou unidirecionais, a qualidade tem foco na produção do intérprete, em termos de conteúdo, linguagem usada e entrega (*delivery*). Em situações bidirecionais, o intérprete precisa, para entregar um serviço de qualidade, fazer uso de competências interacionais, pois muitas vezes ele tem um papel no gerenciamento dos turnos de fala.

Muitas vezes as partes envolvidas na interação não têm como julgar a qualidade do serviço, justamente por não terem o conhecimento das duas línguas envolvidas, o que os faz demandar serviços de interpretação. Porém, segundo Kalina (2012), se uma das partes não ficar satisfeita com o resultado do discurso, pode culpabilizar o intérprete. Por isso, distinguir a má interpretação daquela de boa qualidade não é tarefa simples. Segundo a autora, as preferências pessoais e julgamentos subjetivos de avaliadores com interesses diferentes podem afetar a objetividade de uma avaliação de qualidade. Estilos de interpretação podem ser preferidos ou preteridos dependendo do contexto sociocultural (KALINA, 2012, p. 135). A autora salienta, portanto, que uma avaliação de qualidade na interpretação estará sempre vinculada ao tempo, à cultura e ao contexto em que acontece.

Estudos sobre qualidade em interpretação de conferências focaram nas diferenças entre texto-fonte e texto-alvo em termos de coerência, precisão e fidelidade, completude e aceitabilidade (KALINA, 2012, p. 135). Portanto, é possível concluir que há uma etapa de cotejamento entre texto-fonte e texto-alvo nas avaliações de qualidade em interpretação.

Parâmetros linguísticos e prosódicos são muitas vezes preteridos em contextos intrassociais, em detrimento da sensibilidade cultural. Na interpretação jurídica, a expectativa de qualidade gira em torno de integridade, precisão e neutralidade. Em muitos países, no entanto, especialistas jurídicos entendem a interpretação como uma substituição de código, de forma que é esperado do intérprete uma interpretação palavra por palavra (KALINA, 2012, p. 136). No âmbito da saúde, a autora relata expectativa de precisão lexical e semântica por parte dos profissionais de saúde, enquanto os próprios intérpretes “incluem critérios como gestão do discurso, estratégias de troca de turnos, visibilidade e envolvimento como

características essenciais da qualidade”³⁴ (KALINA, 2012, p. 136). Tudo isso pode tornar os parâmetros de qualidade muito subjetivos.

Kalina (2012) menciona alguns fatores que podem influenciar a qualidade, e muitos deles estão fora do controle do profissional, como, por exemplo, restrições de tempo e condições de trabalho. A interpretação remota pode ser muito afetada pela qualidade dos equipamentos utilizados. Intérpretes de conferência relataram, segundo a autora, conseguir fornecer qualidade mais alta quando não estão fazendo uso de relé, mas, sim, interpretando diretamente.

Sobre línguas de sinais especificamente, a autora afirma que alguns fatores importantes para avaliação da qualidade seriam a visibilidade, adaptabilidade, clareza na sinalização, especialmente na soletração manual, e um conhecimento aprofundado da cultura surda. Mas ela também afirma que ainda existem poucas pesquisas sobre testes de qualidade na interpretação em língua de sinais (KALINA, 2012, p. 137).

Kalina (2012, p. 138) conclui seu trabalho dizendo que é esperado que formação adequada e sistemas de credenciamento e associações profissionais resultem em aumento na qualidade dos serviços prestados por intérpretes. Ela não apresenta, portanto, parâmetros objetivos e absolutos que auxiliem a avaliação, mas traz um panorama das diferentes expectativas relacionadas à qualidade.

Barbosa (2020) salienta que a expectativa do público-alvo de uma interpretação pode não ser o parâmetro mais adequado para avaliar a qualidade.

Os receptores, por sua vez, carregam consigo o senso comum de que o intérprete entregará a informação intacta, tal qual tenha saído do texto de partida. Acreditam que o ideal é a tradução literal ou tradução palavra por palavra, por ser a ideia mais difundida sobre o que é tradução/interpretação, desconhecendo os processos complexos descritos em Gile (1999) que a tarefa envolve, levando em consideração apenas a sua expectativa de receptor do texto de chegada e a ânsia em receber tudo o que está sendo dito na outra língua. (BARBOSA, 2020, p. 18)

O artigo de Weininger (2022, p. 43) focou na questão da qualidade, especificamente em se tratando de interpretação em Libras, trazendo também reflexões sobre quais seriam as mudanças necessárias para melhoria na qualidade. Ele apresentou os Modelo dos Esforços de Gile (2009), e as críticas como a de Pym

³⁴ Em inglês, no original: “[...] include criteria such as discourse management, turn-taking strategies, visibility and involvement as essential features of quality (cf. Jacobson 2009: 50).”

(2008 *apud* WEININGER, 2022, p. 45), que ponderou que nem todas as omissões são erros, mas podem ser estratégias intencionais para aliviar a sobrecarga cognitiva.

O trabalho também menciona fatores que podem afetar a qualidade na interpretação: o *status* e expectativas dos participantes da interação, complexidade e forma do discurso de partida, fatores situacionais como baixa visibilidade, ruídos ou calor, e também questões do próprio intérprete, que incluem sua experiência profissional, proficiência e atitude (KOPCZYNSKI, 1994 *apud* WEININGER, 2022, p. 45).

Expectativas de fidelidade são consideradas por Weininger (2022) como ultrapassadas, especialmente se esse for o parâmetro tido como primordial na qualidade em interpretação. Para muitos teóricos na área dos Estudos da Tradução e da Interpretação, atualmente, não se considera o texto-fonte como prioridade em relação ao texto-alvo. A linha funcionalista estabelece como prioridade, por exemplo, a funcionalidade do texto. Nord (1997 *apud* WEININGER, 2022, p. 49-50) propõe que se substitua a relação de fidelidade entre textos para uma relação de **lealdade** entre as pessoas envolvidas no processo (de tradução ou de interpretação). Tal proposta considera que os profissionais devem estar empenhados em apoiar e intermediar os interesses de todos os envolvidos na interação comunicativa, estabelecendo assim uma relação de confiabilidade para com emissor e receptor, e de responsabilidade para com o contratante.

Com base nisso, o autor considera que muitos códigos de ética e normatizações sobre interpretação não condizem com a complexidade da tarefa, especialmente aquelas marcadas por conflitos e relações muito assimétricas. Em se tratando de interpretação em Libras, a intermediação do intérprete não é apenas linguística, mas também entre diferentes formas de identidade (WEININGER, 2022, p. 54). Entendo que, ao mencionar identidades, o autor está tratando de intermediação cultural entre surdos e ouvintes, entre modos de ser surdo e de ser ouvinte, que são comunicados na interpretação. A intermediação cultural não é singularidade da interpretação entre Libras e língua portuguesa, nem mesmo da interpretação entre modalidades diferentes de línguas, mas essa reflexão aponta para a complexidade do processo translatório.

Uma observação interessante de Weininger (2022, p. 55) é com relação à posição física dos participantes e do intérprete durante a interação. Salas de aulas em que os alunos surdos posicionam-se todos juntos em um canto, com uma dupla de intérpretes à frente deles, mas de costas para o professor, tendem a gerar obstáculos à interação entre surdos e ouvintes. Esta seria uma “cúpula de vidro”, em que está estabelecida uma zona de conforto para os sinalizantes, por estarem todos juntos e próximos, interagindo mais entre si e sentindo-se mais seguros, mas, ao mesmo tempo, isolando-os de interagir mais ativa e frequentemente com o restante das pessoas na sala: os alunos ouvintes e o professor.

Do mesmo modo, interações no contexto da saúde ou em reuniões deveriam acontecer em uma configuração que permita que o sujeito surdo tenha em seu campo de visão tanto o intérprete quanto o orador, de forma que possa captar visualmente pistas prosódicas que enriqueçam a interação. Espera-se que os intérpretes transmitam também informações como as pistas prosódicas, mas quando o sujeito surdo pode visualizar também o orador, o trabalho do intérprete pode ser facilitado (WEININGER, 2022, p. 58-60).

É interessante observar como o posicionamento dos participantes do ato comunicativo pode afetar, positiva ou negativamente, o trabalho do intérprete. Weininger (2022, p. 60) recomenda que paradigmas ultrapassados, como o da neutralidade e da fidelidade, sejam substituídos por uma postura de assumir a responsabilidade pelo texto-alvo, de lealdade, dando lugar a uma gestão consciente da comunicação mediada por intérpretes.

4.2.1

Norma NBR ISO 18841 para serviços de interpretação em geral

Existem quatro normas ISO voltadas para serviços de interpretação:

- A norma ISO 13611, de 2014, com diretrizes específicas para interpretação comunitária;
- A norma ISO 20228, de 2019, sobre serviços de interpretação jurídica;
- A norma ISO/CD 23155, de 2020, com diretrizes voltadas para interpretação de conferências;

- E a ISO 18841, de 2018, que traz recomendações para serviços de interpretação de maneira mais geral.

Como o meu foco principal neste trabalho é a tradução, e não a interpretação, farei algumas breves considerações sobre esta última norma apenas, por entender que, sendo abrangente, ela engloba, em alguma medida, a interpretação comunitária, jurídica e de conferências, embora cada uma delas, obviamente, tenha suas peculiaridades.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), representante da ISO em território nacional, publicou em 2021 esta norma traduzida para o português, a NBR ISO 18841 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021). Embora a norma contemple línguas de sinais em suas definições, também diferencia tradução e interpretação em termos de fala ou escrita. A tradução oral à prima vista consta no escopo desta norma, explicitada como tarefa de intérpretes, e não de tradutores.

Para este trabalho, me interessa destacar que a norma NBR referente à interpretação não contempla etapas de revisão, como vimos na NBR 17100 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, , 2022), porque a tarefa de interpretação requer que o produto final seja entregue com menos tempo de planejamento do que uma tradução. No entanto, ainda há formas de assegurar a qualidade do produto, ainda que se saiba que ele terá menor refinamento, em relação à tradução. Uma das formas de se assegurar a qualidade na interpretação é a partir da qualificação profissional e experiência do profissional, bem como a adoção de protocolos.

Não há qualificações específicas para intérpretes, de maneira geral, na NBR 18841, porque a necessidade pode variar de acordo com o contexto (interpretação jurídica, ou na área da saúde etc.). Qualificações são aquelas que podem ser comprovadas com documentos e certificados. Mas a norma menciona sete competências mínimas necessárias ao intérprete, a saber:

- a. Competências gerais, como, por exemplo, ser proficiente nas duas línguas com as quais está trabalhando e dominar as várias modalidades e técnicas de interpretação, incluindo tradução oral a prima vista e a técnica de tomada de notas para interpretação consecutiva;

- b. Competências linguísticas, que incluem reconhecer diferentes sotaques e dialetos, habilidades de falar ou sinalizar, compreensão de leitura e compreensão auditiva. Embora a norma inclua interpretação em língua de sinais em seu escopo, não menciona “compreensão visual” ou algum equivalente para a compreensão auditiva quando se trata de entender uma mensagem proferida em língua de sinais. Esta competência, segundo a norma, também engloba questões próprias da interpretação em si, como o processamento da mensagem na língua-alvo mantendo características idiomáticas e rápida tomada de decisões linguísticas, sob pressão de tempo, que sejam apropriadas ao registro;
- c. Competências interculturais, que têm relação com a mediação entre diferenças culturais. Incluem saber abordar mal-entendidos, quando for apropriado, saber avaliar o significado de comportamentos, tom de voz e gestos e uma autopercepção, com objetivo de diminuir o próprio impacto e influências culturais;
- d. Competências técnicas: saber operar equipamentos técnicos com eficiência;
- e. Competência em pesquisa e aquisição de informações: saber usar fontes de informações de forma eficiente, com o objetivo de se preparar adequadamente para uma interpretação. Inclui ter experiência e saber utilizar bancos de dados, ferramentas de pesquisa on-line, etc.;
- f. Competência de domínio: semelhante à competência no domínio descrita na NBR 17100, sobre tradução, nesta norma esta competência inclui também o conhecimento de terminologia pertinente ao assunto e seus equivalentes na língua-alvo, comunicar-se de forma clara, saber monitorar e corrigir seu próprio trabalho, compreender as organizações e instituições envolvidas na prestação do serviço.

Ao comparar com as competências do tradutor, elencadas na norma sobre tradução, que já mencionei antes, percebo grande semelhança, especialmente nas nomenclaturas de cada uma. Não é mencionada uma “competência em interpretação” que pudesse ser paralela à “competência em tradução” que aparece na norma relativa à tradução (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022). Mas, aqui, a competência linguística é descrita englobando questões próprias de interpretação e processamento, e não somente proficiência em

ambas as línguas. Além disso, a descrição das competências é maior e engloba mais elementos na norma de interpretação do que na norma sobre tradução.

A norma também orienta que os intérpretes devem buscar seguir com seu desenvolvimento profissional através de educação continuada (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

Como mencionei antes, diferentemente da norma relativa à tradução, a interpretação não é dividida em etapas nesta norma, pois não é uma atividade que pode ser fragmentada em etapas, que possam ser interrompidas e retomadas em momento posterior (RODRIGUES, 2018). A interpretação tem um tempo muito curto para o planejamento textual, de modo que oportunidades de revisões e correções são muito menores. Deste modo, a NBR 18841 traz algumas orientações sobre o que deve ser feito pelo intérprete **antes**, **durante** e **depois** da prestação do serviço.

Antes, o intérprete deve especificar para o cliente: preços, termos, políticas, procedimentos e equipamentos técnicos para o serviço solicitado, atentando sempre para os parâmetros mínimos para a elaboração de uma proposta, que devem ser acordados previamente. O intérprete deve aceitar somente os serviços para os quais esteja devidamente qualificado e para os quais tenha as competências necessárias. Também deve exigir que constem em contrato as condições para a prestação do serviço, que podem incluir, por exemplo: localização do intérprete em relação ao orador; transporte, ajuda de custo ou outras formas de reembolso, quando aplicável; modalidade da interpretação; prazo para o recebimento de documentos que auxiliem a preparação para a prestação do serviço etc. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

Durante a prestação do serviço, o intérprete deve: interpretar sempre em primeira pessoa, salvo em casos em que isso atrapalhe a clareza; gerenciar turnos de fala de diálogos; não transmitir suas próprias opiniões ou sentimentos, nem mesmo através de linguagem corporal ou tom de voz; intervir somente se for necessário para assegurar a clareza da comunicação e, ao fazê-lo, cumprir requisitos legais e próprios do contexto em questão, sempre deixando claro estar falando como intérprete (e não como uma das partes interpretadas); reportar ao contratante riscos de fadiga, desgaste ou trauma vicariante; não atender solicitações que violem

códigos de ética e protocolos cabíveis (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

A norma também requer que, durante a interpretação consecutiva, o intérprete use a técnica de tomada de notas para aumento da precisão. A tomada de notas pode ser feita de diferentes formas, sendo uma mistura de símbolos, abreviações, diagramas, desenhos e palavras, de forma muito pessoal, que sirvam para o entendimento do próprio intérprete que toma notas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

A tradução e a interpretação, embora sejam atividades diferentes, guardam algumas semelhanças em termos de processamento cognitivo, cada uma com suas peculiaridades. Assim, é possível considerar que, na tradução para uma língua de sinais registrada em vídeo, a preparação prévia de um material guia de filmagem também pode ter caráter altamente pessoal, visando ser compreendida unicamente pelo apresentador que fará uso deste material. Na próxima seção abordarei em detalhes a preparação prévia de um material guia em traduções para Libras. Por ora, quero registrar sua semelhança com a tomada de notas em interpretação consecutiva de línguas orais³⁵.

A norma recomenda que, **depois** do serviço prestado, o intérprete relate incidentes críticos, riscos de fadiga ou trauma vicariante, tomando os devidos cuidados pessoais para a prevenção destes, e produza a documentação contábil pertinente.

A interpretação é uma atividade intelectual intensa e, dependendo da situação comunicativa, pode gerar, além do estresse do trabalho sob pressão, trauma vicariante, que está relacionado a ouvir e repetir, em primeira pessoa, conteúdo perturbador. Por isso, o intérprete deve tomar medidas de cuidados pessoais para minimizar esses impactos, como, por exemplo, elaborar um plano pessoal de bem-estar e/ou procurar atendimento profissional (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

³⁵ Embora a norma não mencione isso, não é possível tomar notas quando a interpretação consecutiva parte de uma língua de sinais, porque isso significaria que o intérprete perderia o contato visual com o orador e, com isso, perderia o acesso ao discurso fonte. Talvez por este motivo, e também considerando que línguas de sinais e línguas orais usam canais diferentes, a interpretação consecutiva seja, de maneira geral, menos praticada que a interpretação simultânea, quando se parte de uma língua de sinais para uma língua oral.

Por ser uma atividade marcada pela pressão de tempo, ou seja, um tempo muito curto entre o planejamento textual e a produção, o intérprete que deseja entregar um serviço de qualidade precisa focar na preparação (ARAUJO, 2011). Neste sentido, cabe ao intérprete solicitar as informações necessárias que auxiliem a preparação. Essas informações podem ser sobre a natureza da prestação dos serviços, questões logísticas, textos a serem submetidos à tradução oral à prima vista, anotações e apresentações do orador, glossários existentes e grau de confidencialidade (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

A NBR 18841 prevê ainda algumas recomendações para clientes de interpretação, atribuindo a eles algumas responsabilidades, que incluem fornecer a quantidade necessária de intérpretes, assegurar condições de trabalho adequadas, fornecer materiais de auxílio à preparação, planejar e cumprir pausas para o trabalho do intérprete.

Saliento que, entre as responsabilidades do cliente, consta que ele deve considerar que uma interpretação **não pode ser comparada a uma tradução escrita**, ou mesmo a dublagem, devido à natureza da atividade de interpretação. Por isso, a norma recomenda ainda que o cliente permita ao intérprete assinar um termo de isenção de responsabilidade quanto a isso (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021).

Observa-se, portanto, que, por mais que se tomem todas as medidas para assegurar uma interpretação de qualidade, pela natureza da atividade, não se pode esperar o mesmo refinamento próprio de uma tradução.

4.3

Disfluências da fala e a interpretação

Considerando que as línguas de sinais e as línguas orais, embora sejam de modalidades distintas e usem recursos diferentes, são iguais em complexidade, do ponto de vista cognitivo, e que ambas permitem a realização de funções comunicativas complexas (como a expressão de ideias e sentimentos, questionamentos, argumentações e elaboração de histórias etc.), Lemos e Rodrigues (2021) realizaram uma investigação sobre disfluências de fala em Libras. Para isso,

eles analisaram disfluências produzidas em Libras por um entrevistado surdo, buscando identificar as mais recorrentes, em que contextos ocorrem e fatores que pudessem estar associados à produção disfluente.

Eles definiram disfluências como interrupções no fluxo da fala que não adicionam conteúdo proposicional (LEMOS E RODRIGUES, 2021, p. 24). Os erros/lapsos de fala, embora possam também ser considerados na categoria de disfluências, são apresentados separadamente, e, segundo os autores,

caracterizam-se pela produção de uma forma/expressão linguística distinta daquela que foi planejada, podendo ser detectados no fluxo da produção, o que pode provocar uma situação de interrupção de fala. (LEMOS E RODRIGUES, 2021, p. 24)

A produção da fala espontânea, seja em línguas orais ou de sinais, é cognitivamente exigente, por isso, as disfluências são comuns.

O processamento da fala/sinalização requer que o falante/sinalizante mobilize um conjunto de habilidades – cognitivas, linguísticas, motoras – e ative um conjunto de conhecimentos – linguísticos, pragmáticos, enciclopédicos, além de mecanismos cognitivos, como memória e atenção, por exemplo. Dada a alta demanda dos processos cognitivos envolvidos, não é incomum que, na fala/sinalização espontânea, ocorram momentos de disfluências, em que o *continuum* da fala/sinalização é interrompido por pausas silenciosas, pausas preenchidas, prolongamentos de sons/sinalizações, repetições de palavras/sinais e situações de reparo (...). (LEMOS E RODRIGUES, 2021, p. 23)

No arcabouço teórico de sua pesquisa, Lemos e Rodrigues (2021) mencionam, com base em outras pesquisas, algumas categorias que podem ser usadas na análise de disfluências: pausas preenchidas; pausas silenciosas; repetições; reparos; preenchimentos lexicais; prolongamentos; correção de sentenças; frases incompletas; gagueira (repetição de palavras parciais); sons prolongados de algumas palavras; interjeições de sons, sílabas, palavras e frases (que incluem, por exemplo, “uh” e “bem”); lapsos de fala; omissões; inserções, exclusões ou substituições de palavras.

Bakti (2009, p. 13) já havia mencionado que diferentes autores têm utilizado diferentes categorias na análise de disfluências, o que dificulta a comparação de seus resultados. Segundo ela, alguns autores se atentaram para o lapso da língua, que seria “um desvio involuntário da intenção fonológica, gramatical ou lexical

atual do falante”³⁶ (BOOMER E LAVER, 1973, p. 123 *apud* BAKTI, 2009, p. 2). Garnham (1985 *apud* BAKTI, 2009, p. 2) classificou erros ou deslizos de fala usando as categorias de: antecipação, perseverança, omissão, haplologia³⁷, adição, troca, substituição, malapropismo (uso errado de uma palavra, por sonoridade semelhante), erro de derivação e sobreposição (GARNHAM, 1985, p. 208 *apud* BAKTI, 2009, p. 2). Outros autores usaram categorias mais enxutas, como Cohen (1973 *apud* BAKTI, 2009), cujas categorias foram antecipação, perseverança e transposição, e Noteboom (1973 *apud* BAKTI, 2009), que além das categorias de Cohen, considerou também omissão, adição e substituição. Bakti (2009, p. 3) apresenta um quadro que compara as categorias usadas por diferentes autores que escreveram sobre este assunto.

Segundo Lemos e Rodrigues (2021, p. 23), há muitos trabalhos, em diferentes disciplinas, abordando as disfluências de fala, mas, em sua maioria, voltados para as línguas orais, com poucos focados nas línguas de modalidade gestual-visual.

O trabalho de Bakti (2009) examina disfluências na interpretação simultânea de inglês para húngaro, comparando o trabalho de intérpretes experientes e iniciantes. Os resultados, porém, podem ser extrapolados para outros pares linguísticos, uma vez que as conclusões não são específicas para essas línguas. Bakti (2009) entende que a interpretação simultânea é, cognitivamente, equivalente à produção de fala em ambientes com ruído, porque o intérprete tem sua atenção dividida, assim como o falante em ambiente ruidoso.

Ao falar em ambiente barulhento, os falantes mudam seu nível de voz, tom, frequência, e há uma mudança nos padrões de pausas, articulação e velocidade de fala (Castellanos, Benedí e Casacuberta 1996; Gósy 2007; Lane e Tranel 1971; Van Summers *et al.* 1988). Na produção da fala em ambientes com ruído, reinícios e repetições são responsáveis pela maioria das disfluências da fala (Gósy 2007: 102).³⁸ (BAKTI, 2009, p. 5)

³⁶ Em inglês, no original: “(...) a slip of the tongue is an involuntary deviation from the speaker’s current phonological, grammatical or lexical intention” (Boomer and Laver 1973: 123).”

³⁷ Segundo o dicionário Michaelis Online, haplologia é a “omissão de uma de duas sílabas iguais ou semelhantes quando estão contíguas”. Ou ainda a “supressão da última sílaba da palavra anterior, em caso de ser igual ou semelhante à primeira sílaba da palavra seguinte, formando outro sintagma”. O verbete também informa que pode ocorrer haplologia sintática, quando há “omissão de uma palavra na situação de duas contíguas, homônimas ou parônimas.” Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/haplologia> Acesso em: 28 fev. 2023.

³⁸ Em inglês, no original: “When speaking in noise, speakers change their voice level, pitch, frequency, and there is a change in the patterns of pauses, and articulation and speech rates

Assim, as disfluências da fala têm origem no próprio sistema de produção da fala dos seres humanos. Segundo a autora, esse sistema inclui o léxico mental do falante, seu conhecimento de mundo, um silabário e o automonitoramento (BAKTI, 2009, p. 4).

Segundo Bello (2018), a disfluência está relacionada ao ritmo de fala, e se manifesta em repetições esporádicas de palavras, pausas atípicas e erros morfossintáticos. Bakti (2009) concentrou-se nas disfluências classificadas como erro, neste caso, erros de desempenho, não de competência.

Segundo Bakti (2009, p. 4), “as disfluências da fala são geralmente definidas como fenômenos que interrompem o fluxo da fala e não acrescentam conteúdo proposicional a um enunciado”.³⁹ (GÓZY, 2007, p. 93 *apud* BAKTI, 2009, p. 4). Esta é a mesma definição de disfluências apresentada por Lemos e Rodrigues (2021, p. 24), como mencionei. Tal definição abrange disfluências do tipo erro, mas também aquelas enraizadas na incerteza, próprias de quem está produzindo a fala espontaneamente, ao mesmo tempo em que pensa no que está dizendo. É claro que esta categoria também é aplicável ao intérprete, que está processando a informação que recebe ao mesmo tempo em que, em segundos, entrega uma solução translatória para a mesma. Segundo a autora, as disfluências do tipo erro incluem: lapsos freudianos, erros gramaticais, contaminação, ativação de palavras falsas, “ponta da língua”, mudança, problemas de ordenação e lapsos (BAKTI, 2009, p. 4-5).

A pesquisa de Bakti (2009) encontrou alta incidência de ativação de palavras falsas, falsos começos, reinícios e repetições. Estes últimos (reinícios e repetições) já haviam sido relatados como frequentes em produções de fala em ambientes ruidosos, e são indicadores de incompatibilidade entre o planejamento e a execução (GÓZY, 2007, p. 102 *apud* BAKTI, 2009, p. 12). Isso se alinha à afirmação de Souza (2021) de que mesmo a fala espontânea tem algum nível de planejamento.

A pesquisa de Bakti (2009) também apontou que diferenças de morfologia e sintaxe entre as línguas envolvidas na interpretação podem ser a causa de erros gramaticais na interpretação simultânea, que recomeços são bastante frequentes na

(Castellanos, Benedí and Casacuberta 1996; Gósy 2007; Lane and Tranel 1971; Van Summers et al. 1988). In speech production in ambient noise, restarts and repetitions account for most speech disfluencies (Gósy 2007: 102).”

³⁹ Em inglês, no original: ““Speech disfluencies are generally defined as phenomena that interrupt the flow of speech and do not add propositional content to an utterance” (Gósy 2007: 93)”.

interpretação simultânea, embora também ocorram na fala espontânea. Não foram encontrados padrões significativos que marcassem grandes diferenças, quanto a disfluências, entre a produção de intérpretes experientes e iniciantes.

Uma investigação importante sobre as disfluências na interpretação simultânea foi realizada por Pöchhacker (1995 *apud* BAKTI, 2009), que se propôs a investigar se a produção espontânea de falantes teria menos disfluências que a produção de intérpretes (na modalidade simultânea), considerando que a produção destes últimos é influenciada pela velocidade de fala dos palestrantes e a complexidade da tarefa. Ele trabalhou com as categorias de lapsos corrigidos e não corrigidos, e mudanças de estrutura (falsos começos, combinações lexicais e combinações sintáticas). Bakti (2009) sintetizou seus resultados da seguinte forma:

Os resultados mostram que, com exceção dos deslizes não corrigidos, mais deslizes e deslocamentos são encontrados na produção dos intérpretes do que na produção dos falantes. A proporção de falsos começos é alta, independentemente dos falantes ou da direção do idioma. Pöchhacker vê isso como um universal da produção de fala, e não como uma característica unicamente da interpretação simultânea (Pöchhacker 1995: 82). Há mais deslizes simples e falsos começos na produção de falantes, enquanto que, na produção de intérpretes, a ocorrência mais frequente são sobreposições e sobreposições estruturais.⁴⁰ (BAKTI, 2009, p. 6)

Portanto, a pesquisa de Pöchhacker (1995 *apud* BAKTI, 2009) constatou que **falsos começos** é uma característica frequente tanto na fala espontânea quanto na interpretação simultânea. Na fala dos intérpretes foi mais frequente a ocorrência de **sobreposições** (*blend*), principalmente as **sobreposições de estrutura**.

Tissi (2000) analisou como as disfluências no texto-fonte poderiam influenciar disfluências no texto-alvo. Ela usou as categorias de **pausa**, que se subdividem em pausas comunicativas e/ou gramaticais, e pausas não gramaticais; e **disfluências**, que contemplam **pausas preenchidas** (hesitações vocalizadas ou alongamentos de vogais ou consoantes) e **interrupções** (**repetições, reestruturações e falsos começos**). Seus resultados não identificaram nenhuma tendência conclusiva para a sua pergunta de pesquisa, devido a grandes variações

⁴⁰ Em inglês, no original: “The results show that, with the exception of uncorrected slips, more slips and shifts are found in the output of interpreters than in the output of speakers. The proportion of false starts is high, irrespective of speakers or language direction. Pöchhacker sees this as a universal of speech production, and not as a sole characteristic of SI (Pöchhacker 1995: 82). There are more simple slips and false starts in the output of speakers, whereas in the output of interpreters, the most frequent occurrence is blends and structural blends.”

individuais. Mas a autora identificou que falsos começos aconteciam apenas nos textos-alvo (TISSI, 2000, p. 120) e que eles eram, em muitos casos, usados de forma estratégica pelos intérpretes, por exemplo, quando hesitações ou prolongamentos de vogais ou de consoantes eram seguidos de uma correção.

Barbosa (2020) menciona que erros na interpretação podem ser causados por demandas linguísticas como

(a) habilidade de recepção do intérprete – podemos imaginar que, durante a interpretação simultânea de Libras para Português, a pessoa que esteja produzindo o discurso use a soletração manual do conceito que tratará durante a sua fala, porém, a habilidade do intérprete para a recepção e leitura da soletração manual não é tão eficiente, fazendo com que ele perca essa informação, que poderá fazer falta para a compreensão do discurso; (b) o uso de vocabulário técnico – geralmente os intérpretes não são formados nas várias áreas de conhecimento técnico em que atuam, assim, quanto mais técnico for o discurso, mais complexo será para o profissional realizar uma interpretação satisfatória. A presença de vocabulário técnico desconhecido ao intérprete no texto de partida, pode gerar omissões de informações relevantes, equívocos e incoerência na interpretação. (BARBOSA, 2020, p. 17)

Barbosa (2020) trabalha com a teoria da demanda e controle, aplicada por Dean e Pollard (2001 *apud* BARBOSA, 2020) à interpretação simultânea. Nesta perspectiva, o termo “demanda” refere-se aos requisitos de um trabalho, que incluem não só a tarefa em si, mas também aspectos ambientais e tudo que atue sobre o profissional como indivíduo. O termo controle, por sua vez, refere-se ao poder que esse indivíduo tem de agir sobre as demandas, seja usando suas habilidades ou recursos que o auxiliem, seja alterando o ambiente, ou de outras formas.

Deste modo, Barbosa (2020) está considerando que existem demandas que podem ser gatilhos para erros na interpretação. A preparação prévia visa diminuir os efeitos negativos das demandas sobre o processo de interpretação (BARBOSA, 2020, p. 17).

Barbosa (2020) comenta ainda, a partir de Barik (1975 *apud* BARBOSA, 2020, p. 23), sobre omissões, adições e substituições, considerados por outros autores, que já citei nesta seção, como disfluências. **Omissões** seriam itens que estão presentes na versão original, mas que não aparecem no resultado no processo translatório. Barik (1975, p. 25 *apud* BARBOSA, 2020, p. 23) exclui desta definição falsos começos, repetições irrelevantes ou preenchedores de espaço como “você

sabe?”, ou ainda itens que são omitidos, mas que aparecem em outro lugar. **Adições** seriam itens que existem na versão traduzida, mas não aparecem no texto de partida, por terem sido adicionados pelo tradutor. Barik (1975, p. 25 *apud* BARBOSA, 2020, p. 24) também exclui repetições e falsos começos dessa definição. Barbosa (2020) salienta que nem sempre omissões ou adições são erros, sobretudo quando utilizadas de maneira consciente e para fins específicos. Quanto às substituições, referem-se ao material do texto-fonte que é substituído por outro pelo tradutor ou intérprete. Barik (1975, p. 25 *apud* BARBOSA, 2020, p. 24-25) as considera como erros leves ou graves, dependendo do grau da substituição. Considerando que os pressupostos teóricos de Barik eram diferentes dos de Barbosa (2020), apresento o seguinte comentário, que traz algumas ponderações:

Se observarmos os apontamentos de Barik (1975) sobre as substituições, inferimos que as substituições leves são aquelas que não diferem os elementos da língua de partida para a língua de chegada, causando um pequeno desvio do que está sendo dito, sendo aceitável para o autor. Contudo, as “substituições graves” se referem àquelas substituições que, além de causar estranheza, apontam para um caminho contrário às informações do texto de partida. Nesse sentido, concordamos com o autor que as substituições de elementos da língua de partida diferentes em significado na língua de chegada podem ser classificadas como erro. (BARBOSA, 2020, p. 24-25)

Não encontrei, até o presente momento, trabalhos sobre disfluências na interpretação em línguas de sinais, ou mesmo na fala espontânea em alguma língua de sinais. Deste modo, busquei aplicar as categorias destes trabalhos, voltados para línguas orais, na minha análise de dados em Libras.

A presença de disfluências na fala vem sendo, portanto, atribuída a falhas de processamento, considerando que a formulação de enunciados exige que o falante se automonitore.

Os processos de conceituação e de formulação de enunciados quando se fala/sinaliza são incrementais e os falantes/sinalizantes monitoram, de forma simultânea, sua própria fala/sinalização (LEVELT, 1983, 1989; CARROLL, 2008). Dado o alto esforço cognitivo que esses processos representam, podem surgir dificuldades/falhas no processamento da fala/sinalização, o que, por sua vez, pode resultar em disfluências e em erros. (LEMO E RODRIGUES, 2021, p. 24)

Na interpretação, as disfluências vêm sendo estudadas como desvios do planejamento, resultado de alta carga cognitiva. Porém, quando os enunciados

produzidos são frutos de uma interpretação ou de uma tradução, será que a inserção **intencional** de algumas dessas categorias de disfluências, como, por exemplo, pausas, prolongamentos, repetições e omissões, poderia ser considerada como uma estratégia ou solução de tradução? Pode parecer estranho pensar em disfluências **intencionais**, mas como um processo translatório difere da fala espontânea, apesar de também exigir cognitivamente, a presença de disfluências no produto final, quando atende a um planejamento prévio, pode visar a produzir determinados efeitos⁴¹, ou ainda repetir disfluências que estavam presentes no texto de partida.

Para esta pesquisa especificamente, não pretendo analisar soluções de tradução ou estratégia tradutórias, mesmo quando elas lançam mão de omissões, adições ou substituições. Mas, uma vez que considero que a interpretação tem menos tempo para o planejamento textual (do produto final) do que a tradução, considere em minha análise as disfluências não planejadas. Pois, quando as disfluências encontradas no produto final são fruto de planejamento prévio e consciente, para produzir determinados efeitos, não poderia considerá-las como erros, uma vez que pretendo analisar o nível de planejamento textual e demais características que distingam processos de tradução de processos de interpretação.

⁴¹ Por exemplo, um texto de partida oral, registrado em vídeo, pode apresentar hesitações e pausas preenchidas. E o responsável pela translação pode, intencionalmente, produzir no texto de chegada pausas ou prolongamentos para manter marcas de oralidade. Embora o foco das minhas análises na categoria de disfluências sejam aquelas não intencionais, menciono adiante exemplos de disfluências planejadas, no capítulo das análises.

5

A preparação prévia de um material guia

Em Libras, a direção do olhar do sinalizante tem função gramatical. Dessa forma, é necessário que o apresentador esteja olhando diretamente para a câmera quando registra em vídeo sua tradução.

Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 149) denominam de “tradutor-apresentador” o sinalizante que é filmado no momento do registro final de uma tradução. A nomenclatura busca fazer analogia ao trabalho de um **apresentador** de telejornal, que precisa repetir diante da câmera um texto, geralmente projetado em *teleprompter*, e que não necessariamente é de sua autoria, mas que foi previamente elaborado para aquele fim. Usarei aqui a nomenclatura “apresentador” para designar também o sinalizante que aparece no registro final de uma tradução em vídeo, pois considero ainda que não é obrigatório que o apresentador seja a mesma pessoa que elaborou a tradução do texto, embora este seja o mais usual (CARNEIRO, VITAL E SOUZA, 2020) e também o desejável ou ideal (PYFERS, 1999).

Sendo uma tradução, o texto sinalizado não pode ser gerado espontaneamente pelo apresentador, pois não se trata de uma produção linguística espontânea. Por isso, é necessário o uso de algum material como insumo para o registro final de uma tradução.

Pyfers (1999, p. 50) denomina esse insumo de *cueing systems* (literalmente, um “sistema de pistas”), e recomenda o uso desse sistema quando o texto a ser traduzido for muito longo ou complicado de ser memorizado. Pyfers (1999) apresenta também uma lista de possibilidades, que explorarei adiante. Também explica que são obtidos resultados melhores quando o material é preparado pela mesma pessoa que fará uso dele, ou pelos profissionais que trabalham juntos em todo o processo de tomada de decisões tradutórias.

Galasso *et al.* (2018, p. 64) usa a denominação “guia” e “estratégia de gravação”. Embora sem uma definição do que seria, assim como Pyfers (1999), os autores apresentam possibilidades de uso: vídeos-rascunho, áudio de mapeamento do texto ou de glosas com a própria voz, ou a exibição de um mapeamento com frases resumidas e trechos do texto, que possibilitem ao leitor (no caso, o apresentador) lembrar de partes do texto. Tanto em Pyfers (1999) quanto em Galasso *et al.* (2018), a ideia parece ser que o uso do material acione a memória do

apresentador para que ele se lembre o que precisa sinalizar diante da câmera. Com a ausência de definições precisas nesses trabalhos, não fica claro se essa intenção de ativar a memória refere-se apenas a um processo mnemônico ou se o material usado como guia, de fato, não representa um compromisso com a integralidade do texto — o que seria problemático em se tratando de um processo de tradução.

Carneiro, Vital e Souza (2020), embora usem duas grafias diferentes para o termo que estão propondo (três ocorrências de “material-guia” e três ocorrências de “material guia”), apresentam uma definição clara de sua proposta: “(...) alguma estratégia elaborada e pronta para uso para que o texto-alvo, neste ponto já traduzido e revisado, seja exibido para o registro oficial” (CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020, p. 148). Essa definição deixa claro que, segundo a proposta destes autores, o material guia deve ser elaborado previamente e estar já revisado e pronto para utilização no momento do registro oficial da tradução. O compromisso com a integralidade do texto é explícita, dada a proposta de todo o trabalho, que buscava apresentar

(...) uma metodologia de tradução (...) que mantivesse todas as características citadas de uma tradução, evitando qualquer lacuna que possa ser preenchida por ato interpretativo, visando ao maior requinte e rigor que o processo de tradução exige. (CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020, p. 140)

Saliento que, apesar de usarem diferentes terminologias, Pyfers (1999), Galasso *et al.* (2018) e Carneiro, Vital e Souza (2020) parecem estar falando da mesma coisa, pois a lista de exemplos e possibilidades é semelhante em cada um desses trabalhos. Utilizarei a denominação material guia, por entender que se tratam de diferentes materiais que podem ser utilizados como guia de filmagem. O guia de filmagem, portanto, pode se materializar em vídeo, texto escrito, áudio, “apresentador-sombra” ou glosinais, como descreverei a seguir. Esses são exemplos já mencionados tanto por Pyfers (1999) e Galasso *et al.* (2018), quanto por Carneiro, Vital e Souza (2020).

Vale ressaltar que os exemplos a seguir são ferramentas diferentes que visam auxiliar o apresentador no momento da filmagem, de forma que seu olhar permaneça fixado na câmera enquanto sinaliza. No entanto, o profissional pode se utilizar delas de diferentes formas. O guia de filmagem, materializado em qualquer que seja a forma, ainda pode ser o próprio texto-fonte. Ou pode ser que tenham sido

feitas pequenas alterações do texto-fonte, apenas para auxiliar a filmagem, deixando a maioria das escolhas tradutórias para serem tomadas pelo apresentador diante da câmera, no momento da filmagem. Ou ainda, pode ser que o guia de filmagem seja totalmente novo, elaborado com base no texto-fonte, é claro, mas não sua repetição.

Estou propondo que, caso se deseje evitar processos de interpretação ou híbridos, uma tradução para Libras deve dar especial atenção ao material guia de filmagem.

5.1

Vídeos-rascunho

Carneiro, Vital e Souza (2020) detalham as etapas de tradução que ocorrem no Departamento de Letras-Libras, na Faculdade de Letras da UFRJ. Em uma dessas etapas, o texto-fonte é dividido em trechos menores, chamados de cenas, uma prática recomendada também por Pyfers (1999). Antes da filmagem final, são elaborados vídeos-rascunho, um para cada cena, devidamente identificados. São rascunhos porque não há nenhuma preocupação estética quanto ao fundo ou roupa do tradutor, por exemplo, pois o objetivo é registrar o texto-alvo pretendido para cada trecho. Havendo alterações após a etapa de revisão, novos vídeos-rascunhos são gerados.

Vídeos-rascunho podem ser utilizados como material guia para a filmagem final (GALASSO *et al.*, 2018, p. 64; CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020, p. 148), sendo projetados em um equipamento de *teleprompter*, como na figura 7.



Figura 7 - Filmagem de uma tradução em Libras com a utilização de vídeos-rascunho como material guia: extraído do perfil da ViaLibras no Instagram⁴²

O equipamento de *teleprompter* permite projetar tudo que aparece na tela de um dispositivo conectado a ele. Assim, é possível projetar os próprios vídeos-rascunho para que sejam copiados pela pessoa que estiver sendo filmada. No entanto, este é um equipamento caro, o que faz com que essa não seja uma prática viável em determinados contextos.

Uma alternativa seria posicionar um monitor bem próximo à câmera, onde os vídeos-rascunho podem ser exibidos (PYFERS, 1999, p. 50). No entanto, é preciso estudar o melhor posicionamento do equipamento para que o olhar do sinalizante continue direcionado à câmera ou, ao menos, que o desvio do olhar não seja perceptível no produto final.

Existem algumas vantagens no uso de vídeos-rascunho como material guia, como resumido na tabela 6, abaixo. Uma delas é a garantia de uma reprodução mais fidedigna do texto-alvo pretendido no momento da filmagem oficial: basta copiar a sinalização que está sendo exibida. Talvez, nas primeiras vezes, o apresentador ainda precise se acostumar com a prática, para cuidar de manter as expressões faciais necessárias, mas é um aprendizado relativamente simples.

Outra vantagem do uso de vídeos-rascunho se encontra no fato de não serem exigidos esforços cognitivos complexos do tradutor no momento da filmagem, pois não é necessário ativar sua memória nesse caso. No processo descrito por Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 148), no momento da filmagem não há mais decisões tradutórias a serem tomadas. A tradução já está pronta, o foco será seu registro oficial.

Além disso, gravar vídeos-rascunho é menos trabalhoso, graças à facilidade de captação de vídeos pelo celular. Em alguns casos, como o descrito em Carneiro, Vital e Souza (2020), a gravação de vídeos-rascunho já é parte do processo e, portanto, não exige que seja elaborado mais um material com o propósito exclusivo de servir como guia.

Condensei as vantagens e desvantagens dos vídeos-rascunho como material guia na tabela 6 abaixo.

⁴² Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cd_SRcUOIHm/ Acesso em: 07 jul. 2022.

Vantagens	Desvantagens
Menos trabalhoso para elaborar	Exige que haja um <i>teleprompter</i> ou um monitor bem posicionado próximo à câmera
Reprodução mais fidedigna no texto-alvo pretendido	Pequena curva de aprendizado: o cuidado com expressões faciais
Proporciona um processo cognitivamente menos custoso para o apresentador no momento da filmagem	

Tabela 6: Vantagens e desvantagens do vídeo-rascunho como material guia — Elaboração própria

5.2

Texto preparado

Outra possibilidade de material guia é a exibição de um texto previamente preparado: podem ser glosas, como as mencionadas por Silvério *et al.* (2012, cf. figura 6), ou ainda notações escritas. O objetivo é que o apresentador, ao ler, produza os sinais correspondentes. A vantagem deste tipo de material guia é que não é necessária uma curva de aprendizado muito grande por parte do tradutor, uma vez que ele já tem a habilidade de leitura. No entanto, saber previamente a que sinais correspondem às glosas ou notações usadas será fundamental para o sucesso da estratégia.

As notações mencionadas por Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 146), ilustrada abaixo na tabela 7, utilizam palavras do português na estrutura sintática da Libras, visando um processo mnemônico, portanto devem ser estruturadas da maneira que melhor atenda ao apresentador que fará uso delas. Assim, as palavras nessas notações não se vinculam à semântica, mas buscam registrar a forma pretendida na língua-alvo.

TEXTO-FONTE	NOTAÇÃO ESCRITA DA TRADUÇÃO
Consciência fonológica - isto é, a habilidade de prestar atenção aos sons da fala como entidades independentes de seu significado. A habilidade de reconhecer aliteração e rimas e a habilidade de contar sílabas nas palavras são alguns dos indicadores de consciência fonológica.	FONOLÓGICA CD-NA-CABEÇA. O-QUE? ORALIDADE SOM (bóia) PERCEBO ESSE SEPARADO SIGNIFICADO. EXEMPLO: CONSEGUE PERCEBER PALAVRA-FIM COMBINADA R-I-M-A. OU TAMBÉM PERCEBE A-L-I-T-E-R-A-Ç-Ã-O PALAVRA CONSOANTE REPETE REPETE REPETE. OU CONSEGUE PERCEBER PALAVRA

	PARTES S-I-L-A-B-A. ISSO-TUDO MOSTRA FONOLOGIA CD-NA-CABEÇA.
--	--

Tabela 7: Exemplo de notação escrita que pode ser usada como material guia. À esquerda o trecho correspondente do texto-fonte: extraído de Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 147)

Esta estratégia parece semelhante à tomada de notas pelos intérpretes de línguas orais⁴³ que realizam interpretação consecutiva. A NBR 18841 explicita que a tomada de notas pode ser feita de diferentes formas, seja recorrendo a desenhos e palavras, ou misturando símbolos com abreviações e diagramas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021). Assim como as notas, o texto preparado como guia de filmagem tem caráter muito pessoal, pois se destina ao entendimento do próprio profissional que as prepara, o mesmo que irá utilizá-las no momento da filmagem e precisa, portanto, compreendê-las com facilidade nesta hora. Por isso, o uso de um sistema de transcrição em língua de sinais, como o exemplo da figura 8, não é imprescindível para este fim.



Língua Portuguesa	Língua de Sinais Brasileira
<i>Uma teoria sobre a aquisição de linguagem tem de ser capaz de explicar os fatos apresentados no tópico anterior. Algumas teorias que discutiremos abaixo são um tanto intuitivas, mas depois de examinadas mais detalhadamente, veremos que elas não são capazes de dar conta dos fatos discutidos anteriormente.</i>	<p>FATO+  APRESENTAR JÁ UNIDADE ANTES ÁREA SINAL-TEORIA</p> <p>SOBRE** AQL PRECISAR EXPLICAR GRUPOxxx CAPAZ acenar-cabeça /-/</p> <p>ALGUM GRUPOxxx TEORIA VAI DISCUTIR DAQUI É INTUITIVA SENTIR MAS</p> <p>PESQUISAR GRUPOxxx ESPECIFIC@  ~ CADA acenar-cabeça.neg</p> <p>NÃO-DÁ EXPLICAR → ← xxx NÃO-DÁ AGORA VAI ESTUDAR</p> <p>CADAxxx TEORIA DIFERENTExxx VER LINK.</p>

Figura 8: Exemplo de texto preparado em glosa com símbolos para uso como material guia: extraído de Souza (2010, p. 131)

O texto previamente preparado pode ser exibido de diferentes formas:

a. Posicionando cartazes próximos à câmera (PYFERS, 1999, p. 50; CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020, p. 149): nesse caso, a letra precisa estar em tamanho adequado à visualização do apresentador, considerando a distância necessária entre ele e a câmera. Dependendo do tamanho da cena, será necessário que outra pessoa se posicione próximo ao cartaz para substituí-lo por outro, conforme a velocidade de sinalização (cf. figura 10). Também é necessário procurar

⁴³ Menciono este caso como específico das línguas orais porque, quando uma interpretação consecutiva parte de uma língua de sinais, tomar notas significaria perder o acesso a trechos do texto-fonte. A interpretação intermodal consecutiva não é muito usual, pois as diferentes modalidades de língua favorecem a interpretação simultânea.

o melhor posicionamento para que o olhar do sinalizante não se desvie muito da câmera. Pyfers (1999, p. 50) menciona ainda a possibilidade de usar figuras, em vez de texto, ou ainda *cards* com palavras-chave ou glosas.

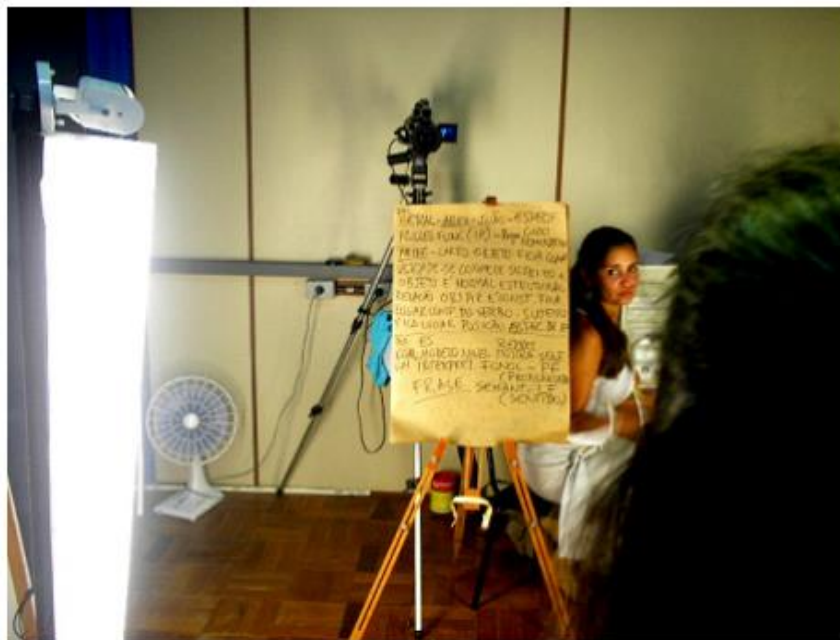


Figura 10: Exemplo de texto preparado usado como guia de filmagem, materializado em cartazes próximos à câmera: extraído de Souza (2010, p. 130).

b. Uso do equipamento de *teleprompter* (GALASSO *et al.*, 2018): existem softwares próprios para exibição de texto em equipamento de *teleprompter*, com controles para a velocidade de exibição do texto, tamanho da letra e outras facilidades. No entanto, pode ser necessário alterar o ritmo de exibição do texto durante a sinalização de cada trecho, especialmente se houver soletrações manuais. Recomenda-se, portanto, que haja uma pessoa dedicada a operar a exibição do texto pelo software, ajustando o ritmo de exibição do texto ao ritmo de sinalização do apresentador, conforme a necessidade. Existe ainda a possibilidade de o texto ser projetado no *teleprompter* por meio de programas não específicos, como por exemplo o *PowerPoint*.

A desvantagem do uso deste tipo de material guia é que ele dificilmente pode ser testado antes do momento da filmagem. E, visando a uma maior eficiência, o ideal é que o momento da filmagem seja o mais ágil possível (CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020, p. 145). Por isso, caso seja utilizado um texto previamente preparado como material guia, recomenda-se deixar pronto para o momento da

filmagem mais de uma possibilidade (por exemplo, cartazes com diferentes tamanhos de letra e/ou um dispositivo, com o texto em slides já prontos, para ser posicionado próximo à câmera).

Considero que, em um processo de tradução que use texto como material guia, este deva ser um texto **previamente preparado** com o objetivo de que o apresentador recupere as escolhas tradutórias que já foram feitas antes. Minha hipótese é que, caso seja projetado **o texto-fonte sem nenhuma alteração**, ocorrerá um processo de interpretação; ou ainda, seria um processo híbrido se o texto projetado for o texto-fonte com pequenas alterações, pois uma parte das escolhas tradutórias teria de ser feita no momento da filmagem, mesmo que haja uma etapa anterior de planejamento. Essa hipótese baseia-se na experiência relatada por Silvério *et al.* (2012), e é a que examino na análise de dados.

5.3

Áudio preparado

Galasso *et al.* (2018, p. 64) mencionam a possibilidade de gravação de áudios com um mapeamento do texto ou glosas para orientação durante a gravação. Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 149) mencionam a gravação de áudios com a leitura da notação escrita, realizada em etapa anterior.

Pyfers (1999, p. 50) menciona a gravação de áudios, ou ainda a leitura em voz alta no estúdio de filmagem, feita por uma pessoa designada para esta tarefa. Assim, a sinalização diante da câmera pode ser feita com base na leitura. O texto de Pyfers (1999), no entanto, é bastante sucinto e parece estar referindo-se a uma leitura do texto-fonte sem nenhuma alteração prévia. Minha hipótese neste trabalho é que isso resultará em um processo de interpretação (ou um processo híbrido, se houver algumas poucas alterações), mas não em um processo de tradução, de fato. Por isso, a estratégia para áudios descrita por Galasso *et al.* (2018) ou por Carneiro, Vital e Souza (2020) parece mais apropriada para processos que se proponham a ser traduções.

É possível que outra pessoa faça a leitura em voz alta de um texto previamente preparado (seja esse texto um mapeamento, glosas ou notação escrita

em etapas anteriores à filmagem), em vez da gravação de áudios. No entanto, é necessário que a velocidade de leitura seja ajustada à velocidade de sinalização do apresentador. E esse ajuste não é simples de ser feito porque a pessoa que faz a leitura terá dificuldade de ler o texto e, ao mesmo tempo, identificar se o tradutor está acompanhando seu ritmo de leitura. Por isso, a preparação prévia de áudios com a voz do próprio tradutor tem a vantagem de poder ser testada antes, além de precisar de menos pessoas trabalhando no momento da filmagem.

Essa estratégia é menos custosa porque não exige equipamentos caros e porque ela é facilmente adaptável a qualquer set de filmagens, com o uso apenas de um celular ou gravador de voz. Como desvantagens há apenas duas: a necessidade de não haver ruídos sonoros no local de filmagem e/ou no local onde for gravado o áudio, que possam atrapalhar sua compreensão; e, principalmente, que essa não é uma opção disponível para tradutores surdos, por motivos óbvios.

5.4

“Apresentador-sombra” ou glosinais

Pyfers (1999) menciona a possibilidade de uso de “um apresentador-sombra: alguém que fique bem próximo da câmera, para que o sinalizante possa vê-lo, sem perder o contato visual com a câmera”⁴⁴ (PYFERS, 1999, p. 50).

Em termos operacionais, esta parece ser a mesma estratégia denominada “glosinais” (cf. figura 11) por Campello e Castro (2013), citada também em Galasso *et al.* (2018, p. 64) e Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 149). As vantagens desse tipo de material guia são: poder ser utilizado por tradutores surdos e exigir menos aparato tecnológico (em relação ao vídeo-rascunho, ao áudio ou mesmo à exibição de texto previamente preparado). Como desvantagem, podemos citar a necessidade de mais uma pessoa no set de filmagem; e que essa pessoa esteja apta e preparada para guiar o apresentador na sinalização do texto diante da câmera. Seja como for, se o “apresentador-sombra” estiver fazendo suas escolhas tradutórias no exato momento da filmagem, e não recuperando decisões tomadas anteriormente, pode

⁴⁴ Em inglês, no original: “*a shadow-signer: someone who is standing very close to the camera, so that the signer can see him/her, without breaking eye-contact with the camera*”.

ser que se trate de um processo mais próximo da interpretação do que da tradução, ainda que o apresentador possa modificar algo em sua sinalização. Isso traz, portanto, a complexidade de elaborar como esse “apresentador-sombra” poderá realizar a sinalização de forma clara, recuperando escolhas feitas previamente.



Figura 11: Ilustração do que seriam glosinais usados para registro de uma tradução: extraído de Campello e Castro (2013, p. 9).

No entanto, em termos de pressupostos e objetivos, o trabalho de Campello e Castro (2013) tem preocupações diferentes.

Em primeiro lugar, em todo o trabalho não é apresentada nenhuma distinção entre processos de tradução e interpretação. Desde o título, essas atividades são apresentadas sempre juntas (“tradução/interpretação”), seja porque não é objetivo do trabalho diferenciar os processos, seja porque a proposta dos autores é que a estratégia⁴⁵ de glosinais seja utilizada por profissionais surdos tanto em situações de tradução quanto de interpretação.

Em segundo lugar, a estratégia é apresentada como uma possibilidade para tradutores surdos. Porém, a metodologia aponta ter sido usada por “pessoas Surdas iletradas, funcionais e fluentes em língua de sinais brasileira” (CAMPELLO; CASTRO, 2013, p. 6). Considero, todavia, que tradutores, sejam surdos ou ouvintes, precisam ser letrados em **ambas** as línguas com as quais trabalham, seja qual for a estratégia de trabalho que escolham utilizar.

⁴⁵ Campello e Castro (2013, p. 6) chamam de mecanismo, e não de estratégia.

Em terceiro lugar, a proposta de Campello e Castro (2013, p. 9) menciona que o tradutor que aparecerá diante da câmera nesse caso deverá realizar uma “reinterpretação”. Isso diverge da proposta de Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 140), que é evitar que haja atos interpretativos permeando o processo de tradução, pois isso tornaria o processo híbrido. Além disso, no presente trabalho, defendo que, em processos de tradução (e não híbridos, ou de interpretação), o material guia deve ser copiado ou usado como um processo mnemônico para recuperar decisões tradutórias tomadas previamente. Sendo assim, uma interpretação ou “reinterpretação” não é desejável.

Por fim, há algumas diferenças de nomenclatura entre os autores, que refletem diferentes premissas e pressupostos teóricos. Campello e Castro (2013) se referem aos tradutores como “tradutores/atores” (p. 6), “tradutor/intérprete” (p. 6), “tradutores” (p. 6, 7, 9, 10, 12), “intérpretes/tradutores” (p. 7), ou ainda “tradutor bilíngue” (p. 6).

O termo “tradutor/ator” foi proposto por Quadros e Souza (2008) por considerar o registro em vídeo como um efeito de modalidade e utilizar a noção de performance. No entanto, Carneiro, Vital e Souza (2020) evitaram o termo para evitar confusão com interpretação cênica. E essa também é uma escolha que pretendo manter nesta pesquisa.

Tal confusão pode ocorrer no trecho em que Campello e Castro (2013, p. 10) mencionam uma situação com “atores Surdos” (depois de já haverem mencionado “tradutores/atores” anteriormente). Em um processo de gravação de um DVD, esses atores fizeram uso de glosinais, como alternativa para compreender o roteiro feito por um diretor ouvinte. O recurso fora utilizado porque os atores tinham pouco contato e dificuldades com a língua portuguesa, segundo os autores. A princípio, a nomenclatura “atores Surdos” parece ter sido utilizada por se tratarem de pessoas que trabalhavam com artes cênicas mesmo, e não com tradução. No entanto, o texto menciona que essas mesmas pessoas realizavam atividade tradutória, deixando a confusão sobre qual era o seu ofício.

Os atores Surdos, que têm pouco contato da língua portuguesa como segunda língua, tinham dificuldade de entender o texto da língua portuguesa para que possam **exercer na sua atividade tradutória** para a língua portuguesa. O diretor ouvinte / sinalizante, elaborou o roteiro do folclore de Alagoas, em língua portuguesa e transformou em glosa escrita em língua portuguesa. Em seguida,

distribuiu aos atores e os mesmos não entendiam cada palavra da língua portuguesa e o diretor sinalizante passou a traduzir o glosa escrito em língua de sinais brasileira. Os mesmos ainda continuavam tendo essas dificuldades porque o diretor sinalizante expressava a mesclagem da língua de sinais brasileira em língua aportuguesada. A partir de então, o diretor sinalizante passou a repassar as mesmas informações, conforme com a glosa escrita da língua portuguesa, em língua aportuguesada mesclada em língua de sinais brasileira ao tradutor Surdo e esse repassava em língua de sinais brasileira nativa aos atores Surdos. O mecanismo glosinais ajudou muito aos atores Surdos a entenderem melhor a primeira língua de sinais brasileira e nativa pelo tradutor Surdo. (CAMPELLO e CASTRO, 2013, p. 10, grifo meu)

Galasso *et al.* (2018) descrevem diferentes funções que os tradutores podem exercer durante o processo realizado no Núcleo de Educação Online (NEO) do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), e mencionam essas funções sempre com a designação tradutor-(função exercida): tradutor-apresentador, tradutor-supervisor ou tradutor-revisor.

Embora mencionem o profissional como “tradutor” (usando o termo isoladamente), o profissional é mencionado diversas vezes junto ao termo “intérprete”: “tradutores-intérpretes” (p. 61, 62, 69), ou “intérprete/tradutor” (p. 62), ou ainda “intérprete-tradutor” (p. 66). Isso pode ser pelo fato de os referidos tradutores também atuarem como intérpretes, ou pelo fato de estarem exercendo um cargo que engloba tanto tradução quanto interpretação. Mas, certamente, este é um reflexo notável da ausência de distinções claras entre essas atividades no contexto das línguas de sinais.

6

Selecionando categorias de análise: diferenciadores entre tradução e interpretação

Com base no exposto até aqui, selecionei as categorias que, para mim, podem ser definidoras de processos de tradução ou de interpretação, diferenciando um do outro.

Considero que essas categorias, tomadas cada uma isoladamente, não são suficientes para definir de qual dos processos se trata, mas a combinação de três ou mais delas sim. Além disso, também considero que alguns desses critérios têm mais importância que outros na construção de definições.

Em termos de registro, a categoria de registros permanentes *versus* registros efêmeros (CARNEIRO, VITAL e SOUZA, 2020) é uma categoria melhor do que considerar apenas escrita e fala, porque permite que línguas de sinais sejam contempladas. No entanto, esta é a categoria de menor importância nas definições, visto que as tecnologias de que dispomos hoje permitem que interpretações sejam registradas permanentemente em áudio ou vídeo, sem que o processo em si sofra qualquer alteração. Assim, acredito que seja mais interessante voltar a atenção para o processo e para os procedimentos adotados ao longo da tarefa, em vez de usar o registro do produto final como base para as definições.

Este trabalho, portanto, busca refletir sobre as definições de tradução e de interpretação, focando, não em como o texto-fonte ou o texto-alvo estão materializados, mas, sim, nas condições de produção do texto-alvo.

Como exposto por Souza (2021), textos não são necessariamente escritos, e a expectativa é sempre de que, quanto maior o tempo disponível, maior será o planejamento textual. Considerando que tradução e interpretação configuram-se como retextualização (SOUZA, 2010), ou seja, como uma nova produção textual, uma tradução típica é aquela que tem maior **planejamento textual**, em função de ter mais **tempo** que a interpretação até a entrega final. Uma interpretação típica, por sua vez, tem um espaço de tempo muito curto (segundos ou minutos, no caso da interpretação consecutiva) para o planejamento textual, pois tem um caráter de instantaneidade (GILE, 2004, p. 12).

Também pode-se dizer que há diversos processos híbridos, ou tipos intermediários, como Gile (2004) nomeou, que guardam certas características de tradução e outras de interpretação no mesmo processo. Assim como Souza (2021) considerou um contínuo entre fala e escrita, pode-se considerar um contínuo entre interpretação e tradução, que proponho na figura 12.

Na representação de Souza (2021), que illustrei anteriormente, no capítulo 2, na figura 4, o autor considerava o planejamento (eixo vertical) em relação ao tempo (eixo horizontal), e os pontos A e B referiam-se, respectivamente, a textos orais típicos e textos escritos típicos. Na representação que estou propondo abaixo (figura 12), no ponto A estariam os casos típicos de interpretação e, no ponto B os processos típicos de tradução, estando os processos híbridos posicionados ao centro, na linha que liga os pontos A e B. Saliento que tais casos, porém, não podem ser considerados híbridos apenas em termos do registro do texto-fonte e do texto-alvo, mas devem levar em conta outras categorias que permeiam todo o processo.

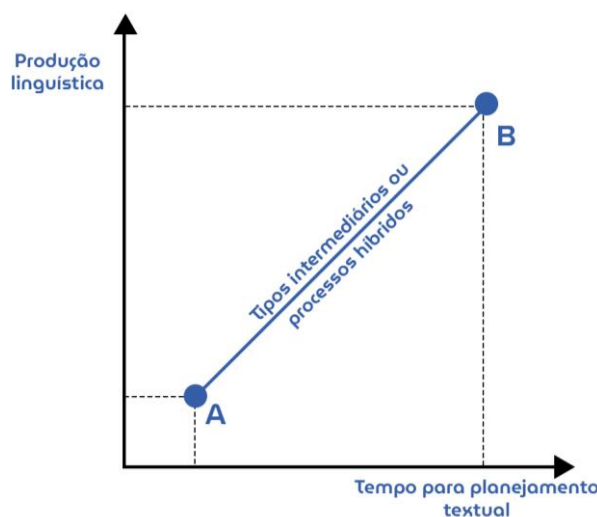


Figura 12: Representação do contínuo entre interpretação e tradução, e os tipos intermediários ou processos híbridos — Elaboração própria.

O gráfico que proponho privilegia especialmente o critério de tempo para o planejamento textual, uma vez que ele parece permear todos os demais critérios que selecionei como definidores, e que irei apresentar agora.

Rodrigues (2018) elencou uma série de categorias comparativas entre tradução e interpretação, que são também mencionadas pelos outros traba dentre as quais julgo que sejam definidoras somente as seguintes:

- a. **Apresentação do texto-fonte:** se ele pode ou não ser repetido quantas vezes o profissional desejar. Saliento que, quando um intérprete pede que o orador repita determinado trecho de sua fala, por vezes, a frase não é repetida igualmente, mas reformulada para tornar-se mais clara ou ainda modificada quanto à velocidade e tom de voz. Portanto, quando digo “repetido”, considero apenas a possibilidade de o texto-fonte ser repetido, sem qualquer alteração, quantas vezes o profissional desejar antes da entrega do produto final de seu trabalho. Neste sentido, Severino (2022) acaba elucidando esta categoria quando afirma que na interpretação têm-se o **ineditismo do enunciado**;
- b. **Ritmo de trabalho:** o intérprete se vê obrigado a seguir o ritmo de fala do orador, que produz os enunciados ora mais pausadamente, ora com mais velocidade. O tradutor, diferentemente, pode seguir seu próprio ritmo de produção linguística, seja qual for o registro do texto-alvo;
- c. **Auxílios externos:** diretamente relacionado ao tempo que se tem disponível e ao ritmo de trabalho. Na interpretação, a possibilidade de consulta a outras fontes é bastante limitada, sendo muitas vezes o intérprete de apoio a única fonte de consulta. Na tradução, é possível consultar dicionários, glossários e outras fontes, até mesmo outros profissionais, pois o tempo disponível até a entrega é maior;
- d. **Método de trabalho:** Rodrigues (2018) considerou que somente nos casos de tradução a tarefa pode ser dividida em etapas, pausada em qualquer momento e retomada posteriormente. Mas alguns casos de interpretação podem permitir divisão em etapas, como expliquei ser o caso de intérpretes surdos trabalhando a partir do relé de profissionais ouvintes, na discussão que fiz a partir de Pöchhacker (2018), mas o trabalho em cada etapa **não pode ser pausado** e retomado posteriormente, porque as circunstâncias não o permitem;
- e. **Competências e habilidades demandadas do profissional:** é difícil fazer uma lista exaustiva dessas competências, porque existem diversos tipos de interpretação. Além disso, diferentes autores têm considerado as competências com diferentes classificações. Kalina (2012) mencionou que a competência interacional seria necessária para uma interpretação de

qualidade, considerando o gerenciamento de turnos de fala, mas não mencionou competências específicas para a tradução. Na categoria de competências demandadas do profissional, as normas NBR ISO de tradução e de interpretação (respectivamente, a NBR 17110 e a NBR 18841) apresentam competências que, pela nomenclatura, parecem ser as mesmas, como apresentei no capítulo 4. No entanto, na norma de interpretação, elas englobam mais habilidades e conhecimentos (que não constam na descrição das competências na norma sobre tradução). Diferentes contextos e até mesmo formas de registro dos textos (texto-fonte e texto-alvo), que não são definidores sozinhos dos processos, vão exigir habilidades específicas que não seriam necessárias em outras situações. Assim, estou condensando o que poderia ser uma discussão maior, que fugiria ao escopo deste trabalho⁴⁶, sob a nomenclatura de competências tradutórias ou interpretativas, apenas para marcar que cada atividade pode exigir do profissional competências diferentes, como salientou Severino (2022, p. 28-29).

Porém, julgo que a competência bilíngue atrelada a uma tarefa interlingual (PÖCHHACKER, 2018) seja imprescindível para processos de tradução e de interpretação, uma vez que não estou buscando definições extensionais. Para as particularidades de cada processo, Rodrigues (2018) mencionou que as competências do profissional devem levar em conta não a oralidade ou a escrita, mas a modalidade das línguas envolvidas (viso-espacial ou oral-auditiva).

Rodrigues (2018) apresenta também a possibilidade de correção antes da entrega como uma das diferenças entre tradução e interpretação. Isso está diretamente relacionado ao tempo que se tem disponível. Kade (1968 *apud* SNELL-HORNBY, 2006, p. 28) mencionou esta categoria quando afirmou que a interpretação tem verificação limitada por falta de tempo. Como considerei que o caso de intérpretes surdos que interpretam a partir do relé de ouvintes (cf. Pöchhacker, 2018) é uma interpretação em duas etapas, concluí que ela contempla uma revisão, ainda que mais imediata, feita pelo profissional surdo. Severino (2022) elucida este critério quando menciona que, na interpretação, **não se pode atribuir novas versões ao texto-alvo** — o que, de fato, não pode ser feito pelo intérprete

⁴⁶ Para reflexões mais aprofundadas sobre competências, que fogem ao escopo deste trabalho, recomendo a leitura de: Hurtado Albir (2005, 2015) e Silva e Vasconcellos (2019).

surdo no caso mencionado. Ele atribui uma nova versão à que está recebendo no relé, mas não pode atribuir nova versão à sua própria. Como este critério é consequência de outros já anteriormente apresentados, não o considero exatamente como um critério definidor. Parece ser mais uma consequência da situação (de tradução ou de interpretação) do que uma causa, algo que faça o processo de translação ser interpretação ou tradução. Por isso, penso que, em seu lugar, pode-se considerar o nível de refinamento do texto-alvo, como explico a seguir.

Proponho, portanto, mais dois critérios definidores: o primeiro seria o refinamento do texto-alvo, e o segundo, específico para traduções em línguas de sinais, seria o material guia utilizado na filmagem.

- f. **Refinamento do texto-alvo:** sob esta nomenclatura, pode-se considerar que uma tradução passará por revisões e correções, de forma que seu produto final seja mais refinado que o produto final de uma interpretação, porque a interpretação, ainda que seja um trabalho de qualidade, é marcada por imprevisto. Assim, este critério assemelha-se à “possibilidade de correção antes da entrega”, mencionado por Rodrigues, porém sob nova perspectiva. Ainda que uma interpretação possa passar por alguma correção antes da entrega (como mencionei ser possível com intérpretes surdos que trabalham a partir do relé de ouvintes), o nível de refinamento será sempre menor, se comparado à tradução, em razão do tempo disponível.

Assim, considerando que texto não se circunscreve apenas ao registro escrito, pode-se afirmar que um processo típico de interpretação é aquele em que o texto-fonte é apresentado uma única vez e é permeado de imprevisibilidade. Além disso, o tempo de produção do texto-alvo estará atrelado ao ritmo em que o texto-fonte é proferido. Neste processo, o intérprete tem de acionar e coordenar diferentes esforços cognitivos simultaneamente (GILE, 2009) para produzir um texto-alvo sob pressão de tempo, permeado de improvisações e com poucas oportunidades de revisão e correção. Por isso, **disfluências** na interpretação são toleráveis ou até mesmo esperadas, embora não desejáveis. Na tradução, diferentemente, dado o maior tempo disponível para o planejamento textual, disfluências não são esperadas no seu produto.

Um processo típico de tradução, por sua vez, é aquele em que o texto-fonte está disponível em sua integralidade durante todo o processo, podendo ser revisado

diversas vezes. Por isso, o texto-alvo é produzido com um maior prazo de entrega (em relação ao processo de interpretação), o que permite ao tradutor planejar sua produção textual e fazer consultas a outros materiais. Nessas circunstâncias, é esperado do produto final maior rigor e refinamento.

Considerando também o refinamento do produto final de traduções, é possível refletir quanto às disfluências de fala, comuns na fala espontânea, e que podem estar presentes em textos mais próximos à fala típica, considerando o contínuo entre fala e escrita exposto por Marcuschi (2010). Quando discorri sobre disfluências, na seção 4.3, mencionei, com base em Bakti (2009, p. 13), que autores diferentes têm usado categorias de análise de disfluências muito diversas, o que dificulta a comparação de seus resultados. Na análise de dados, sob o rótulo de disfluências, procurei por quaisquer manifestações que se encaixassem nas categorias consideradas pelos autores sobre os quais discorri na seção 4.3, sobre este assunto. Busquei principalmente aquelas disfluências que pudessem ser classificadas como não intencionais do responsável pela translação. Encontrei pausas não gramaticais, falsos começos, sobreposições de estrutura, lapsos de língua, omissões e repetições, como detalharei no capítulo 8, dedicado às análises.

De maneira geral, as disfluências costumam ser observadas como fenômenos não planejados, pois representam erros ou falhas no processamento da fala espontânea ou da interpretação. No entanto, como aponte na seção 4.3 deste trabalho, é possível que um intérprete ou um tradutor **planeje** inserir em sua produção algo que poderia ser percebido como disfluência (por exemplo, pausas não gramaticais, sobreposições de estrutura, falsos começos ou omissões) para produzir, intencionalmente, determinados efeitos. Por isso, estou considerando aqui que somente as disfluências que não são planejadas seriam marcas diferenciadoras entre processos de tradução e de interpretação.

- g. **Disfluências:** Disfluências não planejadas, portanto, podem ser marcadores que diferenciam processos de tradução e de interpretação, considerando que o primeiro terá mais tempo de planejamento textual em relação ao segundo. Por isso, esta pode ser uma característica diferenciadora entre os processos, pois não seriam esperadas disfluências, salvo se planejadas, no produto de traduções, embora elas também não sejam desejáveis em interpretações.

Considerando especificamente traduções em línguas de sinais registradas em vídeo, penso que duas categorias são singulares na diferenciação dos processos. Singulares porque podem não se aplicar a traduções entre línguas orais, especialmente às que não estão registradas em vídeo, mas também porque considero-as de fundamental importância para discernir se um vídeo em língua de sinais foi fruto de um processo de tradução ou de interpretação. Essas categorias são: o favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução, e o material guia utilizado na filmagem.

- h. **Favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução:** Severino (2022) observou que, em traduções para Libras, recursos multimodais podem ser utilizados intencionalmente pelos tradutores como forma de solucionar problemas de tradução. Em sua análise, ele identificou recursos multimodais como ditos populares que apareciam escritos em tela, em português, apresentando itens culturalmente marcados, e linhas de tempo que marcavam períodos cronológicos. Também foram encontrados mapas e tabelas que apareciam em tela nos vídeos em Libras. Para ele, sem a presença de tais recursos, “seria dispendioso e contraproducente traduzir cada um dos números, nomes e demais informações de tabelas ou descrever países um a um” (SEVERINO, 2022, p. 157-158).

Como é esperado que traduções sejam fruto de um planejamento textual maior (em relação à interpretação), é possível que traduções registradas em vídeo tenham um uso consciente de recursos multimodais para a solução de problemas de tradução. Em comparação, pode ser que em interpretações, mesmo as que estão registradas em vídeo, recursos multimodais só sejam pensados *a posteriori*, sendo menos explorados como soluções de problemas tradutórios.

Saliento que esta categoria talvez possa ser útil também para diferenciar processos tradutórios de interpretativos para línguas orais, quando o produto final for registrado em vídeo, e não somente para traduções em línguas de sinais neste tipo de registro. No entanto, traduções em línguas de sinais registradas em vídeo são o foco principal desta pesquisa.

- i. **Material guia utilizado na filmagem.** O material utilizado como insumo para o registro final de uma tradução em vídeo pode ter caráter definidor de

processos. A metodologia de tradução para Libras descrita por Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 140) propõe que o material guia deva ser elaborado previamente e estar revisado e pronto para utilização no momento da filmagem, visando que o processo não deixasse qualquer lacuna que pudesse ser preenchida por ato interpretativo. Deste modo, tenho como hipótese na presente pesquisa que um material guia elaborado previamente permite que se recupere, no momento da filmagem, todas as decisões tradutórias tomadas em momento anterior. Um material guia que seja o próprio texto-fonte sem alterações não permitiria a recuperação de nenhuma decisão tradutória tomada previamente e, por isso, aponta para um processo interpretativo, e não de tradução. Como considere que há um contínuo entre tradução e interpretação (cf. figura 12), um material guia que apresente o texto-fonte com algumas poucas alterações, pode facilitar a tomada de decisões no momento da filmagem, ou ainda recuperar algumas soluções decididas antes, mas não todas. Por isso, nesse caso, podem restar ainda lacunas a serem preenchidas por processos de interpretação no momento do registro oficial da translação.

Por fim, e ainda considerando especificamente as traduções para línguas de sinais em vídeo, o material guia utilizado aponta para um último aspecto que pretendo considerar em minha análise: os esforços cognitivos despendidos simultaneamente pelo apresentador no momento do registro oficial da translação.

- j. **Esforços cognitivos simultâneos ativados no momento da filmagem.** O modelo dos esforços, proposto por Gile (2009), aponta para a ativação simultânea de diferentes esforços cognitivos pelo intérprete. Segundo ele, a complexidade da tarefa interpretativa encontra-se na necessidade de diferentes esforços cognitivos trabalharem simultaneamente, exigindo também um esforço de coordenação entre eles. Apesar das críticas feitas ao modelo ao longo dos anos, como a de Weininger (2022, p. 44-45), e as pesquisas feitas a partir delas⁴⁷, o modelo dos esforços ainda tem grande relevância nos Estudos da Interpretação e na formação de intérpretes (BARBOSA, 2020, p. 59). Para minha pesquisa, interessa principalmente a

⁴⁷ Para uma reflexão mais aprofundada sobre os trabalhos de Daniel Gile acerca do modelo dos esforços, recomendo a leitura de Barbosa (2020, p. 59-63).

contribuição do modelo para o momento de tomada de decisões tradutórias, e os esforços envolvidos nessa tomada de decisões, como salientou Barbosa (2020).

Nesse sentido, o fluxo de processo do modelo de Gile (2009) mostra-nos em qual das etapas a análise das restrições dos textos da língua de partida e chegada são realizadas e, principalmente, quando a tomada de decisão é aplicada. A questão importante a ser destacada é a etapa de monitoramento da aplicação da estratégia linguística de solução de problemas, uma vez que a escolha pode ser equivocada e resultar em problemas mais sérios, como o desvio das informações da língua de partida. (BARBOSA, 2020, p. 63)

Em traduções para línguas de sinais em vídeo, o momento da filmagem (o registro oficial da translação) é o momento de produção linguística. E é essa produção que o público-alvo irá acessar⁴⁸. Portanto, a ativação de diferentes esforços cognitivos **ao mesmo tempo no momento da filmagem** aponta para processos interpretativos. Além disso, pode-se dizer que há um processo típico de tradução (e não de interpretação) quando a **tomada de decisões tradutórias ocorre em momento anterior à filmagem**. Por isso, elenquei também como critério definidor o material guia, que, quando é preparado para que as decisões sejam recuperadas na íntegra durante a filmagem, evita que sejam despendidos muitos esforços simultâneos, e também evita que haja alguma solução tradutória sendo decidida na etapa de filmagem.

Na tabela 8, abaixo, a partir das discussões dos autores mencionados até aqui, apresento de forma condensada os critérios que, segundo julguei, definem se um processo trata-se de uma tradução ou de uma interpretação. Ao aplicar esses critérios à minha análise, penso que será necessário que ao menos três desses critérios possam ser identificados, diferenciando um de outro. Também penso que os critérios sublinhados na tabela 7 têm mais importância que os demais. Assim, nenhum desses critérios, sozinho, define os processos, mas, sim, uma combinação de três ou mais deles.

⁴⁸ Souza (2021) chamou de apresentação o momento em que o interlocutor acessa o texto (falado ou escrito) produzido pelo emissor.

Crítérios definidores de processos de:	Tradução	Interpretação
<u>Tempo para planejamento textual</u>	Maior tempo, embora possa ter prazos curtos.	Menor tempo; marcado por imediatismo (segundos ou minutos).
<u>Apresentação do texto-fonte</u>	Pode ser repetido (sem ser alterado), durante o processo, quantas vezes o profissional desejar.	Ineditismo do enunciado (texto-fonte), não há possibilidade de ser repetido sem alterações.
<u>Ritmo de trabalho</u>	O tradutor pode seguir seu próprio ritmo, dentro do prazo de entrega estabelecido.	Segue, obrigatoriamente, o ritmo do orador (texto-fonte).
<u>Auxílios externos</u>	Dicionários, glossários, colegas ou outras traduções podem ser consultados durante o processo, sem prejuízos.	A consulta a auxílios externos é limitada ao colega de equipe ou a poucos materiais que tenha consigo, sob risco de perder partes do discurso.
<u>Método de trabalho</u>	Pode ser dividido em etapas, que podem ser pausadas e retomadas em momento posterior, antes da entrega final.	Em geral, não há divisão em etapas. Em alguns casos, o trabalho pode ser dividido em etapas, sendo todas elas, porém, de realização imediata (não podem ser pausadas e retomadas em outro momento).
<u>Refinamento do texto-alvo</u>	O texto-alvo mais refinado: mais possibilidades de revisão e correção antes da entrega final.	Texto-alvo marcado por improvisos: menos oportunidades de revisão e correção.
<u>Competências e habilidades</u>	Competência bilíngue e competências tradutórias.	Competência bilíngue e competências interpretativas.
<u>Disfluências não intencionais</u>	As disfluências seriam somente aquelas planejadas, para manter equivalência com o texto-fonte ou para produzir outros efeitos.	Disfluências não intencionais aparecem no produto final, e são aceitáveis, dada a complexidade da tarefa e a velocidade de seu processamento.
<u>Favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução (no caso de registros em vídeo)</u>	Uso consciente e com planejamento prévio de recursos multimodais como soluções tradutórias.	Recursos multimodais pensados durante ou após o momento da filmagem, sendo, por isso, pouco explorados como soluções tradutórias.
<u>Material guia de filmagem (no caso de línguas de sinais)</u>	Texto ou anotações preparados especificamente para serem guia de filmagem.	Texto-fonte sem alterações disponível para o apresentador (que pode ou não ser a mesma pessoa que traduziu previamente) no momento da filmagem.
<u>Esforços cognitivos no momento da filmagem</u>	Decisões tradutórias tomadas em etapa anterior à filmagem, e sendo recuperadas sem exigências de muitos esforços cognitivos na etapa de filmagem.	Há decisões tradutórias sendo tomadas no momento da filmagem e, com isso, esforços cognitivos diferentes sendo ativados ao mesmo tempo pelo apresentador.

Tabela 8: Critérios definidores de processos de tradução e de interpretação (não devem ser considerados isoladamente, mas em combinação de três ou mais) — Elaboração própria.

Em minha análise de dados, no capítulo 8, verifiquei esses critérios aplicados a casos específicos.

7 Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, que será feita a partir de um estudo de caso descritivo e explicativo. Serão analisados os processos de tradução que geraram alguns dos vídeos disponíveis no site da Videoteca Acadêmica em Libras (ViaLibras). Serão observados rascunhos gerados, anotações e registros das etapas realizadas para a produção de traduções registradas em vídeo, com a devida autorização dos envolvidos.

O corpus de análise é composto de sete vídeos, disponíveis no site da ViaLibras⁴⁹, que descreverei adiante, sendo um deles ainda em fase de finalização. Selecionei para análise vídeos que partem de texto-fonte em português escrito e também vídeos que partem de texto-fonte em português oral. Além disso, nos casos em que o texto-fonte é em português oral, o corpus analisado contém tanto vídeos em que há a presença do texto-fonte no produto final, com a translação no formato de janela de Libras, quanto vídeos em que o texto-fonte não aparece no produto final (o apresentador em Libras aparece em tela cheia).

Nas análises, considere os critérios que selecionei no capítulo 6 como definidores de processos translatórios (tradução ou interpretação), condensados na tabela 7, que são: tempo para planejamento textual, apresentação do texto-fonte, ritmo de trabalho, auxílios externos, método de trabalho, refinamento do texto-alvo, competências e habilidades, disfluências, favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução, esforços cognitivos simultâneos no momento da filmagem e o material guia utilizado.

Quanto a este último critério, minha análise tem por objetivo comparar os vídeos que foram produzidos usando um material guia previamente preparado para recuperar decisões tradutórias tomadas antes com aqueles cujo material guia era o próprio texto-fonte sem nenhuma alteração.

Tenho como hipótese que:

- a. os casos em que o material guia utilizado foi o próprio texto-fonte **sem alterações** representem processos de **interpretação**;
- b. os casos em que o material guia utilizado foi o texto-fonte **com pequenas**

⁴⁹ Disponível em: www.vialibras.lettras.ufrj.br Acesso em: 20 out. 2022.

alterações representem processos **híbridos**;

c. os casos em que o material guia utilizado foi previamente preparado para representar **todas** as decisões tradutórias tomadas **antes** da filmagem representem processos **de tradução**.

O estudo pretende confirmar (ou refutar) a hipótese a partir das análises.

A comparação pretende considerar também a presença de disfluências, como omissões, repetições, falsos começos, pausas não gramaticais, sobreposições e lapsos de língua, especialmente as disfluências que aparecem no produto final desviando-se do que foi previamente planejado, como possíveis diferenciadores entre processos de tradução e de interpretação.

7.1

Análise bibliométrica

Buscando encontrar outros trabalhos que abordassem as diferenças conceituais entre tradução e interpretação, que contemplassem também línguas de sinais em suas definições, realizei uma análise bibliométrica em quatro bases de dados, sendo duas delas brasileiras e duas internacionais.

Iniciei a pesquisa bibliométrica em 03 de setembro de 2022, começando pela BITRA (*Bibliography of Interpreting and Translation*), base de dados internacional da Universidade de Alicante, na Espanha. Os resultados fornecidos pela BITRA foram analisados entre os dias 14 e 16 de setembro de 2022.

Depois, entre os dias 16 e 17 de setembro de 2022, pesquisei em bases de dados nacionais: a BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e o Portal de periódicos da CAPES, sendo este último de acesso restrito a usuários com login e senha. A pesquisa, portanto, só pôde ser realizada com o acesso fornecido pelo Sistema de Bibliotecas da PUC-Rio para alunos devidamente matriculados nesta instituição.

A partir de palavras-chave, que descreverei adiante nesta seção, pesquisadas no Portal CAPES, junto aos resultados foi recomendado que a mesma pesquisa fosse realizada no Scopus, uma base de dados internacional de acesso restrito a instituições conveniadas. Assim, pude realizar a pesquisa, entre os dias 03 e 06 de

outubro de 2022, com login e senha fornecidos pelo Sistema de Bibliotecas da PUC-Rio.

Busquei por todos os tipos de documentos. Como resultado encontrei teses, dissertações, livros e artigos em diversos idiomas. Após a busca e análise dos resultados, encontrei um total de 14 (catorze) trabalhos, incluindo livros, teses, dissertações e artigos científicos, sendo o mais antigo do ano de 1967 e os mais recentes de 2019.

Além disso, encontrei 10 (dez) trabalhos que não abordaram exatamente as diferenças conceituais entre tradução e interpretação envolvendo línguas de sinais, mas que tinham temas correlatos que poderiam ser leituras importantes para a presente pesquisa. Nesse caso, os temas encontrados foram: qualidade na interpretação, disfluências na interpretação simultânea, tradução à prima vista e análise bibliométrica em línguas de sinais. O trabalho mais antigo é de 2007 e o mais recente é de 2019.

Detalhes e comentários mais específicos sobre os resultados em cada uma das bases de dados serão mostrados a seguir, separadamente.

7.1.1

Análise das informações bibliométricas coletadas na BITRA

Como meu intuito era encontrar trabalhos que englobassem as línguas de sinais ao considerar diferenças entre tradução e interpretação, iniciei a busca com termos mais genéricos. A pesquisa por “*Translation and interpretation sign language*” trouxe 267 resultados. Para filtrar os resultados encontrados, busquei selecionar, a partir dos títulos dos trabalhos, aqueles que pareciam abordar tradução *versus* interpretação. Títulos que claramente não abordavam essa temática foram descartados.

Depois, em 14 de setembro de 2022, li os resumos dos trabalhos para listar os que realmente abordaram as diferenças entre os conceitos. Nem todos que mencionavam línguas de sinais abordaram, de fato, diferenças conceituais entre os processos, por isso somente os que abordavam ou, ao menos, tangenciavam o tema, foram considerados. Com isso, obtivemos um total de 7 trabalhos, que estão detalhados na tabela 9.

	Autor	Título do trabalho em inglês	Instituição	Ano da publicação	Idioma do texto
1	Lee, Tae Hyung	A comparative analysis of simultaneous interpretation and translation of an English speech	Universidade Hanyang	2001	Coreano
2	Leneham, Marcel	The sign language interpreter as translator: challenging traditional definitions of translation and interpreting	Macquarie University	2005	Inglês
3	Nilski, Thérèse	Translators and Interpreters: Siblings or a Breed Apart?	Université de Montréal	1967	Inglês
4	Seel, Olaf Immanuel (ed.)	Redefining Translation and Interpretation in Cultural Evolution	Ionian University of Corfu	2018	Inglês
5	Stone, Christopher	Deaf Translators / Interpreters' Rendering Processes: The Translation of Oral Languages	University College London	2007	Inglês
6	Zhong, Yong	Death of the Translator and Birth of the Interpreter ⁵⁰	University of New South Wales	1998	Inglês
7	Bajo, Teresa <i>et. al.</i>	Comprehension and Memory Processes in Translation and Interpreting	Universidad de Granada	2001	Inglês

Tabela 9: Resultados após busca e análise no BITRA, primeira busca — Elaboração própria

Entre os trabalhos encontrados, também obtive como resultado pesquisas que, embora não abordassem diretamente diferenças entre tradução e interpretação, traziam questões que poderiam elucidar minha linha de raciocínio no presente trabalho. Esses trabalhos estão detalhados na tabela 10, abaixo, e compreendem os temas: qualidade na interpretação (textos 1, 2 e 3 da tabela 10), disfluências na interpretação simultânea (textos 4 e 5 da tabela 10), tradução à prima vista ou *sight translation* (texto 6 da tabela 10), e análise bibliométrica em língua de sinais (texto 7 da tabela 10). Cada um desses temas está separado em tons de azul diferentes na tabela 10 para facilitar a visualização.

⁵⁰ Este não é um material de acesso aberto. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/babel.44.4.05zho>

	Autor	Título do trabalho em inglês	Tipo	Ano da publicação	Idioma do texto
1	Kalna, Sylvia	Quality in interpreting.	Capítulo de livro	2012	Inglês
2	Pereira, Maria Cristina Pires	Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais	Artigo	2008	Português
3	Hale, Sandra Beatriz; Uldis Ozolins; Ludmila Stern (eds.)	The Critical Link 5. Quality in Interpreting – a Shared Responsibility	Livro	2009	Inglês
4	Bakti, Maria	Speech Disfluencies in Simultaneous Interpretation	Capítulo de livro	2009	Inglês
5	Camille, Collard; Bart Defrancq	Disfluencies in Simultaneous Interpreting, a Corpus-Based Study With Special Reference to Sex	Capítulo de livro	2019	Inglês
6	Chiang, Heien-Kun; Feng-Lan Kuo; Wei-Chun Chen	Exploring Pausing Patterns in Two-way Sight Translation	Artigo	2009	Inglês
7	Grbic, Nadja	Where Do We Come From? What Are We? Where Are We Going? A Bibliometrical Analysis of Writings and Research on Sign Language Interpreting	Artigo	2007	Inglês

Tabela 10: Textos encontrados na BITRA cujos temas são correlatos à pesquisa — Elaboração própria

Após a seleção desses trabalhos, realizei nova busca, com termos mais específicos. Busquei por “*translation process interpreting process*” em “todos os campos” e também em “título”, como se pode observar na figura 13.

DEPARTAMENTO DE TRADUCCIÓN E INTERPRETACIÓN

BITRA.
BIBLIOGRAFÍA DE INTERPRETACIÓN Y TRADUCCIÓN

Más de 89000 entradas

Campos por los que se puede realizar la consulta

Todos los campos translation process interpreting process Y

Tema Y

Autoría Y

Año Y

Título translation process interpreting process Y

Idioma Y

Palabras clave

Buscar

Seleccione los campos por lo que desee hacer la consulta y pulse el botón buscar

Ayuda Nueva búsqueda

2001-2022 Universidad de Alicante DOI: 10.14198/bitra

Figura 13: Metodología de busca na BITRA.

Obtive 17 resultados que, após uma análise dos resumos e exclusão dos trabalhos já encontrados na busca anterior, resultaram em uma lista de dois trabalhos, detalhada na tabela 11.

	Autor	Título do trabalho	Instituição	Ano da publicação	Idioma do texto
1	Bajo Molina, María Teresa; Presentación Padilla Benítez; Ricardo Muñoz Martín; Francisca Padilla Adamuz; Carlos Gómez; María Carmen Puerta; Pilar Gonzalvo; Pedro Macizo Soria	Comprehension and Memory Processes in Translation and Interpreting	Universitat Atònoma de Barcelona	2001	Inglês
2	Gile, Daniel	La recherche sur les processus traductionnels et la formation en interprétation de conférence	Université de Montréal	2005	Francês

Tabela 11: Resultados após busca e análise na BITRA, segunda busca — Elaboração própria

Portanto, as buscas e filtro de resultados na BITRA obtiveram um total de 9 trabalhos que mencionam diferenças entre tradução e interpretação, além de 7 outros textos que abordam temas correlatos à presente pesquisa, que foram: qualidade na interpretação, disfluências em interpretação simultânea, tradução à prima vista e análise bibliométrica em língua de sinais.

7.1.2

Análise das informações bibliométricas coletadas na BDTD

Partindo para bases de dados nacionais, utilizei a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Em 16 de setembro de 2022, busquei por “processo tradução interpretação” em “título”, configurando para qualquer termo nas correspondências da busca e selecionando “tradução” e “interpretação” nos campos de assunto, como ilustrado na figura 14. Obtive 8065 resultados, que abandonei pela dificuldade de análise de uma quantidade tão grande.

Figura 14: Metodologia de busca na BDTD, primeira busca.

Em nova tentativa, busquei por “tradução interpretação” no campo “título”, selecionando “todos os termos” nas correspondências de busca. Em “assunto”, escrevi “tradução”, e incluí também “processo” em “todos os campos”, como na figura 15.

Figura 15: Metodologia de busca na BDTD, segunda busca.

Com isso, obtive 5 resultados que, após análise dos resumos, foram reduzidos a um único trabalho, detalhado na tabela 12, que aborda, de alguma forma, diferenças entre tradução e interpretação.

	Autor	Título do trabalho	Instituição	Ano da publicação	Tipo
1	Góes, Sirlene Ribeiro	Estudo do processo criativo da tradução e interpretação em janela de Libras da animação fílmica <i>Raccoon & Crawfish</i> : percorrendo caminhos digitais	Universidade Federal da Bahia	2019	Tese

Tabela 12: Resultados após busca e análise na BDTD, primeira busca. — Elaboração própria

Como obtive poucos resultados, tentei uma segunda busca com os termos “tradução e interpretação” no campo “título”, incluindo “tradução” no campo “título” e “Libras” em “todos os campos”. Com isso, obtive 3 resultados, sendo um deles o mesmo encontrado na busca anterior. Os outros dois resultados não abordaram o assunto que me interessava, como verifiquei analisando os resumos desses textos. Um desses 3 resultados já havia aparecido na análise feita na BITRA.

Assim, tentei uma busca mais específica e menos genérica, com o termo “Diferenças entre tradução e interpretação” em “todos os campos”, restringindo a “tradução” no campo “assunto”. Obtive 129 resultados que, após leitura e análise dos resumos, foram reduzidos a um único trabalho, detalhado na tabela 13.

	Autor	Título do trabalho em inglês	Instituição	Ano da publicação	Tipo
1	Souza, Saulo Xavier de	Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras	Universidade Federal de Santa Catarina	2014	Artigo

Tabela 13: Resultado após busca e análise na BDTD — Elaboração própria

Na análise dos resumos desta última busca foi encontrado também um trabalho que aborda qualidade na interpretação, que me interessava para reflexões da presente pesquisa, embora não traga diferenças entre tradução e interpretação. Este trabalho é detalhado na tabela 14, abaixo.

	Autor	Título do trabalho em inglês	Instituição	Ano da publicação	Tipo
1	Braga, Camila Nathalia de Oliveira Braga	O texto traduzido sob a perspectiva do avaliador: um estudo exploratório	Universidade Federal de Minas Gerais	2012	Tese de doutorado

Tabela 14: Resultado após busca e análise na BDTD, sobre qualidade na interpretação — Elaboração própria

Portanto, as buscas e filtro de resultados na BDTD obtiveram um total de 3 trabalhos que mencionam diferenças entre tradução e interpretação, excluindo os resultados já encontrados na BITRA. Desses 3 resultados, 1 abordava um tema correlato à presente pesquisa, a saber, qualidade na interpretação, e não exatamente o foco deste trabalho, que é a diferença entre tradução e interpretação.

7.1.3

Análise das informações bibliométricas coletadas no Portal CAPES

A pesquisa no portal de periódicos da CAPES foi realizada no dia 17 de setembro de 2022. Para acesso ao portal, foi necessário configurar o computador para acesso remoto utilizando login e senha, que foram fornecidos pelo Sistema de Bibliotecas PUC-Rio, em razão de minha matrícula ativa como aluna da PUC.

Iniciei a busca com o termo “diferenças entre tradução e interpretação” no campo “título”. Não obtive nenhum resultado, mas, sim, a recomendação do Scopus, outra base de dados internacional, de acesso restrito, para busca semelhante.

Os resultados obtidos no Scopus são detalhados na próxima seção.

Busquei, então, por “diferenças entre tradução e interpretação” em “qualquer campo” (em vez de apenas em “título”), pedindo o termo exato, mas continuei com nenhum resultado. Em seguida, busquei pelo mesmo termo, mas trocando o filtro de termo exato para “qualquer campo contém”. Obtive uma lista com 48 resultados que, após análise de resumos, foi reduzida para dois resultados, detalhados na tabela 15.

	Autor	Título do trabalho	Instituição	Ano da publicação	Tipo
1	Pompeu, Ana Carolina Moura; Cavallo, Patrizia	Bilinguismo, Tradução e Interpretação: Percepção dos clientes quanto aos profissionais contratados	Universidade Federal de Santa Catarina	2019	Artigo
2	Pagura, Reynaldo	A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores	PUC-SP	2003	Artigo

Tabela 15: Resultados após busca e análise no Portal CAPES — Elaboração própria

7.1.4

Análise das informações bibliométricas coletadas no Scopus

A pesquisa no Scopus foi realizada no dia 03 de outubro de 2022. Iniciei buscando por “*translation interpreting process*”, como ilustrado na figura 16.

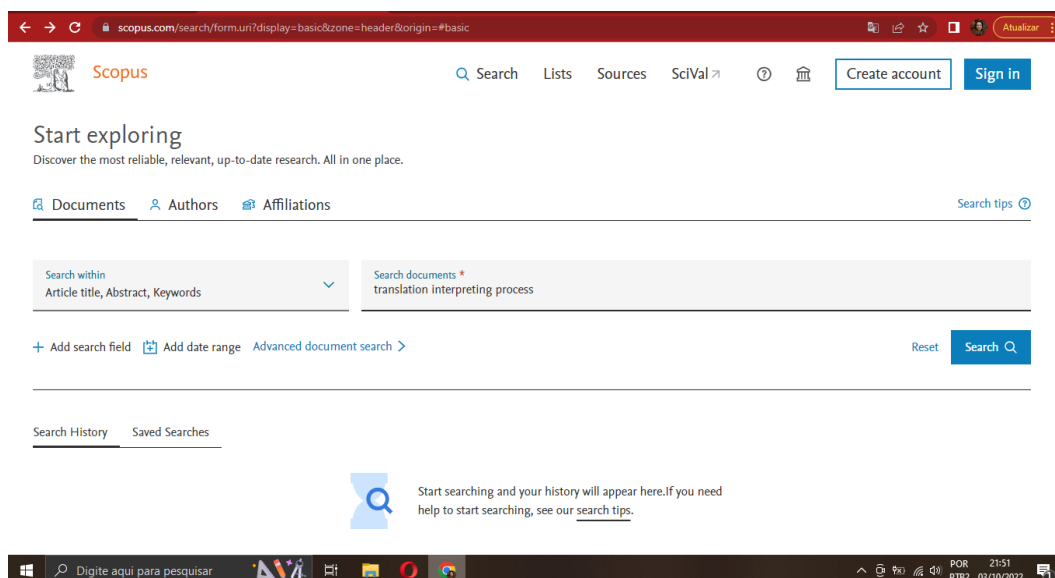


Figura 16: Metodologia de busca no Scopus.

Obtive 612 resultados em diferentes áreas do conhecimento. Limitei esses resultados a um filtro, disponível nessa base de dados, que restringia a área à “*Arts and Humanities*”, com 352 resultados.

Analisei os títulos que pudessem abordar diferenças entre tradução e interpretação e a lista diminuiu para 19 resultados. Após leitura dos resumos, essa lista foi reduzida a um único texto, que não é de acesso aberto. A tabela 16 detalha as informações do texto encontrado.

	Autor	Título do trabalho	Instituição	Ano da publicação	Tipo
1	Wurm, Svenja	Deconstructing translation and interpreting prototypes: a case of written-to-signed-language translation	Elsevier B.V.	2019	Artigo

Tabela 16: Resultado após busca e análise no Scopus — Elaboração própria

No Scopus, é possível solicitar o texto de acesso restrito clicando em “*Full text options*”, e em seguida “*Order Document*”, como mostra a figura 17.



Figura 17: Solicitação de texto de acesso restrito, no Scopus.

Essa funcionalidade, como informado no site, só está disponível para pesquisadores que tenham vínculo com a PUC-Rio, identificados com login e senha fornecidos pelo Sistema de Bibliotecas PUC-Rio. Após a inserção de dados pessoais (nome, e-mail, endereço, cidade, país e CEP), e após clicar em "*Send your order*", o site informou que a solicitação foi enviada ao responsável pela entrega de documentos e empréstimos entre bibliotecas da instituição, no caso, a PUC-Rio. O site também informa que o documento será fornecido para uso pessoal de pesquisa, sob a condição de não serem feitas cópias para distribuição. Recebi um e-mail registrando que o pedido foi feito.

Aguardei retorno da solicitação que, até o presente momento, não obteve resposta. Com isso, nenhuma leitura pôde ser realizada a partir dos resultados desta base de dados.

8

Análise de dados

Com o intuito de verificar a hipótese levantada, elenquei alguns vídeos disponíveis na Videoteca Acadêmica em Libras para análise nesta pesquisa, e irei apresentá-los adiante.

Mas primeiro vale contextualizar que a Videoteca Acadêmica em Libras⁵¹ é atualmente um projeto de extensão, coordenado por mim e pelo Rodrigo Pereira Leal de Souza, desenvolvido na UFRJ. Severino (2022, p. 102-104) fez um apanhado histórico do projeto, desde sua concepção, como trabalho final de uma disciplina de graduação, até a forma como ele se configura hoje. No site da ViaLibras, estão disponibilizados vídeos em Libras, organizados por áreas de conhecimento relacionadas aos cursos de graduação em Letras-Libras e à pós-graduação “Libras: ensino, tradução e interpretação”. Essas áreas são: Estudos Linguísticos, Estudos da Tradução, Estudos Literários, Educação, Estudos Surdos e Vida Acadêmica. Esta última, mais recente, traz conteúdos relacionados ao processo formativo de qualquer aluno em geral. Atualmente alunos extensionistas têm produzido conteúdo nessas áreas, sendo orientados por professores vinculados ao projeto⁵². O conteúdo produzido é traduzido para Libras e disponibilizado posteriormente no site.

Além de vídeos produzidos no Departamento de Letras-Libras sobre esses temas, também está disponível no site da ViaLibras, em cada área específica, uma lista de materiais em Libras produzidos por outras instituições, de forma que seja fácil acessá-los, pois estão organizados por assunto, como ilustrado abaixo na figura 18.

⁵¹ Para mais informações sobre a Videoteca acadêmica em Libras (ViaLibras), acesse: <http://www.vialibras.letras.ufrj.br/index.php/sobre-o-projeto> Acesso em: 03 mar. 2023.

⁵² Este acompanhamento de alunos na produção de conteúdo a ser traduzido para Libras posteriormente e disponibilizado no site esteve ativo enquanto a ViaLibras estava cadastrada como uma ação de extensão na UFRJ, de 2020 até 2023. Em 31 de março de 2023 a frente de extensão da ViaLibras foi descontinuada.



Figura 18 - Lista de materiais produzidos pela equipe ViaLibras, e, abaixo, materiais externos: extraído do site da ViaLibras: <http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/estudos-surdos> Acesso em: 03 mar. 2023.

A ViaLibras tem como um de seus objetivos valorizar a Libras como língua de produção de conhecimento científico, mostrando que o conhecimento acadêmico também pode ser produzido e difundido nessa língua, além de contribuir para o letramento de surdos e ouvintes em textos acadêmicos em Libras. Neste sentido, a ViaLibras corrobora com o que Severino (2022) afirma sobre a importância de traduções para Libras:

(...) traduções para Libras possuem uma espécie de relevância adicional. Afirmo isso pelo fato de que, a título de exemplo, tais traduções não apenas impulsionam o acesso e a permanência de pessoas surdas no contexto educacional, como também viabilizam o uso e a circulação de uma língua eleita para interação em comunidades surdas. Como consequência, elas — as traduções para Libras — reforçam, politicamente, o uso corrente desta língua favorecendo o contato cada vez mais reiterado de sujeitos surdos (e não surdos) com a Libras de modo que, aqueles que por algum motivo não o sejam, passem de aprendizes a usuários dessa língua. (SEVERINO, 2022, p. 22)

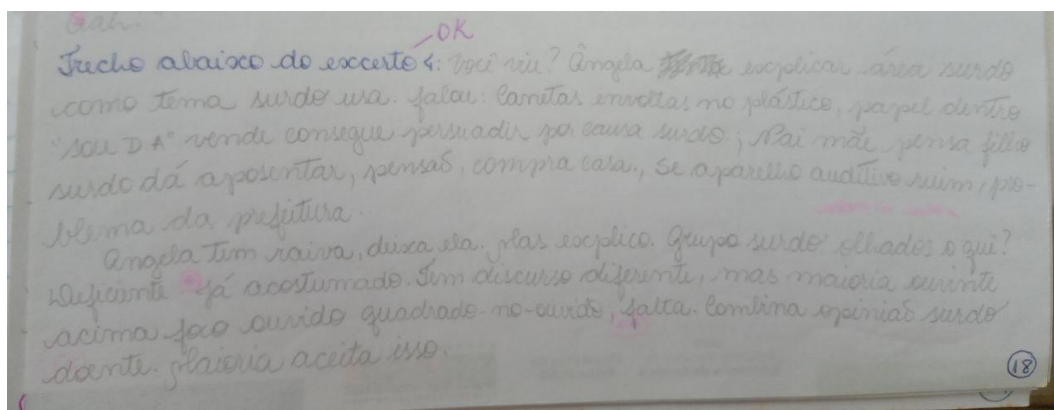
A metodologia utilizada para realizar as traduções que estão disponíveis na ViaLibras seguem, em geral, a metodologia descrita por Carneiro, Vital e Souza (2020), mas há alguns vídeos no site que não foram produzidos seguindo essa metodologia, seja por terem tido um prazo de entrega mais curto ou por escolha do profissional.

Sobre a metodologia de tradução para Libras em vídeo adotada na UFRJ (CARNEIRO, VITAL E SOUZA, 2020), quero fazer algumas considerações. Em

um primeiro momento, como destacaram Souza e Vital (2018), uma revisão bibliográfica identificou trabalhos acadêmicos focados na estruturação do produto final de traduções em línguas de sinais em vídeo, mas poucos se debruçavam sobre o processo de produção de vídeos em língua de sinais. Com isso, o contato com outras instituições que desenvolviam traduções em vídeo naquele momento foi enriquecedor. Para estruturar a melhor maneira de realizar traduções para Libras em vídeo no contexto da UFRJ, também aproveitei estratégias que desenvolvi em meu trabalho de conclusão de curso na graduação (HESPANHOL, 2012), quando pela primeira vez usei anotações de tradução, prévias à filmagem, parecidas com as descritas por Carneiro, Vital e Souza (2020), que são praticadas até hoje. Em Hespanhol (2012), chamei essas anotações de “etapa de reescrita”, pois, naquele momento idealizei uma tradução para vídeo que seguisse as etapas de: leitura prévia do material, reescrita, estratégias de busca, gravação de áudio, filmagem da tradução, elaboração do glossário, revisão e análise da tradução. Descrevi a etapa de reescrita da seguinte maneira:

O texto foi reescrito pela tradutora, numa adaptação do sistema de transcrição para a Libras, utilizado no livro de Felipe & Salerno (2007), tentando registrar a maneira como era pensada a tradução de cada frase. (HESPANHOL, 2012, p. 30)

Porém, como é possível observar na figura 19, as anotações feitas nesta etapa estão bem distantes do sistema de transcrição para Libras (ou “sistema de notação em palavras”, como as autoras chamaram) que Felipe e Salerno (2007, p. 21-23) apresentaram. Segundo as autoras, nesse sistema “as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.” (FELIPE; SALERNO, 2007, p. 21), mas a convenção incluía, por exemplo, escrita com letras maiúsculas para representar os sinais por meio de palavras, e marcações para verbos de concordância como “1s”, “2s”, “3s” para marcar 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular. As anotações que fiz, portanto, não se assemelhavam em nada com este sistema.



No excerto acima, Angela, uma das alunas do curso e também professora de surdos no ensino fundamental, demonstra em sua fala os usos que alguns surdos e alguns familiares fazem da surdez, quando diz que “os surdos estão vendendo pacotinhos de caneta dizendo que são deficientes auditivos... tirando vantagem da surdez para ganhar dinheiro”, “meu filho surdo eu posso aposentá-lo”, “posso ganhar uma casa popular”, “se o filho não tem pilha do aparelho auditivo a rede municipal que resolve”. Apesar de sua fala mostrar indignação, devemos considerar que, infelizmente, a visibilidade que os indivíduos surdos têm é uma visibilidade pautada na deficiência. O que não é de estranhar, considerando que o discurso da diferença articulado na sociedade majoritária sobre ouvintes e surdos é ainda tipicamente construído com base na perda auditiva, na falta de algo, na ausência; uma narrativa fortemente construída do ponto de vista da patologia e, portanto, legitimada e aceita nessa mesma perspectiva. Nesse contexto, faz sentido, para as pessoas (surdos e

Figura 19: Acima anotações da etapa de reescrita da tradução, segundo Hespanhol (2012), e abaixo, o trecho correspondente no texto-fonte: extraído de acervo próprio.

Carneiro, Vital e Souza (2020), descrevendo o processo de tradução para Libras que acontece no Departamento de Letras-Libras da UFRJ, mencionaram as notações escritas, que seria uma utilização de palavras da língua portuguesa para que o tradutor possa se lembrar do texto na língua-alvo (a Libras, no caso) como pretendia para a gravação em vídeo. Por isso, essas notações (que ilustrei na tabela 7 anteriormente) não se vinculam à questão semântica.

Escolhi fazer essas notações, propositalmente de forma não sistematizada, porque essa é uma possibilidade que facilita o trabalho do tradutor e é muitas vezes negligenciada. Existem diferentes sistemas de transcrição complexos, que atendem a diversos fins⁵³. Mas, se eles não já forem familiares ao tradutor, ele terá necessidade de aprender um desses sistemas para realizar sua tradução. Além de tornar o processo de tradução ainda mais demorado, esses sistemas trariam ainda

⁵³ O foco deste trabalho não é sistemas de transcrição de línguas de sinais. Para se aprofundar neste assunto, recomendamos a leitura de Ferreira (2010[1995]) e Felipe e Salerno (2007).

um complicador para o tradutor que se propõe a aprendê-los para realizar uma tradução em Libras. No momento da filmagem, o tradutor realiza um trabalho semelhante ao de um apresentador de telejornal (CARNEIRO, VITAL E SOUZA, 2020, p. 141), que lê o *script* no *teleprompter*: ele precisa ler as anotações para recuperar o sinal pretendido e sinalizá-lo. Isso precisa ser feito em fluxo, sem depender grandes esforços, para que pareça uma sinalização natural (e não que a pessoa está lendo), tal qual se espera de um apresentador de telejornal). Se o sistema de transcrição for complexo, exigirá uma curva de aprendizado grande, e as filmagens podem ficar mais demoradas, por precisarem ser refeitas muitas vezes na tentativa de realizar a sinalização de forma natural.

Notações escritas não sistematizadas atendem ao propósito de fazer o tradutor que as escreveu lembrar-se dos sinais exatos que pretende realizar. Não é necessário que outra pessoa compreenda tais anotações, nem mesmo para uma revisão anterior à filmagem, pois vídeos-rascunho são simples de produzir, acessíveis com um celular, e atendem melhor a este propósito⁵⁴. Talvez a crença de que é **necessário** dominar sistemas complexos de transcrição da Libras para fazer anotações e para preparar um guia de filmagem seja o empecilho que faz com que muitos profissionais optem por realizar uma interpretação filmada, que pode parecer mais simples de operacionalizar, chamando-a de tradução.

No site da ViaLibras estão disponibilizados, na aba “Publicações ViaLibras”⁵⁵, materiais produzidos pela equipe acerca do processo tradutório para Libras em vídeo, e todos os aprendizados da equipe a esse respeito ao longo dos anos. Também estão disponíveis materiais de outras instituições acerca desse assunto na aba “Sugestões de leitura”⁵⁶. Ambas as páginas são atualizadas com frequência.

⁵⁴ Notações não sistematizadas ou mesmo sistemas de transcrição da Libras, ou de qualquer língua de sinais, registram apenas o que o anotador ou transcritor julga importante. Mas não registram todas as nuances de um sinal, para que possam ser apreciadas em uma revisão. Por exemplo: A configuração de mão está sendo realizada corretamente? A velocidade de sinalização está adequada? A expressão facial está condizente, seja no nível do sinal ou no nível da frase? Questões como essas são observadas na revisão de uma tradução, mas não podem ser percebidas por sistemas de transcrição somente.

⁵⁵ Disponível em: <http://www.vialibras.lettras.ufjf.br/index.php/publicacoes-vialibras> Acesso em: 03 mar. 2023.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.vialibras.lettras.ufjf.br/index.php/sugestoes-de-leitura> Acesso em: 03 mar. 2023.

Cabe também contextualizar que nem todos os vídeos em Libras produzidos no Departamento de Letras-Libras são disponibilizados na ViaLibras. Desde 2020, o departamento tem tradutores e intérpretes de Libras em dois setores separados: o Setor de Tradutores/Intérpretes de Libras (SETIL), que tem como foco atender principalmente demandas de interpretação, e o Setor de Produção de Vídeos em Libras, onde trabalho, que foca em atender principalmente solicitações de traduções. Este último conta com apenas dois tradutores. Assim, todas as solicitações de tradução entram em uma fila de tradução, para que sejam atendidas na ordem em que foram feitas, salvo os casos que têm prioridade sobre os demais, como solicitações com prazo, provas e avaliações, por exemplo⁵⁷. Isso explica porque, como veremos adiante, alguns dos vídeos que analiso neste trabalho têm data de solicitação bastante distante da data em que a tradução ficou pronta.

O fato de haver um setor focado em tradução separado de um setor focado em interpretação é atípico em instituições de ensino, pois, segundo Severino e Carneiro (2021), pode haver resistência, por parte de coordenadores ou diretores, em compor equipes de tradução, porque isso implica em retirar intérpretes de sala de aula, onde a demanda é constante e, muitas vezes, priorizada nesses espaços.

Mas, havendo um setor focado em produção de vídeos em Libras, torna-se possível organizar a melhor forma de atender às demandas. As demandas do Setor de Produção de Vídeos em Libras, na UFRJ, são organizadas em um quadro no Trello⁵⁸, de acesso interno, onde recebem uma identificação interna, e onde são anotados todos os registros referentes a cada solicitação (figura 20). Documentos referentes a cada tradução são organizados em pastas do Google Drive do setor, também de acesso interno, e registrados no Trello. Isso está de acordo com o que é recomendado na norma 17100 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022), como demonstrei na seção específica sobre essa norma, que prevê práticas para a qualidade na tradução.

⁵⁷ A ordem de prioridades de tradução foi decidida em reunião do Departamento de Letras Libras, considerando as necessidades internas.

⁵⁸ Trello é uma ferramenta online que permite a organização de projetos em quadros, listas e cartões, facilitando a visualização de diferentes estágios de uma tarefa, e que pessoa de uma equipe está responsável por cada tarefa. Mais informações em: www.trello.com Acesso em: 25 fev. 2023.

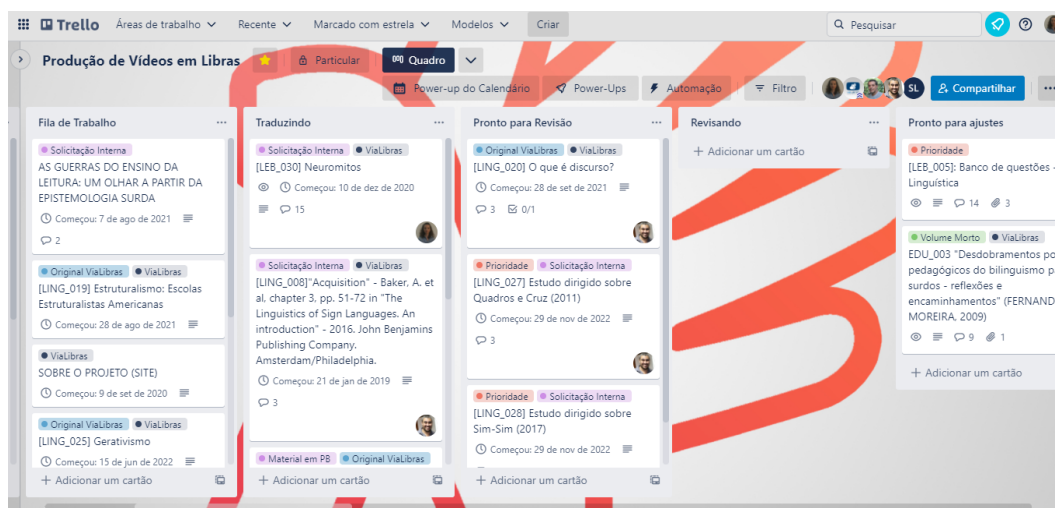


Figura 20 - Organização das demandas do Setor de Produção de Vídeos em Libras do Departamento de Letras-Libras no Trello

Todos os textos traduzidos no setor, incluindo os disponíveis na ViaLibras, têm autorização expressa de seus autores para a tradução ou estão em domínio público, salvo quando são textos sob licenças que já permitem tradução, como a Creative Commons atribuição CC BY⁵⁹. Os vídeos traduzidos também têm autorização por escrito dos tradutores para serem publicados, em conformidade com a lei 9.610 (BRASIL, 1998) sobre direitos autorais.

Para a minha análise, escolhi sete vídeos, disponíveis na Videoteca Acadêmica em Libras, que descreverei abaixo. Busquei abarcar vídeos que partissem tanto de textos escritos quanto de discursos orais, pois, como expliquei no referencial teórico deste trabalho, somente o registro (oral ou escrito) não é determinante na conceitualização dos processos empregados, mas, sim, uma série de critérios analisados em conjunto. Selecionei alguns critérios que julguei relevantes para essas definições no capítulo 6 e, agora, analisarei os vídeos selecionados à luz destes critérios. Com base neles, busquei verificar se o processo translatório que gerou cada um desses vídeos é mais semelhante a tradução ou a interpretação.

Numerei os vídeos analisados de 1 a 7 e dediquei uma seção específica para cada um deles, em ordem de numeração, com informações detalhadas.

⁵⁹ Para mais informações, acesse: <https://br.creativecommons.org/licencas/> Acesso em: 11 mar. 2019.

Classifiquei os vídeos quanto ao material guia, conforme listados na tabela 17, abaixo. Também informei na tabela quem foram os profissionais responsáveis por cada translação e a numeração que atribuí a cada título.

Vídeos cujo material guia foi o próprio texto-fonte, sem alterações:	
Vídeo 1	Videoaula sobre Neuromitos. Responsável pela translação: Dafny Hespanhol. (Disponível em: http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/neuromitos Acesso em: 28 jul. 2022.)
Vídeo 3	Reflexões sobre o português como L2 — versão 1. Responsável pela translação: Marcos Soares. (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JBhozNs3IW0&t=19s Acesso em: 28 jul. 2022.)
Vídeo cujo material guia foi o texto-fonte com pequenas alterações:	
Vídeo 5	A escrita e o pêndulo: definindo um campo atrator. Responsável pela translação: Rodrigo P. L. de Souza ⁶⁰ (Disponível em: http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/a-escrita-e-o-pendulo-definindo-um-campo-atrator Acesso em: 28 jul. 2022)
Vídeos cujo material guia buscou representar todas as decisões tradutórias tomadas previamente:	
Vídeo 2	Neuromitos (ainda não concluído). Responsável pela translação: Dafny Hespanhol Vital
Vídeo 4	Reflexões sobre o português como L2 — versão 2. Responsável pela translação: Dafny Hespanhol Vital (Disponível em: http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/reflexoes-sobre-o-portugues-como-l2 Acesso em: 13 fev. 2023.)
Vídeo 6	A importância da formação técnica para o intérprete de Libras. Responsável pela translação: Dafny Hespanhol Vital (Disponível em: http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/a-importancia-da-formacao-tecnica-para-o-interprete-de-libras Acesso em: 13 fev. 2023.)
Vídeo 7	A surdez como diferença linguística e cultural. Responsável pela translação: Dafny Hespanhol (Disponível em: http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/a-surdez-como-diferenca-linguistica-e-cultural Acesso em: 28 jul. 2022)

Tabela 17: Vídeos da ViaLibras selecionados para análise, conforme as características de cada material guia utilizado — Elaboração própria

⁶⁰ Há um trecho desse vídeo que é traduzido por mim, como consta na ficha técnica do site, mas minha análise irá focar apenas nas partes traduzidas pelo Rodrigo.

Escolhi estes vídeos para que minha análise contemplasse processos de translação que partem de textos escritos, como é o caso dos vídeos 5 e 7, mas também textos-fonte em língua portuguesa oral. Partindo de textos orais, busquei contemplar casos em que o ritmo de trabalho é atrelado ao ritmo de fala do orador do texto-fonte, como é o caso dos vídeos⁶¹ 1, 3 e 6, e casos em que o tradutor poderia seguir seu próprio ritmo, como acontece nos vídeos 4 e 5, em que o áudio do texto-fonte não aparece no produto final do processo translatório. Sendo assim, somente os vídeos 5 e 7 partem de textos-fonte escritos. Todos os demais partem de um texto-fonte em língua portuguesa oral.

Nota-se que a coordenação do projeto entende que os vídeos do primeiro caso (quando o material guia foi o próprio texto-fonte, sem alterações) são interpretações, pois a ficha técnica abaixo desses vídeos traz o nome do profissional que aparece no vídeo como responsável pela “interpretação para Libras” ou “interpretação simultânea”, como mostra a figura 21. A presente análise buscou, justamente, verificar se esse entendimento se manteria.

Ficha Técnica	
Ficha Técnica	Ficha Técnica
Título original: "Neuromitos"	Título original: "Reflexões sobre o Português como L2 (SOARES, 2020)"
Autores: Katharine de Freitas Neto Aragão da Hora	Conteúdo baseado no capítulo 5 do e-book publicado em 2020, disponível em: https://corpusneis.wixsite.com/home/ebook Acesso em: 11 jul. 2022.
Interpretação simultânea: Dafny Hespanhol	Autoria e apresentação oral: Lia Abrantes Antunes Soares
Ano de produção: 2020	Interpretação para Libras: Marcos da Costa Soares
	Programação Visual e Edição: João José Macedo
	Ano de produção: 2020

Figura 21 - Ficha técnica dos vídeos 1 e 3, respectivamente, com destaque para o intérprete de Libras⁶²: extraído de ViaLibras (2012).

De forma semelhante, o vídeo 3 menciona o tradutor como responsável pela “tradução/interpretação em Libras”, indicando um processo híbrido. Como a coordenação da ViaLibras é feita por mim e pelo Rodrigo Leal, a hipótese dessa pesquisa se reflete no que está disponível no site.

⁶¹ O planejamento inicial do vídeo 1 era que o áudio do texto-fonte constasse no produto final, e toda a translação foi feita com base nisso, o que acabou não se realizando por problemas técnicos, como explicarei adiante.

⁶² O vídeo 3 (Reflexões sobre o português como L2 — versão 1) esteve disponível no site da ViaLibras até 23 de setembro de 2022, quando foi substituído pela versão 2. A ficha técnica da figura 19 refere-se à versão 1, enquanto esteve disponível no site. Atualmente a versão 1 está disponível apenas no canal do Departamento de Letras-Libras, no link não listado: <https://www.youtube.com/watch?v=bGvbUk9dGFE> Acesso em: 13 fev. 2022.

Nas análises, busquei analisar como se comportam em cada um dos vídeos as categorias que selecionei no capítulo 6 como marcos diferenciadores entre tradução e interpretação. Também realizei um cotejamento entre texto-fonte e texto-alvo, buscando encontrar disfluências ou recursos multimodais que representassem soluções de problemas tradutórios. Acessei também registros internos do Setor de Produção de Vídeos em Libras e da Videoteca Acadêmica em Libras, quando julguei necessário ter mais informações quanto às anotações feitas pelos responsáveis pela transcrição, prévias à filmagem (quando havia registros disso), ou informações sobre o tempo disponível para o planejamento textual.

Apresentarei adiante o que encontrei nas análises de cada um destes vídeos e, em seguida, uma breve discussão dos resultados.

8.1

Análise do vídeo 1: Videoaula de neuromitos

Início esta seção com uma descrição do vídeo 1, intitulado *Videoaula de Neuromitos*.

Em 10/12/2020 foi solicitada uma tradução de um roteiro, elaborado pela professora Katharine da Hora, com base em slides de aula, também elaborados por ela. O texto entraria na fila de tradução do Setor de Produção de Vídeos em Libras. No entanto, a professora Marília Costa precisava de um material em Libras pronto sobre o assunto neuromitos para utilizar em sua aula do dia 18/01/2021, e, por isso, perguntou se seria possível algo mais rápido a partir de uma videoaula que a professora Katharine tinha gravado com esses mesmos slides. A videoaula tinha duração de 37min25s. Considerando que haveria duas semanas de recesso de Natal em dezembro e, portanto, sem expediente, percebi que o prazo seria curto demais para fazer esta tradução nos moldes de Carneiro, Vital e Souza (2020), que é como costume fazer no setor em que trabalho. A professora Katharine autorizou por escrito o uso de sua voz e imagem, bem como a tradução de seus materiais. Portanto, realizei o que estou chamando de interpretação filmada: assisti ao vídeo todo primeiro e listei os termos que eu não saberia traduzir. Fiz uma busca terminológica destes termos, e coloquei em uma pasta do Google Drive os sinais que encontrei nessa busca. Os termos para os quais encontrei correspondentes em Libras foram:

clássico, déficit, dislexia, interpretação de texto, Mozart, partitura, potencial intelectual (diferenciando de) capacidade cerebral, ressonância magnética, tomografia, sinapse, yoga. Também reli os slides que embasaram a videoaula, que eu já havia recebido e lido antes, quando o primeiro roteiro tinha sido recebido. É possível considerar que essa seria uma etapa de preparação, como acontece em qualquer interpretação (mesmo as que não são gravadas). Feito isso, fiz uma chamada no zoom, sem nenhum outro participante, só eu estava na sala. Em um primeiro momento, pensei em dividir a videoaula em duas partes, procurando um ponto de corte que facilitasse a edição, dado que o vídeo tinha quase 40 minutos (muito tempo para uma interpretação sem revezamento)⁶³. Depois abandonei essa ideia, porque o recesso de fim de ano se aproximava. Iniciei a gravação da chamada e coloquei a videoaula para tocar. A partir disso, iniciei uma interpretação em Libras diante da câmera do meu computador. Mas tive alguns problemas técnicos e, por isso, tive que parar a gravação no meio da videoaula. Em outro dia, fiz o mesmo procedimento no zoom, e gravei a aula considerando a minutagem da videoaula em que havia tido problemas técnicos. Retomei alguns segundos antes, buscando um momento em que o corte e a edição pudessem ser feitos sem prejuízo do conteúdo. Elaborei um roteiro rudimentar, apenas para auxiliar meu colega que faria a edição. Nesse caso específico, a edição foi feita em um programa de edição simples pelo Rodrigo Pereira Leal de Souza, que é tradutor, e não pelo técnico em audiovisual do setor, que trabalha usualmente com programa de edição profissional.

Com base nesse roteiro que elaborei, o Rodrigo P. L. de Souza fez uma edição simples. Durante a minha interpretação, o computador estava captando o áudio e ficaram gravados alguns ruídos. Por esta razão, o áudio foi apagado do produto final na edição. A turma que precisaria desse material era composta de alunos surdos e também ouvintes de diferentes cursos de graduação, que não sabiam Libras. Assim, a minha tradução, sem o áudio em português, seria útil para os alunos surdos, e a videoaula que usei como texto-fonte poderia ser utilizada pelos alunos que não soubessem Libras.

⁶³ A nota técnica nº 2/2017 da FEBRAPILS afirma que: “(...) pesquisas que vem sendo desenvolvidas com esses profissionais recomendam a troca entre as funções de uma equipe de intérpretes num período de 20 até 30 minutos. Estudos indicam que esse período é o tempo adequado para a concentração do intérprete, depois desse tempo (20m-30m), inicia-se um processo de fadiga mental que afeta a produção da mensagem. Quanto mais longa a interpretação, mais erros e omissões podem ocorrer.” (FEBRAPILS, 2017, p. 2). Para mais informações sobre revezamento de intérpretes de Libras, recomendo a leitura de todo o documento.

Inicialmente, essa tradução seria utilizada somente pelos alunos da referida disciplina. Porém, depois de concluída a tradução da videoaula, o roteiro que nos fora inicialmente enviado foi para o final da fila de tradução e demoraria para ser traduzido. Por isso, as professoras pediram que esse material fosse disponibilizado na ViaLibras, até que a tradução do roteiro, que, segundo elas, teria mais qualidade, estivesse pronta e pudesse substituir esse material na videoteca. As professoras pediram dessa forma porque não encontraram nenhum outro material em Libras sobre essa temática disponível na internet. Assim haveria algum conteúdo em Libras sobre o tema disponível para mais pessoas.

A tradução feita a partir do roteiro elaborado pela professora Katharine da Hora é o vídeo 2, que descrevi na seção 8.2.

Quanto ao **tempo para o planejamento textual**, esta solicitação de translação foi feita em 10/12/2020 para ser utilizada com os alunos em 18/01/2021. Como fui eu a pessoa responsável por realizar a translação, consultei os registros da minha agenda Google de trabalho entre essas datas, bem como os registros na agenda Google do Setor de Produção de Vídeos em Libras, buscando recuperar quantos dias de trabalho eu tinha disponíveis para atender a solicitações de tradução na ocasião. Para isso, desconsidere os horários em que eu estava interpretando disciplinas ou reuniões e me preparando para essas interpretações⁶⁴. Também desconsidere os horários em que eu estive participando de reuniões, e dias sem expediente: fins de semana e o período de recesso de Natal. Concluí que entre os dias 10/12/2020 e 18/01/2021 eu teria 67 horas disponíveis para atender a solicitações de tradução. Mas, considerando que seria também necessário tempo para realizar a edição, a filmagem foi realizada em 23/12/2020. A entrega do material pronto foi feita em 04/01/2021, após a autorização da tradução ter sido entregue pela professora. Por isso, pode-se considerar que tive, entre 10/12 e 23/12 (data em que a filmagem foi realizada) um total de 33 horas dedicadas a solicitações de tradução. No entanto, não foi possível precisar quantas dessas horas eu estive, de fato, me dedicando a esta solicitação, porque havia outras solicitações na fila, às

⁶⁴ O Setor de Tradutores/Intérpretes de Libras (SETIL/LEB) afirma em suas disposições internas (art. 27º) que os servidores terão, dentro de sua carga horária de trabalho, um tempo destinado a estudo e preparação para cada interpretação correspondente a 50% da duração da atividade a ser interpretada. Em casos de interpretação de aulas de pós-graduação *stricto sensu*, o tempo de preparação será o mesmo tempo de duração da aula a ser interpretada.

quais eu poderia estar também atendendo durante aqueles dias. Por isso, o número de horas talvez não reflita a realidade, mas aponta para um período curto de tempo para atender a uma demanda de um vídeo (texto-fonte) relativamente longo (37min25s de duração). Assim, o **tempo para o planejamento textual** aqui era relativamente curto, considerando o prazo de entrega, mas não era de apenas segundos ou minutos como em uma interpretação simultânea típica.

Quanto à **apresentação do texto-fonte**, ele poderia ser repetido quantas vezes eu desejasse durante todo o processo, porque estava registrado em vídeo. Mas meu **ritmo de trabalho** tinha de seguir o ritmo de fala da professora, especialmente por causa do **material guia** que escolhi utilizar: embora o texto-alvo final não apresente áudio ou imagem do vídeo original, eu usei como guia para filmagem o áudio do próprio texto-fonte, sem alterações, o que me fazia ter de sinalizar conforme o ritmo de fala da professora, e não no meu próprio.

Embora eu tenha assistido toda a videoaula e me preparado para interpretá-la recorrendo a **auxílios externos** como glossários e outros vídeos em Libras disponíveis na internet, e também consultado colegas sobre alguns possíveis correspondentes para termos específicos, no momento da filmagem, que foi quando eu, de fato, tomei as decisões tradutórias, eu só pude consultar a minha própria memória e mais nenhum outro auxílio externo.

Quanto ao **método de trabalho**, assisti ao vídeo (texto-fonte) e procurei consultar outras fontes, como costumo fazer quando me preparo para uma interpretação. Como a videoaula tinha mais de 30 minutos, tempo ideal de revezamento em uma interpretação (FEBRAPILS, 2017, p. 2), busquei um ponto de corte (alguma pausa mais longa na fala da professora) para pausar a filmagem de minha translação e retomar posteriormente, juntando ambos os arquivos na edição. Mas o corte acabou ocorrendo por eu ter problemas técnicos durante a filmagem, e não exatamente por seguir o meu planejamento. De todo modo, foi possível pausar o processo translatório e retomá-lo posteriormente.

Quanto ao **refinamento do texto-alvo**, não houve nenhuma etapa de revisão. Considero que as **competências** necessárias para esse processo foram competências interpretativas porque, embora incluam competências que podem ser comuns a ambos os processos de interpretação, como, por exemplo, a capacidade de pesquisa e aquisição de informações, de que precisei para me preparar, e que são

descritas nas normas de qualidade como essenciais tanto para tradução quanto para a interpretação, foram necessários conhecimentos e habilidades específicos de interpretação. A NBR 18841, referente a serviços de interpretação, inclui nas competências linguísticas necessárias ao intérprete a habilidade de sinalizar, de compreensão auditiva e de leitura, e também a rápida tomada de decisões apropriadas ao registro, sob pressão de tempo (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2021). Essas foram habilidades necessárias para realizar esse processo translatório. Embora a norma referente a serviços de tradução mencione “competências linguísticas”, estas não são habilidades incluídas.

Ao comparar o áudio do texto-fonte com o vídeo de minha translação, observei algumas **disfluências**, que parecem não ter sido intencionais. Para esta comparação, inicialmente cotejei o texto-fonte em vídeo com o texto-alvo, como demonstrado na figura 22. Utilizei o vídeo bruto da translação, em vez do vídeo editado disponível no site, porque o bruto tinha o áudio do texto de origem, e isso facilitaria o meu cotejamento.

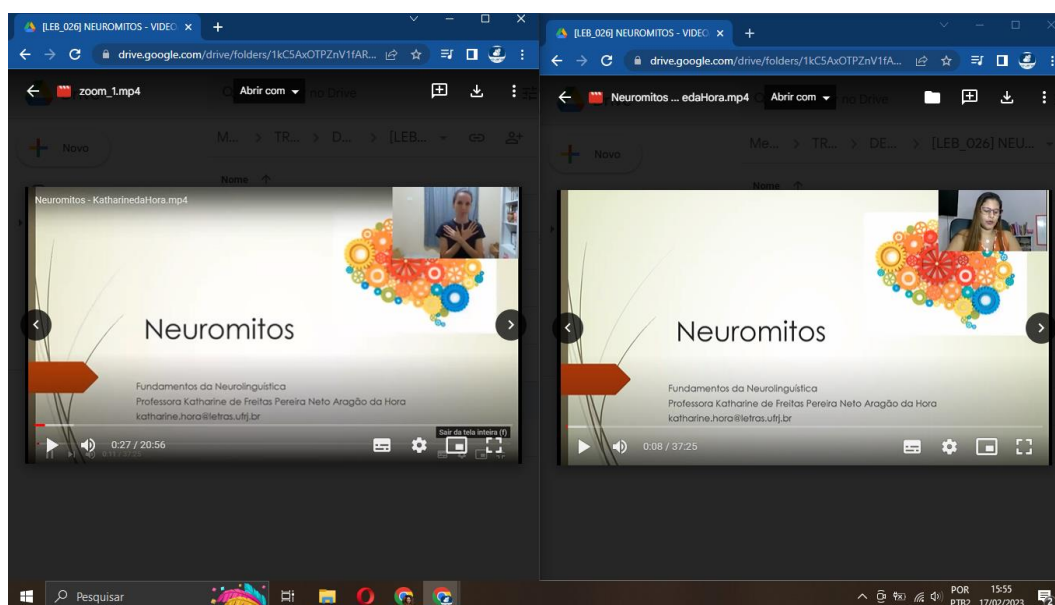


Figura 22 - Cotejamento entre a videoaula de neuromitos (texto-fonte) e o vídeo bruto de sua translação para Libras — Elaboração própria.

No entanto, ao longo da análise, percebi que só era necessário consultar o texto-fonte nos trechos em que o áudio ficava com qualidade muito ruim, dificultando o entendimento. Para facilitar ao leitor recuperar os exemplos que menciono, informarei a minutagem do vídeo da tradução pronta, disponível no site da ViaLibras, em que aparecem os exemplos que mencionarei.

Uma pausa não gramatical foi encontrada (minuto 4:56): eu paro de sinalizar para mudar a posição da minha janela na tela de gravação, para que eu pudesse ler o nome do autor mencionado pela professora, e sinalizar sua soletração manual.

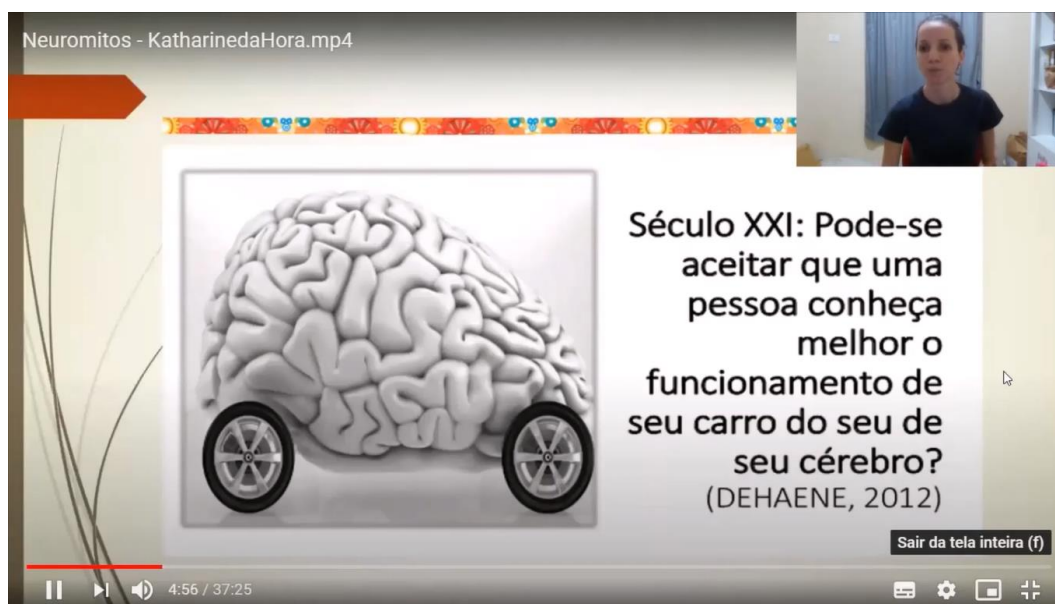
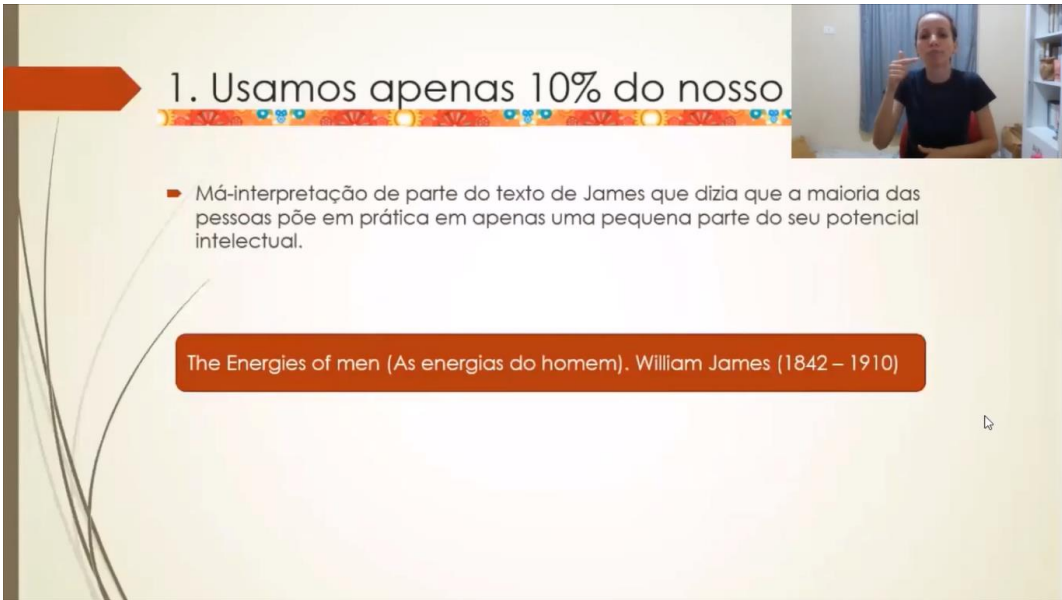


Figura 23 - Exemplo de disfluência: a sinalização é interrompida para fazer ajustes no computador.

Encontrei um lapso de língua (minuto 10:50) quando a professora diz “O texto dizia que a maioria das pessoas põe em prática apenas uma pequena parte do seu potencial intelectual.”. Nesse trecho, eu sinalizo algo semelhante ao número sete em Libras no meio de frase, sem a menor relação de sentido com o que está sendo dito. Segundo Boomer e Laver (1973, p. 123 *apud* BAKTI, 2009, p. 2), lapso de língua é quando é produzido um desvio involuntário da intenção fonológica, gramatical ou lexical do falante.




1. Usamos apenas 10% do nosso

- Má-interpretação de parte do texto de James que dizia que a maioria das pessoas põe em prática em apenas uma pequena parte do seu potencial intelectual.

The Energies of men (As energias do homem). William James (1842 – 1910)

Figura 24 - Exemplo de lapso de língua (desvio da intenção fonológica).

Observei uma sobreposição entre a estrutura do português e a estrutura da Libras no trecho em que a professora diz “...fazendo uso de equipamentos, não é?” (minuto 12:36). No vídeo eu uso os sinais de FAZER TAMBÉM MATERIAL USAR. No entanto, o sinal de FAZER não acrescenta significado a essa frase em Libras. Parece ter sido usado por influência do áudio em português, cuja estrutura contém o item lexical “fazendo”.



1. Usamos apenas 10% do nosso

Tomografia

Ressonância Magnética

- Mostram que não existem áreas inativas no cérebro.
- Para algumas funções ele fica mais ativo em determinadas áreas.
- 100% do cérebro é usado o tempo inteiro.

Figura 25 - Exemplo de sobreposição (de estrutura).

Encontrei um falso começo (minuto 24:45) quando minhas mãos se preparam para fazer o que parece ser o sinal de treino, mas o sinal não chega a ser realizado, de fato.

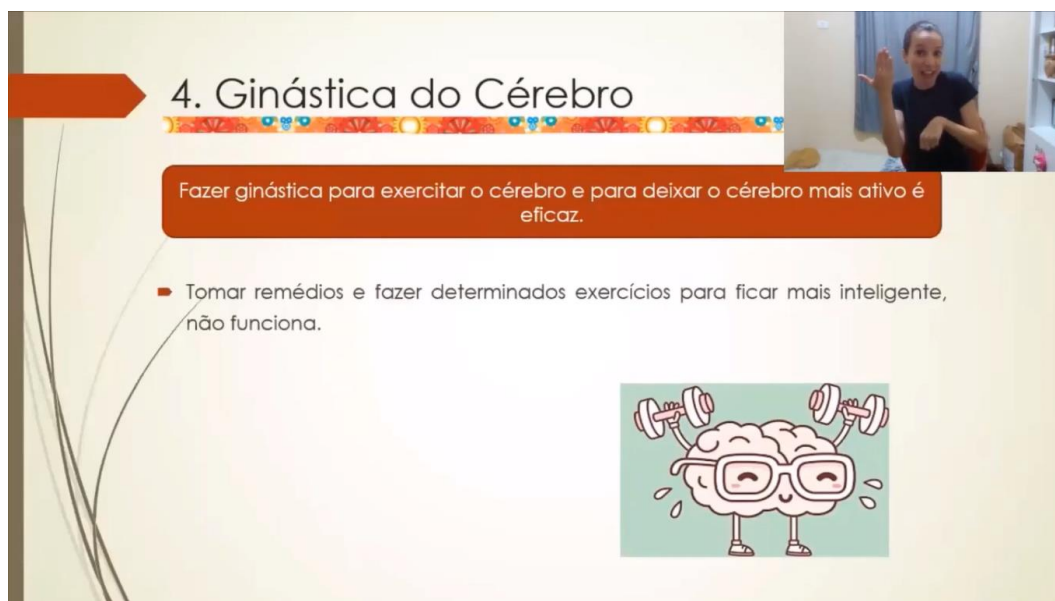


Figura 26 - Exemplo de falso começo.

Considerei todas essas disfluências como não intencionais porque nesses trechos não há disfluência no texto-fonte, que pudesse encontrar correspondência em minha translação. Se este fosse o caso, talvez uma pausa longa ou pausa preenchida visasse, intencionalmente, a manter marcas de oralidade, ou ainda esperar pelo próximo trecho a ser processado, pois a professora fala muito pausadamente em alguns trechos. Mas minha análise concentrou-se nas disfluências que não parecem denotar nenhum efeito consciente. Portanto, parecem ser disfluências próprias do meu processamento em tempo real. Apenas para comparação, encontrei disfluências que considero intencionais também, como uma pausa não gramatical (minuto 5:27, em que sinalizo a pergunta “como...?”, faço uma pausa, e digo quem é o pesquisador que se perguntou “como...”) que corresponde a uma hesitação vocalizada no texto-fonte (em que é falado: “Por que, né? **Éé...** Por que que ele questionou isso?”); e uma pausa preenchida (minuto 13:09, em que levanto uma mão, como que pensando em como continuar a frase) que corresponde a outra hesitação vocalizada no português oral (“O cérebro, ele não tem...**éé...** partes que ficam inativas...”).

Sintetizei as disfluências não intencionais encontradas na tabela 18, abaixo.

Tipo de disfluência	Quantidade de ocorrências no vídeo 3	Minutagem do vídeo em que ocorre
Pausa não gramatical	1	(4:56)
Lapso de língua	1	(10:50)
Sobreposição de estrutura	1	(12:36)
Falso começo	1	(24:45)
—	Total: 4	—

Tabela 18: Ocorrências de disfluências não intencionais no vídeo 1 — Elaboração própria.

Como o material guia utilizado foi o áudio do próprio texto-fonte, sem quaisquer alterações prévias, as decisões tradutórias tiveram de ser tomadas no momento da filmagem. Por isso, este é o caso que chamo de interpretação filmada⁶⁵. Deste modo, foram demandados **simultaneamente alguns esforços cognitivos no momento da filmagem**, como o esforço de recepção (para ouvir e compreender o texto-fonte), a memória de curto prazo e a reconstrução da informação na língua-alvo, que inclui a decisão por soluções tradutórias, como, por exemplo, o aproveitamento de imagens que aparecem em tela durante a sinalização, como descrevo a seguir.

Também observei que, durante o processo translatório, aproveitei algumas imagens dos slides que apareciam em tela nas minhas soluções de tradução. Exemplifico. No início do vídeo (minuto 2:20), está sendo exibido um slide com as partes do cérebro e seus nomes. Ao soletrar esses nomes, eu omito o termo “lobo”, para ganhar tempo em relação à velocidade de fala da professora, especialmente porque soletração manual em Libras toma mais tempo para ser executada. Aproveitei que havia o recurso multimodal da imagem do cérebro aparecendo em tela, com os respectivos nomes de cada uma de suas partes. Posteriormente, no entanto, (minuto 4:20) eu retomo a sinalização feita antes, aproveitando a mesma imagem ainda em tela, e informo que essas partes do cérebro são nomeadas “lobos”.

⁶⁵ Saliento, porém, que esse não é um dos casos em que uma interpretação filmada em Libras é divulgada como se fosse tradução, porque o processo que deu origem ao vídeo é informado ao público-alvo na ficha técnica disponível no site da ViaLibras, em que consta que a pessoa responsável pela “interpretação simultânea” foi Dafny Hespanhol (eu). A ficha técnica encontra-se abaixo do vídeo e nos créditos iniciais em: <http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/neuromitos>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Essa informação é sinalizada aproveitando um trecho em que a fala da professora passa a ter ritmo mais lento.

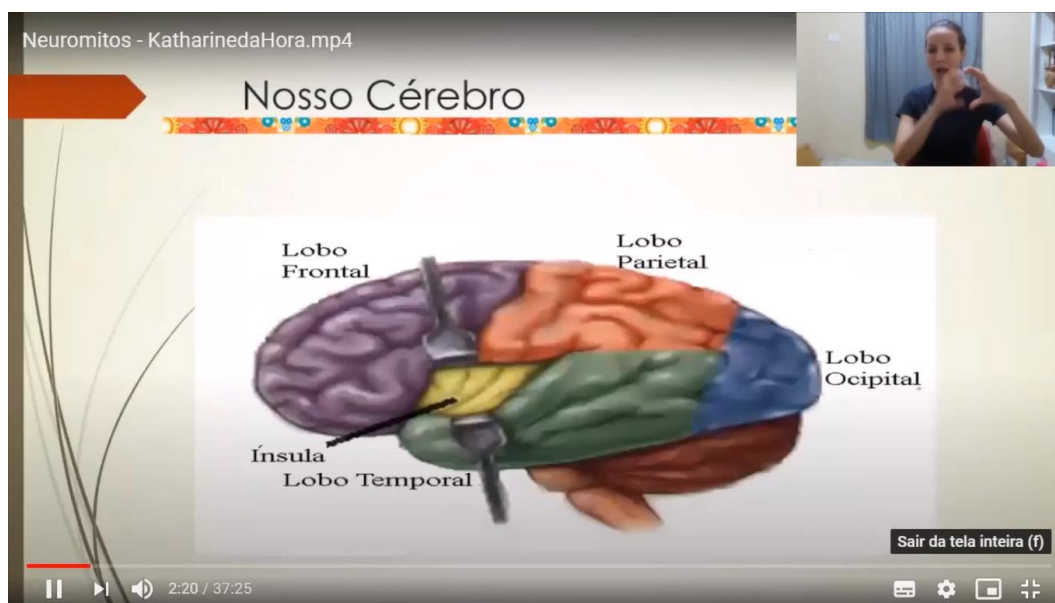


Figura 27- Exemplo do uso de recursos multimodais (imagens) como soluções de tradução.

Este seria, portanto, um caso de aproveitamento de **recursos multimodais** (imagem e escrita em tela) **para soluções tradutórias**. No entanto, vale destacar que, nesse caso, a imagem não foi planejada como uma inserção proposital para solucionar um problema de tradução. A imagem já constava no texto-fonte, sendo apenas aproveitada como solução tradutória.

8.2

Análise do vídeo 2: Neuromitos

Como expliquei na seção 8.1, a professora Katharine da Hora havia solicitado, em 10/12/2020, uma tradução de um roteiro, elaborado por ela com base em slides de uma aula sua, sobre o tema neuromitos. Com a produção da Videoaula de Neuromitos (vídeo 1), não havia mais a urgência pela translação desse roteiro. Com isso, a solicitação foi deslocada para o final da fila de tradução do Setor de Produção de Vídeos em Libras, onde trabalho.

O processo de translação foi iniciado somente em 17/12/2021, e teve de ser pausado e retomado várias vezes, devido a demandas prioritárias que tiveram de ser atendidas primeiro. Até o presente momento, esse vídeo ainda não foi concluído e entregue. O processo tem sido feito nos moldes de traduções para Libras descritas

por Carneiro, Vital e Souza (2020), e meu intuito era compará-lo, nesse caso, com a interpretação filmada da videoaula (vídeo 1), considerando que os vídeos 1 e 2 teriam textos-fonte de conteúdo semelhante (embora não exatamente idênticos). No entanto, dado que esse material ainda não está pronto, a comparação pretendida ainda não pôde ser feita para esta dissertação até o presente momento, mas poderá ser incluída na análise futuramente.

Como não pude fazer a comparação que eu pretendia, entre processos translatórios distintos (vídeos 1 e 2) partindo de um texto-fonte de conteúdo semelhante (embora não idêntico), selecionei os vídeos 3 e 4 para análise, que partem ambos de um mesmo texto-fonte.

8.3

Análise do vídeo 3: Reflexões sobre o português como L2 — versão 1

O texto-fonte do vídeo *Reflexões sobre o português como L2 — versão 1* é um vídeo curto, de 6min59s de duração, gravado pela professora Lia Abrantes Antunes Soares, em português oral. Foi solicitada uma tradução em Libras desse material, no dia 14/08/2020, para que pudesse ser utilizada pelos alunos no dia 27/08/2020. Posteriormente, por alterações no cronograma de aulas, o prazo foi postergado para 03/09/2020. O profissional tradutor e intérprete de Libras Marcos Soares ficou responsável por esta demanda, podendo realizar a translação como achasse pertinente. Em 21/08/2020, ele enviou um vídeo de sua translação, tendo usado como guia o áudio original do vídeo (texto-fonte). Marcos informou que gostaria de, posteriormente, gravar novamente um vídeo melhor, dado que não pôde refinar suas escolhas tradutórias em razão do prazo curto. Por essa razão, esse material teve uma segunda versão em Libras (vídeo 4), que analisarei na próxima seção.

É importante salientar que Marcos Soares trabalha no Setor de Tradutores e Intérpretes de Libras do Departamento de Letras Libras (SETIL/LEB), que atende prioritariamente demandas de interpretação, embora atenda, esporadicamente, demandas de tradução também. Deste modo, ele não é um servidor dedicado à tradução, e precisa dividir sua carga horária de trabalho entre demandas de tradução,

atendidas esporadicamente, e interpretação, incluindo tempo de preparação para interpretação.

Considerando que a solicitação de tradução deste material ocorreu no dia 14/08/2020 para ser usada pelos alunos no dia 27/08/2020, haveria 9 dias para realizar todo o trabalho, desconsiderando fins de semana. Mas a data em que o vídeo seria utilizado em aula foi postergada para 03/09/2020, trazendo mais 4 dias úteis de prazo. Não foi possível recuperar quantos desses dias o Marcos Soares, responsável pela translação desse vídeo, estava com a carga horária preenchida com outras atividades de trabalho. Então, na categoria **tempo para planejamento textual**, havia um prazo curto, mas não marcado por imediatismo.

Quanto à **apresentação do texto-fonte**, este poderia ser repetido quantas vezes o Marcos Soares desejasse durante todo o processo, porque estava registrado em vídeo. A translação aparece em janela de Libras, e o áudio e imagem do vídeo original aparecem no texto-alvo, de modo que a sinalização tinha de seguir o **ritmo de fala** da professora. Embora seja um material bilíngue, o vídeo foi pensado para privilegiar a Libras, por isso a janela de Libras tem tamanho maior que o mais comumente usado, e também maior que o espaço em que aparece o conteúdo em português, como ilustrado na figura 28.

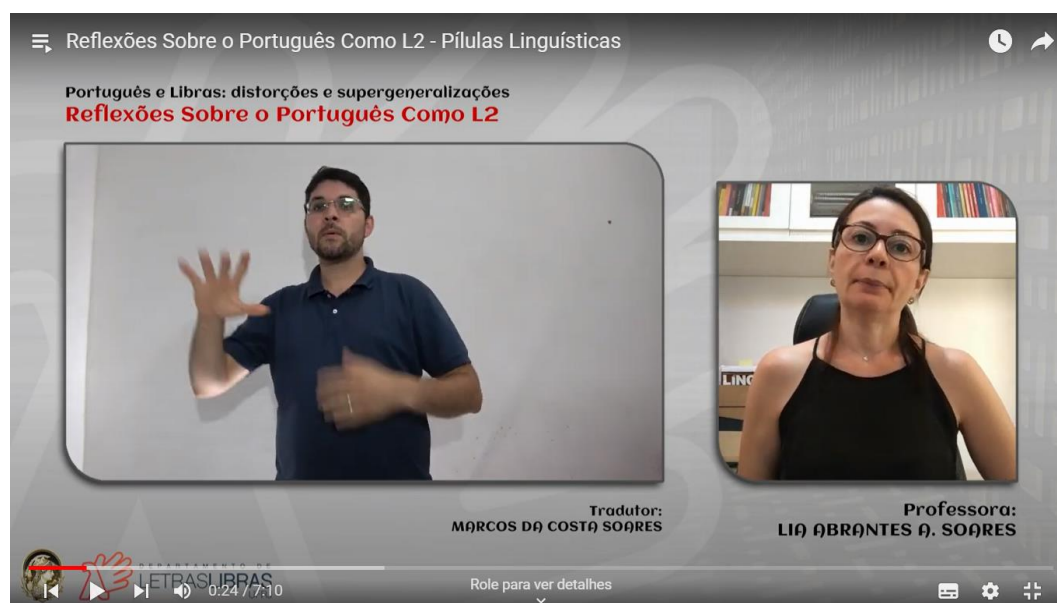


Figura 28 - Janela de Libras em tamanho maior que o conteúdo em língua portuguesa.

Nos registros no Trello do Setor de Produção de Vídeos em Libras consta que fui consultada, em 21/08/2020, pelo Marcos sobre as soluções que utilizei em

outras traduções para os termos “supergeneralizações” e “distorções”. Essas são as únicas informações que pude recuperar quanto a **auxílios externos**: houve consulta a outro profissional (eu) para buscar formas de traduzir esses termos. Não foi possível recuperar se houve consultas a outros profissionais ou materiais auxiliares, embora seja provável que tenha havido algo semelhante à preparação para uma interpretação.

Quanto ao **método de trabalho**, o profissional optou por realizar o processo translatório de uma única vez, sem divisão em etapas, usando como **material guia** de filmagem o áudio do vídeo original, sem alterações. O servidor apontou o desejo de fazer uma nova filmagem, talvez revisando escolhas feitas na primeira, mas encontrou como obstáculos a falta de carga horária de trabalho disponível para isso depois de ter realizado a primeira filmagem. Por esta razão, autorizou que sua filmagem fosse editada e entregue no prazo solicitado. Considerando que houve uma etapa de edição posterior à filmagem e de conferência de aspectos técnicos dessa edição, fica claro que o processo de produção deste vídeo foi dividido em etapas. No entanto, a etapa de produção linguística do texto-alvo não foi dividida (não foi pausada e retomada em outro momento), sendo de realização imediata.

Foram necessárias, nesse caso, **competências interpretativas**, que incluem o processamento cognitivo e a produção em língua de sinais, a compreensão auditiva e a capacidade de tomar decisões rapidamente, sob pressão de tempo, que fossem adequadas ao registro.

Para identificar se houver **disfluências não intencionais**, analisei o texto-alvo disponível no *YouTube* “Letras-Libras UFRJ”, canal do Departamento de Letras-Libras, pois nele consta tanto o português oral quanto a sinalização em Libras. Atualmente este vídeo não está mais disponível no site da ViaLibras, pois foi substituído pela nova versão (vídeo 4), que analisarei na próxima seção. No *YouTube* do departamento este vídeo está configurado como não listado, mas pode ser encontrado de forma pública na *playlist* da Coleção Pílulas Linguísticas, da qual esse conteúdo faz parte.

Encontrei falsos começos: o trecho em português “*As diferenças parecem estar muito mais na natureza dos conhecimentos experimentados em suas comunidades linguísticas desde o nascimento, do que, de fato, em um tipo de português que eles produzem*”, que é proferido sem disfluências (minuto 2:23), tem

na sinalização o início do que parece ser o sinal de ATÉ, mas que não chega a ser produzido completamente.

Outro falso começo identificado foi no minuto 4:23, em que o sinal de BRASIL começa a ser produzido, mas é interrompido para a sinalização de PAÍS. Somente em seguida o sinal de BRASIL é produzido completamente.

Pausas não gramaticais em Libras aparecem no minuto 2:17 e no minuto 6:39, quando a sinalização é simplesmente pausada e retomada sem seguida, sem que pareça produzir qualquer efeito intencional.



Figura 29 - Exemplos de pausas não gramaticais em Libras: à esquerda, minuto 2:17; e à direita, minuto 6:39.

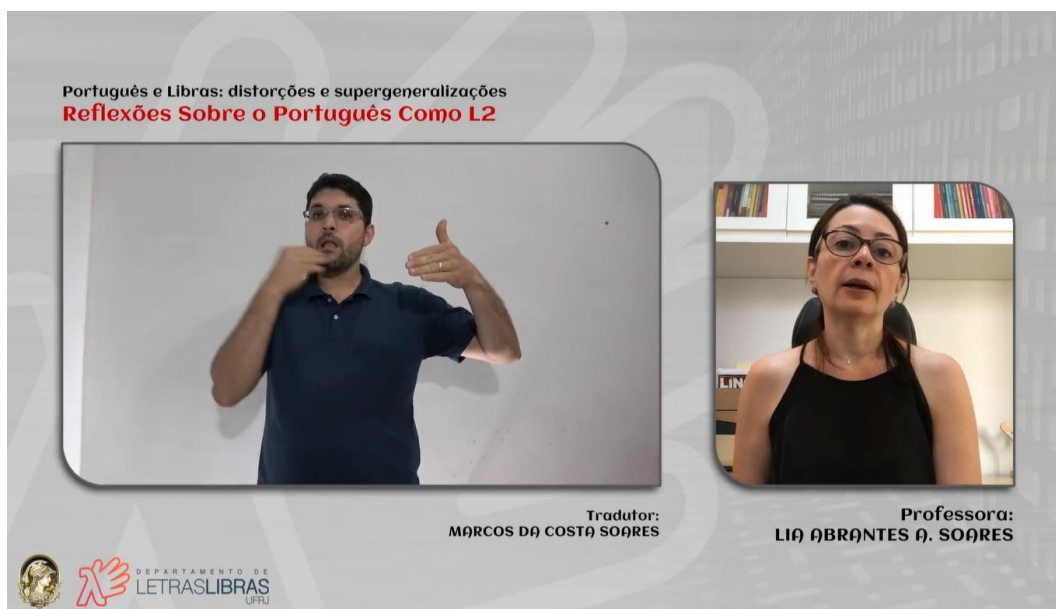


Figura 30 - Exemplo de falso começo em Libras (minuto 2:11).

No minuto 3:05, quando a professora diz “*Exemplifico: um aprendiz japonês, ou um ganense, ou um alemão levam suas experiências prévias linguísticas e de mundo que fortalecerão menos ou mais as conexões com a nova língua que está sendo aprendida*”, há uma omissão de “ganense” na sinalização em Libras. Esta omissão não parece trazer grandes prejuízos, pois se trata de informação

complementar, dada como exemplo, mas é possível que seja um exemplo de saturação, como postulado por Gile (2009), por estarem sendo ativados diferentes esforços cognitivos simultaneamente, visto que foi um processo translatório realizado sob pressão de tempo (o ritmo de fala da professora). Também identifiquei que foi omitido o termo “interlíngua” no minuto 5:05, em que é dito em português “*Qualquer aprendiz de segunda língua apresenta características de interlíngua ou de um sistema em competição, como costume chamar*”.

Foi identificado um lapso de língua (minuto 3:25), quando o sinalizante realiza um dêitico de primeira pessoa do singular que não faz sentido na frase, e também não tem correspondência no trecho em português (“*Quanto mais ricas são as experiências, mais elas podem ser úteis para aprendizagem da L2.*”).

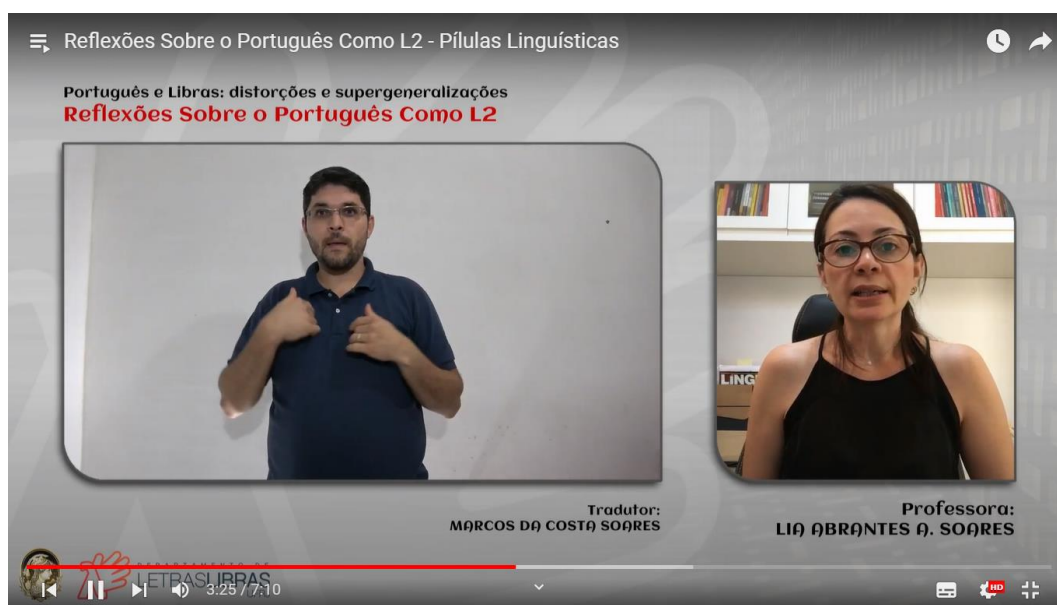


Figura 31 - Exemplo de lapso de língua em Libras (minuto 3:25).

Encontrei ainda uma repetição desnecessária, ou seja, sem equivalência no trecho em português e sem a produção de nenhum efeito intencional que eu tenha conseguido recuperar, quando, no minuto 3:01, o sinal de EXEMPLO aparece duas vezes, intercalado por apenas um sinal (equivalente ao “então”, no português). O mesmo acontece no minuto 3:54, quando um dêitico (equivalente a “eles”, se referindo a surdos nessa frase) é repetido duas vezes seguidas.

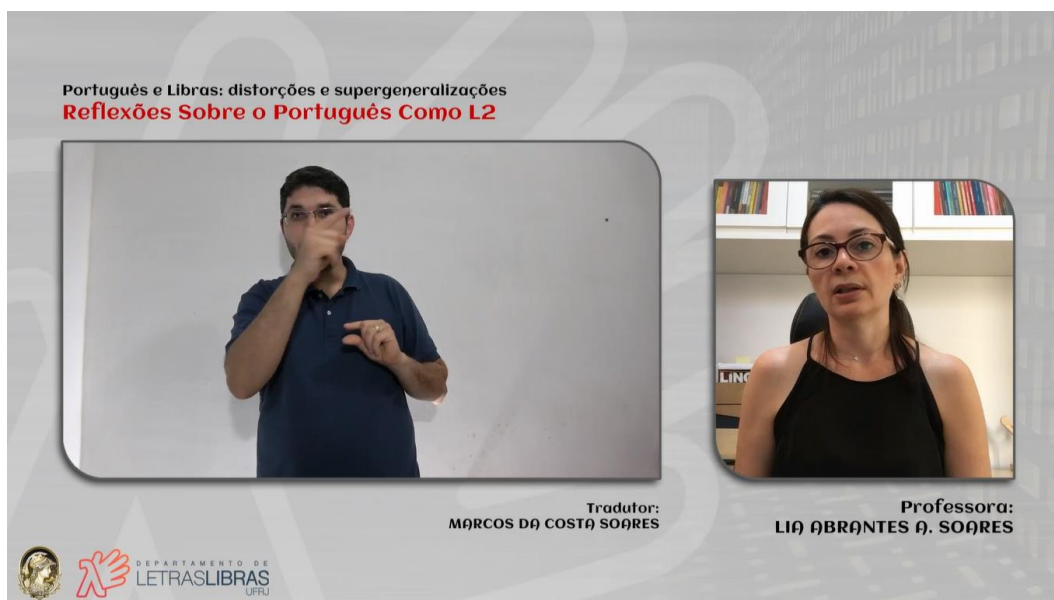


Figura 32 - Exemplo de repetição desnecessária ou não intencional (minuto 3:54)

Na tabela 19, abaixo, listei as ocorrências de falsos começos, pausas não gramaticais, lapsos de língua, repetições e omissões, identificando a minutagem do vídeo em que acontecem. Identifiquei ao todo oito disfluências que parecem não ser intencionais.

Tipo de disfluência	Quantidade de ocorrências no vídeo 3	Minutagem do vídeo em que ocorre
Falso começo	2	(2:23); (4:23)
Pausa não gramatical	2	(2:17); (6:39)
Lapso de língua	1	(3:25)
Repetição	2	(3:01); (3:54)
Omissão	1	(3:05); (5:05)
—	Total: 8	—

Tabela 19: Ocorrências de disfluências não intencionais no vídeo 3 — Elaboração própria.

As disfluências não intencionais encontradas parecem apontar para uma certa saturação (cf. GILE, 2009), do ponto de vista cognitivo, pois **diferentes esforços foram acionados no momento da filmagem**, como o esforço de recepção, necessário para ouvir e compreender o texto-fonte, a memória de curto prazo, para guardar na memória o próximo trecho enquanto o anterior está sendo processado, e a reconstrução da informação na língua alvo, que é a produção em Libras. Além

disso, segundo Gile (2009), é necessária ainda a coordenação dos esforços cognitivos despendidos para que o processo não falhe. Uma vez que havia vários esforços trabalhando simultaneamente, cabe dizer que também era necessário, no momento da filmagem, fazer a coordenação entre eles.

Embora haja a inserção de recursos multimodais que não estavam presentes no texto-fonte, como vinheta, cartela de abertura e créditos, nenhum **recurso multimodal** foi previamente planejado para ser adicionado, propositalmente, como **solução de problemas de tradução**.

8.4

Análise do vídeo 4: Reflexões sobre o português como L2 — versão 2

Esse vídeo é uma segunda versão do vídeo 3. Tanto o vídeo 3 quanto o vídeo 4, sobre o qual discorro aqui nesta seção, partem de um mesmo texto-fonte.

A professora Lia Abrantes Antunes Soares pediu que a tradução do vídeo elaborado por ela, o mesmo que serviu como texto de partida para o vídeo 3, ficasse disponível na Videoteca Acadêmica em Libras, integrado à Coleção Pílulas Linguísticas, de sua autoria. Como o Marcos Soares já havia informado o desejo de realizar uma nova versão de sua tradução, mas não estava mais com carga horária de trabalho disponível para atividades de tradução, a nova versão ficou como incumbência minha, e optei por realizar uma tradução em tela cheia, ou seja, a nova versão não traria o conteúdo em português oral, com janela de Libras, mas seria um conteúdo somente em Libras, como acontece com a maioria dos vídeos disponíveis na ViaLibras. Minha tradução foi iniciada em 30/11/2020, pausada em 07/12/2020 (para ajustes em outra tradução que tinha voltado da etapa de revisão, e uma outra tradução que tinha prazo para uso em sala de aula) e retomada em 04/01/2021. Concluí a tradução em 08/01/2021. A revisão foi feita pelo Rodrigo Pereira Leal de Souza e a filmagem realizada somente em 05/05/2022, após o retorno das atividades presenciais, que haviam sido interrompidas pela pandemia de COVID-19. A filmagem foi realizada utilizando vídeos-rascunho, preparados por mim, que foram projetados em *teleprompter* no momento da filmagem.

Para análise deste vídeo, observei os registros referentes a ele no quadro do Trello, bem como os documentos disponíveis em sua pasta do *Google Drive* do

Setor de Produção de Vídeos em Libras. Realizei cotejamento (cf. figura 33) entre texto-fonte (vídeo bruto da fala da professora) e o texto-alvo (vídeo disponível no site da ViaLibras), buscando por possíveis disfluências e recursos multimodais que pudessem ter sido utilizados como soluções de tradução.

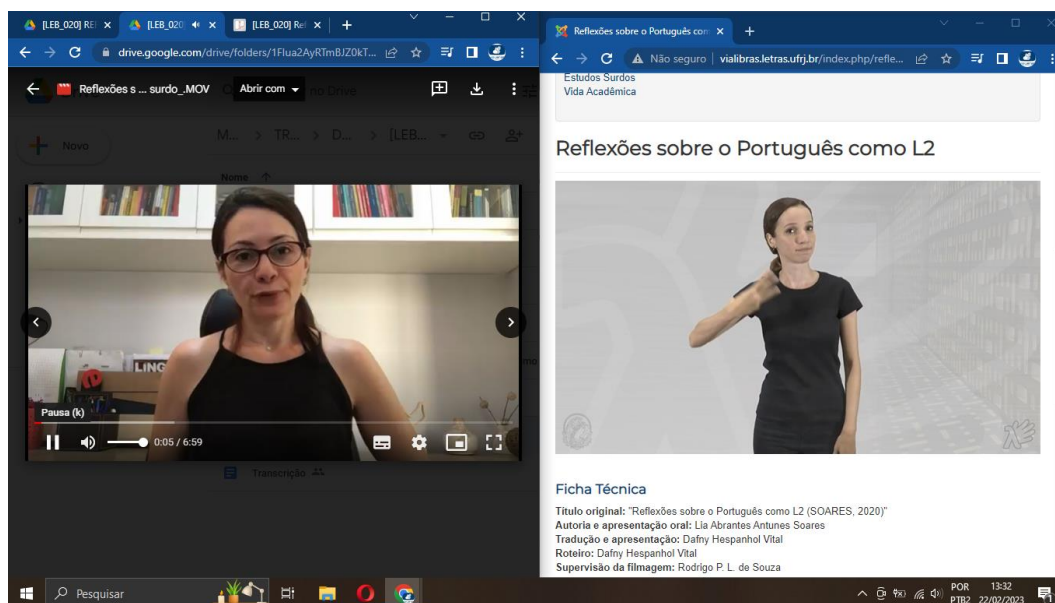


Figura 33 - Cotejamento entre texto-fonte e texto-alvo do vídeo 4 (Reflexões sobre o português como L2 — versão 2)

Uma vez que já havia uma versão deste conteúdo com janela de Libras disponível (vídeo 3), esta versão não tinha prazo específico para ser entregue. Por isso, havia quanto **tempo** fosse preciso **para o planejamento textual**.

Quanto à **apresentação do texto-fonte**, este poderia ser repetido quantas vezes eu desejasse durante todo o processo translatório, porque estava registrado em vídeo.

Considerando que o conteúdo iria ser publicado na ViaLibras, escolhi não produzir um vídeo com janela de Libras, mas com a sinalização em tela cheia, assim como ocorre com a maioria dos vídeos disponíveis na Videoteca. Por isso, quanto ao **ritmo de trabalho**, pude seguir meu próprio ritmo de produção linguística, sem ter de seguir a velocidade de fala da professora, porque o texto-fonte (áudio e imagem) não aparece no produto final.

Busquei **auxílios externos** quando realizei busca terminológica, na etapa de estudo do material. Consultei vídeos e glossários em Libras na internet, procurando por possíveis correspondentes em Libras para interlândia, proficiência e ganense.

Também pesquisei o sinal de Gana no Atlas Geográfico interativo bilíngue, produzido pelo INES (ATLAS, 2008). É possível que outros sinais tenham sido alvo de pesquisa terminológica, mas esses são os que constam nos registros na pasta do Google Drive referentes a este texto.

Quanto ao **método de trabalho**, dividi em etapas de: estudo do material, decupagem, tradução, revisão, filmagem, edição, conferência e disponibilização do material, conforme Carneiro, Vital e Souza (2020). Como este vídeo parte do português oral, a etapa de decupagem iniciou-se com a realização de uma transcrição do vídeo original, feita com o auxílio da ferramenta “Digitação por voz”, disponível online no *Google Docs*. A ferramenta gera um texto com diversos erros e sem pontuações, como illustrei na figura 34.

Olá este é o terceiro vídeo A sobre pontos discutidos no capítulo 5 enrolado português e libras distorções e superações os vídeos anteriores e o direcionei à disposição para as super generalizações a respeito da definição do status da libra e do português como L1 e comi dois também para o status da libras como a primeira língua dos cordas e ainda Fiz considerações sobre a representação cognitiva das línguas usadas por bilíngue Outro ponto importante para reflexão que também foi abordado no capítulo 5 diz respeito a denominação português surdo Será que essa denominação de um português surdo não seria tão distorcida quanto também seriam as denominações português japonês português indiano o português germânico essas denominações são no mínimo improdutivas quando observada por uma perspectiva linguística funcional e por uma perspectiva social pode levar a interpretações de um ponto de vista linguístico Habitacional as especificidades de cada

Figura 34 - Trecho da transcrição do texto-fonte do vídeo 4 antes das correções: feita pela ferramenta “Digitação por voz” do *Google Docs*.

A NBR 17100 reconhece que a transcrição, entre outros serviços, pode ser serviço de valor agregado, oferecido junto a uma tradução, mas não intrínseco à tarefa de traduzir (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022). Nesse caso, a transcrição não compôs um serviço de valor agregado porque não foi entregue à solicitante (não foi solicitado), mas compõe uma das etapas que antecedeu o processo tradutório em si, que é a tomada de decisões.

Após a transcrição, fiz as correções necessárias, com base no áudio do texto-fonte. A partir da transcrição, já corrigida por mim, realizei a decupagem. Nessa etapa, planejei a inserção de elementos multimodais, como vinheta de abertura, capa, modo de inserção de referências bibliográficas e créditos. As referências bibliográficas são uma adição neste caso porque no vídeo é acrescentado um aviso de que as referências podem ser acessadas na descrição do vídeo no *YouTube* ou nas informações referentes ao vídeo no site da ViaLibras.

Ao longo da etapa de tradução, escolhi alguns **recursos multimodais que funcionassem como soluções de tradução ou como auxílio a estratégias de tradução** minhas (cf. figura 35). Por exemplo, a referência ao livro de onde o conteúdo do vídeo se origina é informada em Libras pela ilustração da capa do livro (minuto 1:09). Algumas soletrações manuais, ou escolhas tradutórias são reforçadas com palavras escritas em português aparecendo em tela (como ocorre no minuto: 1:15, 1:28, 1:50, 2:19, 4:43, 5:09, 5:45). A posição da apresentadora em tela em cada uma das cenas (à direita, à esquerda ou centralizada) também foi planejada nesta etapa (cf. figura36), considerando as inserções que apareceriam durante a sinalização das cenas. Também inseri um glossário com os principais termos que usei na tradução em Libras, solução apresentada por Severino (2022, p. 128) como adição de conteúdo, que, sendo um vídeo em Libras, conta com recursos multimodais, como a inserção das palavras em português correspondentes à sinalização que aparece em tela. Tudo isso demonstra um maior planejamento textual, se comparado ao planejamento textual do vídeo 3, que parte do mesmo texto-fonte.

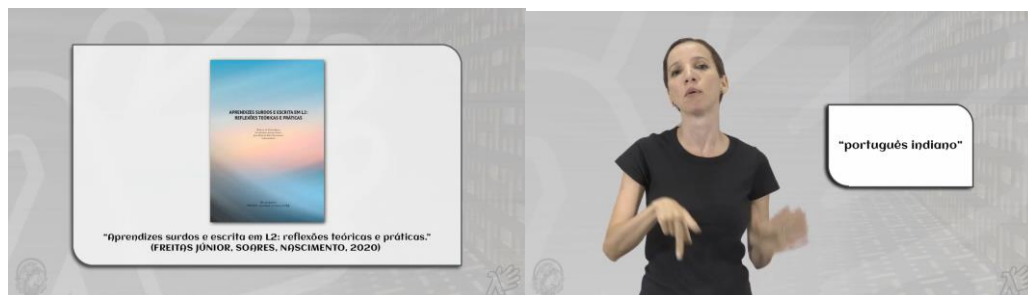


Figura 35 - Exemplos de recursos multimodais usados como soluções de tradução.

006	<p>Tradutora à esquerda</p> <p>LETTERING: Incluir as aspas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • "PORTUGUÊS SURDO" • "PORTUGUÊS JAPONÊS" • "PORTUGUÊS INDIANO" • "PORTUGUÊS GERMÂNICO" 	<p>LIVRO CAPÍTULO 5 TEM IMPORTANTE REFLETIR. O-QUE? TEMA PORTUGUÊS PRÓPRIO SURDO. AREINHA! PARECE DESENCONTRADO! IGUAL FRASE EXEMPLO:</p> <p>DEDO1: PORTUGUÊS PRÓPRIO JAPÃO</p> <p>DEDO2: PORTUGUÊS PRÓPRIO ÍNDIA</p> <p>DEDO3: PORTUGUÊS PRÓPRIO ALEMANHA</p> <p>OS-3-DEDO5 ESTRANHO! PRINCIPAL ÁREA LINGÜÍSTICA PESQUISA AQUISIÇÃO VER OS-3-DEDO5 DESENCONTRADO!</p> <p>OS-3-DEDO5 OFERECER ÁREA SOCIAL PARECE SENTIDO POR-TRÁS PRECONCEITO.</p>	<p>Outro ponto importante <u>pra</u> reflexão que também foi abordado no capítulo 5 diz respeito a denominação "português surdo". Será que essa denominação de um português surdo não seria tão distorcida quanto também seriam as denominações "português japonês", "português indiano" ou "português germânico"? Essas denominações são, no mínimo, improdutivas, quando observadas por uma perspectiva linguística aquisicional. E por uma perspectiva social, podem levar a interpretações hostis.</p>
-----	---	--	--

Figura 36 - Exemplo de decupagem em cenas do vídeo 4 (da esquerda para a direita: número da cena, inserções multimodais, anotações de tradução, transcrição do texto-fonte)

Houve também um **refinamento do texto-alvo**, pois, antes da etapa de filmagem, foi feita uma revisão por outro profissional, o Rodrigo Pereira Leal de Souza. Depois dessa etapa, fiz alterações no planejamento de cenas e, por isso, alterei os vídeos-rascunho que eu tinha elaborado, com base nos quais a revisão fora realizada.

O **material guia** utilizado na filmagem foram os vídeos-rascunho, previamente preparados e alterados após a revisão. Os vídeos-rascunho foram projetados usando equipamento de *teleprompter*, disponível no Departamento de Letras-Libras, como ilustrado na figura 37.



Figura 37 - Registro da filmagem do vídeo 4, usando vídeos-rascunho projetado com equipamento de *teleprompter*: extraído do perfil do Instagram da ViaLibras.

Não foram necessárias, nesse caso, competências interpretativas, pois não havia pressão de tempo, e as decisões tradutórias não foram tomadas no mesmo momento de seu registro oficial (a filmagem), mas sim em momento anterior. Deste modo, foram necessárias **competências tradutórias**, que segundo a NBR 17100, englobam competência em tradução, competência linguística e textual em ambas as línguas (língua-fonte e língua-alvo), competência em pesquisa, aquisição de informações e processamento, competência cultural em ambas as línguas, competência técnica e competência no domínio (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022).

Ao cotejar texto-fonte e texto-alvo, identifiquei que houve o favorecimento da solução descrita por Severino (2022, p. 122) como ressegmentação. No minuto

1:31, o correspondente em língua de sinais do trecho em português “...e ainda fiz considerações sobre a **representação cognitiva** das línguas usadas por **bilíngues**” apresenta o termo “bilíngue” antes de “representação cognitiva”. As anotações referentes à minha tradução deste trecho estão demonstradas na figura 38.

005	Tradutora à direita LETTERING: <ul style="list-style-type: none"> • SUPERGENERALIZAÇÕES • CODA 	VÍDEO ANTES EU EXPLICAR TEMA S-U-P-E-R-G-E-N-E-R-A-L-I-Z-A-Ç-Õ-E-S UNIDO LIBRAS TAMBÉM PORTUGUÊS, S-T-A-T-U-S L1 L2...POIS-É. ANTES EXPLICAR JÁ CODA C-O-D-A LIBRAS L1 COMO. TAMBÉM EXPLICAR JÁ COMO >>SUJEITO BILÍNGUE ELE LÍNGUA COMO PENSAR COGNITIVO-REPRESENTAÇÃO.	Nos vídeos anteriores eu direcionei à discussão para as <u>supergeneralizações</u> a respeito da definição do status da Libras e do português como L1 e como L2, também para o status da libras como a primeira língua dos CODAs, e ainda fiz considerações sobre a representação cognitiva das línguas usadas por bilíngues.
-----	---	--	---

Figura 38 - Ressegmentação favorecida pelo planejamento textual do vídeo 4 (da esquerda para a direita: número da cena, inserções multimodais, anotações de tradução, transcrição do texto-fonte).

Este não é um trabalho sobre tipos de solução de tradução⁶⁶, por esta razão nenhuma das minhas análises focou neste tópico. No entanto, chamo a atenção para esta solução em específico neste vídeo por ser uma solução difícil de operacionalizar em uma interpretação, em que o processamento da translação é feito em poucos segundos ou minutos. Ter tempo para o planejamento textual favorece que sejam tomadas decisões como esta sem despender grandes esforços, sobretudo em frases longas (como é o caso desta cena), em que a memória do intérprete poderia ficar sobrecarregada ao tentar tal estratégia.

A única **disfluência** que encontrei foi um falso começo (minuto 4:25), em que inicio a sinalização do que parece ser o sinal de REGISTRO, mas a interrompo para realizar outro sinal (cf. figura 39). Observei o vídeo-rascunho, usado como guia de filmagem deste trecho (cena 9), mas a disfluência não aparece nele. Parece ter sido essa uma disfluência que surgiu, de fato, no momento do registro oficial desta tradução, de forma não intencional, e que não foi corrigido ou regravado.

⁶⁶ Tipos de soluções de tradução é uma nomenclatura proposta por Pym (2016 *apud* SEVERINO, 2022) que simplifica e reorganiza listas de procedimentos ou de técnicas ou de estratégias de tradução, buscando englobar diversas línguas. Para um aprofundamento neste assunto, recomendo a leitura de Severino (2022).



Figura 39 - Disfluência encontrada no cotejamento do vídeo 4 (falso começo).

Identifiquei que omissões que ocorreram no vídeo 3 não aconteceram no vídeo 4. No minuto 3:25, o item “ganense” aparece, utilizando um dos sinais que encontrei na etapa de estudo do material, na mesma ordem em que é mencionado em português. No vídeo 3, este item fora omitido. Também no minuto 5:06 o item “interlíngua”, omitido na versão anterior, não só é mencionado em Libras, como é também reforçado pela escrita em português que aparece em tela durante a sinalização (recurso multimodal).

No entanto, um trecho (minuto 2:40, cena 7), que está marcado na planilha de decupagem como um problema de tradução, é sinalizado no vídeo final sem qualquer hesitação ou outra disfluência, pois o problema fora resolvido em momento anterior ao da filmagem.

Isso mostra que houve uma minimização da quantidade de **esforços cognitivos despendidos ao mesmo tempo** pela apresentadora (eu) no momento da filmagem. Como as decisões tradutórias foram tomadas em etapa anterior, mesmo os trechos que representavam problemas de tradução já haviam sido solucionados antes. Assim, durante o registro oficial da tradução, a apresentadora precisou apenas observar o vídeo-rascunho projetado à sua frente, e copiar a sinalização que estava vendo. Neste sentido, o material guia utilizado (vídeos-rascunho previamente preparados e revisados) teve papel crucial na minimização desses esforços necessários durante a filmagem, confirmando as conclusões apontadas por Silvério *et al* (2012, p. 5-7). Este parece ser um indício de confirmação da hipótese levantada nesta pesquisa, em relação ao material guia.

8.5

Análise do vídeo 5: A escrita e o pêndulo: definindo um campo atrator

O texto *A escrita e o pêndulo: definindo um campo atrator* é um artigo da professora Lia Abrantes Antunes Soares, publicado na *Revista Roseta*. A professora solicitou sua tradução para Libras, em 08/04/2021, com prazo para o dia 27/04/2021, quando pretendia usar o material com seus alunos. Eu fiquei responsável pela translação de uma citação que aparece no texto, e o Rodrigo Pereira Leal de Souza, pela maior parte do texto. Minha análise aqui irá se concentrar na translação feita pelo Rodrigo, filmada em 19/04/2021. Este é um dos poucos materiais (talvez o único) disponíveis na ViaLibras em que o material guia utilizado foi o próprio texto-fonte em português com algumas pequenas alterações pontuais, que facilitassem a sinalização no momento da filmagem.

Considerando a data da solicitação de tradução (08/04/2021) e o prazo para entrega do produto final (27/04/2021), e excetuando-se os fins de semana e feriados que aconteceram entre essas datas, o prazo era de 10 dias úteis. Não foi possível recuperar quantos desses dias o profissional designado tinha, de fato, disponíveis para trabalhar nesta solicitação, uma vez que existiam outras demandas de trabalho. Mas é possível afirmar que, quanto ao **tempo para o planejamento textual**, este era um prazo curto, mas não marcado por imediatismo.

Quanto à **apresentação do texto-fonte**, ele estava disponível integralmente para o profissional durante todo o processo, uma vez que estava registrado na forma escrita.

Quanto ao **ritmo de trabalho**, o profissional responsável pela translação pôde seguir seu próprio ritmo de produção linguística.

Quanto à consulta a **auxílios externos**, a única informação que encontrei no Trello do Setor de Produção de Vídeos em Libras foi que a etapa de estudo do material e decupagem foi iniciada pelo Rodrigo em 09/04/2021. É provável que auxílios externos tenham sido consultados nesse momento.

O **método de trabalho** adotado seguiu as etapas elucidadas por Carneiro, Vital e Souza (2020), com exceção da etapa de revisão, em razão do prazo curto. Assim, o trabalho foi dividido em etapas de: estudo do material, decupagem, tradução, filmagem, edição, conferência e disponibilização do material. Vale ressaltar que a etapa de conferência visa assegurar que o corte final seguiu as

instruções da decupagem e a estética do material. Apenas questões linguísticas muito graves seriam apontadas nessa etapa, pois não é seu objetivo verificar incompatibilidade entre texto-fonte e texto-alvo a partir de um cotejamento entre eles (CARNEIRO, VITAL E SOUZA, 2020). Assim, quanto ao **refinamento do texto-alvo**, não houve revisões e correções que observassem as escolhas tradutórias antes da entrega.

No entanto, o texto-alvo também não foi somente marcado por improvisos, uma vez que nem todas as escolhas tradutórias foram realizadas no momento da filmagem. Isso se deve ao **material guia** utilizado. Este vídeo não foi filmado na UFRJ, pois, em razão da pandemia por COVID-19, muitos trabalhos tiveram de ser realizados remotamente. Nos documentos referentes à produção deste vídeo, não encontrei nenhum material guia para as cenas traduzidas pelo Rodrigo⁶⁷. Porém, ao analisar o vídeo bruto das cenas traduzidas por ele, pude ouvir o áudio com a própria voz dele, que foi usado como guia. Observei também que alguns referentes, mencionados nesses áudios, não aparecem na sinalização em Libras na mesma ordem em que são mencionados oralmente. Isso indica que havia decisões tradutórias sendo tomadas no exato momento da filmagem.

Além disso, nas cenas traduzidas pelo Rodrigo, as anotações na planilha de decupagem são semelhantes ao texto-fonte, com pequenas alterações, que parecem ter sido realizadas para facilitar a filmagem, antecipando algumas escolhas tradutórias, mas não todas, como ilustro na tabela 20.

CENA	ANOTAÇÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO-FONTE
003	Olhar para o papel em branco e não saber por onde começar. Isso acontece com diversas pessoas, é normal! Escrever não é fácil, às vezes adultos com escolarização de nível superior sentem dificuldade. Mas... por quê? A resposta não é simples, assim como tudo que envolve atividade linguística, significa que há complexidade em vários níveis e em todas as formas de	Olhar para o papel em branco e não saber por onde começar configura uma cena comum, com a qual muitas pessoas se identificam. Mas por que não é fácil escrever, mesmo para adultos com escolarização de nível superior? A resposta não é simples, assim como tudo que envolve atividade linguística, ou seja , há complexidade em vários níveis e em todas as formas de usar uma língua. É possível, no

⁶⁷ A citação direta que traduzi em uma cena única foi filmada a partir de áudio preparado como guia de filmagem. No entanto, minha análise concentra-se nas cenas traduzidas pelo Rodrigo, pela peculiaridade do material guia por ele utilizado.

	usar uma língua. No entanto , é possível lidar bem com a complexidade e a ins-ta-bi-li-da-de próprias da produção escrita.	entanto , lidar bem com a complexidade e a instabilidade que envolvem a atividade de produção escrita.
--	--	--

Tabela 20: Exemplo de anotações de tradução do vídeo 4 (itens diferentes entre anotações e texto-fonte marcados em negrito)

O áudio usado como guia de filmagem parece ter sido feito a partir dessas anotações, embora não seja exatamente igual a elas. Ilustrei na tabela 21, a título de comparação, a anotação que consta na planilha de decupagem na cena 3, e a transcrição, feita por mim, do áudio que consta no vídeo bruto da mesma cena. As partes em negrito salientam as diferenças.

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO (GUIA DE FILMAGEM)	ANOTAÇÕES DE TRADUÇÃO
Olhando para o papel vazio e não saber por onde começar. Isso acontece com diversas pessoas, é normal! Escrever não é fácil, às vezes adultos com escolarização de nível superior sentem dificuldade. Mas... por quê? A resposta não é simples, assim como tudo que envolve atividade linguística, significa que há uma complexidade em vários níveis e em todas as formas de usar uma língua. No entanto, é possível lidar bem com a complexidade e a ins-ta-bi-li-da-de próprias da produção escrita.	Olhar para o papel em branco e não saber por onde começar. Isso acontece com diversas pessoas, é normal! Escrever não é fácil, às vezes adultos com escolarização de nível superior sentem dificuldade. Mas... por quê? A resposta não é simples, assim como tudo que envolve atividade linguística, significa que há complexidade em vários níveis e em todas as formas de usar uma língua. No entanto, é possível lidar bem com a complexidade e a ins-ta-bi-li-da-de próprias da produção escrita.

Tabela 21: Comparação entre transcrição do áudio usado como guia de filmagem e as anotações de tradução: cena 3 do vídeo 4.

A partir das informações que pude recuperar nos registros do Setor de Produção de Vídeos, este é o único material traduzido pelo Departamento de Letras-Libras cujo material guia de filmagem teve essas características. Minha hipótese era de que um material guia como este poderia resultar em um processo híbrido (entre tradução e interpretação).

Realizei cotejamento entre texto-fonte e texto-alvo, buscando identificar **disfluências não intencionais**. Encontrei um falso começo no minuto 6:22, bastante sutil (tive de assistir o vídeo em velocidade lenta no trecho para confirmar a ocorrência), em que, após o sinal de “ler” ser repetido duas vezes, parece que ele vai começar a realizar algum sinal, mas não o conclui, e segue para o sinal seguinte (referente à “várias vezes”). Depois disso o sinal de “ler” reaparece, repetido três vezes seguidas (minuto 6:26). Essa repetição do verbo ler parece exagerada,

considerando que item “várias vezes” também é sinalizado, e não encontra paralelo no trecho em português que diz “*Primeiro, a personagem diz que **leu** envelopes de reclames (cartas comerciais) que chegaram para Ernesto, seu marido. A **leitura** de vários exemplares levou-a à percepção de que esse gênero de texto apresentava característica recorrente: o uso da construção “Ilmo. senhor” para se referir ao destinatário (pelo menos, naquele momento do século passado, essa era a convenção)*”. Assim, é possível que a repetição aqui seja também uma disfluência não intencional.



Figura 40 - Exemplo de falso começo em Libras (minuto 6:22).

Encontrei uma pausa não gramatical no minuto 7:49, e outro falso começo no minuto 8:49, quando ele parece começar a fazer o sinal de “pensar”, mas não termina de realizá-lo, e inicia outro sinal (correspondente a “conectar sentidos”).



Figura 41 - Exemplo de falso começo (minuto 8:49)

Condensei na tabela 22 as ocorrências de disfluências não intencionais que ocorrem no vídeo 5, identificadas pela minutagem do vídeo final.

Tipo de disfluência	Quantidade de ocorrências no vídeo 5	Minutagem do vídeo em que ocorre
Falso começo	2	(6:26); (8:49)
Pausa não gramatical	1	(7:49)
Repetição	1	(6:22)
Omissão	1	(11:13)
—	Total: 5	—

Tabela 22: Ocorrências de disfluências não intencionais no vídeo 5 — Elaboração própria.

Essas disfluências não intencionais encontradas possivelmente apontam para algum nível de saturação (cf. GILE, 2009). No momento da filmagem, o profissional teve de tomar algumas decisões tradutórias, embora não todas, pois algumas ressegmentações ou reconstruções de períodos foram facilitadas por certas alterações no material guia. A exemplo disso, exponho, na tabela 23, as anotações de tradução da cena 7. No trecho dessa cena, o primeiro período do texto-fonte (bastante longo), marcado em negrito na tabela M, é quebrado em períodos simples nas anotações. Verifiquei o vídeo bruto do registro oficial dessa cena, e pude constatar que o áudio usado como guia de filmagem é a exata leitura dessas anotações de tradução.

CENA	ANOTAÇÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO-FONTE
007	<p>Então: a primeira dúvida é por causa do destinatário da carta. Ele é o in-ter-lo-cu-tor. Como se endereçar a ele? Isso fez a personagem mulher An-ge-li-na insegura. Isso atrapalhou o desenvolvimento da escrita.</p> <p>A citação mostrou alguns elementos importantes associados à experiência e também à aprendizagem.</p>	<p>Por trás da dúvida inicial, relacionada à definição do interlocutor e à escolha da forma de tratamento, que causou tanta insegurança à Dona Angelina, afetando suas ações seguintes para desenvolvimento do texto, o trecho ilustra fenômenos importantes sobre experiência e aprendizagem. Primeiro, a personagem diz que leu envelopes de reclamações (cartas comerciais) que chegaram para Ernesto, seu marido. A leitura de vários exemplares levou-a à percepção de que esse gênero de texto apresentava</p>

	<p>1- A personagem diz que leu envelopes de cartas de propagandas que chegaram ao marido, Ernesto. Então várias cartas chegaram, a mulher leu os envelopes então percebeu que esse gênero textual tem uma característica fixa. Usam as palavras I-L-M-O S-E-N-H-O-R. Essas palavras combinam com quem recebia a carta. Essa era a convenção da época no século passado</p>	<p>característica recorrente: o uso da construção “Ilmo. senhor” para se referir ao destinatário (pelo menos, naquele momento do século passado, essa era a convenção).</p>
--	--	---

Tabela 23: Exemplo de ressegmentações em Libras facilitadas pela preparação de um material guia que ainda deixa para o momento da filmagem algumas das decisões tradutórias do vídeo 4 (Os trechos em negrito nas anotações e no texto-fonte são correspondentes).

Assim, quanto aos **esforços cognitivos despendidos no momento da filmagem**, houve uma preocupação em minimizar a simultaneidade de esforços necessários, uma vez que o material guia foi preparado para facilitar algumas decisões. Porém, o guia de filmagem, materializado em áudio, não permitia que fossem recuperadas todas as decisões tomadas previamente, pois algumas soluções só surgiram no momento do registro final em vídeo. Com isso, alguns esforços cognitivos tiveram de trabalhar simultaneamente, como o esforço de decidir por algumas soluções tradutórias enquanto ouvia o material guia e memorizava o próximo trecho a ser processado. A divisão em blocos de texto ou cenas, como proposto por Silvério *et al.* (2012, p. 7), evita que a saturação seja alcançada, pois os esforços são acionados juntos em um curto espaço de tempo. No entanto, as disfluências encontradas, embora sejam poucas, evidenciam que, em algum nível, foi difícil a coordenação de todos os esforços.

Ao analisar a planilha de decupagem, observei ainda que houve planejamento de um **recurso multimodal como solução tradutória**. No trecho que menciona o título do livro *Anarquistas, graças a Deus*, o vídeo em Libras apresenta a imagem de capa do livro (minuto 3:11), com seu título, autora e editora escritos em português (cf. figura 42). Além disso, existem outros elementos multimodais ao longo do vídeo que se encaixam na categoria de multimodalidade redundante, proposta por Severino (2022), que é quando “alguns dos grafismos, imagens e elementos multimodais que aparecem durante as traduções repetem ou reforçam o que está sendo sinalizado pelos tradutores e tradutoras” (SEVERINO, 2022, p. 158). Os casos de multimodalidade redundante são notáveis, mas não necessariamente

um critério diferenciador entre tradução e interpretação porque podem ser inseridos na etapa de edição mesmo que não tenham sido planejados desde antes da filmagem. Por isso, não são marcadores de um maior planejamento textual. No entanto, no vídeo 5, segundo os registros do Trello, a decupagem foi realizada em etapa anterior à filmagem e já previa a inserção desses elementos.



Figura 42 - Exemplo de recurso multimodal usado como solução tradutória (minuto 3:11).

Observamos, então, que foram necessárias **competências tradutórias** para este processo translatório, mas também de **competências interpretativas**, pois algumas decisões tradutórias foram tomadas no momento da filmagem, sob pressão de tempo (no caso, da velocidade de fala no áudio usado como guia de filmagem).

8.6

Análise do vídeo 6: A importância da formação técnica para o intérprete de Libras

O vídeo 6 é a tradução para Libras da palestra intitulada *A importância da formação técnica para o intérprete de Libras*, proferida pela professora Teresa Dias Carneiro, em 2019, no II Fórum de Tradução e Interpretação de Libras da UFRJ (II FórumTILS). Como todas as palestras desse evento, foi solicitada sua tradução em junho de 2019 para publicação na ViaLibras, sem prazo específico. Eu e Rodrigo elaboramos um roteiro para uma primeira edição, que incluía inserção dos slides, logos e créditos. A edição preliminar tinha como objetivo que o responsável pela translação, ao iniciar o processo tradutório, tivesse como saber com exatidão o

tempo em que apareceria em tela, uma vez que o apresentador seria adicionado ao texto-fonte no formato janela de Libras. Após essa edição preliminar, iniciei a tradução em 07/02/2020.

Como tratava-se de um texto-fonte em português oral, e eu ainda não tinha muitas experiências com este tipo de texto-fonte para tradução, optei por preparar minhas anotações no formato de legendas no vídeo, de forma que eu pudesse, durante as filmagens, ler as legendas que preparei e, assim, sincronizar o tempo da minha sinalização com o ritmo da fala da palestrante. No entanto, após realizar um teste, verifiquei que as legendas não podem ser lidas no *teleprompter* porque a imagem aparece espelhada. Por isso, decidi continuar legendando o vídeo com as minhas anotações, mas, a partir delas, preparar vídeos-rascunho, os quais seriam usados como material guia.

Dividi os arquivos de legenda e os respectivos vídeos-rascunho por blocos de fala: cada bloco limitado pelos momentos em que os slides seriam exibidos, pois não havia nada sendo dito durante a exibição dos slides. A tradução teve de ser pausada diversas vezes para atender outras demandas prioritárias, de modo que só seguiu para a etapa de revisão em 02/02/2022. A revisão foi realizada pelo Rodrigo Pereira Leal de Souza.

Este é o único vídeo da ViaLibras cujo material guia são vídeos-rascunho elaborados a partir de anotações feitas no formato de legenda no vídeo de origem (texto-fonte).

Como não foi solicitado um prazo específico para que este vídeo fosse entregue, por isso, havia quanto **tempo** fosse preciso **para o planejamento textual**.

Quanto à **apresentação do texto-fonte**, considerando que estava registrado em vídeo, ele poderia ser repetido sem alterações quantas vezes a responsável pela translação (eu) desejasse, durante todo o processo. No entanto, o produto final apresentaria o vídeo e áudio do texto-fonte em tela, o que fez com que o **ritmo de trabalho** tivesse de seguir a velocidade de fala da palestrante.

Consultei **auxílios externos**: glossários e vídeos em Libras na internet, traduções realizadas anteriormente no Setor de Produção de Vídeos, bem como vídeos em outras línguas de sinais (ao buscar o sinal da Universidade Autônoma de Barcelona), além de consulta a professores surdos e outros tradutores de Libras. Encontrei correspondências para os termos, expressões e nomes próprios: tradução

intermodal, inato, república, protagonismo, UFMG, interpretação de texto, construtivismo, cliente, Universidade Autônoma de Barcelona, Heloísa Gonçalves Barbosa, Carlos Henrique Rodrigues, Amparo Hurtado Albir e Barcelona. Também encontrei possíveis soluções para: laboratório de interpretação (disciplina) e “ficar arrepiado” (de espanto).

O **método de trabalho** seguiu as seguintes etapas: roteirização para edição preliminar, edição preliminar, tradução (legendagem e elaboração de vídeos-rascunho), revisão, filmagem, edição, conferência e disponibilização do material. A edição preliminar tinha por objetivo inserir no vídeo os slides que foram projetados para o público durante a palestra. Assim, ao realizar a tradução, o profissional responsável pela translação saberia quanto tempo exatamente teria para sinalizar os trechos entre um slide e outro. Além disso, o público que assistisse ao vídeo poderia ter acesso ao conteúdo dos slides. Segundo os registros do Trello do Setor de Produção de Vídeos, o trabalho nessas etapas foi pausado e retomado diversas vezes.

Buscando a melhor forma de operacionalizar um processo tradutório com a restrição da velocidade de fala do texto-fonte, experimentei fazer minhas anotações de tradução no formato de legendas, usando o *software* gratuito *Aegisub*⁶⁸(cf. figura 43). Isso me exigiu tempo e uma curva de aprendizado. Todavia, quando testei o uso do vídeo com essas anotações, no formato de legendas, projetadas pelo *teleprompter*, percebi que não haveria como ler as legendas no dia da filmagem: o equipamento de *teleprompter* exibe as imagens de forma espelhada, o que inviabiliza a leitura pelo apresentador nesse formato. Com isso em mente, decidi aproveitar as legendas que eu já havia elaborado até então como uma base para a elaboração de vídeos-rascunho. Os vídeos-rascunho poderiam ser utilizados pelo revisor, corrigidos e, no dia da filmagem, usados como **material guia**. Meu intuito era que a legendagem permitisse sincronizar a sinalização com a fala da professora, podendo adiantar ou atrasar algumas falas, contanto que o início e o fim da sinalização em cada cena coincidisse com o tempo de início e fim do mesmo trecho no texto-fonte. Assim, os vídeos-rascunho gravados a partir das legendas já estariam sincronizados e, no dia da filmagem, eu não teria de me preocupar com essa questão. Isso faria com que o fato de o ritmo de trabalho ter de seguir a

⁶⁸ Disponível em: <http://www.aegisub.org/downloads/> Acesso em: 07 abr. 2020.

velocidade de fala da palestrante fosse um limitador contornado em etapa anterior à filmagem.

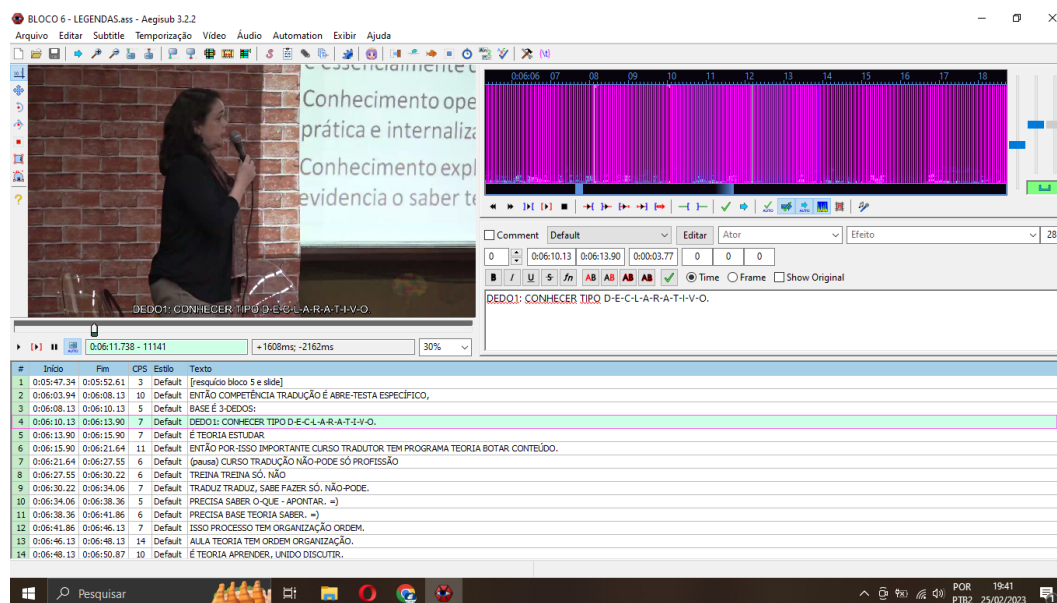


Figura 43 - Anotações de tradução feitas no formato de legendas no texto-fonte, através do programa Aegisub, visando sincronia com o tempo de fala da palestrante — Elaboração própria.

No entanto, essa estratégia mostrou-se pouco produtiva. Além de morosa, foi bastante difícil realizar as correções após a revisão, mantendo a sincronia com o tempo de início e fim de cada cena. Na fase de decupagem, eu pretendia que cada cena fosse dividida pela exibição dos slides. Mas, ao longo da tradução, vi que havia cenas que tinham ficado longas, o que dificultava ainda mais sincronizar o tempo de fala com o tempo de sinalização. Por causa disso, subdividi algumas cenas, deixando a cargo da edição juntá-las. Mesmo assim, algumas cenas não “couberam” exatamente no tempo de fala da palestrante, entre um slide e outro. Por isso, alguns trechos da tradução em Libras tiveram de ser acelerados entre 101% e 103% na edição, o que é quase imperceptível. Mas o trecho inicial (minuto 1:34 até 2:04) teve de ser acelerado em 110%, resultando em uma sinalização artificialmente rápida, embora ainda seja possível entender o significado.

Assim, a correspondência de tempo de fala em português e tempo de sinalização é apenas no início e fim de cada trecho entre a exibição de um slide e outro. A sinalização às vezes antecipa elementos que ainda serão ditos em português, mas em outros momentos também se atrasa em relação à fala em português. Mas esse já era um resultado esperado ao adotar esta forma de trabalho.

Quanto ao **refinamento do texto-alvo**, os vídeos-rascunho passaram por revisão de outro profissional, o Rodrigo Pereira Leal de Souza, após a qual fiz correções e alterações antes da filmagem oficial.

Buscando encontrar possíveis **disfluências não intencionais**, analisei o próprio texto-alvo, pois nele consta o vídeo e o áudio originais (texto-fonte). Também considerei as anotações de tradução que constam na planilha de decupagem. Encontrei uma pausa não gramatical no minuto 3:44, ilustrada na figura 44, próximo a execução do sinal de TREINAR, e outra no minuto 5:16.

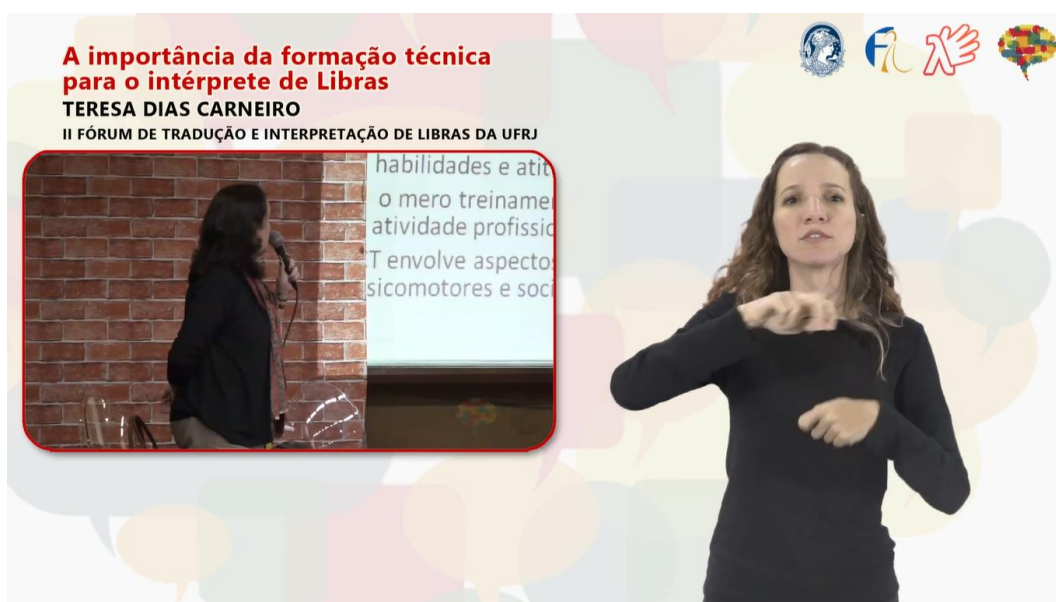


Figura 44 - Exemplo de pausa não gramatical em Libras (minuto 3:44)

Também encontrei um falso começo no minuto 4:19, em que começo a fazer o que parece ser o sinal de DESAFIO, mas paro antes de concluir o sinal, e continuo a tradução emendando no sinal de NECESSÁRIO. Nesse ponto, observei que algumas correções sugeridas pela revisão, que eu pretendia acatar, não haviam sido corrigidas no vídeo-rascunho usado como guia de filmagem. O termo “competências” havia sido traduzido de uma forma antes da revisão e, depois dela, deveria ter o acréscimo de um sinal. Isso se reflete nas anotações de tradução da seguinte maneira: antes da revisão, a anotação para o sinal correspondente em Libras era “POSSÍVEL”. Após a revisão, a anotação era “PENSAR-POSSÍVEL”. Mas, em algumas cenas, há anotações em vermelho na planilha de decupagem em que informo ao supervisor⁶⁹ que o rascunho não foi corrigido porque, como

⁶⁹ Segundo Carneiro, Vital e Souza (2020, p. 142), o supervisor de filmagem “é o tradutor responsável por acompanhar a filmagem oficial do texto e verificar se a sinalização (produção

salientei, utilizar legendas como forma de sincronizar o tempo de produção linguística em português e em Libras dificultou a realização de correções após a revisão. Eu pretendia fazer a correção, nesses casos, no momento da filmagem, pois considerei que seria uma adição simples. Todavia, identifiquei que realizar correções no momento da filmagem, ainda que sejam simples, traz um esforço cognitivo a mais para este momento (o esforço de ter de identificar o item a ser alterado e corrigi-lo na sinalização, enquanto copio todo o restante da sinalização do vídeo-rascunho). Esse esforço a mais pode ocasionar disfluências como esta (minuto 4:19).

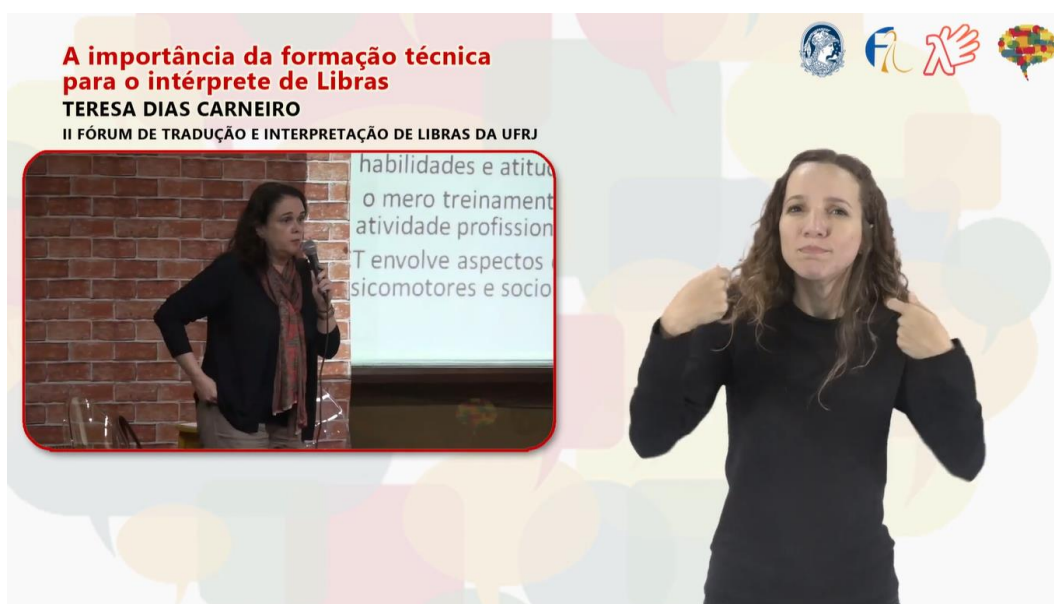


Figura 45 - Exemplo de falso começo em Libras (minuto 4:19)

O mesmo acontece no minuto 5:21, onde foi encontrado um lapso de língua (minuto 5:21) durante a execução do sinal de competências, cujo correspondente nas anotações é “PENSAR-POSSÍVEL”: enquanto uma mão faz o sinal de pensar, a outra mão aponta para a cabeça. Essa apontação não agrega nenhum significado ao enunciado, e parece não ser intencional. Talvez essa seja uma situação semelhante à de interpretação no sentido de ativar esforços cognitivos simultaneamente (GILE, 2009), sob pressão de tempo. Neste caso, a pressão de

linguística na Libras língua de sinais) corresponde aos rascunhos já revisados, além de atentar para problemas de ordem técnica que possam acarretar a necessidade de refilmagem da cena, como falta de clareza na execução de um sinal ou erro em uma soletração manual. O trabalho do supervisor diminui drasticamente a necessidade de refilmagens posteriores.”.

tempo seria a velocidade de sinalização, que precisava parecer natural, e o item adicionado precisava “caber” num tempo suficiente para continuar copiando os outros sinais subsequentes do vídeo-rascunho.

Mais um falso começo motivado por falta de correção no material guia foi encontrado no minuto 5:40, na translação do trecho “...baseados em competências”, na execução do sinal que antecede ao sinal de competências. Identifiquei que este foi um dos vídeos-rascunho, usados como material guia, em que o sinal de “competências” não foi alterado para acatar a sugestão do revisor.

Encontrei outro falso começo no minuto 12:43, em que o sinal correspondente a “português” é interrompido para a execução do sinal de TEXTO, após o qual o sinal de português é finalmente realizado em sua totalidade. Neste caso, não há proximidade com o sinal de “competências”.



Figura 46 - Exemplo de falso começo em Libras (minuto 12:43)

No minuto 17:00 encontrei um lapso de língua, também próximo ao sinal correspondente a “competências”. Neste trecho, a mão passiva aparece levantada, mostrando três dedos, algo fora do planejado para esse trecho. No entanto, verifiquei o vídeo-rascunho utilizado como material guia dessa cena (cf. figura 47) e, embora ele tenha sido refeito para constar o sinal de “competências” corrigido, nele consta essa disfluência, que não constava nas anotações. No caso, este vídeo-rascunho deveria ter sido regravado até não apresentar disfluência que pudesse prejudicar o fluxo da sinalização.



Figura 47 - Vídeo-rascunho (cena 8 parte 5) com a presença de disfluência não intencional, que foi copiada na filmagem final

De modo semelhante, no minuto 23:22, encontrei um falso começo motivado por um material guia não corrigido. Na planilha de decupagem, consta em vermelho, como ilustrado na figura 48, abaixo, a informação de que, após tentativas frustradas de regravar o rascunho, deixei para corrigir algumas questões da sinalização no momento da filmagem. Uma dessas questões era a substituição da sinalização correspondente à anotação “LÍNGUA VÁRIOS SINAIS” por “ÁREA SINAIS”. Isso resultou em um falso começo na filmagem do trecho, que, por alguma razão, não foi regravado: o sinal de LÍNGUA começa a ser realizado, mas é interrompido para dar lugar a sinalização de ÁREA SINAIS.

<p><i>OBS PARA SUPERVISÃO: Eu até tentei regravar com essas correções, mas a expressão ficou péssima duas vezes. Então atentar em algumas coisas:</i></p> <p><i>1. No começo, em vez de "ISSO É ESPECÍFICO INTÉRPRETE LÍNGUA VÁRIOS SINAIS", farei "ISSO É ESPECÍFICO INTÉRPRETE ÁREA SINAIS"</i></p>	<p>ENTÃO FORMAÇÃO INTÉRPRETE ÁREA EDUCAÇÃO. [pausa]</p> <p>ALGUNS SUJEITOS PESQUISAR ESTUDAM FOCO INTÉRPRETE ÁREA EDUCAÇÃO.</p> <p>ISSO É ESPECÍFICO INTÉRPRETE LÍNGUA VÁRIOS ÁREA SINAIS. LÍNGUA ORAL NÃO-TEM INTÉRPRETE ÁREA EDUCAÇÃO! <<NÃO-TEM>>! [PAUSA]</p> <p>SE VOCÊ CURSO, <<PROFESSOR FALAR INGLÊS, VOCÊ OBRIGATÓRIO INGLÊS, OBRIGADO, GABE</p>
---	--

Figura 48 - Planilha de decupagem (cena 11A) com anotações para o supervisor de filmagem à esquerda, e anotações de tradução à direita.

Esses casos mostram que o material guia tem papel crucial para a presença ou não de disfluências não intencionais, e reforça meu argumento de que é necessário dar especial atenção à preparação do material guia antes do momento da filmagem.

Encontrei também um lapso de língua no minuto 32:40, em que aparece o sinal de “sete” muito rapidamente, mas sem qualquer conexão com o que está sendo dito (cf. figura 49). Não encontrei evidências no vídeo-rascunho que pudessem ter motivado a ocorrência.

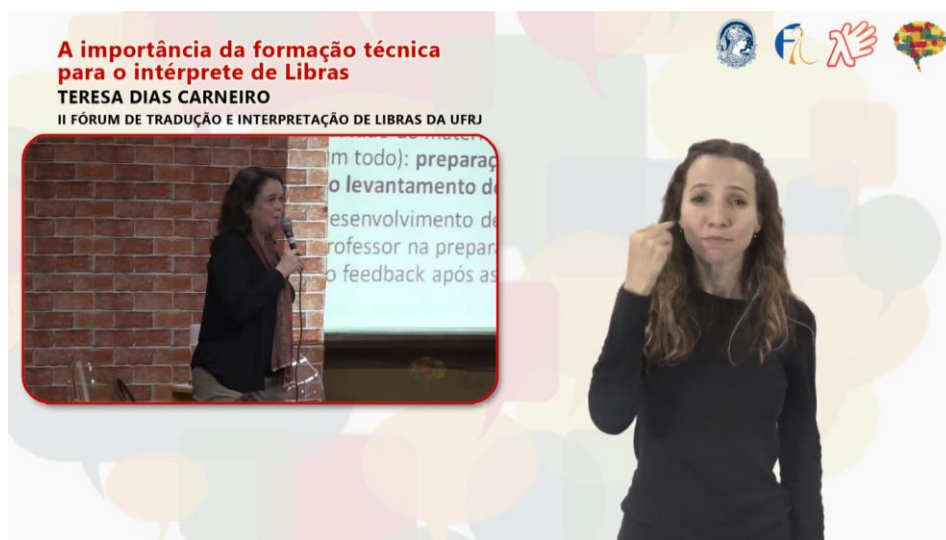


Figura 49 - Exemplo de lapso de língua em Libras (minuto 32:40)

Condensei na tabela 24 essas informações sobre ocorrências de disfluências não intencionais no vídeo 6. As minutagens marcadas em negrito são disfluências que foram motivadas pelo material guia utilizado. Indiquei também que, das nove ocorrências de disfluências, cinco foram motivadas pelo material guia, no caso, vídeos-rascunho não corrigidos.

Tipo de disfluência	Quantidade de ocorrências no vídeo 5	Minutagem do vídeo em que ocorre
Falso começo	5	(4:19) ; (5:16); (5:40) ; (12:43); (22:23)
Pausa não gramatical	1	(3:44)
Lapso de língua	3	(5:21) ; (17:00) ; (32:40)
—	Total: 9	—
—	Disfluências motivadas pelo material guia: 5	(4:19); (5:21) ; (5:40) ; (17:00) ; (22:23)

Tabela 24: Ocorrências de disfluências não intencionais no vídeo 6 (em negrito: ocorrências justificadas por disfluências ou não correções do vídeo rascunho) —Elaboração própria.

Alguns **recursos multimodais** foram explorados **como auxílio a soluções de tradução**. No minuto 7:34, temos o que Severino (2022) chamou de multimodalidade redundante: a palavra “declarativo” aparece em tela enquanto é sinalizada, por meio de soletração manual, pela apresentadora. O mesmo acontece no minuto 8:15 e no minuto 8:47.

Quanto às competências necessárias para a tarefa, além da competência bilíngue e de **competências tradutórias**, não foram necessárias, nesse caso, competências interpretativas, pois no momento da filmagem não havia pressão de tempo: as decisões tradutórias não foram tomadas no mesmo momento de seu registro oficial (a filmagem), mas sim em momento anterior. No entanto, como não foram feitas determinadas correções necessárias em alguns vídeos-rascunho usados como guia, houve necessidade de acionar **ao mesmo tempo alguns esforços cognitivos no momento da filmagem**, a saber: a identificação do sinal que precisava de correção, a realização do sinal corrigido em frente à câmera e a memorização do trecho seguinte, a ser copiado do guia de filmagem. Como esses dois primeiros esforços podem custar algumas frações de segundos, a necessidade de compensação do tempo de execução dos sinais faz com que o esforço de memorização do trecho seguinte precise ser acionado. A tais esforços, não planejados para este processo, somaram-se os esforços já previstos de recepção do vídeo-rascunho projetado no *teleprompter* e de cópia da sinalização do material guia. Isso fica evidente quando constatei que, das nove disfluências não intencionais encontradas, cinco (quase a metade) são motivadas por vídeos-rascunho sem a devida correção.

8.7

Análise do vídeo 7: A surdez como diferença linguística e cultural

O vídeo intitulado *A surdez como diferença linguística e cultural* parte de um texto escrito, de autoria do professor Luiz Carlos Barros de Freitas. O texto em português tem duas páginas, e foi elaborado especificamente para uso em suas aulas na UFRJ.

Foi solicitada a tradução deste texto para Libras em 29/05/2019, sem prazo específico. Portanto, havia quanto **tempo** fosse necessário **para o planejamento textual**.

Eu fiquei responsável por atender esta demanda e, após o professor ter assinado os termos de autorização para tradução, em conformidade com a legislação sobre direitos autorais (BRASIL, 1998), iniciei o processo translatório em 17/07/2019.

Quanto à **apresentação do texto-fonte**, como o texto estava em um registro escrito, podia ser repetido quantas vezes fosse necessário, sem alterações, durante todo o processo translatório.

Uma vez que o texto-fonte era escrito e não seria exibido no vídeo final junto ao texto-alvo, pude seguir meu próprio **ritmo de trabalho**, sem ter de vincular a velocidade de minha produção linguística ao ritmo de exibição do texto-fonte.

Quanto ao **método de trabalho**, houve divisão em etapas, as mesmas descritas por Carneiro, Vital e Souza (2020): estudo do material, decupagem, tradução, revisão, filmagem, edição, conferência e disponibilização do material. Na etapa de estudo do material, consultei **auxílios externos** ao realizar busca terminológica. Os termos para os quais busquei equivalentes em Libras foram: burocracia, *deafhood* ou surdidade, e os sinais das pesquisadoras Adriana Thoma, Gayatri Spivak e Maura Lopes. Consultei outras traduções já realizadas anteriormente no Setor de Produção de Vídeos, em que essas palavras apareceram, buscando quais foram as soluções anteriores para elas. Também consultei intérpretes do SETIL/LEB para saber como essas palavras costumavam ser interpretadas em sala de aula, especialmente porque os alunos dessas aulas eram o público-alvo do vídeo 7. Além disso, consultei vídeos em Libras na internet e professores surdos no departamento que estavam estudando temas relacionados ao assunto deste vídeo.

A etapa de filmagem aconteceu em 11/03/2020, depois da qual o vídeo foi editado e conferido. O material pronto foi disponibilizado no site da ViaLibras em 12/05/2020.

Quanto ao **refinamento do texto-alvo**, este passou por duas etapas de revisão. A ideia inicial era que o texto passasse por uma revisão copidesque, realizada pela tradutora e intérprete de Libras Maria Helena Paes da Silva Mora, e

uma revisão linguística, que seria realizada pela professora de Libras no Departamento de Letras-Libras Clarissa Guerretta, que é surda. Estas duas etapas de revisão são previstas por Carneiro, Vital e Souza (2020), que descreveram especificamente o contexto de traduções para Libras realizadas no Departamento de Letras-Libras da UFRJ.

O primeiro tipo de revisão é o copidesque, que consiste em um tradutor realizando o cotejamento entre o texto-fonte e o texto-alvo, a fim de verificar se há supressões ou acréscimos desnecessários, se há algum equívoco na tradução e possíveis sugestões a fim de melhorar a qualidade do texto-alvo. O segundo tipo é a revisão linguística, que consiste em analisar o texto enfocando questões gramaticais e sintáticas da língua-alvo. Esse segundo tipo é, atualmente, realizado por professores de Libras surdos do Departamento de Letras-Libras. (CARNEIRO, VITAL E SOUZA, 2020, p. 148)

No entanto, por diversas razões, professores surdos do departamento têm se ocupado de outras muitas funções, o que acarreta em menor disponibilidade para a realização de revisões. Com isso, muitas vezes traduções de textos curtos acabavam demorando meses para serem finalizadas devido à espera pelo retorno da revisão linguística, como foi o caso do vídeo 7 que descrevo aqui.

A revisão copidesque foi concluída pela Helena em 07/11/19. O texto tinha sido enviado para revisão linguística antes disso, em 05/08/2019, já contando que poderia demorar para ser devolvido, mas não teve retorno até o dia 19/02/2020, quando o tradutor Rodrigo P. L. de Souza assumiu a tarefa de realizar uma segunda revisão, que foi devolvida em 20/02/2020.

Nesse caso, ambas as revisões consistiram em um cotejamento entre texto-fonte e texto-alvo, e foram feitas a partir de uma retrotradução, ou seja, em um primeiro momento, o revisor assistiu aos vídeos-rascunho e fez uma tradução escrita de cada um deles para o português; em seguida, comparou sua tradução escrita com o trecho correspondente do texto-fonte (cf. figura 50). Com isso, os revisores puderam sugerir ajustes quanto à realização de alguns sinais (ajustes em configurações de mão, sugestão de sinais a serem substituídos, ajustes gerais para efeitos de paralelismo e correções de omissões não desejáveis), além de darem opções que pudessem tornar alguns trechos difíceis virtualmente mais claros para o público-alvo do vídeo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Letras – FL
Departamento de Letras-Libras – LEB
Setor de Tradutores/Intérpretes de Libras – SETIL



VIA LIBRAS
VIDEOTECA ACADÊMICA EM LIBRAS

PLANILHA DE RETROTRADUÇÃO
(LIB_001) "A surdez como diferença linguística e cultural"

REVISOR RODRIGO LEAL

OBSERVAÇÕES

CENA	RETROTRADUÇÃO	TEXTO FONTE
003	No Brasil, o foco da vida do surdo sempre foi a língua de sinais e a educação de surdos. No entanto, na década de 1990, começava a eclodir nos EUA pesquisas sobre a temática das diferentes identidades surdas. A pesquisa se desenvolveu e tomou maiores proporções há pouco tempo. Perlin, Thoma, Alguém, Strobel, entre outros parecem concordar com frases básicas sobre as identidades que ajudam na percepção política do surdo. Comunidade linguística minoritária. As autoras também parecem concordar que PESSOAS VIVO SURDAS tem diversas identidades em desenvolvimento, de tipos variados. De acordo	No Brasil, o foco em relação à questão da vida surda sempre esteve na língua de sinais e na educação de surdos, mas estudos sobre as identidades surdas também começaram a surgir a partir da década de 1990 nos Estados Unidos, e recrudesceram com outros trabalhos mais recentes de Perlin (2003), Thoma e Lopes (2005) e Strobel (2008) entre outros, e todos parecem compartilhar algumas premissas sobre as identidades atuando no necessário reconhecimento político dos surdos como minoria linguística e sobre a multiplicidade e a <u>multifacetagem</u> das construções identitárias dessas pessoas que vivem a surdez e que, segundo Skliar ([1998] 2005, p. 11), "a surdez constitui uma

Figura 50 - Retrotradução do vídeo 7, que serviu de base para as sugestões de revisão feitas pelo Rodrigo P. Leal de Souza

Uma revisão linguística, conforme previsto por Carneiro, Vital e Souza (2020), guardaria um paralelo com a revisão voltada para o texto-alvo (sem cotejamento) que ocorre em traduções editoriais nas línguas orais (CARNEIRO, VITAL E SOUZA, 2020, p. 156-159). Entretanto, apesar de essa etapa não ter acontecido, ter dois revisores copidesque trouxe diferentes perspectivas, que enriqueceram as decisões tradutórias que tomei ao considerar as sugestões dos revisores. No Setor de Produção de Vídeos em Libras, todas as considerações dos revisores são feitas como sugestão, visando potencializar o trabalho, e não avaliar ou validar a tradução realizada (cf. CARNEIRO, VITAL E SOUZA, 2020, p. 142).

Além disso, cabe salientar que a NBR 17100 sobre qualidade em serviços de tradução (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022) prevê como obrigatórias somente três etapas de revisão: a checagem, feita pelo próprio tradutor; a revisão copidesque, feita por outro profissional com as mesmas qualificações do tradutor; e a verificação final, que é uma análise do texto-alvo feita para garantir que ele atende às especificações do projeto. A verificação final da norma é análoga à etapa de conferência, que antecede a disponibilização do material finalizado na metodologia de Carneiro, Vital e Souza (2020) para traduções em vídeo. A leitura de prova, que seria uma análise linguística focada somente no texto-

alvo, é considerada pela norma como opcional. No caso do vídeo 7, a checagem foi realizada ao final da etapa de tradução, pela mesma pessoa que realizou a tradução. A revisão copidesque prevista na norma da ABNT tem esse mesmo nome na metodologia descrita por Carneiro, Vital e Souza (2020), e a etapa de revisão linguística, prevista por esses mesmos autores seria análoga à leitura de prova, que consta na NBR 17100 como opcional. Dessa forma, sua ausência em projetos de tradução para Libras, como o vídeo 7, não representam prejuízo para a qualidade do produto final.

Para a produção do vídeo 7, foram necessárias, além da competência bilíngue, **competências tradutórias**, mas não competências interpretativas, porque não havia tomada de decisões sob pressão de tempo.

O **material guia** utilizado foram os vídeos-rascunho, devidamente corrigidos após as revisões, projetados em equipamento de *teleprompter*.

Buscando por **disfluências não intencionais** no produto final, comparei trecho a trecho do vídeo pronto, disponível no site da ViaLibras, com o texto-fonte em português escrito, como mostra a figura 51.

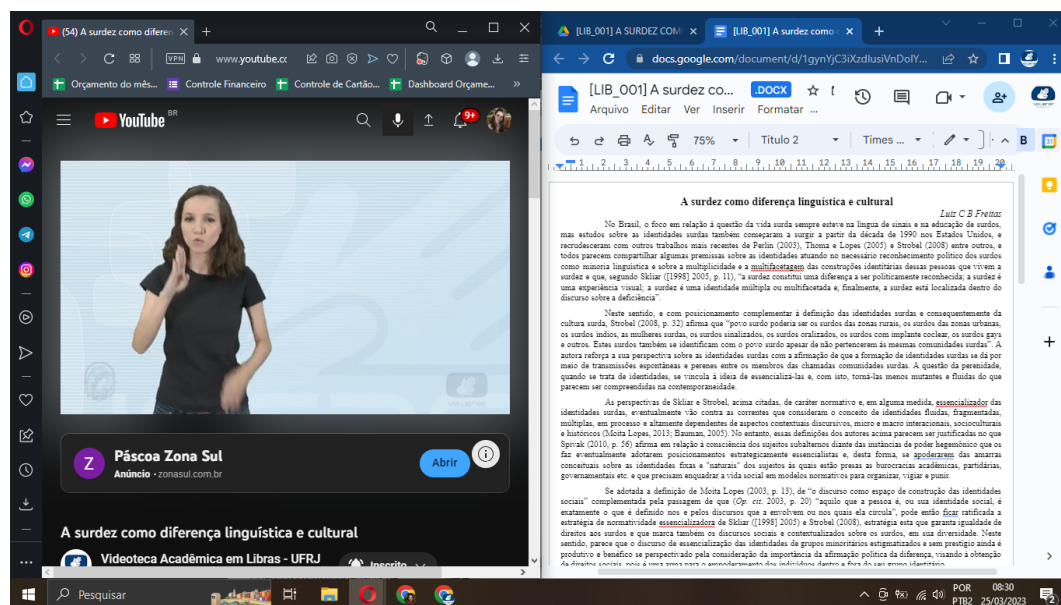


Figura 51 - Registro do cotejamento entre texto-fonte e texto-alvo com objetivo de encontrar disfluências não intencionais

A única disfluência que encontrei em todo o texto foi uma pausa no minuto 1:43, em que levanto as mãos durante a sinalização, como que pensando em exemplos. O trecho correspondente em português é “(...) Strobrel (2008, p. 32)

afirma que ‘povo surdo poderia ser os surdos das zonas rurais, os surdos das zonas urbanas, os surdos índios, as mulheres surdas, os surdos sinalizados, os surdos oralizados, os surdos com implante coclear, (...)’”. No entanto, ao verificar o vídeo-rascunho da cena, observei que nele constava a mesma disfluência, como mostrado na figura 52.

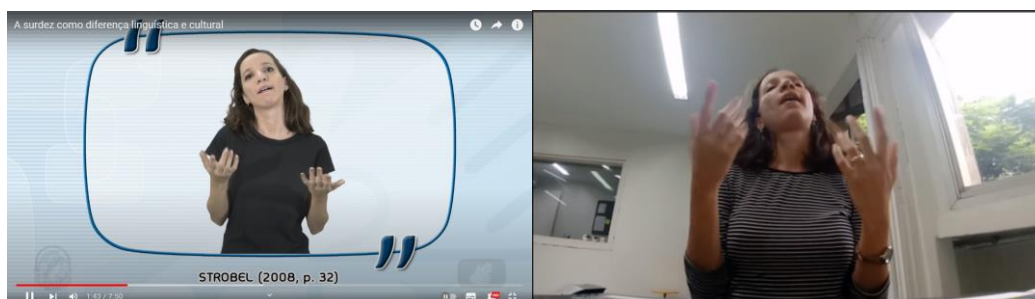


Figura 52 - Disfluência intencional encontrada no vídeo 7: à esquerda minuto 1:43 do vídeo pronto, à direita, vídeo-rascunho do mesmo trecho (cena 4)

Observei, portanto, a planilha de decupagem, onde constavam minhas anotações de tradução e verifiquei que não havia nenhuma indicação de que essa disfluência, apesar de constar no rascunho, deveria ser corrigida no momento da filmagem, como foi o caso do vídeo 6, que analisei anteriormente. Ao contrário, pude identificar em minhas anotações uma tentativa de registrar essa pausa nesse exato ponto do texto, representando a solução que decidi utilizar para traduzir a expressão “poderia ser” da frase em português (cf. tabela 25).

Dessa forma, não encontrei nenhuma disfluência não intencional no vídeo final, que tem um total de 7min51s.

CENA	ANOTAÇÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO-FONTE
004	ENTÃO, POR-ISSO, CONCEITO IDENTIDADE VÁRIAS SURDO TAMBÉM CULTURA SURDA, SUJEITO MÃO-MESMO ESCREVER KARIN MOSTRAR OPINIÃO COMPLEMENTAR: POVO SURDO COMBINAR Eee.. (dir-esq.): SURDO MORA ROÇA; SURDO MORA CIDADE; SURDO ÍNDIO; MULHER SURDA; SURDO SINAIS, SURDO ORALIZADO, SURDO IMPLANTE, SURDO G-A-Y, OUTROS... COMUNIDADE SURDA, GRUPO GRUPO GRUPO SURDO CADA-INDICADOR, MAS CADA-SÓ	Neste sentido, e com posicionamento complementar à definição das identidades surdas e consequentemente da cultura surda, Strobel (2008, p. 32) afirma que “povo surdo poderia ser os surdos das zonas rurais, os surdos das zonas urbanas, os surdos índios, as mulheres surdas, os surdos sinalizados, os surdos oralizados, os surdos com implante coclear, os surdos gays e outros. Estes surdos também se identificam com o povo surdo apesar de não pertencerem às mesmas comunidades surdas”.

	CHEIRINHO IDENTIDADE POVO SURDO.	
--	-------------------------------------	--

Tabela 25: Trecho da cena 4 em que é prevista uma disfluência como solução de tradução. O trecho em amarelo representa formatação para citação direta, e os trechos em negrito, que são correspondentes, representam o ponto da disfluência planejada.

Isso parece indicar que **não havia esforços cognitivos sendo ativados simultaneamente no momento da filmagem**, pois todas as decisões tradutórias foram tomadas antes, até mesmo a disfluência identificada seguiu o planejamento textual. Isso também parece confirmar a hipótese levantada neste trabalho, pois, nesse caso, o material guia utilizado eram vídeos-rascunho totalmente prontos e corrigidos para serem copiados em frente à câmera.

Saliento ainda o uso de **recursos multimodais como soluções de tradução** nesse vídeo. Quando são mencionados os trabalhos “de Perlin (2003), Thoma e Lopes (2005) e Strobel (2008)”, aparecem em tela as imagens as autoras junto com nome em português e ano das publicações, como illustrei na figura 53. Isso permitiu que os sinais das autoras fossem realizados sem acompanhamento da soletração manual, talvez necessária para um leitor que não conhecesse os sinais das autoras.



Figura 53 - Exemplo de recursos multimodais como soluções de tradução no vídeo 7 (minuto 0:43)

Outros recursos multimodais são utilizados na forma de inserções ao lado da apresentadora: palavras escritas em português, que elucidam sinais que estão sendo realizados no trecho ou que explicitam uma soletração manual (cf. figura 54).



Figura 54 - Exemplos de recursos multimodais usados como soluções de tradução no vídeo 7.

Ademais, a própria formatação de citações diretas e indiretas, geralmente usadas nos vídeos da ViaLibras, e que é ilustrada na figura 55, pode ser considerada uma solução de tradução.



Figura 55 - Exemplos de formatação de citações no vídeo 7: à esquerda citação indireta; à direita, citação direta.

O vídeo pronto também é acompanhado de um glossário com os principais termos do texto em vídeo separado, que pode ser acessado no ícone de glossário no site da ViaLibras⁷⁰, mostrado na figura 56. Essa é uma possibilidade de solução de tradução mencionada por Severino (2022).

⁷⁰ O glossário deste vídeo está disponível em: <http://www.vialibras.letas.ufrj.br/index.php/glossario-a-surdez-como-diferenca-linguistica-e-cultural> Acesso em: 26 mar. 2023; ou como vídeo não listado no YouTube: <https://youtu.be/KWUrOTHD1wA> Acesso em: 26 mar. 2023.

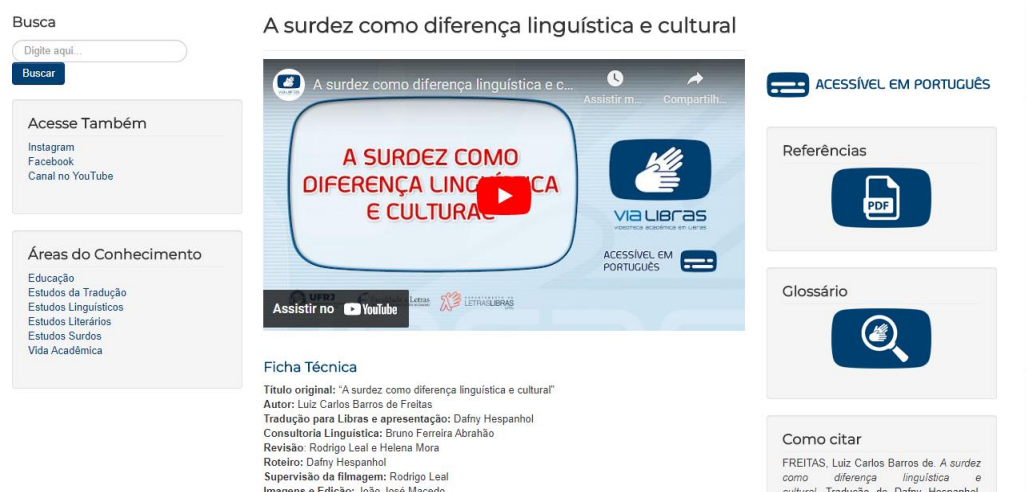


Figura 56 - Apresentação do vídeo 7 no site da ViaLibras, com ícone de glossário, indicação de conteúdo acessível em português e de como citar o material.

Além disso, quero destacar que este vídeo apresenta a indicação “Acessível em português”, por ter legendas em português, que podem ser ativadas ou desativadas no YouTube, pela ferramenta “Legendas/CC”. A legendagem do vídeo foi feita posteriormente (em 29/03/2022) pelo Rodrigo P. L. de Souza, com base no texto-fonte em português, como forma de deixar o conteúdo acessível para pessoas que não saibam Libras. Isso se alinha às reflexões trazidas por Diniz e Carneiro (2021, p. 108), que afirmam que: “pode-se dizer que uma legenda, independentemente da língua utilizada, é um recurso de acessibilidade (...)”. Com isso, a acessibilidade aqui não está atrelada a pessoas com deficiência, pois a legenda atenderia majoritariamente ouvintes.

Passarei a discutir, na próxima seção, os resultados encontrados nas análises.

9

Discussão dos resultados

Considerando que as novas tecnologias e as línguas de sinais põem em xeque as definições tradicionais de tradução e interpretação (que diferenciam os processos em termos de fala e escrita), e buscando definições que abarquem línguas orais e línguas de sinais, minha análise pretendeu responder aos seguintes questionamentos:

- c. Quais seriam os critérios que diferenciam processos de tradução de processos de interpretação, se não forem consideradas as formas de registro de texto-alvo e texto-fonte como critérios diferenciadores?
- d. No caso de traduções em línguas de sinais registradas em vídeo, o material guia utilizado na filmagem teria papel definidor quanto ao processo translatório empregado (se tradução, ou interpretação, ou um processo híbrido)?

Com base nas considerações de outros autores, sobre as quais refleti nos primeiros capítulos, selecionei alguns critérios que pareciam relevantes para diferenciar processos de tradução e de interpretação partindo de uma análise do produto. Esses critérios não privilegiaram o registro (se escrito ou falado, efêmero ou permanente) e buscaram abarcar tanto o contexto das línguas orais quanto das línguas de sinais. Os critérios foram: tempo para o planejamento textual, apresentação do texto-fonte, ritmo de trabalho, auxílios externos, método de trabalho, refinamento do texto-alvo, competências e habilidades necessárias à tarefa, disfluências não intencionais e esforços cognitivos ativados no momento da filmagem. Acrescentei também dois critérios que parecem ser importantes: o uso de recursos multimodais como soluções de tradução (cf. SEVERINO, 2022), que parece ser favorecido pelo registro do texto-alvo em vídeo; e o material guia usado na filmagem, no caso de traduções em línguas de sinais registradas em vídeo.

Como Sampaio (2022, p. 96) salientou, uma boa tradução à prima vista é aquela que não apresenta disfluências, como se o intérprete estivesse simplesmente lendo o texto na língua-alvo. Isso evidencia que a qualidade percebida aumenta quanto menos disfluências forem encontradas em uma interpretação, mesmo que não se trate de tradução à prima vista. Por esta razão, incluí na análise este critério,

especialmente porque as reflexões desta pesquisa passam por questões relacionadas à qualidade do produto final.

Analisei alguns vídeos disponíveis na Videoteca Acadêmica em Libras, bem como a documentação referente à sua produção. A NBR 17100, sobre qualidade em serviços de tradução, recomenda que todo projeto de tradução seja devidamente registrado e documentado (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2022), e o Setor de Produção de Vídeos, onde trabalho, responsável pela produção dos vídeos que analisei, tem esses registros, que usei também como base em minhas análises.

Quando selecionei critérios, no capítulo 6, como definidores de processos translatórios, ou seja, critérios que determinariam se o processo foi de tradução ou de interpretação, não pretendia tomar cada critério isoladamente, mas analisá-los em conjunto. A partir deles, pude observar se os vídeos analisados foram gerados por processos de tradução, ou de interpretação, ou processos híbridos, considerando que há um contínuo entre eles (cf. figura 12).

A partir das análises, verifiquei que os vídeos analisados preenchem características de tradução, mas também de interpretação, variando na quantidade de itens típicos de um ou de outro, conforme apresento a seguir, na tabela 26.

Vídeo 1: Videoaula de Neuromitos		
Critérios definidores de processos de:	Típico de Tradução	Típico de Interpretação
<u>Tempo para planejamento textual</u>	Curto, mas não imediato	
<u>Apresentação do texto-fonte</u>	Podia ser repetido (sem ser alterado), durante o processo, quantas vezes o profissional desejasse	
<u>Ritmo de trabalho</u>		Segue, obrigatoriamente, o ritmo do orador (texto-fonte)
Auxílios externos	Dicionários, glossários, colegas ou outras traduções foram consultados ⁷¹	

⁷¹ Nesse caso, considero que os auxílios externos são buscados de forma semelhante a um profissional que se prepara para uma interpretação simultânea e faz, previamente, uma busca terminológica. A diferença aqui é que o profissional tinha acesso ao texto-fonte na íntegra já na etapa de preparação, mas as equivalências encontradas eram decididas no momento da filmagem.

<u>Método de trabalho</u>	Pôde ser dividido em etapas, que podem ser pausadas e retomadas em momento posterior, antes da entrega final	
Refinamento do texto-alvo		Texto-alvo marcado por improvisos: não houve revisão das escolhas tradutórias antes da entrega final
<u>Competências e habilidades</u>		Competência bilingue e competências interpretativas
Disfluências não intencionais		Foi encontrado um total de quatro disfluências não intencionais no produto final
<u>Favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução (no caso de registros em vídeo)</u>		Recursos multimodais como soluções de tradução foram utilizados de forma improvisada, como um recurso que já apareceria em tela e foi aproveitado na translação. Nenhum recurso multimodal foi previamente planejado para ser adicionado, propositalmente, para servir como solução tradutória
<u>Material guia de filmagem (no caso de línguas de sinais)</u>		Texto-fonte sem alterações disponível para o apresentador no momento da filmagem
<u>Esforços cognitivos no momento da filmagem</u>		Todas as decisões tradutórias foram tomadas no momento da filmagem e, com isso, esforços cognitivos diferentes foram ativados ao mesmo tempo pela apresentadora.

Tabela 26: Vídeo 1 e suas características, segundo critérios definidores de processos de tradução e de interpretação — Elaboração própria.

O vídeo 1, segundo os critérios selecionados, apresenta sete características típicas de interpretação, e quatro próprias de tradução, como mostrei na tabela 26. Deste modo, podemos considerá-lo como um processo de interpretação, por apresentar mais características típicas desse processo.

O vídeo 2 não ficou pronto até o momento, por isso não pôde ser incluído nesta análise.

O vídeo 3, como demonstrado na tabela 27, apresenta oito características típicas de interpretação, e apenas três de tradução, sendo, por isso, considerado aqui como um processo de interpretação.

Vídeo 3: Reflexões sobre o português como L2 — versão 1		
Critérios definidores de processos de:	Típico de Tradução	Típico de Interpretação
<u>Tempo para planejamento textual</u>	Curto, mas não imediato	
<u>Apresentação do texto-fonte</u>	Podia ser repetido (sem ser alterado), durante o processo, quantas vezes o profissional desejasse	
<u>Ritmo de trabalho</u>		Segue, obrigatoriamente, o ritmo do orador (texto-fonte)
<u>Auxílios externos</u>	Outros colegas foram consultados ⁷²	
<u>Método de trabalho</u>		A etapa de produção linguística do texto-alvo não foi dividida (não foi pausada e retomada em outro momento), sendo de realização imediata
<u>Refinamento do texto-alvo</u>		Texto-alvo marcado por improvisos: não houve revisão das escolhas tradutórias antes da entrega final
<u>Competências e habilidades</u>		Competência bilíngue e competências interpretativas
<u>Disfluências não intencionais</u>		Foram encontradas um total de oito disfluências não intencionais no produto final
<u>Favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução (no caso de registros em vídeo)</u>		Nenhum recurso multimodal foi previamente planejado para ser adicionado, propositalmente, para servir como solução tradutória
<u>Material guia de filmagem (no caso de línguas de sinais)</u>		Áudio do próprio texto-fonte, sem alterações, disponível para o apresentador no momento da filmagem
<u>Esforços cognitivos no momento da filmagem</u>		As decisões tradutórias foram tomadas no momento da filmagem e, com isso, esforços cognitivos diferentes foram ativados ao mesmo tempo pelo apresentador.

Tabela 27: Vídeo 3 e suas características, segundo critérios definidores de processos de tradução e de interpretação — Elaboração própria.

⁷² A consulta a outros colegas, até onde pude recuperar, pareceu semelhante a uma preparação para interpretação, que inclui, muitas vezes, busca terminológica.

O vídeo 4, como mostra a tabela 28, tem dez características típicas de tradução, e apenas uma de interpretação. Neste caso, a única característica de interpretação não é muito expressiva porque apenas uma disfluência não intencional foi encontrada. Este é, portanto, um processo típico de tradução.

Vídeo 4: Reflexões sobre o português como L2 — versão 2		
Crítérios definidores de processos de:	Tradução	Interpretação
<u>Tempo para planejamento textual</u>	Maior tempo, sem prazo específico para entrega	
<u>Apresentação do texto-fonte</u>	Pode ser repetido (sem ser alterado), durante o processo, quantas vezes o profissional desejar	
<u>Ritmo de trabalho</u>	O tradutor pode seguir seu próprio ritmo, dentro do prazo de entrega estabelecido	
<u>Auxílios externos</u>	Dicionários, glossários, colegas ou outras traduções podem ser consultados durante o processo, sem prejuízos	
<u>Método de trabalho</u>	Pode ser dividido em etapas, que podem ser pausadas e retomadas em momento posterior, antes da entrega final	
<u>Refinamento do texto-alvo</u>	Texto-alvo mais refinado: passou por etapa de revisão antes da filmagem final.	
<u>Competências e habilidades</u>	Competência bilíngue e competências tradutórias	
<u>Disfluências não intencionais</u>		Apenas uma disfluência não intencional aparece no produto final
<u>Favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução (no caso de registros em vídeo)</u>	Uso consciente de recursos multimodais para a solução de problemas de tradução.	
<u>Material guia de filmagem (no caso de línguas de sinais)</u>	Vídeos-rascunho preparados especificamente para serem guia de filmagem, feitos a partir de anotações e corrigidos após a revisão	
<u>Esforços cognitivos no momento da filmagem</u>	As decisões tradutórias foram tomadas em etapa anterior à filmagem, e, por isso,	

	recuperadas sem exigências de muitos esforços cognitivos na etapa do registro oficial.	
--	--	--

Tabela 28: Vídeo 4 e suas características, segundo critérios definidores de processos de tradução e de interpretação — Elaboração própria.

O vídeo 5 apresenta seis características típicas de tradução, e duas típicas de interpretação. Além disso, três critérios, a saber, as competências e habilidades necessárias para a tarefa, o material guia utilizado e os esforços cognitivos despendidos no momento da filmagem, são explicitamente categorizados como um tipo intermediário (cf. tabela 29). Foram necessárias competências tradutórias, mas também interpretativas, e o material guia utilizado na filmagem foi peculiar: era um áudio com a leitura do próprio texto-fonte, porém com pequenas alterações que facilitassem as escolhas tradutórias que seriam tomadas no momento da filmagem. Com isso, algumas decisões tradutórias tomadas em momento anterior, como, por exemplo, a ressegmentação de períodos longos, podiam ser recuperadas durante a filmagem sem grandes esforços, pois o áudio preparado como guia favorecia isso. Mas, havia também decisões tradutórias sendo tomadas no exato momento da filmagem, ativando o esforço de ouvir o material guia enquanto o esforço de tomar as decisões em si e o esforço de memorização do próximo trecho eram ativados simultaneamente. As disfluências não intencionais encontradas podem ser indícios de possível saturação em alguns momentos.

Vídeo 5: A escrita e o pêndulo: definindo um campo atrator		
Critérios definidores de processos de:	Tradução	Interpretação
<u>Tempo para planejamento textual</u>	Maior tempo, embora com prazo curto	
<u>Apresentação do texto-fonte</u>	Podia ser repetido (sem ser alterado), durante o processo, quantas vezes o profissional desejasse	
<u>Ritmo de trabalho</u>	O tradutor pode seguir seu próprio ritmo, dentro do prazo de entrega estabelecido	
Auxílios externos	Provavelmente houve consulta a auxílios externos, embora não tenham sido encontrados registros	

<u>Método de trabalho</u>	Dividido em etapas, que podiam ser pausadas e retomadas em momento posterior, antes da entrega final	
Refinamento do texto-alvo		Texto-alvo marcado por improvisos: não houve revisão das escolhas tradutórias antes da entrega final
<u>Competências e habilidades</u>	Competência bilíngue, competências tradutórias e interpretativas	
Disfluências não intencionais		Foram encontradas cinco disfluências não intencionais no produto final
<u>Favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução (no caso de registros em vídeo)</u>	Uso consciente de recursos multimodais para a solução de problemas de tradução	
<u>Material guia de filmagem (no caso de línguas de sinais)</u>	Áudio do texto-fonte, com pequenas alterações, para facilitar a tomada de decisões tradutórias no momento da filmagem	
<u>Esforços cognitivos no momento da filmagem</u>	Algumas decisões tradutórias foram tomadas em momento anterior à filmagem (e recuperadas a partir do material guia). Mas algumas soluções tradutórias eram decididas no exato momento da filmagem, ativando diferentes esforços cognitivos simultaneamente.	

Tabela 29: Vídeo 5 e suas características, segundo critérios definidores de processos de tradução e de interpretação — Elaboração própria.

O vídeo 6 apresenta oito características típicas de tradução e apenas uma somente de interpretação, que foram as disfluências (cf. tabela 30). No entanto, em duas das categorias de análise, o vídeo apresentou características tanto de tradução quanto de interpretação, pois, em razão de alguns vídeos-rascunho, usados como material guia, não terem sido corrigidos, as devidas correções precisavam ser feitas no momento da filmagem. Com isso, diferentes esforços cognitivos foram acionados simultaneamente neste momento pela apresentadora. É notável, porém, que, das nove disfluências não intencionais encontradas, cinco foram motivadas por problemas no material guia (vídeos-rascunho não corrigidos). Isso corrobora com meu argumento de que se deva dar especial atenção ao material guia de filmagem para realizar um processo mais próximo da tradução típica. Neste sentido, parece tratar-se de um processo híbrido.

Quanto ao ritmo de trabalho, a estratégia de produzir vídeos-rascunho a partir de anotações de tradução feitas no formato de legendas, buscou sincronizar a sinalização com o ritmo de fala da palestrante em momento anterior ao da filmagem. No entanto, a estratégia falhou neste sentido em alguns trechos, de modo que a edição teve de acelerar a velocidade de algumas cenas em Libras.

Vídeo 6: A importância da formação técnica para o intérprete de Libras		
Critérios definidores de processos de:	Tradução	Interpretação
<u>Tempo para planejamento textual</u>	Sem prazo para entrega	
<u>Apresentação do texto-fonte</u>	Podia ser repetido (sem ser alterado), durante o processo, quantas vezes o profissional desejasse	
<u>Ritmo de trabalho</u>	A estratégia de vídeos-rascunho como material guia, elaborados a partir de anotações feitas em formato de legendas, teve como objetivo que, no momento da filmagem, a sinalização não tivesse de seguir o ritmo de fala da oradora	
<u>Auxílios externos</u>	Dicionários, glossários, colegas ou outras traduções podem ser consultados durante o processo, sem prejuízos	
<u>Método de trabalho</u>	Dividido em etapas, que podiam ser pausadas e retomadas em momento posterior, antes da entrega final	
<u>Refinamento do texto-alvo</u>	Texto-alvo mais refinado: passou por etapa de revisão antes da filmagem final	
<u>Competências e habilidades</u>	Competência bilíngue e competências tradutórias	
<u>Disfluências não intencionais</u>		Foram encontradas nove disfluências não intencionais no produto final, sendo cinco delas motivadas por material guia não corrigido
<u>Favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução (no caso de registros em vídeo)</u>	Uso consciente de recursos multimodais como auxílio a soluções de problemas de tradução: no caso,	

	multimodalidade redundante, segundo Severino (2022).	
<u>Material guia de filmagem (no caso de línguas de sinais)</u>	<p>Anotações preparadas em legendas e transformadas em vídeos-rascunho, preparados especificamente para serem guia de filmagem apontam para um processo de tradução.</p> <p>Mas alguns vídeos-rascunho não foram corrigidos após a revisão, sendo as devidas correções deixadas para serem feitas no momento da filmagem.</p>	
<u>Esforços cognitivos no momento da filmagem</u>	<p>Decisões tradutórias foram tomadas em etapa anterior à filmagem, e poderiam ser recuperadas sem exigências de muitos esforços cognitivos na etapa de filmagem, com auxílio do material guia preparado.</p> <p>Mas, devido a correções não feitas previamente em alguns dos vídeos-rascunho usados como guia, havia decisões tradutórias sendo tomadas no momento da filmagem. Com isso, em certos momentos, esforços cognitivos diferentes foram ativados ao mesmo tempo pelo apresentador.</p>	

Tabela 30: Vídeo 6 e suas características, segundo critérios definidores de processos de tradução e de interpretação — Elaboração própria.

O vídeo 7 não apresentou nenhuma característica típica de interpretação, dentre todos os critérios selecionados para análise (cf. tabela 31, abaixo). Desse modo, afirmo que este é um processo típico de tradução.

Vídeo 7: A surdez como diferença linguística e cultural		
Critérios definidores de processos de:	Tradução	Interpretação
<u>Tempo para planejamento textual</u>	Maior tempo, sem prazo específico para entrega	
<u>Apresentação do texto-fonte</u>	Pode ser repetido (sem ser alterado), durante o processo, quantas vezes o profissional desejar	
<u>Ritmo de trabalho</u>	O tradutor pode seguir seu próprio ritmo, dentro do prazo de entrega estabelecido	
<u>Auxílios externos</u>	Vídeos em Libras na internet, colegas e traduções anteriores podiam ser consultados ao longo do processo, sem prejuízos	

<u>Método de trabalho</u>	Foi dividido em etapas, que podiam ser pausadas e retomadas em momento posterior, antes da entrega final	
Refinamento do texto-alvo	Texto-alvo mais refinado: passou por duas etapas de revisão copidesque antes da filmagem final.	
<u>Competências e habilidades</u>	Competência bilíngue e competências tradutórias	
Disfluências não intencionais	Nenhuma disfluência não intencional foi encontrada	
<u>Favorecimento do uso de recursos multimodais como soluções de tradução (no caso de registros em vídeo)</u>	Uso consciente de recursos multimodais para a solução de problemas de tradução.	
<u>Material guia de filmagem (no caso de línguas de sinais)</u>	Vídeos-rascunho, devidamente corrigidos após as revisões, feitos a partir de anotações, preparados especificamente para serem guia de filmagem	
<u>Esforços cognitivos no momento da filmagem</u>	As decisões tradutórias foram tomadas em etapa anterior à filmagem, e, por isso, recuperadas sem exigências de muitos esforços cognitivos na etapa do registro oficial.	

Tabela 31: Vídeo 7 e suas características, segundo critérios definidores de processos de tradução e de interpretação — Elaboração própria.

A minha hipótese era de que, quando o material guia de filmagem fosse o próprio texto-fonte sem alterações, tratar-se-ia de um caso de interpretação; quando o material guia fosse o texto-fonte com pequenas alterações que facilitassem a tomada de decisões tradutórias, tratar-se-ia de um processo híbrido; e quando o material guia fosse diferente do texto-fonte, embora preparado com base nele, de modo que representasse todas as decisões tradutórias tomadas antes, para que pudessem ser recuperadas na íntegra no momento da filmagem, seria um caso típico de tradução.

Considerando todos os critérios selecionados como relevantes para classificar os processos translatórios (entre tradução e interpretação ou tipos intermediários), é possível confirmar a hipótese levantada. No entanto, o critério de esforços cognitivos dispendidos no momento da filmagem mostrou-se fundamental na verificação da hipótese. Os vídeos 1 e 3, cujo material guia foi o próprio texto-

fonte, sem alterações, foram fruto de processos de interpretação, ou seja, tiveram mais características próprias de interpretação do que de tradução. Foi notório que, em razão do material guia utilizado, foram ativados esforços cognitivos diferentes ao mesmo tempo no momento da filmagem, pois as decisões tradutórias eram tomadas nesse momento.

Os vídeos 4 e 7, cujo material guia foi previamente preparado para representar todas as escolhas tradutórias decididas antes da filmagem, foram fruto de processos de tradução, segundo os critérios que selecionei como definidores.

A partir da análise do vídeo 6, feito a partir de alguns vídeos-rascunhos não corrigidos usados como guia, pude perceber o papel crucial do material guia como um indicador do uso de esforços cognitivos simultâneos no momento da filmagem. Embora o planejamento inicial tenha sido usar um material guia que permitisse recuperar todas as decisões tradutórias tomadas previamente, ao longo do processo, foi tomado um caminho diferente. A produção de vídeos-rascunho a partir de legendagem no texto-fonte mostrou-se pouco produtiva e tornou mais difícil a realização de correções pós-revisão, porque a sincronia com o ritmo da fala da palestrante era um fator limitador. Com isso, algumas correções tiveram de ser feitas no momento da filmagem, ativando diferentes esforços cognitivos simultaneamente. As disfluências não intencionais, identificadas em pontos próximos a essa correção que precisava ser feita no momento da filmagem, parecem apontar para uma saturação, em razão dos muitos esforços cognitivos acionados ao mesmo tempo no registro final da tradução.

O vídeo 5, cujo material guia foi o áudio do texto-fonte, com pequenas alterações, apresentou mais características típicas de tradução (seis características) que de interpretação (apenas duas). Mas, dos critérios selecionados como definidores, três pareciam não ser nem típicos de tradução nem de interpretação, que foram as competências necessárias, o material guia utilizado e os esforços despendidos no momento da filmagem.

Os resultados das análises dos vídeos 5 e 6 demonstram que é difícil precisar em que medida um processo pode ser híbrido. No entanto, isso também confirma a minha proposta, sobre a qual discorri no capítulo 6, de um contínuo entre tradução e interpretação (cf. figura 12), que é preenchido por manifestações mais ou menos típicas de um ou de outro processo.

Condensei essas informações na tabela 32, abaixo.

Vídeos cujo material guia foi o próprio texto-fonte, sem alterações:		
1	Videoaula sobre Neuromitos.	Interpretação
3	Reflexões sobre o português como L2 — versão 1.	Interpretação
Vídeo cujo material guia não recuperava todas as decisões tradutórias tomadas previamente, mas somente algumas:		
5	A escrita e o pêndulo: definindo um campo atrator.	Híbrido ou mais próximo de tradução
6	A importância da formação técnica para o intérprete de Libras.	Híbrido ou mais próximo de tradução
Vídeos cujo material guia buscou representar todas as decisões tradutórias tomadas previamente:		
2	Neuromitos	Não finalizado: não analisado
4	Reflexões sobre o português como L2 — versão 2.	Tradução
7	A surdez como diferença linguística e cultural	Tradução

Tabela 32: Vídeos da ViaLibras selecionados para análise, conforme as características de cada material guia utilizado — Elaboração própria

Cabe salientar que dos critérios que eu havia selecionado no capítulo 6 como mais importantes na definição de processos translatórios (a saber: tempo para planejamento textual, apresentação do texto-fonte, ritmo de trabalho, método de trabalho, competências e habilidades necessárias, material guia utilizado, recursos multimodais como soluções de tradução e esforços cognitivos despendidos no momento da filmagem), somente alguns se mostraram, de fato, cruciais.

O critério de **auxílios externos** mostrou-se pouco produtivo na definição de processos de translação (tradução, interpretação ou processos híbridos) porque mesmo em processos de interpretação, auxílios externos podem ser consultados, seja na etapa de preparação ou durante a interpretação, recorrendo ao intérprete de apoio ou concabino, ainda que sob risco de perder partes do texto-fonte, dependendo da situação. Mas, especificamente nos vídeos analisados, o texto-fonte não era inédito no momento das escolhas tradutórias. Assim, mesmo quando o processo foi de interpretação, houve consulta a auxílios externos, e não de maneira limitada, pois no que seria uma etapa de preparação para a interpretação, o profissional já podia

ter acesso ao texto-fonte na íntegra, e repeti-lo quantas vezes desejasse. O critério de **apresentação do texto-fonte**, portanto, mostrou-se também irrelevante para a definição de processos nos vídeos analisados.

As **disfluências não intencionais** encontradas parecem apontar para o que Gile (2009) denominou de saturação no processo de interpretação. Considerando que vários esforços cognitivos estão sendo acionados simultaneamente, as disfluências são um indício de que algo falhou em algum momento, seja em algum desses esforços ou na coordenação de todos eles. Não considero que a presença de disfluências não intencionais seja um demérito do profissional responsável pela translação, pois, como Gile (2009) salientou, esta é uma característica própria do processamento cognitivo exigente em processos de interpretação. Por isso mesmo, o critério de **esforços cognitivos acionados no momento da filmagem** se mostra bastante esclarecedor na diferenciação de processos de tradução ou de interpretação, em se tratando da filmagem de vídeos em línguas de sinais.

Portanto, tradução e interpretação são semelhantes no sentido de que ambas se constituem de uma produção textual de um texto-alvo com base em um texto-fonte, podendo estes estarem em qualquer registro (escrito, oral, gravado em vídeo, etc). A partir da presente pesquisa, proponho que processos de tradução e interpretação sejam diferenciados com base nos critérios que selecionei, que são: 1. tempo para o planejamento textual, 2. apresentação do texto-fonte, 3. ritmo de trabalho, 4. auxílios externos, 5. método de trabalho, 6. refinamento do texto-alvo, 7. competências e habilidades exigidas do profissional e 8. esforços cognitivos acionados simultaneamente. Para textos registrados em vídeo, pode-se considerar ainda que traduções têm o **favorecimento de recursos multimodais como soluções de tradução** (comparadas à interpretação, que pode aproveitar menos esses recursos). E para processos cujo texto-alvo está em uma língua de sinais registrada em vídeo, o **material guia** utilizado na filmagem é um critério importante a ser considerado.

No capítulo 6, propus que uma tradução típica teria ao menos três dessas categorias, mas isso não se confirmou na análise: o vídeo 3, por exemplo, tinha três características de tradução, mas foi identificado como interpretação por ter oito características típicas deste último tipo. Portanto, as análises mostraram que é mais importante verificar qual a maior incidência de características típicas de um ou outro

processo translatório para determinar sua natureza, sendo ainda possível ocorrerem processos híbridos, que são aqueles que guardam características típicas de tradução e também de interpretação, de forma que não seja possível identificar mais categorias típicas de um ou outro, como propus no contínuo entre tradução e interpretação no capítulo 6 (figura 12).

Deste modo, como apresentei na tabela 8, no capítulo 6, em uma **tradução típica** poderiam ser identificadas mais características típicas de tradução, que são: 1. maior tempo para planejamento textual (se comparado à interpretação); 2. o texto-fonte pode ser repetido, sem ser alterado, durante todo o processo, quantas vezes o profissional desejar; 3. o tradutor pode seguir seu próprio ritmo de produção linguística; 4. auxílios externos (dicionários, glossários, colegas e outras traduções) podem ser consultados durante todo o processo, sem prejuízos; 5. a tarefa pode ser dividida em etapas, que podem ser pausadas e retomadas em momento posterior, antes do prazo de entrega; 6. o texto-alvo é mais refinado (se comparado ao texto-alvo de uma interpretação), pois há mais possibilidades de revisão e correções; 7. exige do profissional competência bilíngue e competências tradutórias; 8. as disfluências presentes no texto-alvo seriam apenas aquelas planejadas intencionalmente para produzir determinados efeitos; 9. as decisões tradutórias são tomadas em momento anterior ao da entrega ou, no caso de registros em vídeo, em momento anterior ao registro final (filmagem); e 10. em traduções para línguas de sinais em vídeo, o material usado como guia de filmagem seria previamente preparado para recuperar todas as decisões tradutórias tomadas antes. Especialmente no caso de traduções registradas em vídeo, processos de tradução contemplam planejamento prévio (antes da filmagem) de quais **recursos multimodais podem ser utilizados como soluções de tradução**. Interpretações registradas em vídeo podem usar recursos multimodais como soluções de tradução apenas de maneira improvisada, pois, não sendo planejado antes da filmagem, as possibilidades ficam mais limitadas.

A interpretação típica seria aquela que apresenta mais características de uma interpretação, que são: 1. menor tempo para o planejamento do texto-alvo, marcado por imediatismo; 2. ineditismo do enunciado, o que dificulta sua repetição sem alterações durante o processo; 3. a produção textual (do texto-alvo) segue, obrigatoriamente, o ritmo de fala do orador (texto-fonte); 4. a consulta a auxílios

externos é limitada, sob risco de perda de partes do discurso a ser interpretado; 5. não há divisão em etapas ou, se houver, elas não podem ser pausadas e retomadas em momento posterior; 6. o texto-alvo é marcado por improvisos e poucas oportunidades de revisão e correção; 7. exige do profissional competência bilíngue e competências interpretativas; 8. disfluências não planejadas aparecem no produto final e são aceitáveis (embora não desejadas), dada a complexidade da tarefa; e 9. especialmente em registros em vídeo, em línguas de sinais, o material guia de filmagem é o próprio texto-fonte, sem alterações, o que faz com que as decisões tradutórias sejam tomadas no momento da filmagem ou recuperadas apenas pela memória, dispendendo, assim, simultaneamente esforços cognitivos diferentes no momento da filmagem.

Nenhuma dessas características, isoladamente, é suficiente para definir a natureza de um processo translatório, mas, sim, a análise de todas elas em conjunto. A análise identificou que, de todas as categorias elencadas como típicas dos processos, as mais importantes foram: tempo para o planejamento textual, ritmo de trabalho, método de trabalho, competências e habilidades, recursos multimodais planejados como soluções de tradução, material guia utilizado na filmagem e esforços cognitivos usados simultaneamente na filmagem final.

10

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo diferenciar processos de tradução de processos de interpretação, não considerando apenas as diferenças de registro (escrito *versus* oral), como são feitas tradicionalmente as diferenciações. Mas, sim, levando em conta critérios selecionados, com base em diferentes autores, que contemplassem tanto línguas orais quanto línguas de sinais. Acredito que os estudos sobre tradução envolvendo línguas de sinais podem tirar muito proveito das pesquisas e práticas na área envolvendo línguas orais, e vice-versa. Por isso, busquei definições que não segregassem o trabalho com diferentes modalidades de línguas.

Os objetivos específicos foram: (1) selecionar critérios definidores de processos de tradução e de interpretação; (2) verificar, a partir de análise de vídeos traduzidos em Libras, se o material guia tem papel crucial na definição do processo (tradução ou interpretação) que gera um vídeo em língua de sinais; (3) trazer reflexões que possam contribuir para a formação de tradutores e intérpretes de Libras que, por estarem conscientes das diferenças entre um processo de tradução e de interpretação, poderão, intencionalmente, escolher qual será a melhor forma de atender a cada demanda que receberem como profissionais.

Para isso, apresentei contribuições de alguns autores, como Pöchhacker (2004), Rodrigues (2018), Carneiro, Vital e Souza (2020) e Kade (1968 *apud* SNELL-HORNBY, 2006), entre outros, que se propuseram a apresentar e discutir definições mais abrangentes dessas atividades. Dediquei um capítulo a discussões sobre qualidade na tradução e na interpretação. Com base na escala de planejamento textual de Souza (2021), trouxe reflexões sobre as definições de tradução e de interpretação desvinculadas do registro (escrita *versus* fala), e propus um contínuo entre tradução e interpretação (cf. figura 12).

As perguntas que nortearam a pesquisa foram:

- a. Quais seriam os critérios que diferenciam processos de tradução de processos de interpretação, se não forem consideradas as formas de registro de texto-alvo e texto-fonte como critérios diferenciadores?
- b. No caso de traduções em línguas de sinais registradas em vídeo, o material guia utilizado na filmagem teria papel definidor quanto ao processo

translatório empregado (se tradução, ou interpretação, ou um processo híbrido)?

Com base em diferentes pesquisas, discutidas neste trabalho, que refletem sobre processos de produção textual (oral e escrita) e sobre processos de tradução, interpretação e processos híbridos, elenquei onze critérios definidores de processos translatórios, que foram: tempo para o planejamento textual, apresentação do texto-fonte, ritmo de trabalho, auxílios externos, método de trabalho, refinamento do texto-alvo, competências e habilidades necessárias, material guia utilizado, disfluências não intencionais, recursos multimodais como soluções de tradução e esforços cognitivos ativados no momento da filmagem. Dentre esses critérios, as disfluências não intencionais e o material guia utilizado mostraram-se indicadores dos esforços cognitivos que precisavam ser acionados simultaneamente no momento da filmagem, e para possíveis saturações em processos de interpretação. No corpus analisado, os critérios de auxílios externos e apresentação do texto-fonte não foram muito relevantes para estabelecer diferenças entre processos.

A hipótese de pesquisa apontava para a importância do material guia usado na filmagem, no caso de traduções para línguas de sinais em vídeo. Era esperado que:

- a. os casos em que o material guia utilizado fosse o próprio texto-fonte **sem alterações** representassem processos de **interpretação**;
- b. os casos em que o material guia utilizado fosse o texto-fonte **com pequenas** alterações representassem processos **híbridos**;
- c. os casos em que o material guia utilizado fosse previamente preparado para permitir a recuperação de **todas** as decisões tradutórias tomadas **antes** da filmagem representassem processos típicos de **tradução**.

A hipótese foi confirmada com as análises realizadas, e foi também identificado que um material guia que não apresenta todas as correções acaba sobrecarregando o apresentador com esforços cognitivos diferentes, ativados ao mesmo tempo, no momento da filmagem. Isso acarreta em afastar o processo da tradução típica.

Com base na escala de planejamento textual de Souza (2021), propus um contínuo entre tradução e interpretação, que prevê que processos híbridos podem estar mais ou menos próximos de um ou outro processo típico, seja ele tradução ou

interpretação. Essa proposta foi confirmada nas análises, porque não é possível precisar onde exatamente no contínuo cada processo híbrido se posiciona, podendo apenas apontar se eles são mais ou menos próximos de uma tradução típica.

Há diversos desdobramentos possíveis da presente pesquisa, como um aprofundamento sobre parâmetros de qualidade na tradução e na interpretação. Os autores aqui mencionados apontaram para a dificuldade em se estabelecer critérios menos subjetivos nesse sentido. Britto (2002) propôs critérios mais objetivos para avaliações de traduções de poesia entre línguas orais. Uma contribuição sobre esse assunto englobando traduções em geral e, especialmente, a realidade das línguas de sinais, traria grandes contribuições aos Estudos da Tradução e à formação de profissionais.

Pesquisas que descrevam em profundidade competências tradutórias e interpretativas, demandadas em cada um dos processos, também são um desdobramento possível e relevante, bem como investigações mais aprofundadas sobre disfluências de fala e disfluências na interpretação em línguas de sinais. Além disso, investigações sobre multimodalidade em vídeos em Libras e um aprofundamento sobre recursos multimodais usados como soluções de tradução, já introduzido por Severino (2022), trariam enormes contribuições. Pretendo, futuramente, transformar as reflexões desta pesquisa em materiais didáticos úteis à formação direcionada a tradutores e intérpretes de Libras. Iniciativas semelhantes à registrada por Lemos (2023) podem incluir um módulo dedicado às diferenças entre tradução e interpretação e a aplicação prática disso.

Ademais, uma pesquisa que investigasse quais são as circunstâncias que motivam profissionais de Libras a realizarem o que chamei aqui de interpretação filmada, em vez de planejarem uma tradução, de fato, poderiam trazer luz às reais condições de trabalho desses profissionais. Isso poderia ainda trazer reflexões importantes sobre como a formação pode impactar nas práticas profissionais.

Vale ressaltar que este não foi um trabalho sobre soluções de tradução, de modo que não tive por objetivo atribuir juízos de valor às soluções tradutórias escolhidas para cada vídeo analisado. Tampouco pretendi estabelecer juízos de valor quanto ao melhor processo translatório (se tradução ou interpretação), pois entendo que não há processo melhor ou pior que o outro. Contudo, acredito que ter clareza sobre cada um dos processos e suas definições, especialmente no contexto

das línguas de sinais, e na realidade trazida por novas tecnologias e novas formas de registro permanente, pode auxiliar profissionais a decidirem qual processo é mais adequado para cada demanda que precisam atender. Ademais, isso contribui para a formação de novos profissionais tradutores e intérpretes de Libras, em um cenário que tanto precisa de bons profissionais.

Espero que as reflexões desta pesquisa possam amparar práticas mais intencionais, por parte de tradutores e intérpretes de Libras que terão mais ferramentas para tomada de decisões quanto aos processos e estratégias mais adequados para atender às demandas com as quais trabalharão na área de Libras. Com isso, ensejo que os surdos brasileiros tenham acesso a textos em Libras produzidos com qualidade, através de processos adequados a cada uma de suas demandas.

Referências Bibliográficas

ATLAS Geográfico Interativo Bilíngue. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Brasil, 2008. 1 DVD, son., color. ISBN: 9788563240002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 17100: Serviços de tradução:** requisitos para serviços de tradução. Rio de Janeiro: 2022. 21 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 18841: Serviços de interpretação:** requisitos e recomendações gerais. Rio de Janeiro: 2021. 19 p.

ARAUJO, Denise de Vasconcelos. **A preparação do intérprete para conferências.** Monografia (pós-graduação) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio de Janeiro, 2011. 47 p.

BAPTISTA, Gabriela de Souza. **Multimodalidade, visualidade e tradução.** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2015. 85 p.

BARBOSA, Diego Maurício. **Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea:** língua portuguesa - língua brasileira de sinais em contexto de conferência. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219275> Acesso em: 23 jan. 2023.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS - Escrita das Línguas de Sinais:** proposta teórica e verificação prática. 2008. Tese (doutorado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91819> Acesso em: 07 jul. 2022.

BAKTI, Maria. Speech Disfluencies in Simultaneous Interpretation. In: CROM, Dries de (ed.). **Translation and the (Trans)formation of Identities:** selected papers of the CETRA Research Seminar in Translation Studies 2008. Budapest: CETRA (Centre For Translation Studies), 2009. Cap. 1. 17p. Disponível em: <https://www.arts.kuleuven.be/cetra/papers/files/bakti.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

BELLO, Livia. **Quais as diferenças entre gagueira, disfemia e disfluência?** 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/dinheiro-em-dia/meu-negocio/blog-the-speaker/quais-as-diferencas-entre-gagueira-disfemia-e-disfluencia,38792f3bf0917f444cb3e9a3908461e68cm3764c.html> Acesso em: 09 ago. 2022.

BRASIL. Lei n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm. Acesso em: 11 mar. 2019.

BRITTO, Paulo Henriques. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo. **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002.

BURKE, Peter. Introdução; Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia. (orgs.) **A Tradução Cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 15-46.

CAMPELLO, Ana Regina S.; CASTRO, Nelson P. de. Introdução da glosinais como ferramenta de tradução/interpretação das pessoas surdas brasileiras. **Revista Escrita**, [S.L.], v. 2013, n. 17, p. 1-14, 10 dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.escrita.22338>. Acesso em: 17 abr. 2020.

CARNEIRO, Teresa Dias. Interpretação em línguas de sinais nos Estudos da Interpretação. In: ALVAREZ, Beethoven; PAGANINE, Carolina. (Orgs.) **Tradução e criação: entre campos**. 1. ed. Campinas: Pontes editores, 2021. p. 127-143.

CARNEIRO, Teresa Dias. Prefácio. In: LEMOS, Glauber de Souza (org). **O Instituto Nacional de Educação de Surdos e os Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: atravessamentos históricos, educacionais e legislativos (Volume I)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos/Ministério da Educação, 2022. v. 1. p. 23-32. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/colecao-o-instituto-nacional-de-educacao-de-surdos-e-os-estudos-da-traducao-e-interpretacao-das-linguas-de-sinais-1> Acesso em: 06 jan. 2023.

CARNEIRO, Teresa Dias; VITAL, Dafny Saldanha Hespanhol; SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v9.n5.2020.31990. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/31990/27818> Acesso em: 03 nov. 2020.

CAVALLO, Patrizia; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira. **Letras & Letras**, v. 32, n. 1, p. 353-368, ago. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306361961_Estudos_sobre_Interpretacao_Tendencias_Atuais_da_Pesquisa_Brasileira Acesso em: 23 abr. 2023.

CHEN, Wallace. Sight translation. In: MIKKEOLSON, Holly; JOURDENAIS, René. (eds.) **The Routledge handbook of interpreting**. London and New York: Routledge, 2015. p. 144-153.

DINIZ, Ruan Sousa; CARNEIRO, Teresa Dias. Uma "virada multimodal" nos Estudos da Tradução. **Espaço**, Rio de Janeiro, Dossiê #55, p. 95-120, jan-jul 2021. Semestral.

EUROPEAN COMMITTEE FOR STANDARDIZATION. **European Standard EN 15038**. Spain: 2015. Disponível em: https://www.password-europe.com/images/PWE/PDF/DIN_EN15038.pdf Acesso em 04 dez. 2022.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES E INTÉRPRETES E GUIAINTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS. NOTA TÉCNICA SOBRE A CONTRATAÇÃO DO SERVIÇO DE INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS/PORTUGUÊS E PROFISSIONAIS INTÉRPRETES DE LIBRAS/PORTUGUÊS. 2017. Nota técnica nº 2. Disponível em: <https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/02/Nota-Tecnica-02-2017-Trabalho-em-Equipe.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FELIPE, Tanya; SALERNO, Myrna. **Libras em contexto: curso básico**. Livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC: SEESP, 2007.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. - [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010 [1995].

GALASSO, B. J. B.; LOPEZ, M. R. de S.; SEVERINO, R. da M.; LIMA, R. G. de; TEIXEIRA, D. E. Processo de produção de materiais didáticos bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n.1, p. 59-72, mar. 2018.

GILE, Daniel. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Revised edition. Amsterdam/New York: John Benjamins Publishing Company, 2009. 287 p.

GILE, Daniel. Chapter 1: Translation Research versus Interpreting Research: kinship, differences and prospects for partnership. In: C. Schäffner (ed.). **Translation Research And Interpreting Research: Traditions, Gaps and Synergies**. [S.L.], p. 10-34, 31 dez. 2004. Multilingual Matters. <http://dx.doi.org/10.21832/9781853597350-003>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326844379_Translation_research_versus_interpreting_research_Kinship_differences_and_prospects_for_partnership Acesso em: 30 dez. 2022.

GOUADEC, Daniel. Quality in translation. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc (eds.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam - The Netherlands; North America - Philadelphia: John Benjamins B.V., vol. 1, 2010. p. 270-275. ISSN: 2210-4844; ISBN: 978 90 272 0331 1.

HESPANHOL, Dafny Saldanha. **Tradução comentada do texto “Do patológico ao cultural da surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica**

dos paradigmas” de Audrei Gesser. Florianópolis (SC): 2012. 58p. Trabalho de Conclusão de Curso.

HURTADO ALBIR, Amparo. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F.(org.). **Competência em tradução: cognição e discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HURTADO ALBIR, Amparo. The Acquisition of Translation Competence: competences, tasks and assessment in translator training. **Meta**, v. 60, n. 20, août 2015, p. 256- 280.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003 [1959]. p. 63-72.

KALINA, Sylvia. Quality in interpreting. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc (eds.) **Handbook of Translation Studies.** v. 3, 2012. p. 134-140. ISBN: 9789027273062.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Sprache der Nähe - Sprache der Distanz.** Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgebrauch, Romanistisches Jahrbuch 36, 1985, 15- 43.

LEMOS, Glauber de Souza; CARNEIRO, Teresa Dias (orientadora); BIAR, Liana de Andrade (co-orientadora). **Formação de tradutores de textos escritos em Português para textos-vídeos em Libras:** das teorias pedagógicas e didáticas da tradução à concepção de um curso de extensão no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Rio de Janeiro, 2023. 497p. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem), Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

LEMOS, Glauber de Souza.; RODRIGUES, Érica dos Santos. Disfluências na sinalização em Língua Brasileira de Sinais (Libras): Análise psicolinguística dos dados de um entrevistado surdo. **Letras & Letras, [S. l.]**, v. 37, n. 2, p. 22–46, 2021. DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-02. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57595>. Acesso em: 14 abr. 2023.

LINGUAVOX. **BS EN 15038:** European Quality Standard. Disponível em: <http://qualitystandard.bs.en-15038.com> Acesso em: 04 dez. 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 133 p.

MUNDAY, Jeremy. Main Issues of Translation Studies (Cap. 1). In: MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies – Theories and Applications.** 4 ed. London/New York: Routledge, 2016, p. 7-28.

PAGURA, Reynaldo J. Tradução & interpretação. In: AMORIM, Lauro M.; RODRIGUES, Cristina C.; STUPIELLO, Érica. N, de A. (org.). **Tradução & perspectivas e práticas teóricas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 183-207.

PEOPLE (ed.). **Otto Kade: biography**. biography. 2020. Disponível em: <https://peoplepill.com/people/otto-kade>. Acesso em: 18 fev. 2023.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. 2. ed. New York: Routledge, 2004. 251 p.

PÖCHHACKER, Franz. Moving boundaries in interpreting. In: DAM, Helle; Brøgger, Matilde; Zethsen, Karen (eds.) **Moving boundaries in Translation Studies**. London: Routledge, 2018, p.45-63. DOI: 10.4324/9781315121871-4

PYFERS, Liesbeth. **Guidelines for the Production, Publication and Distribution of Signing Books for the Deaf in Europe**. Signing Books Project, Netherlands, 1999. 93 p. Disponível em: https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/signingbooks/sbrc/pdf/del_71.pdf Acesso em: 27 abr. 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. **Um capítulo da história do Sign Writing**. 1999. Disponível em: <https://www.signwriting.org/library/history/hist010.html> Acesso em: 07 jul. 2022.

QUADROS, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier de. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras-Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). In: **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. p. 168-207. (Série Pesquisas). Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/15> Acesso em: 09 mai. 2022.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gestual-visual em destaque. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 38, n. 2, p. 294-319, 11 maio 2018. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p294>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n2p294>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SAMPAIO, Gloria Regina Loreto. Tradução à prima vista: pesquisa, contextos e desdobramentos. **Tradução em Revista**, [S.I.], v. 2022, n. 32, p. 94-128, 27 jun. 2022. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.tradrev.59681>. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=59769&numfas=11&nrseqcon=59681&NrSecao=11 Acesso em: 08 jan. 2022.

SEVERINO, Rafael da Mata; CARNEIRO, Teresa Dias (Orientadora). **Tipos de solução de tradução no par linguístico português-Libras**: uma reflexão a respeito dos conceitos de procedimentos, estilo e multimodalidade aplicados à tradução. Rio de Janeiro, 2022, 208 p. Dissertação de Mestrado — Departamento de Letras,

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61045/61045.PDF> Acesso em: 29 nov. 2022.

SEVERINO, Rafael da Mata; CARNEIRO, Teresa Dias. Considerações sobre a perspectiva histórica acerca da tradução português-Libras em instituições brasileiras. **Letras & Letras**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 461–482, 2021. DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-23. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57522>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SILVA, Keli Simões Xavier; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de. Formação do intérprete educacional de Libras-Português: reflexões a partir das contribuições da proposta didática do PACTE. **Belas Infieis**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 121-146, 4 fev. 2019. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/belasinfieis.v8.n1.2019.12986>.

SILVÉRIO, C. C. de P.; RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V.; ROMEIRO, S. A. L. V.. Reflexões sobre o processo de tradução-interpretação para uma língua de modalidade espaço-visual. In: Congresso Nacional De Pesquisas Em Tradução E Interpretação De Libras E Língua Portuguesa, 3., 2012, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2012. p. 1-7

SNELL-HORNBY, Mary. Translation Studies – The Emergence of a discipline. In: SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies: New Paradigms or Shifting Viewpoints?** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 1-40.

SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de. **Análise da proficiência de leitura de alunos do ensino superior a partir de textos em Libras**. Rio de Janeiro, 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de; FREITAS JUNIOR, Roberto de. Proficiência de leitura de alunos surdos no ensino superior: uma análise a partir de textos em Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 7, 2022. DOI: 10.5216/rs.v7.72811. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/72811>. Acesso em: 14 out. 2022.

SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de.; VITAL, Dafny Saldanha Hespanhol. O processo de tradução para Libras por meio de vídeos. In: SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA. **Anais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, v. 3, p. 110–119, 2018. Disponível em: <https://ufrj.br/wp-content/uploads/sites/7/2020/08/2018-anais-do-seminario-ufrj-faz-100-anos-volume-3-web.pdf> Acesso em: 20 out. 2020.

SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de.; VITAL, Dafny Saldanha Hespanhol. **Sobre o projeto Videoteca Acadêmica em Libras - ViaLibras**. Disponível em: <http://www.vialibras.letas.ufrj.br/index.php/sobre-o-projeto> Acesso em: 26 jun. 2021.

SOUZA, Saulo Xavier de. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-Libras**. 2010. Dissertação (Mestrado

em Estudos da Tradução) — Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94642> Acesso em: 17 set. 2022.

TISSI, Benedetta. Silent pauses and disfluencies in simultaneous interpretation: a descriptive analysis. **The Interpreters' Newsletter**, S. I., v. 10, n. 10, p. 103-127, jan. 2000. ISSN: 15914127. Disponível em: <https://www.openstarts.units.it/handle/10077/2455>. Acesso em: 27 fev. 2023.

TYMOCZKO, Maria. Defining Translation. In: TYMOCZKO, Maria. **Enlarging Translation, Empowering Translators**. 2 ed. New York: Routledge, 2014[2007], p. 60-83.

WEININGER, Markus Johannes. Qualidade de interpretação e mudanças no papel de intérpretes de Libras: normas, ética, identidade, autopercepção, formação. **Tradução em Revista**, [S.I.], v. 2022, n. 32, p. 43-65, 27 jun. 2022. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=59769&numfas=11&nrseqcon=59667&NrSecao=11 Acesso em: 08 jan. 2022.

WEININGER, Markus Johannes; SHIELD, Lesley. **Proximity and distance**: a theoretical model for the description and analysis of online discourse. In: 11th CALL Conference: CALL & Research Methodologies, 2004, Antuérpia (Bélgica). Proceedings of the call 2004 Conference. Antuérpia: University of Anwerp, 2004.

WURM, Svenja. **Translation across Modalities**: The Practice of Translating Written Text into Recorded Signed Language. An Ethnographic Case Study. PhD Thesis (Doctor of Philosophy) - Heriot-Watt University, Department of Languages and Intercultural Studies, 2010. Disponível em: https://www.ros.hw.ac.uk/bitstream/handle/10399/2407/WurmS_1010_sml.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 23 abr. 2023.